

EDGAR ALLAN POE

O GATO PRETO

11 CONTOS FANTÁSTICOS
DE TERROR E MISTÉRIO





Edgar Allan Poe

O GATO PRETO

**11 Contos Fantásticos
de Terror e Mistério**

Copyright © 2020

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou
reproduzida sob quaisquer meios existentes sem
autorização por escrito dos editores.

edição: Antonio Zanette

tradução: Leandro Marques

Poe, Edgar Allan

O gato preto: 11 contos fantásticos de terror e mistério
[recurso eletrônico] / Poe, Edgar Allan. Gramado:
Simposium, 2020.
recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web
(recurso eletrônico)

1. Literatura estrangeira. 2. Livros eletrônicos.

Editora Simposium Ltda.

Av. Borges de Medeiros, 2738/504

Centro

95670-000 – Gramado – RS

E-mail: editorasimposium@gmail.com

Sumário

[O Gato Preto](#)

[Manuscrito Encontrado numa Garrafa](#)

[O Escaravelho de Ouro](#)

[A Balela do Balão](#)

[O Caso do Sr. Valdemar](#)

[Revelação Magnética](#)

[O Poço e o Pêndulo](#)

[A Aventura Inigualável de um Certo Hans Pfaall](#)

[A Casa de Campo de Landor](#)

[Descida no Maelstrom](#)

[A Máscara da Morte Rubra](#)

O Gato Preto

Para a muito estranha embora muito familiar narrativa que estou a escrever, não espero nem solicito crédito. Louco, em verdade, seria eu para esperá-lo, num caso em que meus próprios sentidos rejeitam seu próprio testemunho. Contudo, louco não sou e com toda a certeza não estou sonhando. Mas amanhã morrerei e hoje quero aliviar minha alma. Meu imediato propósito é apresentar ao mundo, plena e sucintamente e sem comentário, uma série de simples acontecimentos domésticos. Pelas suas consequências, estes acontecimentos me aterrorizaram, me torturaram e me aniquilaram. Entretanto, não tentarei explicá-los. Para mim, apenas se apresentam cheios de horror. Para muitos, parecerão menos terríveis do que grotescos. Mais tarde, talvez, alguma inteligência se encontre que reduza meu fantasma a um lugar comum, alguma inteligência mais calma, mais lógica e bem menos excitável do que a minha e que perceberá, nas circunstâncias que pormenorizo com terror, apenas a vulgar sucessão de causas e efeitos, bastante naturais.

Salientei-me, desde a infância, pela docilidade e humanidade de caráter. Minha ternura de coração era mesmo tão notável, que fazia de mim motivo de troça de meus companheiros. Gostava de modo especial de animais e meus pais permitiam que eu possuísse grande variedade de bichos favoritos. Gastava com eles a maior parte de meu tempo e nunca me sentia tão feliz como quando lhes dava comida e os acariciava. Esta particularidade de caráter aumentou com o meu crescimento e, na idade adulta, dela extraía uma de minhas principais fontes de prazer. Aqueles que têm dedicado afeição a um cão fiel e inteligente, pouca dificuldade tenho em explicar a natureza, ou a intensidade, da recompensa que daí deriva. Há qualquer coisa no amor

sem egoísmo e abnegado de um animal, que atinge diretamente o coração de quem tem tido frequentes ocasiões de experimentar a amizade mesquinha e a fidelidade frágil do simples *Homem*.

Casei-me ainda moço e tive a felicidade de encontrar em minha mulher um caráter adequado ao meu. Observando minha predileção pelos animais domésticos, não perdia ela oportunidade de procurar os das espécies mais agradáveis. Tínhamos pássaros, peixes dourados, um lindo cão, coelhos, um macaquinho e um *gato*.

Este último era um belo animal, notavelmente grande, todo preto e de uma sagacidade de espantar. Ao falar da inteligência dele, minha mulher, que no íntimo não tinha nem um pouco de superstição, fazia frequentes alusões à antiga crença popular que olhava todos os gatos pretos como feiticeiras disfarçadas. Não que ela se mostrasse jamais *séria* a respeito desse ponto e eu só menciono isto, afinal, pelo simples fato de, justamente agora, ter-me vindo à lembrança.

Plutão — assim se chamava o gato — era o meu preferido e companheiro. Só eu lhe dava de comer e ele me acompanhava, por toda a parte da casa, por onde eu andasse. Era mesmo com dificuldade que eu conseguia impedi-lo de acompanhar-me pelas ruas.

Nossa amizade durou, desta maneira, muitos anos, nos quais meu temperamento geral e meu caráter — graças à Diabólica Intemperança — tinha sofrido (coro de confessá-lo) radical alteração para pior. Tornava-me dia a dia mais taciturno, mais irritável, mais descuidoso dos sentimentos alheios. Permiti-me mesmo usar de uma linguagem brutal para com minha mulher. Por fim, cheguei mesmo a usar de violência corporal. Meus bichos, sem dúvida, tiveram que sofrer essa mudança de meu caráter. Não somente descuidei-me deles, como os maltratava. Quanto a Plutão, porém, tinha para com ele, ainda, suficiente consideração que me impedia de maltratá-lo, ao passo que não tinha escrúpulos em maltratar os coelhos, o macaco ou mesmo o cachorro, quando, por acaso, ou por afeto, se atravessavam em meu caminho. Meu mal, contudo, aumentava, pois que outro mal se pode comparar ao do álcool? E, por fim, até mesmo Plutão, que estava agora

ficando velho e, em consequência, um tanto impertinente, até mesmo Plutão começou a experimentar os efeitos do meu mau temperamento.

Certa noite, de volta à casa, bastante embriagado, de uma das tascas dos subúrbios, supus que o gato evitava minha presença. Agarrei-o. Mas nisto, amedrontado com a minha violência, deu-me ele leve dentada na mão. Uma fúria diabólica apossou-se instantaneamente de mim. Cheguei a desconhecer-me. Parecia que minha alma original me havia abandonado de repente e uma maldade mais do que satânica, saturada de álcool, fazia vibrar todas as fibras de meu corpo. Tirei do bolso do sobretudo um canivete, abri-o, agarrei o pobre animal pela garganta e, deliberadamente, arranquei-lhe um dos olhos! Coro, abraso-me, estremeço ao narrar esta condenável atrocidade.

Quando, com a manhã, me voltou a razão, e, com o sono, se dissiparam os fumos da noite de orgia, experimentei uma sensação de horror, meio de remorso, pelo crime de que me tornara culpado. Mas era, quando muito, uma sensação fraca e equívoca e a alma permanecia insensível. De novo mergulhei em excessos e logo afoguei no vinho toda a lembrança do meu ato.

Enquanto isso, o gato, pouco a pouco, foi sarando. A órbita do olho arrancado tinha, é verdade, uma horrível aparência, mas ele parecia não sofrer mais nenhuma dor. Andava pela casa como de costume, mas, como era de esperar, fugia com extremo terror à minha aproximação. Restava-me ainda bastante de meu antigo coração para que me magoasse, a princípio, aquela evidente aversão por parte de uma criatura que tinha sido outrora tão amada por mim. Mas esse sentimento em breve deu lugar a irritação. E então apareceu, como para minha queda final e irrevogável, o espírito de perversidade. Desse espírito não cuida a filosofia. Entretanto, tenho menos certeza da existência de minha alma do que de ser essa perversidade um dos impulsos primitivos do coração humano, uma das indivisíveis faculdades primárias, ou sentimentos, que dão direção ao caráter do homem. Quem não se viu centenas de vezes a cometer um ato vil ou estúpido sem outra razão senão a de saber que *não* devia cometê-lo? Não temos nós uma perpétua inclinação, apesar de nosso melhor bom-senso, para violar o que é a *Lei*, pelo simples fato de compreendermos que ela é a lei? O espírito da perversidade,

repito, veio a causar minha derrocada final. Foi esse anelo insondável da alma, *de torturar-se a si próprio*, de violentar sua própria natureza, de praticar o mal pelo mal, que me levou a continuar e, por fim, a consumir a tortura, que já havia infligido ao inofensivo animal. Certa manhã, a sangue frio, enrolei um laço em seu pescoço e enforquei-o no ramo de uma árvore, enforquei-o com as lágrimas jorrando-me dos olhos e com o mais amargo remorso no coração. Enforquei-o *porque* sabia que ele me tinha amado e *porque* sentia que ele não me tinha dado razão para ofendê-lo. Enforquei-o *porque*, sabia que, assim fazendo, estava cometendo um pecado, um pecado mortal, que iria pôr em perigo a minha alma imortal, colocando-a — se tal coisa fosse possível — mesmo fora do alcance da infinita misericórdia do mais Misericordioso e mais Terrível Deus.

Na noite do dia em que pratiquei essa crudelíssima façanha, fui despertado do sono pelos gritos de *fogo!* As cortinas de minha cama estavam em chamas. A casa inteira ardia. Foi com grande dificuldade que minha mulher, uma criada e eu mesmo conseguimos escapar ao incêndio. A destruição foi completa. Toda a minha fortuna foi travada, e entreguei-me desde então ao desespero. Não tenho a fraqueza de buscar estabelecer uma relação de causa e efeito, entre o desastre e a atrocidade, mas estou relatando um encadeamento de fatos e não desejo que nem mesmo um possível elo seja negligenciado. Visitei os escombros no dia seguinte ao incêndio. Todas as paredes tinham caído, exceto uma, e esta era a de um aposento interno, não muito grossa, que se situava mais ou menos no meio da casa e contra a qual permanecera a cabeceira de minha cama. O estuque havia, em grande parte, resistido ali à ação do fogo, fato que atribuí a ter sido ele recentemente colocado. Em torno dessa parede reuniu-se compacta multidão e muitas pessoas pareciam examinar certa parte especial dela, com uma atenção muito ávida e minuciosa. As palavras “estranho!” “singular!” e expressões semelhantes excitaram minha curiosidade. Aproximei-me e vi, como se gravada em baixo-relevo, sobre a superfície branca, a figura de um *gato* gigantesco. A imagem fora reproduzida com uma nitidez verdadeiramente maravilhosa. Havia uma corda em redor do pescoço do animal.

Ao dar a princípio com essa aparição — pois não podia deixar de considerá-la senão isso — meu espanto e meu terror foram extremos. Mas, afinal, a reflexão veio em meu auxílio. O gato, lembrava me, tinha sido enforcado num jardim, junto da casa. Ao alarmar de fogo, esse jardim se enchera imediatamente de povo e alguém devia ter cortado a corda, que prendia o animal à árvore e o lançara por uma janela aberta, dentro de meu quarto. Isto fora provavelmente feito com o propósito de despertar-me. A queda de outras paredes tinha comprimido a vítima de minha crueldade de encontro à massa do estuque, colocado de pouco, cuja cal, com as chamas e o amoníaco do cadáver, traçara então a imagem, tal como a vi.

Embora assim prontamente procurasse satisfazer a minha razão, se não de todo a minha consciência, a respeito do surpreendente fato que acabo de narrar, nem por isso deixou ele de causar profunda impressão na minha imaginação. Durante meses eu não me pude libertar do fantasma do gato e, nesse período, voltava-me ao espírito um vago sentimento, que parecia remorso, mas não era. Cheguei a ponto de lamentar a perda do animal e de procurar, entre as tascas ordinárias que eu agora habitualmente frequentava, outro bicho da mesma espécie e de aparência um tanto semelhante, com que substituí-lo.

Certa noite, sentado, meio embrutecido, num antro mais que infame, minha atenção foi de súbito atraída para uma coisa preta que repousava em cima de um dos imensos barris de genebra ou de rum, que constituíam a principal mobília da sala. Estivera a olhar fixamente para o alto daquele barril, durante alguns minutos, e o que agora me causava surpresa era o fato de que não houvesse percebido mais cedo a tal coisa ali situada. Aproximei-me e toquei-a com a mão. Era um gato preto, um gato bem grande, tão grande como Plutão, e totalmente semelhante a ele, exceto em um ponto. Plutão não tinha pelos brancos em parte alguma do corpo, mas este gato tinha uma larga, embora imprecisa mancha branca, cobrindo quase toda a região do peito. Logo que o toquei, ele imediatamente se levantou, ronronou alto, esfregou-se contra minha mão e pareceu satisfeito com o meu carinho. Era, pois, aquela a criatura mesma que eu procurava.

Imediatamente tentei comprá-lo ao taverneiro, mas este disse que não lhe pertencia o animal, nada sabia a seu respeito e nunca o vira antes.

Continuei minhas carícias e, quando me preparei para voltar para casa, o animal deu mostras de querer acompanhar-me. Deixei que assim o fizesse, curvando-me, às vezes, e dando-lhe palmadinhas, enquanto seguia. Ao chegar à casa, ele imediatamente se familiarizou com ela e se tornou desde logo grande favorito de minha mulher.

De minha parte, depressa comecei a sentir despertar em mim antipatia contra ele. Isto era, precisamente, o reverso do que eu tinha previsto, mas — não sei como ou por que — sua evidente amizade por mim antes me desgostava e aborrecia. Lenta e gradativamente esses sentimentos de desgosto e aborrecimento se transformaram na amargura do ódio. Evitava o animal; certa sensação de vergonha e a lembrança de minha antiga crueldade impediam-me de maltratá-lo fisicamente. Durante algumas semanas abster-me de bater-lhe ou de usar contra ele de qualquer outra violência, mas gradualmente, bem gradualmente, passei a encará-lo com indizível aversão e a esquivar-me, silenciosamente, à sua odiosa presença, como a um hálito pestilento.

O que aumentou sem dúvida meu ódio pelo animal foi a descoberta, na manhã seguinte à em que o trouxera para casa, de que, como Plutão, fora também privado de um de seus olhos. Essa circunstância, porém, só fez aumentar o carinho de minha mulher por ele; ela, como já disse, possuía, em alto grau, aquele humano sentimento que fora outrora o traço distintivo e a fonte de muitos dos meus mais simples e mais puros prazeres.

Com a minha aversão por esse fato, porém, sua predileção por mim parecia aumentar. Acompanhava meus passos com uma pertinácia que o leitor dificilmente compreenderá. Em qualquer parte onde me sentasse, enroscava-se ele debaixo de minha cadeira, ou pulava sobre meus joelhos, cobrindo-me com suas carícias repugnantes. Se me levantava para andar, metia-se entre meus pés, quase a derrubar-me, ou cravando suas longas e agudas garras em minha roupa, subia dessa maneira até o meu peito. Nessas ocasiões, embora tivesse o desejo de matá-lo com uma pancada, era impedido

de fazê-lo, em parte por me lembrar de meu crime anterior, mas, principalmente — devo confessá-lo sem demora — por absoluto *pavor* do animal.

Esse pavor não era exatamente um pavor de mal físico, e, contudo, não saberia como defini-lo de outra forma. Tenho quase vergonha de confessar — sim, mesmo nesta cela de criminoso — tenho quase vergonha de confessar que o terror e o horror, que o animal me inspirava, tinham sido aumentados por uma das mais simples quimeras que seria possível conceber.

Minha mulher chamara mais de uma vez minha atenção para a natureza da marca de pelo branco de que falei e que constituía a única diferença visível entre o animal estranho e o que eu havia matado. O leitor há de recordar-se que esta mancha, embora larga, fora a princípio de forma bem imprecisa, mas, por leves gradações — gradações quase imperceptíveis e que, durante muito tempo, a razão forcejou para rejeitar como imaginárias — tinha afinal assumido uma rigorosa precisão de contorno. Era agora a reprodução de um objeto que tremo em nomear — e por isso, acima de tudo, eu detestava e temia o monstro e ter-me-ia livrado dele, se o ousasse — era agora, digo, a imagem de uma coisa horrenda, de uma coisa apavorante, de uma força. Oh! Lúgubre e terrível máquina de Horror e de Crime, de Agonia e de Morte.

E então eu era em verdade um desgraçado, mais desgraçado que a própria desgraça Humana. E *um bronco animal*, cujo companheiro eu tinha com desprezo destruído, *um bronco animal* preparava para *mim* — para mim, homem formado à imagem do Deus Altíssimo — tanta angústia intolerável. Ai de mim! Nem de dia nem de noite era-me dado mais gozar a bênção do repouso! Durante o dia, o bicho não me deixava um só momento e, de noite, eu despertava, a cada instante, de sonhos de indizível pavor para sentir o quente hálito daquela *coisa* no meu rosto, e o seu enorme peso, encarnação de pesadelo, que eu não tinha forças para repelir, oprimindo eternamente o meu coração!

Sob a pressão de tormentos tais como estes, os fracos restos de bondade que havia em mim sucumbiram. Meus únicos companheiros eram os maus pensamentos, os mais negros e maléficos pensamentos. O mau humor

de meu temperamento habitual aumentou, levando-me a odiar todas as coisas e toda a humanidade; ao passo que minha resignada esposa era a mais constante e mais paciente vítima das súbitas, frequentes e indomáveis explosões de uma fúria a que eu agora me abandonava cegamente.

Certo dia ela me acompanhou, para alguma tarefa doméstica, até a adega do velho prédio que nossa pobreza nos compelia a ter de habitar. O gato desceu os degraus, seguindo-me e quase me lançou ao chão, exasperando-me até à loucura. Erguendo um machado, e esquecendo na minha cólera o medo pueril, que tinha até ali sustido minha mão, descarreguei um golpe no animal, que teria, sem dúvida, sido instantaneamente fatal, se eu o houvesse assestado como desejava. Mas esse golpe foi detido pela mão de minha mulher. Espicaçado por essa intervenção, com uma raiva mais do que demoníaca, arranquei meu braço de sua mão e enterrei o machado no seu crânio. Ela caiu morta imediatamente, sem um gemido.

Executado tão horrendo crime, logo e com intensa decisão entreguei-me à tarefa de ocultar o corpo. Sabia que não podia removê-lo da casa, nem de dia nem de noite, sem correr o risco de ser observado pelos vizinhos. Muitos projetos me atravessavam a mente. Em dado momento pensei em cortar o cadáver em pedaços miúdos e queimá-los. Em outro, resolvi cavar uma cova para ele, no chão da adega. De novo deliberei lançá-lo no poço do pátio, metê-lo num caixote, como uma mercadoria, com os cuidados usuais, e mandar um carregador retirá-lo da casa. Finalmente, detive-me no que considerei um expediente bem melhor que qualquer um destes. Decidi emparedá-lo na adega, como se diz que os monges da Idade Média emparedavam suas vítimas.

Para um objetivo semelhante estava a adega bem adaptada. Suas paredes eram de construção descuidada e tinham sido ultimamente recobertas, por completo, de um reboco grosseiro, cujo endurecimento a umidade da atmosfera impedira. Além disso, em uma das paredes havia uma saliência causada por uma falsa chaminé ou lareira, que fora tapada para não se diferenciar do resto da adega. Não tive dúvidas de que poderia prontamente

retirar os tijolos naquele ponto, introduzir o cadáver e emparedar tudo como antes, de modo que olhar algum pudesse descobrir qualquer coisa suspeita.

E não me enganei nesse cálculo. Por meio de um gancho desalojei facilmente os tijolos e, tendo cuidadosamente depositado o corpo contra a parede interna, sustentei-o nessa posição, enquanto, com pequeno trabalho, repus toda a parede no seu estado primitivo; tendo procurado argamassa, areia e fibra, com todas as precauções possíveis preparei um estuque que não podia ser distinguido do antigo e com ele, cuidadosamente, recobri o novo entijolamento. Quando terminei, senti-me satisfeito por ver que tudo estava direito. A parede não apresentava a menor aparência de ter sido modificada. Fiz a limpeza do chão, com o mais minucioso cuidado. Olhei em torno com ar triunfal e disse a mim mesmo: “Aqui pelo menos meu trabalho não foi em vão!”

Tratei, em seguida, de procurar o animal, que fora causa de tamanha desgraça pois resolvera afinal decididamente matá-lo. Se tivesse podido encontrá-lo naquele instante, não poderia haver dúvida a respeito de sua sorte. Mas parecia que o manhoso animal ficara alarmado com a violência de minha cólera anterior e evitava arrostar a minha raiva do momento. É impossível descrever ou imaginar a profunda e abençoada sensação do alívio que a ausência da detestada criatura causava no meu íntimo. Não me apareceu durante a noite. E assim, por uma noite pelo menos, desde que ele havia entrado na casa, *dormi* profunda e tranquilamente. Sim, *dormi*, mesmo com o peso de uma morte na alma.

O segundo e o terceiro dia se passaram, e, no entanto, o meu carrasco não apareceu. Mais uma vez respirei, como um homem livre. Aterrorizado, o monstro abandonara a casa para sempre! Não mais o veria! Minha ventura era suprema! Muito pouco me perturbava a culpa de minha negra ação. Poucos interrogatórios foram feitos e tinham sido prontamente respondidos. Dera-se mesmo uma busca, mas, sem dúvida, nada foi encontrado. Considerava assegurada a minha futura felicidade.

No quarto dia, depois do crime, chegou, bastante inesperadamente, à casa, um grupo de policiais, que procedeu de novo à rigorosa investigação

dos lugares. Confiando, porém, na impenetrabilidade de meu esconderijo, não senti o menor incômodo. Os agentes ordenaram-me que os acompanhasse em sua busca. Nenhum escaninho ou recanto deixaram inexplorado. Por fim, pela terceira ou quarta vez, desceram à adega. Nenhum músculo meu estremeceu. Meu coração batia calmamente, como o de quem dorme o sono da inocência. Caminhava pela adega de ponta a ponta; cruzei os braços no peito e passeava tranquilo para lá e paia cá. Os policiais ficaram inteiramente satisfeitos e preparavam-se para partir. O júbilo de meu coração era demasiado forte para ser contido. Ardia por dizer pelo menos uma palavra, a modo de triunfo, e para tornar indubitavelmente segura a certeza neles de minha inculpabilidade.

— Senhores — disse por fim, quando o grupo subia a escada.

— Sinto-me encantado por ter desfeito suas suspeitas. Desejo a todos saúde e um pouco mais de cortesia. A propósito, cavalheiros, esta é uma casa muito bem construída... (no meu violento desejo de dizer alguma coisa, com desembaraço, eu mal sabia o que ia falando) — posso afirmar que é uma casa *excelentemente* bem construída. Estas paredes — já vão indo, senhores? — estas paredes estão solidamente edificadas.

E aí, por simples frenesi de bravata, bati pesadamente com uma bengala, que tinha na mão, justamente naquela parte do entijolamento, por trás do qual estava o cadáver da mulher de meu coração.

Mas, praza a Deus proteger-me e livrar-me das garras do Demônio! Apenas mergulhou no silêncio a repercussão de minhas pancadas, logo respondeu-me uma voz do túmulo. Um gemido, a princípio velado e entrecortado, como o soluçar de uma criança, que depois rapidamente se avolumou, num grito prolongado, alto e contínuo, extremamente anormal e inumano, um urro, um guincho lamentoso, meio de horror e meio de triunfo, como só do Inferno se pode erguer, a um tempo, das gargantas dos danados na sua agonia e dos demônios que exultam na danação.

Loucura seria falar de meus próprios pensamentos. Desfalecendo, recuei até a parede oposta. Durante um minuto o grupo que se achava na escada ficou imóvel, no paroxismo do medo e de pavor. Logo depois uma dúzia de braços robustos se atarefava em desmanchar a parede. Ela caiu

inteiriça. O cadáver, já grandemente decomposto e manchado de coágulos de sangue, erguia-se, ereto, aos olhos dos espectadores. Sobre sua cabeça, com a boca vermelha escancarada e o olho solitário chispante, estava assentado o horrendo animal, cuja astúcia me induzira ao crime e cuja voz delatora me havia apontado ao carrasco. Eu havia emparedado o monstro no túmulo.

Manuscrito Encontrado numa Garrafa

De minha terra e de minha família tenho pouco a dizer. Crueldades e anos decorridos afastaram-me de uma e me tornaram indiferente à outra. O cabedal herdado proporcionou-me uma educação fora do comum e certa tendência contemplativa de meu espírito tornou-me apto a metodizar as aquisições, que em estudo precoce muito assiduamente armazenara. Acima de tudo, as obras dos moralistas alemães me causavam grande deleite, não de qualquer mal-avisada admiração pela eloquente loucura deles, mas da facilidade com que meus hábitos de análise rigorosa me capacitavam a descobrir-lhes as falsidades. Fora muitas vezes censurado pela aridez de meu gênio; imputaram-me como um crime certa deficiência de imaginação e o pirronismo de minhas opiniões têm me tornado conhecido a todo tempo. De fato, uma forte apetência pela filosofia física tem, como receio, impregnado meu espírito dum erro muito comum desta época, quero dizer o hábito de relacionar fatos, mesmo os menos suscetíveis de tal relação, com os princípios daquela ciência. Sobretudo ninguém podia ser menos exposto, que eu, a ser conduzido para fora dos limites severos da verdade, por meio do fogo-fátuo da superstição. Julguei conveniente explicar-me tanto assim, no receio de que a incrível história, que tenho de contar, possa ser considerada mais como o delírio duma imaginação imperfeita, que a experiência positiva dum espírito, para o qual os devaneios da fantasia têm sido letra morta e nulidade.

Depois de muitos anos passados, numa viagem ao estrangeiro, parti no ano de 18..., do porto de Batávia, na rica e populosa ilha de Java, em viagem às ilhas do Arquipélago. Ia como passageiro, não tendo outro incentivo senão uma espécie de inquietação nervosa, que me perseguia como um demônio.

Nosso barco era um belo navio, de cerca de quatrocentas toneladas, forrado de cobre e construído em Bombaim, de teca do Malabar. Estava carregado de algodão em rama e óleo das ilhas Laquedivas. Tínhamos também a bordo fibra de coqueiro, açúcar de palmeira, óleo, cocos e algumas caixas de ópio. A arrumação da estiva fora malfeita e o navio por causa disso adernava.

Pusemo-nos a caminho, com uma simples aragem e, durante muitos dias, permanecemos ao longo da costa leste de Java, sem qualquer outro incidente, para divertir a monotonia de nossa viagem, a não ser o encontro ocasional, com alguns dos pequenos caranguejos do Arquipélago, a que estávamos presos.

Certa noite notei, inclinado sobre o corrimão de popa, uma nuvem isolada e bastante singular a noroeste. Fazia-se notar tanto por sua cor como por ser a primeira que víamos desde nossa partida da Batávia. Observei-a atentamente, até o pôr do sol, quando se disseminou de repente, em toda a extensão de leste a oeste, cingindo o horizonte com uma estreita faixa de vapor e parecendo uma longa linha de praia baixa. Minha atenção foi logo depois atraída pelo aspecto vermelho escuro da lua e a característica aparência do mar. Este último parecia estar sofrendo uma rápida mudança e a água mostrava-se mais transparente do que de costume. Embora eu pudesse distintamente ver o fundo do oceano, contudo, deitando a sonda, descobri que o navio estava a quinze toesas. O ar tornou-se então intoleravelmente quente e pesado de exalações espiraladas, semelhantes às que se erguem do ferro aquecido. Ao cair da noite, desaparecera qualquer sopro de vento e calmaria mais completa é impossível conceber-se. A chama de uma vela queimava sobre a popa, sem o menor movimento perceptível e um cabelo comprido, preso entre o indicador e o polegar, pendia sem possibilidade de mostrar qualquer vibração. Contudo, como o capitão dissera que não percebia nenhuma indicação de perigo e como estivéssemos descaindo realmente na direção da praia, ordenou ele que as velas fossem ferradas e largada a âncora. Nenhum vigia foi colocado e a tripulação, que constava principalmente de malaios, estendeu-se, à vontade, sobre o tombadilho. Desci, não sem um pleno pressentimento de desgraça. Na verdade, todas as aparências me faziam

recear um furacão. Comuniquei meus temores ao capitão, mas ele não prestou atenção ao que eu dizia e deixou-me, sem se dignar a dar-me uma resposta. Minha inquietação, porém, impediu-me de adormecer e, cerca da meia-noite, subi ao tombadilho. Ao colocar o pé sobre o último degrau da escada do tombadilho, assustou-me um rumor alto e sussurrante, como o produzido pela rápida rotação de uma mó de moinho, e, antes que pudesse verificar seu significado, notei que o navio tremia no centro. No instante seguinte, uma onda imensa arremessou-nos ao chão e, correndo sobre nós, de uma ponta a outra, varreu completamente o tombadilho, de proa a popa.

A extrema fúria do vendaval demonstrou ser, em grande parte, a salvação do navio. Embora completamente inundado, contudo, como seus mastros tivessem caído ao mar, ele ergueu-se, depois de um minuto, pesadamente, do oceano, e, cambaleando por um instante, sob a imensa pressão da tempestade, aprumou-se por fim.

Por que milagre escapei à morte é impossível dizer. Aturdido pelo choque da água, achei-me, ao voltar a mim, apertado entre o cadaste e o timão. Com grande dificuldade, consegui pôr-me em pé, tão apavorante, além da mais extrema imaginação, era o turbilhão do oceano de vagalhões espumantes, dentro do qual estávamos engolfados. Instantes depois, ouvi a voz de um velho sueco, que havia embarcado conosco, no momento da partida. Gritei para ele, com toda a minha força e logo ele veio, cambaleando, para a popa. Depressa descobrimos que éramos os únicos sobreviventes do desastre. Todos os que se achavam no tombadilho, com exceção de nós dois, tinham sido atirados ao mar; o capitão e os pilotos deviam ter perecido, enquanto dormiam, pois os camarotes tinham sido inundados pela água. Sem auxílio, pouco podíamos esperar fazer pela segurança do navio e nossos esforços foram a princípio paralisados pela momentânea expectativa de ir ao fundo. O nosso cabo tinha-se, sem dúvida, partido como um cordel, ao primeiro sopro do furacão, do contrário teríamos sido instantaneamente submergidos. Corríamos com terrível velocidade, de mar em popa, e a água se abria em enormes brechas. A armação de nossa popa estava excessivamente rachada e pode-se dizer que os danos recebidos eram

consideráveis: mas, com enorme alegria, descobrimos que as bombas estavam intactas e que não havíamos perdido grande parte de nosso lastro. A principal fúria do vento amainara, e pouco perigo nos podia advir de sua violência; mas encarávamos, com terror, sua cessação total, bem crentes de que, nas condições precárias em que nos encontrávamos, pereceríamos inevitavelmente, na tremenda ressaca que viria depois. Mas esta bem justa apreensão não parecia, de modo algum, muito próxima de se verificar. Durante cinco dias inteiros e cinco noites, nos quais nossa única alimentação era uma pequena quantidade de açúcar, tirada, com grande dificuldade, do castelo de proa, o velho navio deslizou, com velocidade incalculável, à frente de rajadas de vento, que se sucediam rapidamente e que, sem igualar a violência do primeiro furacão, eram ainda mais terríveis do que qualquer tempestade a que eu até então assistira. Nosso rumo, nos primeiros quatro dias, foi, salvo pequenas variantes, S.E. e S., parecendo-nos estar descendo a costa da Nova Holanda. No quinto dia, o frio tornou-se extremo, embora o vento se tivesse transportado um ponto mais para o norte. O sol ergueu-se com um brilho doentiamente amarelo e subiu uns poucos graus acima do horizonte, sem lançar luz completa. Não se viam nuvens, embora o vento estivesse em aumento e soprasse com uma fúria espasmódica e incerta. Cerca do meio-dia, tanto quanto podíamos calcular, nossa atenção foi de novo detida pela aparência do sol. Não lançava luz propriamente dita, mas um clarão baço e lúgubre, sem reflexos, como se todos os seus raios estivessem polarizados. Justamente antes de mergulhar no túrgido oceano, seu clarão central subitamente se extinguiu, como se precipitadamente apagado por alguma força inexplicada. Era apenas uma roda fusca e prateada, quando se afogou no insondável oceano.

Esperávamos em vão a chegada do sexto dia, este dia que para mim ainda não chegou e que para o sueco jamais chegará. Daí por diante, fomos amortalhados em uma treva cerrada, a ponto de não podermos distinguir um objeto, a vinte passos do navio. A eterna noite continuou a envolver-nos, nem mesmo mitigada pela fosfórica resplandescência do oceano, a que estávamos acostumados nos trópicos. Observamos também que, embora a tempestade continuasse a raivar, com violência indomável, não se descobria mais o

habitual aspecto de ressaca ou de espuma, que até então havíamos presenciado. Tudo em redor era horror e treva espessa, e negro deserto sufocante de ébano. Um terror supersticioso subiu gradativamente ao espirito do velho sueco e a minha própria alma estava envolta num espanto silente. Abandonamos todo o cuidado com o navio, como coisa mais do que inútil, e amarrando-nos, tão bem como podíamos, ao toco do mastro de mezena, contemplávamos amargamente a imensidão do oceano. Não tínhamos meios de calcular o tempo, nem podíamos formar ideia alguma de nossa situação. Estávamos, porém, bem certos de termo-nos adiantado para o sul, mais do que quaisquer outros navegantes e grande era o nosso espanto, ao não encontrarmos os habituais obstáculos de gelo. Entrementes, cada momento ameaçava ser o nosso último instante, cada vaga enorme corria a submergir-nos. A ressaca ultrapassava qualquer coisa que eu havia imaginado possível e era um milagre não sermos instantaneamente tragados. Meu companheiro falava da leveza de nossa carga e me lembrava as excelentes qualidades de nosso navio; mas eu não podia deixar de sentir o extremo desespero da própria esperança e preparava-me tristemente para aquela morte, que eu julgava nada poderia diferir além de uma hora, porquanto, a cada nó do caminho que o navio fazia, a elevação das ondas estupendas e negras tornava-se mais funestamente aterradora. Vezes havia em que ofegávamos, numa altura que ultrapassava a alcançada pelo albatroz e, muitas vezes, sofriamos vertigens, com a velocidade de nossa descida para algum inferno aquoso, onde o ar se estagnava e nenhum som perturbava o sono dos monstros marinhos. Achávamo-nos no fundo de um daqueles abismos, quando um rápido grito de meu companheiro ergueu-se, apavorante, dentro da noite.

— Olhe! Veja! — bradou-me aos ouvidos. — Deus Todo-Poderoso! Olhe! Olhe!

E ao assim falar, avistei um clarão baço e lúgubre de luz vermelha, que inundava os lados do vasto abismo em que jazíamos e lançava um brilho vacilante sobre nosso tombadilho. Erguendo os olhos, percebi uma cena que enregelou meu sangue nas veias. A uma terrífica altura, diretamente acima de nós, e bem no alto da precipitosa descida, pairava um gigantesco navio, de

talvez quatro mil toneladas. Embora grimpado no cimo de uma vaga, mais de cem vezes maior do que sua própria altura, seu tamanho aparente excedia ainda qualquer navio da linha ou da Companhia das Índias Orientais existentes. Seu imenso casco era de um negro intenso de azeviche, não mitigado por nenhum desses habituais ornatos de um navio. Uma única fileira de canhões de bronze salientava-se de suas canhoneiras abertas e refletia nas superfícies polidas os fogos de inúmeras lanternas de combate, que oscilavam para lá e para cá, em tórno de seu cordame.

Mas o que principalmente nos encheu de horror e espanto é que ele velejava a todo pano, apesar daquele mar sobrenatural e daquele furacão desenfreado. Quando o avistamos, a princípio, só se lhe via a proa ao erguer-se devagar do sombrio e horrível vórtice que atrás de si deixava. Durante um momento de intenso terror imobilizou-se sobre o vertiginoso cume, como se contemplasse a própria sublimidade; depois, tremeu, vacilou e precipitou-se na voragem.

Naquele instante, não sei que súbito autodomínio se assenhoreou de meu espírito. Recuando quanto podia para a popa, esperei sem temor a ruína que nos ia engolfar. Nosso próprio navio havia cessado afinal sua luta e afundava a proa n'água. O choque da massa descendente feriu-o, conseqüentemente, naquela parte de seu arcabouço que estava quase debaixo d'água, e o resultado inevitável foi atirar-me, com irresistível violência, sobre o cordame do estranho navio.

Quando eu caí, o navio girou nos estais, virando de bordo. À confusão que se seguiu atribuo eu ter escapado à atenção da equipagem. Com alguma dificuldade abri caminho, sem ser percebido, para a principal escotilha, que estava parcialmente aberta e logo achei uma oportunidade de me ocultar no porão. Por que fiz isso, mal posso dizer. Um indefinido senso de medo, que logo ao ver os navegantes da embarcação se apoderara de meu espírito, foi talvez o motivo que me levou a ocultar-me. Eu não desejava confiar-me a uma gente que apresentava, ao olhar de relance que lhe lançara, tantos sinais de indefinida novidade, dúvida e apreensão. Por conseguinte, achei mais conveniente arranjar um esconderijo no porão. E o fiz, afastando uma

pequena parte do assoalho de tábuas, de maneira a permitir-me um conveniente refúgio, entre os enormes arcos do navio.

Mal havia acabado meu serviço, quando um rumor de passos, no porão, obrigou-me a utilizar o abrigo. Um homem passou perto de meu esconderijo a passos vacilantes e incertos. Não pude ver-lhe o rosto, mas tive oportunidade de observar-lhe o aspecto geral. Revelava ser bastante velho e enfermo. Seus joelhos vacilavam, sob a carga dos anos, e todo o seu corpo tremia. Murmurava consigo mesmo, em tom baixo e entrecortado, algumas palavras numa língua que eu não podia entender, e foi andando, às apalpadelas, para um canto, entre uma pilha de instrumentos de aspecto estranho e cartas de navegação estragadas. Suas maneiras eram uma mistura selvagem de rabugice da segunda infância e da solene dignidade de um Deus. Depois de algum tempo, subiu ao tombadilho e não mais o vi.

* * * * *

Um sentimento para o qual não encontro denominação apoderou-se de minha alma — uma sensação que não admitirá análise, para a qual são inadequadas as lições do tempo passado e para a qual receio que o próprio futuro não me oferecerá chave. Para um espírito constituído como o meu, esta última consideração é um mal. Jamais poderei — sei que jamais poderei — ficar satisfeito, a respeito da natureza de minhas concepções. Contudo não é de admirar que essas concepções sejam indefinidas, uma vez que têm sua origem em fontes tão extremamente novas. Um novo sentimento — uma nova entidade é acrescentada à minha alma.

* * * * *

Já faz muito tempo, desde que pisei pela primeira vez o tombadilho deste terrível navio, e os raios de meu destino estão se reunindo, penso eu, em um foco. Homens incompreensíveis! Mergulhados em meditações duma

espécie que não posso adivinhar, passam por mim sem me ver. Ocultar-me é pura loucura de minha parte, pois esta gente *não me quer ver*. Justamente agora passei diante dos olhos do piloto; ainda não faz muito que me aventurei a penetrar no camarote particular do capitão e de lá tirei o material com que escrevo e tenho escrito. Continuarei, de tempos em tempos, este diário. É verdade que não posso descobrir uma oportunidade de transmiti-lo ao mundo, mas nem por isso deixarei de fazer a tentativa. No derradeiro momento, encerrarei o manuscrito numa garrafa, e lançá-la-ei ao mar. Ocorreu um incidente que me tem dado novos motivos de reflexão. São semelhantes coisas a ação dum acaso indisciplinado? Aventurara-me a subir ao tombadilho e me deitara, sem atrair a atenção de ninguém, entre uma pilha de panos de enfrechaduras e velas antigas, no fundo do escaler. Enquanto meditava na singularidade de minha sorte, ia impensadamente pintando, com uma brocha de alcatrão, as pontas de uma bem dobrada varredora, que estava posta perto de mim num barril. A varredora está agora estendida sobre o navio e os toques irrefletidos da brocha formaram a palavra DESCOBERTA.

Fiz recentemente várias observações sobre a estrutura do navio. Embora bem armado, não é, penso eu, um vaso de guerra. Seu cordame, sua estrutura e equipamento geral, tudo rejeita uma suposição desta natureza. O que ele *não é*, pode-se facilmente perceber; o que ele é, temo ser impossível dizê-lo. Não sei como é, mas observando seu modelo estranho e a forma singular de mastros, seu imenso tamanho e prodigiosa coleção de velas, sua proa severamente simples e a popa antiquada, parece-me, por vezes, que a sensação de objetos, que me são familiares, atravessa meu espírito, como um relâmpago e sempre se mistura a estas sombras indistintas da memória, uma inexplicável recordação de velhas lendas estrangeiras e de séculos muito antigos.

* * * * *

Tenho estado a observar o arcabouço do navio. Está construído com material que não conheço. Tem a madeira um caráter peculiar, que me choca,

tornando-a inadequada ao uso a que foi destinada. Quero dizer, sua extrema *porosidade*, considerada independentemente dos estragos causados pelos vermes, consequência da navegação naqueles mares e da podridão que resulta da velhice. Parecerá talvez uma observação um tanto demasiado sutil, mas teria aquela madeira todas as características do carvalho espanhol, se o carvalho espanhol pudesse ser dilatado por meios artificiais.

Lendo a frase acima, curioso apotegma de velho e bronzado marujo holandês voltou-me à memória. “É tão certo — costumava ele dizer, quando se punha em dúvida a veracidade do que dizia — como é certo que existe um mar, onde o próprio navio cresce em tamanho, como o corpo vivo do marinheiro.

* * * * *

Há cerca de uma hora atrevi-me a me meter entre um grupo de homens da tripulação. Atenção de espécie alguma me prestaram e, embora permanecesse bem no meio deles, pareciam extremamente inconscientes de minha presença. Como aquele que eu vira pela primeira vez no porão, todos eles ostentavam sinais de encanecida velhice. Os joelhos tremiam de fraqueza, os ombros estavam curvados pela decrepitude; a pele enrugada e a voz baixa e trêmula e entrecortada; os olhos brilhavam com a reuma dos anos e seus cabelos grisalhos espalhavam-se terrivelmente pela fúria da tempestade. Em tôrno deles, em cada parte do tombadilho, jaziam, esparsos, instrumentos matemáticos do feitio mais fantástico e mais obsoleto.

* * * * *

Falei, já um tanto para trás, da colocação de uma varredora. Desde que isso se fez, o navio, sendo impelido pelo vento contrário, continuou sua direção terrível, rumo ao sul, com toda a espécie de velas soltas, desde a borla do mastro, até aos mais baixos botá-los das varredoras e atirando a todo o

momento as pontas de verga do joanete, no mais assombroso inferno de água que a mente do homem é capaz de imaginar. Eu acabara de deixar o tombadilho, onde considerei impossível continuar a equilibrar-me em pé, embora a tripulação parecesse experimentar pouco desconforto. Creio ser o milagre dos milagres o fato de que o nosso imenso casco não tenha sido trágado de uma vez e para sempre.

Estamos, sem dúvida, condenados a pairar sobre a orla da eternidade, sem jamais dar o mergulho final no abismo. Sobre vagas mil vezes mais estupendas do que as que até então vira, deslizamos com a facilidade de velocíssima gaivota. E as águas colossais erguem a cabeça sobre nós não como demônios das profundezas, mas como demônios que se limitam à simples ameaça, incapazes de destruir. Sou levado a atribuir essas frequentes fugas do naufrágio à única causa natural que pode explicar tal efeito. Suponho que o navio está dentro da influência de certa corrente ou ressaca impetuosa.

* * * * *

Vi o capitão, frente a frente, e em seu próprio camarote, mas, como esperei, ele não me prestou atenção. Embora em sua aparência nada houvesse, para o observador fortuito, que pudesse classificá-lo como superior ou inferior a um ente humano, um sentimento de reverência irreprimível, contudo, e de espanto, misturava-se com a sensação de maravilhamento com que eu o contemplei. Sua altura era quase igual à minha, isto é, tinha cerca de cinco pés e oito polegadas. Tinha o corpo bem talhado e sólido, nem robusto, nem notavelmente franzino. Mas é a singularidade da expressão que domina em sua face, é a intensa, maravilhosa, dominante evidência de velhice, tão extrema e avançada, que excita em meu espírito uma sensação, um sentimento indizível. Sua fronte, embora pouco enrugada, parece conduzir gravada a estampa de miríades de anos. Seus cabelos grisalhos são recordações do passado e seus olhos cinzentos são sílabas do futuro. O chão do camarote estava compactamente atulhado de estranhos in-fólios^[1],

encadernados com fechos de ferro, arcaicos instrumentos científicos e mapas obsoletos, de há muito olvidados. Sua cabeça mergulhava nas mãos e ele contemplava, com olhar inquieto e flamejante, um papel que julguei ser uma nomeação e que, de qualquer modo, levava a assinatura de um monarca. Murmurava para consigo mesmo, como o fizera o primeiro marinheiro que vi no porão, certas sílabas sussurradas e impacientes, em língua estranha; e embora, ao falar, estivesse encostado a mim, sua voz parecia alcançar-me os ouvidos vinda da distância de uma milha.

* * * * *

O navio e tudo o que ele encerra estão imbuídos do espírito do Passado. Os tripulantes deslizam para lá e para cá, como fantasmas de séculos sepultos; seus olhos têm uma expressão ávida e inquieta; e quando, em meu caminho, seus dedos caem no clarão fantástico das lanternas de combate, sinto o que nunca antes senti, embora tenha sido toda a vida um negociante de antiguidades e me tenha banhado nas sombras das colunas tombadas de Babe, Temor, Teresópolis, até que minha própria alma se tornasse uma ruína.

* * * * *

Quando olho em torno de mim, sinto-me envergonhado pelos meus temores primitivos. Se tremi diante da tempestade, que até agora nos acompanhou, não deveria estar lívido ante essa guerra do vento e do mar, para dar uma ideia da qual as palavras “tornado” e “simum”^[2] são triviais e ineficazes? Tudo, na vizinhança imediata do navio, é a treva da eterna noite e o caos da água sem espuma. Mas, a cerca de uma légua para cada lado, podem ser vistos, indistintamente e a intervalos, prodigiosos montes de gelo, alçando-se para o céu desolado e assemelhando-se às muralhas do universo.

* * * * *

Como eu imaginara, o navio mostra estar numa corrente, se nome pode ser dado, com propriedade, a uma torrente que vai, rugindo e ululando, passar junto ao gelo branco, trovejando para o sul com uma velocidade igual à queda vertical de uma catarata.

* * * * *

Conceber o horror de minhas sensações é, presumo, inteiramente impossível; contudo, a curiosidade de penetrar o mistério dessas regiões espantosas chega a dominar meu desespero e me consola dos mais hediondos aspectos da morte. É evidente que estamos a precipitar-nos para alguma estonteante descoberta, para algum segredo irrevelável para sempre, cujo alcance significa destruição. Talvez essa corrente nos conduza ao próprio polo sul. Deve-se confessar que uma suposição aparentemente tão fantástica tem todas as probabilidades a seu favor.

A tripulação percorre o tombadilho com passos trêmulos e hesitantes; mas em sua fisionomia e em sua expressão há mais avidez de esperança que apatia de desespero.

Entrementes, o vento ainda sopra na popa do navio e, ao içarmos numerosas velas, a embarcação, por vezes, se projeta completamente fora d'água! Oh! Horror sobre horror! O gelo se abre de súbito para a direita e para a esquerda e rodamos vertiginosamente, em imensos círculos concêntricos, espiralando em volta das margens de um gigantesco anfiteatro, cujas paredes perdem o cimo nas trevas e na distância. Pouco tempo, porém, me será deixado para meditar sobre meu destino! Os círculos rapidamente se apequenam. Estamos loucamente mergulhando para as garras do turbilhão... e entre rugidos, clamores e trovões do oceano e da tempestade, o navio está oscilando... oh! Meu Deus! ... oscilando e afundando-se!

O Escaravelho de Ouro

Há muitos anos passados, travei amizade com um tal Sr. William Legrand. Pertencia ele a uma antiga família huguenote e fora, outrora, rico, mas uma série de infortúnios tinham-no reduzido à miséria. Para evitar as mortificações que se seguiram a seus desastres, deixou Nova Orléans, terra natal de seus avós, e passou a residir na ilha de Sullivan, perto de Charleston, na Carolina do Sul.

Esta ilha é bastante singular. É formada quase que só de areia e tem cerca de três milhas de comprimento. Sua largura em ponto algum excede de um quarto de milha. Está separada do continente por um braço de mar quase imperceptível, que se insinua através de uma vastidão de mangues e lodo, refúgio favorito das aves aquáticas. A vegetação, como se pode supor, é escassa, ou, pelo menos, raquítica. Nenhuma árvore de grande porte ali se vê. Perto da extremidade ocidental, onde se ergue o forte Moultrie e onde se encontram alguns miseráveis barracões, habitados, durante o verão, pelos que fogem da poeira e da febre de Charleston, pode ser encontrada, na verdade, a cerdosa palmeira anã. Mas toda a ilha, com exceção dessa ponta ocidental e de uma faixa de áspera e branca praia na costa marítima, está coberta de densa capoeira da murta cheirosa, tão apreciada pelos horticultores ingleses. Os arbustos atingem ali, às vezes, à altura de quinze a vinte pés e formam um matagal quase impenetrável, impregnando o ar com sua fragrância.

No mais recôndito recesso desse matagal, não longe da ponta ocidental, ou a mais remota, da ilha, Legrand construiu uma pequena cabana, em que residia quando, pela prime ira vez, por mero acaso, travei conhecimento com ele. Esse conhecimento logo amadureceu em amizade, pois naquele solitário muito havia para excitar interesse e estima. Achei-o

bem-educado, dotado de incomuns faculdades espirituais, infetadas, apenas, de misantropia e sujeitas a caprichosas disposições de entusiasmo e de melancolia alternados. Tinha consigo muitos livros, mas raramente se servia deles. Suas principais diversões eram a caça e a pesca, além de vaguear por entre as murtas, à busca de conchas ou espécimes entomológicos. Sua coleção destes últimos podia ser invejada por um Swanunerdam^[3]. Nessas excursões era acompanhado, habitualmente, por um negro velho, chamado Júpiter, que tinha sido libertado antes dos reveses da família, mas não pudera ser levado, por ameaças ou promessas, a abandonar o que considerava seu direito de acompanhar os passos de seu jovem “sinhô Will”. Não é improvável que os parentes de Legrand, considerando-o de intelecto um tanto desarranjado, tenham tentado instilar essa teimosia em Júpiter, tendo em vista a vigilância e a guarda do erradio.

Os invernos, na latitude da ilha de Sullivan, raramente são muito severos, e no fim do ano é coisa rara, na verdade, ser necessário acender fogo. Pelos meados de outubro de 18..., houve, porém, um dia de sensível friagem. Justamente antes do pôr do sol, rompi, através dos arbustos sempre verdes, até a cabana de meu amigo, a quem eu não tinha visitado havia várias semanas, residente, como então era, em Charleston, a uma distância de nove milhas da ilha, num tempo em que as facilidades de travessia e volta estavam muito abaixo dos dias atuais. Depois de alcançar a cabana, bati à porta, segundo meu costume e, não obtendo resposta, procurei a chave no lugar onde eu sabia que ela ficava escondida, girei-a na fechadura e entrei. Belo fogo ardia na lareira. Era uma novidade, e de modo algum desagradável. Tirei o sobretudo e, puxando uma poltrona para junto das achas crepitantes, esperei pacientemente a chegada dos donos da casa.

Pouco depois do escurecer chegaram eles e me deram cordiais boas-vindas. Júpiter, arreganhando os dentes de uma orelha a outra, apressou-se em preparar algumas aves aquáticas para o jantar. Legrand estava num de seus acessos — como poderia eu denominá-los diversamente? — de entusiasmo. Encontrara uma concha bivalve desconhecida, formando novo *gênero* e, mais do que isso, caçara e apanhara, com o *auxílio* de Júpiter, um

scarabaeus^[4] que acreditava ser totalmente novo, mas a respeito do qual desejava conhecer minha opinião, no dia seguinte.

— E por que não esta noite? — perguntei, esfregando as mãos por cima do fogo e desejando que toda raça dos *scarabaei* fosse para o inferno.

— Ah! Se eu tivesse sabido que você estava aqui! — disse Legrand. — Mas faz tanto tempo que não o vejo; e como podia eu prever que você viria visitar-me, logo nesta noite, grande entre todas? Ao vir para casa, encontrei-me com o tenente G..., do forte, e, muito doidamente, emprestei-lhe o escaravelho; de modo que, para você, é impossível vê-lo antes que amanheça. Fique aqui esta noite e mandarei Júpiter descer, ao nascer do sol. É a coisa mais bela da criação!

— O quê? O nascer do sol?

— Ora... não! O escaravelho. É de uma brilhante cor de ouro, mais ou menos do tamanho de uma noz grande, com duas manchas, negras de azeviche, perto de uma das extremidades das costas, e uma outra, um pouco mais comprida, na outra extremidade. As antenas se dilatam...

— *Não tem* nada de lata nele não, sinhô Will, estou apostando — interrompeu aí Júpiter. — O escaravéio é um escaravéio de ôro maciço, cada pedacinho dele, por dentro e tudo menos as asa. Eu nunca vi um escarvéio nem a metade mais pesado, em toda a minha vida.

— Bem, suponhamos que é, Jup — replicou Legrand, algo mais vivamente, pareceu-me, do que o caso requeria. — É isso algum motivo para você deixar as aves queimarem? A cor — e aí ele voltou-se para mim — é realmente quase capaz de afiançar a opinião de Júpiter. Você nunca viu um brilho metálico mais cintilante do que o emitido pela casca *dele*. Mas, sobre isso, você poderá julgar amanhã. Até lá, vou dar-lhe alguma ideia do formato.

Dizendo isso, sentou-se a uma mesinha, em que havia pena e tinta, porém não papel. Procurou alguma folha numa gaveta, mas não encontrou.

— Não faz mal — disse, por fim. — Isto servirá.

E tirou do bolso do colete um pedaço do que eu tomei por um gorro muito sujo e fez nele, com a pena, rápido desenho. Enquanto o fazia,

conservei-me na cadeira junto ao fogo, pois estava ainda com frio. Quando o desenho ficou pronto, ele me entregou, sem levantar-se. No momento em que eu o recebia, ouviu-se um alto grunhido, seguido de arranhões na porta. Júpiter abriu-a e um grande cão Terra Nova, que pertencia a Legrand entrou correndo, pulou sobre meus ombros e cumulou-me de festas, pois eu lhe dedicara muita atenção em visitas anteriores. Quando suas brincadeiras terminaram, olhei para o papel e, para falar verdade, achei-me não pouco intrigado com o que meu amigo desenhara.

— Bem! — disse eu, depois de contemplá-lo por alguns minutos. — Esse é um estranho *escarabaeus*, devo confessá-lo; para mim, é novo; nunca vi coisa alguma como ele, antes, a não ser um crânio, ou uma caveira, com o que ele se parece mais do que qualquer coisa que já esteve sob a *minha* observação.

— Uma caveira! — repetiu Legrand. — Oh! Sim! Bem... Ele tem algo dessa aparência, no papel, sem dúvida, As duas manchas pretas do alto assemelham-se aos olhos, hem? E a mais comprida, em baixo, assemelha-se à boca... Depois, a forma do conjunto é oval.

— Talvez seja isso — disse eu. — Mas, Legrand, receio que você não seja artista. Devo esperar até ver o próprio bicho, se quiser formar uma ideia de sua aparência pessoal.

— Bem, não sei... — disse ele, um pouco irritado. — Eu desenho toleravelmente; pelo menos, *deveria* desenhar; tive bons professores e orgulho-me de não ser um imbecil.

— Mas, meu caro, então você está brincando — falei. — Isto é um *crânio* bem passável... de fato posso dizer que é um crânio *excelente*, de acordo com as noções vulgares sobre tais espécimes da fisiologia. E seu *scarabaeus* deve ser o mais esquisito do mundo, se se parecer com isto. Ora, poderíamos extrair uma impressionante superstição desse esboço. Presumo que você chamará o escaravelho *scarabaens caput hominis*, ou qualquer coisa desse gênero. Piá muitos títulos semelhantes nas Histórias Naturais. Mas, onde estão as antenas de que você falou?

— As antenas? — disse Legrand, que parecia estar-se tornando

inexplicavelmente furioso com o assunto. — Estou certo de que você deve ver as antenas. Fi-las tão nítidas como são no inseto original e julgo que é suficiente.

— Bem... bem... talvez você tenha feito — disse eu. — Contudo, não as vejo.

E passei-lhe o papel, sem observação adicional, não desejando exasperar-lhe o temperamento. Mas muito surpreendido estava com a reviravolta que as coisas sofreram; seu mau humor me intrigava. E, quanto ao desenho do bicho, positivamente *nenhuma antena* era visível e o conjunto *possuía* uma semelhança muito estreita com os desenhos comuns de uma caveira.

Ele recebeu o papel, muito impaciente, e estava a ponto de amarfanhá-lo, aparentemente para atirá-lo ao fogo, quando uma olhadela casual ao desenho pareceu de súbito prender-lhe a atenção. Num instante seu rosto enrubesceu com violência, e noutro ficou excessivamente pálido. Durante alguns minutos continuou a pesquisar o desenho, acuradamente, do lugar onde se sentava. Afinal, levantou-se, apanhou uma vela na mesa e foi sentar-se sobre uma arca de viagem, no canto mais distante do aposento. Ali de novo, procedeu a um exame ansioso do papel, virando-o em todas as direções. Nada disse, todavia, e essa conduta grandemente me assombrou; achei de prudência, porém, não exacerbar o crescente mau humor de seu temperamento com qualquer comentário. Depois, ele tirou do bolso do colete a carteira, colocou o papel dentro dela, cuidadosamente, e depositou-a numa escrivaninha, que fechou à chave. Tornou-se então mais comedido em seus modos, mas o aspecto primitivo de entusiasmo desaparecera por inteiro. Contudo, não parecia tão de mau humor quanto abstraído. À medida que a noite avançava, ele se tornava cada vez mais perdido em sonhos, dos quais não o podia despertar qualquer de minhas observações. Fora minha intenção passar a noite na cabana, como antes frequentemente fizera, mas, vendo naquela disposição de ânimo o dono da casa, considerei mais prudente despedir-me. Ele não insistiu para que eu ficasse, mas, quando parti, apertou-me a mão com cordialidade além da costumeira.

Foi cerca de um mês depois disso (e durante esse intervalo eu nada soubera de Legrand) que recebi, em Charleston, a visita de seu criado, Júpiter. Eu nunca vira o bom negro velho com aparência tão assustada e temi que algum sério desastre tivesse sobrevindo a meu amigo.

— Bem, Jup — falei. — Que há agora? Como vai seu patrão?

— Ora, prá falá verdade, sinhô, ele num vai tão bem cumo devia sê.

— Não vai bem? Sinto muito em saber disso. De que é que ele se queixa.

— Taí! É isso. Ele num queixa de nada... mas ele está muito doente, muito mesmo.

— *Muito* doente, Júpiter? Por que você não disse isso logo? Ele está de cama?

— Num tá, não. Ele num acha lugá nenhum bão. Aí é que a porca torce o rabo. Tou cum a cabeça tonta por causa do pobre sinhô Will.

— Júpiter, eu gostaria de entender o que você está dizendo. Você falou que seu patrão está doente. Ele não lhe contou de que é que sofre?

— Ora, sinhô, é bobage ficá quebrano a cabeça com esse negócio. O sinhô Will num fala nada, diz que num tem coisa nenhuma. Mas então, porque é que ele fica prá lá e prá cá, oiano pra onde anda, com a cabeça pra baixo e os ombro pra cima? E por que é que ele fica o tempo todo com uns numos...?

— Com o que, Júpiter?

— Fazendo uns numos e figuras na pedra, as figuras mais esquisitas que eu já vi. Eu já tô ficano com medo, palavra. Tenho de ficá com os óio pregado em riba dele só. Trodia, ele me escapuliu antes do sol nascê e ficou sumido todo o santo dia. Eu tinha cortado uma boa vara, prá dá um bom ezempro nele, quando ele vortasse, mas eu sô tão bobo que num tenho coração pra fazê isso... Ele tava com uma cara tão triste...

— Hem? Como? Ah! Sim... Afinal de contas, eu acho que você fez melhor em não ser tão severo com o coitado. Não bata nele, Júpiter. Ele pode muito bem não aguentar isso. Mas você não faz uma ideia do que é que

causou essa doença, ou antes, essa mudança de procedimento? Aconteceu alguma coisa desagradável desde que eu estive lá?

— Não, sinhô. Num teve nada desagradável *desde* esse dia. Foi *antes* disso, eu acho. Foi mesmo no dia que o sinhô teve lá.

— Como? Que é que você quer dizer?

— Ora, sinhô, eu quero dizê o escarvéio, taí!

— O quê?

— O escarvéio. Tô com toda a certeza de que sinhô Will foi mordido, lá por perto da cabeça, por aquele escarvéio de oro.

— E que motivo você tem para essa suposição, Júpiter?

— Ele tem puã que chega, sinhô, e boca também. Eu nunca vi um escarvéio tão encapetado. Ele bate e morde em tudo o que chegá perto. Sinhô Will apanho ele primeiro, mas teve de deixá êleembora depressa outra vez, to-lhe falando... Foi nessa ocasião que ele deve tê dado a mordida. Eu num gosto do jeito da boca do escarvéio, de modo nenhum. Assim, eu num ia pegá nele cum meus dedo, mas agarrei ele cum pedaço de papel, que eu achei. Enrolei ele no papel e enfiei um pedaço na boca dele. Foi assim que eu fiz.

— E você pensa, então, que seu patrão foi picado pelo bicho e que a picada é que o fez ficar doente?

— Eu num penso, nada. Eu sei. O que é que faz ele ficá variano por causa de ôro, se num é a mordida do escarvéio de ôro? Eu já ouvi falá desses escarvéio de ôro, antes disso.

— Mas como é que você sabe que ele sonha com ouro?

— Como é que eu sei? Ora, porque ele fala disso, enquanto tá dormino. Taí como é que eu sei.

— Bem, Jup, talvez você tenha razão. Mas, a que afortunada circunstância devo atribuir a honra de sua visita, hoje?

— Que é que é isso, sinhô?

— Você traz algum recado do Sr. Legrand?

— Não, sinhô. Eu trago é esta carta.

E aí Júpiter me entregou um bilhete, que rezava assim:

“Meu caro...

Por que não o tenho visto, há tanto tempo? Espero que você não tenha caído na infantilidade de ofender-se com qualquer pequena rudeza de minha parte; mas, não; isso é improvável.

Desde que o vi, tenho tido grandes motivos de ansiedade. Tenho algo a dizer-lhe e, contudo, mal sei como falar, nem se devo falar de algum modo.

Não tenho andado muito bem, nestes últimos dias, e o pobre velho Júpiter me irrita quase além do suportável, com suas significativas atenções. Você acreditará que ele preparou uma pesada vara, no outro dia, para castigar-me, por ter escapulado dele e passado o dia, *solus*, entre as colinas do continente? Acredito, deveras, que só minha aparência doentia me salvou de uma surra...

Não fiz qualquer acréscimo à minha coleção, desde que nos encontramos.

Se você puder, de qualquer modo, fazê-lo sem inconveniente, venha com Júpiter. *Venha*. Desejo vê-lo, *esta noite*. É assunto de importância. Asseguro-lhe que é da *mais alta* importância.

Sempre seu, WILLIAM LEGRAND.”

Havia algo, no tom desse bilhete, que me causou grande incômodo. Todo o seu estilo diferia completamente do de Legrand. Com que poderia estar ele sonhando? Que nova excentricidade dominava seu cérebro excitável? Que “negócio da mais alta importância” podia *ele*, possivelmente, ter a realizar? O que Júpiter me dissera dele não afiançava nada de bom. Eu temia que a contínua pressão da má sorte, afinal, tivesse inteiramente

desarranjado a razão de meu amigo. Sem um momento de hesitação, por conseguinte, preparei-me para acompanhar o negro.

Ao chegar ao cais, notei uma foice e três pás, todas aparentemente novas, no fundo do bote em que devíamos embarcar.

— Que quer dizer isso tudo, Jup? — interroguei.

— Foice, sinhô, e pá.

— Muito bem; mas que é que elas estão fazendo aí?

— É a foice e as pá que sinhô Will falô pra eu comprá pra ele na cidade, e foi o diabo o dinheirão que eu tive de dá por elas.

— Mas, por tudo quanto é misterioso, que é que seu “sinhô Will” vai fazer com foices e pás?

— Taí uma coisa que eu num sei e um raio me parta se eu num aquerdito que ele também num sabe. Mas isso” tudo é coisa do escarvéio.

Verificando que nada de satisfatório podia obter de Júpiter, cuja mente parecia estar inteiramente absorvida pelo “escarvéio”, entrei no bote e soltei a vela. Com bela e forte brisa, logo corremos para a pequena angra, ao norte do Forte Moultrie, e uma caminhada de cerca de duas milhas levou-nos à cabana. Eram quase três horas da tarde quando chegamos. Legrand estivera a esperar-nos, com ansiosa expectativa. Apertou-me a mão, com um aperto nervoso, que me alarmou e fortaleceu as suspeitas já entretidas. Seu rosto estava pálido até a lividez e seus olhos, fundos, brilhavam com um clarão anormal. Depois de algumas perguntas, relativas à sua saúde, interroguei-o, não sabendo que coisa melhor dizer, sobre se recebera do tenente G... o *scarabaeus*.

— Oh! Sim! — replicou ele, corando violentamente. — Recebi-o dele, na manhã seguinte. Nada me podia tentar a separar-me desse *scarabaeus*. Você sabe que Júpiter tem toda a razão acerca dele?

— De que modo? — perguntei, com triste pressentimento no coração.

Ao supor que ele é um escaravelho de *ouro autêntico*.

Falou isso com aspecto de profunda seriedade e senti-me indizivelmente perturbado.

— Esse escaravelho vai fazer minha fortuna — continuou ele, com sorriso triunfante. — Vai reinstalar-me na posse do que era de minha família. É qualquer coisa de admirar, então, que eu o aprecie tanto? Desde que a Fortuna achou conveniente conceder-me, só tenho que usá-lo de modo adequado e chegarei até o ouro de que ele é o indício. Júpiter, traga-me aquele *scarabaeus*!

— O quê? O escarvéio, sinhô? Eu acho mió num tê trabaio com aquele escarvéio. O sinhô mesmo apanhe ele.

Aí Legrand levantou-se, com ar grave e imponente, e trouxe-me o bicho, tirando-o de uma caixa de vidro em que ele estava encerrado. Era um belo *scarabaeus* de tipo, naquele tempo, desconhecido para os naturalistas e naturalmente de grande valor, do ponto de vista científico. Havia duas manchas negras e redondas, perto de uma das extremidades das costas, e outra comprida mancha, perto da outra extremidade. A casca era enormemente dura e brilhante, com toda a aparência de ouro brunido. O peso do inseto era bem digno de nota e, tomando tudo isso em consideração, eu mal poderia censurar Júpiter por sua opinião, relativamente a ele; mas, por minha vida, não podia dizer que fazer, quanto à concordância de Legrand com essa opinião.

— Mandei buscá-lo — disse ele, num tom grandiloquente — mandei buscá-lo para poder ter seu conselho e auxílio, a fim de favorecer os desígnios da Sorte e do escaravelho...

— Meu caro Legrand — gritei eu, interrompendo-o —, você com certeza não está bem e faria melhor se tomasse algumas pequenas precauções. Deve ir para a cama, eu ficarei com você alguns dias, até que recobre a saúde. Você está com febre e...

— Tome meu pulso — disse ele.

Tomei-lhe o pulso e, para falar a verdade, não achei o mais leve indício de febre.

— Mas você pode estar doente e, contudo, não ter febre. Permita-me que, desta vez, me faça de médico para você. Em primeiro lugar, vá para a cama. Em segundo lugar...

— Você está enganado — interrompeu ele. — Sinto-me tão bem quanto seria de esperar, no estado de excitação em que me encontro. Se você realmente se interessa pela minha saúde, trate de aliviar-me dessa excitação.

— E como se há de fazer?

— Muito facilmente. Júpiter e eu vamos fazer uma expedição às colinas, no continente, e nessa expedição necessitamos do auxílio de alguma pessoa em quem possamos confiar. Você é a única que nos merece essa confiança. Se formos bem-sucedidos ou fracassarmos, a excitação que você agora percebe em mim será, igualmente, aliviada.

— Tenho o maior desejo em servi-lo, de qualquer maneira — respondi. — Mas pretende você dizer que esse infernal escaravelho tem alguma relação com sua expedição às colinas?

— Tem.

— Então, Legrand, não posso tomar parte numa empresa tão absurda.

— Sinto muito... sinto muito, pois teremos de tentá-la nós mesmos.

— Pois tentem-na vocês! Este homem está seguramente maluco! Mas, vejamos. Quanto tempo se propõe você ficar ausente?

— Provavelmente a noite inteira. Partiremos agora mesmo e estaremos de volta, de qualquer modo, ao amanhecer.

— E você me promete, sob palavra de honra, que, quando tiver passado esse capricho de vocês e o negócio do escaravelho (bom Deus!) estiver resolvido, para satisfação sua, voltará então para casa e seguirá estritamente meu conselho, como se fosse o seu médico?

— Sim, prometo. Agora, partamos, pois não temos tempo a perder.

De coração oprimido, acompanhei meu amigo. Pusemo-nos a caminho, cerca de quatro horas, Legrand, Júpiter, o cachorro, e eu. Júpiter tinha consigo a foice e as pás, pois insistira em carregar todas, mais por medo, pareceu-me, de deixar qualquer daqueles utensílios ao alcance de seu patrão, do que por qualquer excesso de solicitude ou complacência. Sua fisionomia estava extremamente carrancuda e “esse mardito escarvéio” foram as únicas palavras que escaparam de seus lábios, durante o trajeto. Pela minha parte,

estava encarregado de um par de lanternas furta-fogo, enquanto Legrand contentava-se com o *scarabaeus*, que levava amarrado à ponta de um pedaço de barbante fazendo-o girar, para lá e para cá, com o ar de um prestidigitador, enquanto caminhava. Ao observar esta última e plena prova da aberração mental de meu amigo, mal podia eu reter as lágrimas. Pensei, porém, que seria melhor satisfazer-lhe a fantasia, pelo menos um momento, ou até que eu pudesse adotar medidas mais enérgicas, com probabilidade de êxito. Entrementes tentei, mas completamente em vão, sondá-lo a respeito do objetivo da caminhada. Tendo conseguido induzir-me a acompanhá-lo, não parecia desejar travar conversa sobre qualquer assunto de menor importância. E a todas as minhas perguntas não se dignava dar outra resposta senão: “Veremos!”

Cruzamos o braço de mar na ponta da ilha, por meio de um esquife e, subindo os terrenos altos da praia do continente, continuamos na direção noroeste, através de um trecho de terras expressivamente agrestes e desoladas, onde não se via vestígio algum de passo humano. Legrand seguia na dianteira, com decisão, parando apenas um instante, aqui e ali, para consultar o que parecia ser certos marcos, por ele mesmo colocados em ocasião anterior. Caminhamos, assim, cerca de duas horas, e o sol estava a ponto de pôr-se quando penetramos numa região infinitamente mais sinistra do que qualquer outra até então vista. Era uma espécie de tabuleiro, perto do cume de uma colina quase inacessível, densamente coberta da base ao cimo e entremeada de imensos penhascos, que pareciam estar soltos sobre o solo e, em muitos casos, só não se precipitavam nos vales, lá em baixo, graças ao suporte dos troncos contra os quais se reclinavam. Profundas ravinas, em várias direções, davam ao cenário um ar de solenidade ainda mais severo.

A plataforma natural, sobre a qual havíamos grimpado, estava espessamente coberta de sarças, através das quais logo descobrimos que seria impossível abrir caminho, a não ser por meio da foice; e Júpiter, por ordem de seu patrão, começou a rasgar para nós uma estrada, até o pé de um tulipeiro gigantesco, que se erguia, com uns oito ou dez carvalhos, sobre o planalto, e os ultrapassava, a todos, bastante, bem como a todas as outras

árvores que até então eu vira, pela beleza da folhagem e da forma, pela vasta circunferência dos ramos e pela majestade geral de seu aspecto. Ao alcançarmos essa árvore, Legrand voltou-se para Júpiter e perguntou-lhe se achava que podia subir por ela. O velho pareceu um tanto aturdido com essa pergunta e, durante alguns instantes, não deu resposta. Afinal, aproximou-se do imenso tronco, andou devagar em tórno dele e examinou-o com minuciosa atenção. Terminado o exame, disse simplesmente:

— Sim, sinhô. Jup sobe em quarqué arve que ele nunca não viu na sua vida.

— Então suba, o mais depressa possível, pois em breve estará demasiado escuro para ver o que devemos fazer.

— Até aonde eu tenho de assubi, sinhô? — perguntou Júpiter.

— Suba primeiro pelo tronco principal e, depois, eu lhe direi que caminho deverá tomar... ah! Espere! Leve esse escaravelho com você.

— O escarvéio, sinhô Will? O escarvéio de ôro? — gritou o negro, recuando de medo. — Pur que é que eu tenho de levá o escarvéio prá cima da arve? Que eu me dane se fizé isso!

— Se você tem medo, Jup, um negralhão como você, de pegar num pequeno escaravelho morto e inofensivo, pode levá-lo por este barbante. Mas se, de qualquer modo, não quiser levá-lo consigo lá para cima, serei forçado a quebrar sua cabeça com esta pá.

— Que negócio é esse sinhô? — disse Júpiter, evidentemente envergonhado, a ponto de se tornar mais condescendente. — Sempre quereno armá barúio com o nego véio... Eu tava só brincano! *Eu*, tê medo de escarvéio? Nem tou ligando pra ele!

Aí pegou com precaução a extremidade do barbante e, mantendo o inseto tão longe de sua pessoa quanto as circunstâncias lhe permitiam, preparou-se para subir à árvore.

Quando novo, o tulipeiro, ou *Liriodendron Tulipiferum*, o mais majestoso dos habitantes da floresta americana, tem um tronco caracteristicamente liso e muitas vezes se eleva a grande altura, sem ramos

laterais; mas, chegando à maturidade, a casca torna-se rugosa e desigual, enquanto muitos galhos pequenos aparecem sobre o tronco. Assim, a dificuldade da ascensão, no caso presente, era mais aparente que real. Abraçando o enorme cilindro o mais estreitamente possível, com os braços e os joelhos, agarrando com as mãos alguns dos brotos e descansando os dedos nus sobre outros, Júpiter, depois de ter escapado de cair uma ou duas vezes, por fim içou-se até à primeira grande forquilha, parecendo considerar a coisa toda como virtualmente executada. Na realidade, o *risco* da empresa havia passado, embora o negro estivesse a sessenta ou setenta pés do solo.

— Prá donde devo agora, sinhô Will? — perguntou ele.

— Vá subindo pelo galho mais grosso, o daquele lado — disse Legrand.

O negro obedeceu-lhe prontamente e, ao que parece, sem muita dificuldade, subindo cada vez mais alto, até que não se conseguia vislumbrar seu vulto agachado, através da densa folhagem, que o cercava. Nesse momento, ouviu-se sua voz, numa espécie de grito, numa espécie de grito.

— Até onde eu tenho de assubi ainda?

— A que altura você está? — perguntou Legrand.

— Tão arto, tão arto — replicou o negro — que tou podendo vê o céu pelo arto da arve.

— Não se preocupe com o céu, mas preste atenção ao que eu digo. Olhe para o tronco em baixo e conte os galhos abaixo de você, deste lado. Quantos galhos você passou?

— Um, dois, treis, quatro, cinco... Passei cinco *gaios* grandes deste lado sinhô.

— Então, suba um galho mais alto.

Em poucos minutos ouviu-se novamente a voz, anunciando que o sétimo galho fora atingido.

— Agora, Jup — gritou Legrand, evidentemente bastante excitado — quero que você vá andando por esse galho, até onde puder. Se vir qualquer coisa estranha, me diga.

Desta vez, qualquer pequena dúvida que eu pudesse ainda entreter a respeito da insanidade de meu pobre amigo foi, por fim, desfeita. Não tinha outra alternativa senão concluir que ele estava atacado de loucura e fiquei seriamente ansioso por fazê-lo voltar à casa. Enquanto ponderava sobre o que seria melhor, ouviu-se de novo a voz de Júpiter.

— Tô com muito medo de me arriscá nesse gáio mais longe... Ele tá quase todo podre.

— Você está dizendo que é um galho *podre*, Júpiter? — gritou Legrand, com voz trêmula.

— Nhô, sim. Tá podre que nem uma tranca veia. Podrinho da sirva. Não tá prestano mais pra nada.

— Em nome do céu, que devo fazer? — perguntou Legrand, demonstrando o maior desespero.

— Que fazer? — disse eu, alegre por encontrar uma oportunidade de intercalar uma palavra. — Ora, ir para casa e deitar-se. Vamos embora! Não seja teimoso! Está ficando tarde, e além disso não deve esquecer-se de sua promessa.

— Júpiter! — gritou ele, sem me dar nenhuma atenção. — Está-me ouvindo?

— Nhô, sim, sinhô Will, tô escuitando o sinhô muito bem.

— Experimente, então, o galho com seu canivete e veja se ele está muito podre.

— Ele, tá podre, sinhô, e muito mesmo — replicou o negro, em poucos momentos. — Mas num tá tão podre como devia tá. Eu, sozinho, posso me arriscá mais um bocado pelo gáio.

— Você sozinho? Que é que você quer dizer?

— Ora, tô falano do escarvéio. Ele é muito pesado! Se eu sortasse ele primeiro, então o gáio não ia se quebrá, só com o peso de um nego.

— Velhaco dos infernos! — gritou Legrand, aparentemente muito aliviado. — Que é que você está pensando para falar uma asneira dessas? Se você soltar esse escaravelho, palavra que lhe quebro o pescoço. Escute aqui

Júpiter. Você está me ouvindo?

— Tô sim, sinhô. Num é perciso gritá pro pobre nego desse jeito!

— Bem! Então escute! Se você se arriscar pelo galho, até onde puder chegar sem perigo, e não soltar o escaravelho, eu lhe darei um dólar de prata de presente, logo que você descer.

— Tô ino, sinhô Will... Tá feito — replicou o negro, bem depressa. — Tô agora quase na pontinha.

— *Na ponta!* — gritou satisfeito Legrand. — Você diz que está na ponta desse galho?

— Tô chegando no fim, sinhô... Ooooooooooooooh! Váia-me Deus! Que é isso aqui em cima da arve?

— Bem! — gritou Legrand, altamente satisfeito —, que é?

— Uai! Prá mim isso é uma caveira! Arguem deixo a cabeça dele aqui em riba da arve e os corvo comero tudo quanto era pedaço de carne.

— Urna caveira, foi o que você disse? Muito bem!... Como é que ela está presa no galho? Que é que a segura?

— Sei não, sinhô. Vô espiá. Taí, palavra que é uma coisa muito esquisita... Tem um prego enorme na caveira, pregando ela na arve.

— Bem. Agora, Júpiter, faça exatamente como eu vou dizer.

— Sim, sinhô.

— Preste atenção, então. Procure o olho esquerdo da caveira.

— Humm humm! Tá bem! Mas ela num tem oio esquerdo nenhum.

— Maldita estupidez. Você não sabe distinguir sua mão direita da esquerda.

— Sei. Isso eu sei... Sei muito bem. É com a mão esquerda que eu racho a lenha.

— Muito bem. Você é canhoto. E seu olho esquerdo está do mesmo lado de sua mão esquerda. Acho que agora você já sabe achar o olho esquerdo da caveira, ou o lugar onde ele estava. Achou?

Houve um prolongado intervalo. Por fim o negro falou:

— O oio esquerdo da caveira tá também do mesmo lado da mão esquerda dela? É porque a caveira não tem nem um pedacinho de mão nenhuma... Num faz mal. Achei o oio esquerdo agora. Tá aqui o oio esquerdo. Que é que eu vô fazê com ele?

— Deixe o escaravelho cair por dentro dele, até onde o barbante der. Mas tenha cuidado e não largue o barbante!

— Tá tudo pronto, sinhô Will. Foi muito fácil pô o escarvéio pelo buraco. Oia ele lá em baixo.

Durante essa conversa nenhuma parte do corpo de Júpiter podia ser vista: mas o escaravelho, que ele fizera descer, era agora visível na ponta do cordel e cintilava, como um globo de ouro brunido, aos últimos raios do sol poente, alguns dos quais ainda iluminavam debilmente o cume sobre que nos achávamos. O *scarabaetis* pendia inteiramente livre de quaisquer galhos e, se deixado cair, tombaria a nossos pés. Legrand imediatamente tomou da foice e limpou com ela um espaço circular, de três ou quatro jardas de diâmetro, bem por baixo do inseto. E, tendo feito isso, ordenou a Júpiter que soltasse o barbante e descesse da árvore.

Fincando uma cunha, com grande cuidado, no lugar preciso em que o escaravelho caiu, meu amigo tirou então, do bolso, uma fita métrica. Amarrando uma ponta da mesma ao ponto da árvore que estava mais próximo da cunha, desenrolou-a até alcançar a cunha e tornou a desenrolá-la, na direção já estabelecida pelos dois pontos da cunha e da árvore, pela distância de cinquenta pés. Júpiter ia limpando as sarças com a foice. No lugar assim atingido, foi cravada segunda cavilha e em volta desta, como centro, traçou ele um círculo grosseiro, de cerca de quatro pés de diâmetro. Apanhando então uma pá e dando uma a Júpiter e a outra a mim, Legrand pediu-nos que cavássemos, tão depressa quanto possível.

Para falar verdade, eu nunca tive predileção por tal divertimento, em tempo algum, e naquele momento particular de boa vontade teria recusado, pois a noite ia chegando e me achava muito fatigado com o exercício já feito. Mas não vi jeito de escapar e temia perturbar a serenidade de meu pobre amigo com uma recusa. Se eu, de fato, pudesse confiar na ajuda de Júpiter,

não teria hesitado em tentar carregar o lunático para casa, à força; mas conhecia demasiado bem a disposição de ânimo do velho negro, para crer que ele me ajudaria, sob quaisquer circunstâncias, numa disputa pessoal com seu patrão. Não tinha dúvida de que este último era vítima de alguma das inúmeras superstições meridionais acerca de ouro enterrado e de que tal fantasia recebera confirmação pela descoberta do *scarabaeus*, ou, talvez, pela obstinação de Júpiter em asseverar que era “um escarvêio de ôro de verdade”. Um espírito disposto à loucura seria facilmente conduzido por semelhantes sugestões, especialmente se as mesmas se harmonizassem com ideias favoráveis e preconcebidas. Recordei-me, então, da conversa do coitado acerca ele ser o escaravelho “o indício de sua fortuna”. Por causa de tudo isso eu me sentia tristemente aborrecido e incomodado, mas afinal resolvi fazer do mal um bem e cavar com boa vontade, para que assim o visionário se convencesse mais cedo, pela demonstração de seus olhos, da inutilidade das opiniões que entretinha.

Acesas as lanternas, entregamo-nos ao trabalho com um zelo digno de causa mais racional; e ao cair o clarão sobre nossas pessoas e objetos, não pude deixar de pensar no grupo pitoresco que compúnhamos e quão estranhas e suspeitas nossas ações deveriam parecer a qualquer intruso que, por acaso, pudesse surgir onde nos achávamos.

Cavamos bem firmemente, durante duas horas. Pouca coisa se disse. E nosso embaraço principal estava nos latidos do cachorro, que tomava especial interesse em nossa tarefa. Afinal, ele se tornou tão impertinente que tivemos receio de que desse o alarme a algum desgarrado que andasse nas vizinhanças. Ou, antes, esse era o temor de Legrand, pois eu me sentiria alegre em qualquer interrupção que me permitisse levar o alucinado para casa. O barulho, por fim, foi muito eficazmente silenciado por Júpiter, que, saindo do buraco, com ar carrancudo de resolução, amarrou a cabeça do bicho com um de seus suspensórios e depois voltou, com um risinho sério, à sua tarefa.

Quando o tempo mencionado expirara, alcançáramos uma profundidade de cinco pés e, contudo, nenhum sinal de qualquer tesouro se

manifestara. Seguiu-se uma pausa geral e comecei a esperar que a farsa estivesse no fim. Legrand, contudo, embora evidentemente muito desapontado, enxugou a testa, pensativo, e recomeçou. Cavávamos todo o círculo de quatro pés de diâmetro e agora, pouco a pouco, alargávamos o limite, chegando a cavar mais dois pés de profundidade. Nada apareceu, todavia. O procurador de ouro, de quem eu sinceramente me apiedava, pulou afinal do buraco, com o mais amargo desaponto impresso em todos os traços do rosto, e pôs-se, vagarosamente e relutantemente, a vestir o paletó, que atirara fora ao começar o serviço. Entrementes, eu não fiz qualquer observação. Júpiter, a um sinal do patrão, começou a juntar as ferramentas. Feito isso e desamordaçando o cachorro, voltamos para casa, em profundo silêncio.

Déramos, talvez, doze passos nessa direção, quando, com um alto palavrão, Legrand saltou sobre Júpiter e agarrou-o pelo pescoço. O negro, atônito, abriu os olhos e a boca até onde foi possível, soltou as pás e caiu de joelhos.

— Vagabundo! — disse Legrand, sibilando as sílabas, por entre os dentes cerrados. — Negro dos diabos! Fale, estou-lhe dizendo! Responda-me neste instante, sem querer enganar-me. Qual é... qual é seu olho esquerdo?

— Oh! Meu Deus! Sinhô Will! Então num é este aqui meu oio esquerdo? — grunhiu o terrificado Júpiter, colocando a mão sobre o órgão *direito* da visão e conservando-a ali, com desesperada pertinácia, como se temesse uma tentativa imediata de seu patrão para arrancá-lo.

— Bem eu pensei! Eu sabia disso! Viva! — vociferou Legrand, soltando o negro e executando uma série de piruetas e cambalhotas, para grande espanto do criado, que, erguendo-se de sobre os joelhos, olhava, mudo, de seu patrão para mim e de mim para seu patrão.

— Venham! Precisamos voltar! — disse este último. — A partida não foi perdida ainda.

E de novo caminhou para o tulipeiro.

— Júpiter — disse ele, quando o acompanhamos. — Venha cá! A caveira estava pregada ao galho com a face para fora ou com a face para o

ramo?

— A cara tava pra fora, sinhô, e assim os corvo pudero chegá bem nos oio, sem trabáio nenhum.

— Bem. Então foi por este olho ou por aquele que você deixou cair o escaravelho? — e aí Legrand apontou para cada um dos olhos de Júpiter.

— Foi por este oio, sinhô... o oio esquerdo... certinho como o sinhô me disse. — E aí era o olho direito o que o negro indicava.

— Pois vamos! Devemos tentá-lo de novo.

Aí meu amigo, em cuja loucura agora eu via, ou imaginava ver, certos indícios de método, removeu a cavilha que marcava o lugar onde o escaravelho caiu para um lugar cerca de três polegadas para oeste de sua primitiva posição. Tomando, depois, a fita métrica do ponto mais próximo do tronco até a cavilha, como antes, e continuando a estendê-la em linha reta até a distância de cinquenta pés, foi indicado um lugar afastado várias jardas do ponto em que tínhamos estado cavando.

Em tôrno da nova posição, um círculo, um tanto maior do que no caso anterior foi agora traçado e nós de novo pusemo-nos a trabalhar com a pá. — Eu estava terrivelmente cansado, mas, mal compreendendo o que havia causado a mudança em meus pensamentos, não sentia mais nenhuma grande aversão pelo trabalho imposto. Tinha-me tornado mais inexplicavelmente interessado, e não só, até mesmo excitado. Talvez houvesse algo, em meio de todas as atitudes extravagantes de Legrand, certo ar de previsão, ou de decisão, que me impressionava. Cavei com afinco e, de vez em quando, me surpreendia realmente aguardando, com algo que muito se assemelhava à expectativa, o imaginado tesouro, cuja visão havia dementado meu infeliz companheiro. Ao tempo em que tais devaneios de pensamento maiormente se apoderaram de mim e quando já estávamos a trabalhar talvez uma hora e meia, fomos de novo interrompidos pelos violentos latidos do cão. Sua inquietação, no primeiro caso, tinha sido, evidentemente, apenas o resultado de brincadeira, capricho, mas agora assumia um tom mais amargo e sério. À nova tentativa de Júpiter para amordaçá-lo, ele ofereceu furiosa resistência e, pulando para dentro do buraco, começou a cavar a terra, freneticamente, com

as patas. Em poucos segundos tinha descoberto um monte de ossos humanos, formando dois esqueletos completos, entremeados de vários botões de metal e do que parecia ser a poeira de lã apodrecida. Uma das pazadas puseram a descoberto a lâmina de uma faca espanhola e, ao cavarmos mais fundo, três ou quatro moedas de ouro e de prata vieram a lume.

A vista delas, a alegria de Júpiter mal pôde ser contida, mas a fisionomia de seu patrão apresentava um ar de extremo desaponto. Insistiu conosco, porém, a que continuássemos nossos esforços e, mal as palavras acabavam de ser pronunciadas, eu cambaleei e caí para a frente, tendo enfiado a ponta de minha bota num grande anel de ferro, que jazia semienterrado na terra solta.

Trabalhávamos, agora, com verdadeira ânsia e nunca passei dez minutos de mais intensa excitação. Durante este intervalo, havíamos completamente desenterrado uma arca oblonga, de madeira, que, pela sua perfeita conservação e maravilhosa resistência, evidenciava plenamente ter sido sujeita a algum processo de mineralização, talvez o do bicloreto de mercúrio. Esta caixa tinha três pés e meio de comprimento, três pés de largura e dois e meio de altura. Estava firmemente fechada por aros de ferro fundido, com cravos, formando uma espécie de grade em volta da arca. De cada lado da caixa, perto da tampa, havia três anéis de ferro, seis ao todo, por meio dos quais seis pessoas poderiam agarrá-la com firmeza. Reunidos os nossos maiores esforços, mal pudemos afastar o cofre um pouquinho no seu leito. Percebemos imediatamente a impossibilidade de levantar tão grande peso. Felizmente, as únicas trancas da tampa consistiam em dois ferrolhos corrediços, que puxamos para trás, tremendo e vacilando de ansiedade. No mesmo instante tivemos ali, cintilando diante de nossos olhos, um tesouro de incalculável valor. Como os raios de luz das lanternas caíssem dentro do poço, deste subia, irradiando, uma incandescência e um resplendor, provindos dum confuso montão de ouro e de joias, que nos deslumbrava completamente a vista.

Não pretenderei descrever os sentimentos que de mim se apossaram ao contemplar aquilo. Predominava, sem dúvida, o espanto. Legrand parecia

exausto e dizia muito poucas palavras. A fisionomia de Júpiter apresentou, por alguns minutos, a palidez mais mortal que é possível na ordem natural das coisas, um rosto de negro exhibir. Parecia estupefato, siderado. Logo em seguida caiu ajoelhado dentro do buraco e, mergulhando os braços, nus até os cotovelos, no ouro ali deixou-os ficar, como se gozasse a volúpia dum banho. Por fim, com um profundo suspiro, exclamou, como se falasse sozinho:

— E tudo isso vem do escarvéio de ôro! Do bunito escarvéio de ôro! O coitado do escarveinho de ôro que eu tanto descompus, chamei tanto nome feio! Ocê num tem vergonha disso não, seu nego? — Vamos, me arresponda!

Tornou-se necessário, por fim, que eu despertasse tanto o patrão como o criado, chamando-lhes a atenção para a urgência de remover o tesouro. Estava ficando tarde, e era conveniente que desenvolvêssemos certa atividade para ter tudo aquilo em casa, antes do amanhecer. Difícil foi combinarmos o que deveríamos fazer, e muito tempo perdemos a decidir-nos, tão confusas eram as ideias de todos nós. Finalmente, aliviámos o peso da caixa, removendo dois terços do seu conteúdo, e só então fomos capazes, com algum esforço, de tirá-la do buraco. Os objetos retirados foram depositados entre as sarças, ficando o cachorro a guardá-los, com estritas ordens de Júpiter para, sob nenhum pretexto, nem se afastar do lugar, nem abrir a boca, até voltarmos. Então, apressadamente, rumamos para casa, com a arca, tendo alcançado a cabana a salvo, mas depois de excessivo esforço, a uma hora da manhã. Esgotados como estávamos, ultrapassava as forças humanas fazer mais alguma coisa imediatamente. Descansamos até às duas horas e ceamos partindo para as colinas logo depois, munidos de três resistentes sacos, que havíamos encontrado, por felicidade, na cabana. Um pouco antes das quatro, chegamos ao buraco, dividimos o restante do butim, o mais igualmente possível, entre nós, e, deixando os buracos abertos, de novo partimos para a cabana, na qual, pela segunda vez, depositamos nossas cargas de ouro, justamente quando os primeiros fracos raios da madrugada apareciam a leste, luzindo por cima das copas das árvores.

Sentíamos-nos, agora, completamente esgotados, mas a intensa excitação daquele instante nos impedia de repousar. Depois dum sono

inquieta dumas três ou quatro horas de duração, despertamos, como se o houvésssemos combinado, para proceder ao exame do nosso tesouro.

A arca fora cheia até as bordas e passamos o dia inteiro e grande parte da noite inventariando seu conteúdo. Nenhuma ordem ou arranjo fora adotada. Tudo fora amontoado misturadamente. Depois de tudo classificado com cuidado, achamo-nos de posse duma riqueza muito mais vasta do que a princípio supuséramos. Em moedas, havia mais, muito mais, de quatrocentos e cinquenta mil dólares, estimando o valor do dinheiro, tão acuradamente como podíamos, de acordo com as tabelas da época. Não havia uma partícula de prata. Tudo era ouro de antiga data e de grande variedade: moedas francesas, espanholas e alemãs, com alguns guinéus ingleses e uns tantos miúdos, de que jamais havíamos visto modelos antes. Havia muitas moedas bem grandes e pesadas, tão gastas que nada se podia vislumbrar de suas inscrições. Não havia dinheiro americano. Mais dificuldade encontrávamos em avaliar o valor das joias. Havia diamantes, alguns deles excessivamente grandes e belos, cento e dez ao todo, e nenhum pequeno; dezoito rubis de notável brilho; trezentas e dez esmeraldas, todas lindíssimas, e vinte e uma safiras, além de uma opala. Essas pedras tinham sido, todas, arrancadas de seus engastes e atiradas de qualquer modo à arca. Os próprios engastes, que retiramos de entre outras peças de ouro, pareciam ter sido batidos com martelos, como para impedir a identificação. Além de tudo isso, havia uma enorme quantidade de pesados ornamentos de ouro, quase duzentos brincos e anéis maciços; ricas correntes, em número de trinta, se bem me lembro: oitenta e três crucifixos muito grandes e pesados; cinco turíbulo de ouro de grande valor; urna maravilhosa poncheira de ouro, ornamentada com folhas de parreira ricamente cinzeladas e figuras báquicas; dois punhos de espada, caprichosamente gravados em relevo, e muitos outros objetos menores, de que não me posso lembrar. O peso desses valores excedia de trezentas e cinquenta libras, bem pesadas; e nessa avaliação eu não incluí cento e noventa e sete soberbos relógios de bolso, três dos quais valiam, cada um, quinhentos dólares, no mínimo. Muitos deles eram muito velhos e, para marcar o tempo, inúteis, pois o mecanismo sofrerá, muito ou pouco, com a corrosão; mas eram todos ricamente cravejados de pedras, estando em estojos

de alto preço. Calculamos, naquela noite, que o inteiro conteúdo da arca valia um milhão e meio de dólares; e quando, depois, dispusemos dos berloques e joias (retendo poucas para nosso uso próprio) verificamos haver grandemente subestimado o tesouro.

Ao concluir, por fim, nosso exame, diminuída de algum modo a intensa excitação daquelas horas, Legrand, que viu que eu morria de impaciência, esperando uma solução desse extraordinaríssimo enigma, passou a detalhar, completamente, todas as circunstâncias relacionadas com ele.

— Você se lembra — disse ele — da noite em que eu lhe entreguei o toco desenho que fizera do *scarabaeus*. Você se recorda, também, de que eu fiquei completamente zangado com você, por sua insistência de que meu desenho se assemelhava a uma caveira. Quando você pela primeira vez fez essa afirmativa, pensei que estivesse brincando; mas depois recordei as manchas características das costas do inseto e concordei, comigo mesmo, em que sua observação tinha, de fato, alguma base. Contudo, a zombaria de minhas capacidades gráficas me irritou, pois sou considerado um bom artista; portanto, quando você me restituiu o pedaço de pergaminho, estive a ponto de rasgá-lo e atirá-lo, com raiva, ao fogo.

— O pedaço de papel, quer dizer — falei eu.

— Não: ele era muito parecido com o papel e, a princípio, eu supus que fosse isso, mas quando fui desenhar nele verifiquei logo que era um pedaço de pergaminho muito fino. Você se lembra de que estava inteiramente sujo. Bem, quando eu estava a amarrotá-lo, meu olhar caiu sobre o esboço para que você estivera olhando e você pode imaginar meu espanto quando, de fato, percebi a figura de uma caveira no mesmo lugar, pareceu-me, em que eu fizera o desenho do escaravelho. Por um momento fiquei demasiado atônito para pensar com clareza. Sabia que meu desenho era, em detalhes, muito diverso daquele, embora houvesse uma certa semelhança no contorno geral. Tomei então de uma vela e, sentando-me no outro canto do quarto, comecei a examinar o pergaminho mais de perto. Depois de virá-lo, vi meu próprio desenho no verso, tal como o havia feito. Minha primeira ideia, então, foi a

de simples surpresa, pela similaridade de contorno, realmente notável, e pela singular coincidência, envolvida no fato, para mim desconhecido, de que houvesse um crânio no outro lado do pergaminho, bem por baixo de meu desenho do *scarabaeus*, e de que esse crânio, não só no contorno, mas no tamanho, tão estreitamente se assemelhasse a meu desenho. Digo que a similaridade dessa coincidência me deixou estupefato por algum tempo. Tal é o efeito comum de coincidências tais. A mente luta para estabelecer uma relação, uma sequência de causa e efeito e, sendo incapaz de fazê-lo, experimenta uma espécie de paralisia temporária. Mas quando voltei a mim desse estupor, irrompeu em mim uma convicção, pouco a pouco, que me espantou, mesmo mais do que a coincidência. Comecei distintamente, positivamente, a recordar que *não havia* desenho algum sobre o pergaminho, quando fiz o esboço do *scarabaeus*. Fiquei perfeitamente certo disso, porque me lembrava de ter virado primeiro um lado e depois o outro, à procura do lugar mais limpo. Se o crânio tivesse estado ali, sem dúvida eu não podia ter deixado de notá-lo. Ali estava, de fato, um mistério que achei impossível explicar; mas mesmo naquele primeiro momento, pareceu-me cintilar, fracamente, no mais íntimo e secreto recanto de minha inteligência, a larva de uma concepção daquela verdade de que a ventura da noite passada nos trouxe tão magnífica demonstração. Ergui-me logo e, guardando o pergaminho com cuidado, transferi toda reflexão ulterior para quando estivesse só.

Quando você saiu, e quando Júpiter estava já bem adormecido, entreguei-me a uma investigação mais metódica do assunto. Em primeiro lugar, considerei a maneira pela qual o pergaminho veio a cair em meu poder. O lugar onde descobrimos o *scarabaeus* era na costa do continente, a cerca de uma milha para leste da ilha, e apenas a curta distância acima da marca da maré alta. Quando o agarrei, ele me deu urna aguda picada, o que me fez deixá-lo cair. Júpiter, com sua precaução costumeira, antes de agarrar o inseto que voara para o lado dele, procurou em volta uma folha, ou algo semelhante, com que apanhá-lo. Foi nesse momento que seus olhos, e também os meus, caíram sobre o pedaço de pergaminho, que então supus ser papel. Ele estava meio enterrado na areia, com uma ponta aparecendo. Perto do lugar onde o encontramos, observei os restos do casco do que parecia ter sido uma baleeira

de navio. As ruínas pareciam estar ali desde muito tempo, pois nas madeiras mal se podia vislumbrar a aparência de um bote.

Bem, Júpiter apanhou o pergaminho, envolveu nele o escaravelho e deu-me. Logo depois voltamos para casa e, no caminho, encontramos o Tenente G... Mostrei-lhe o inseto e ele me pediu que o deixasse levá-lo ao forte. Tendo o meu consentimento, colocou-o em seguida no bolso do colete, sem o pergaminho em que estivera enrolado, e que eu continuara a ter na mão durante o tempo em que ele inspecionava o animal. Talvez receasse que eu mudasse de ideia e achasse melhor assegurar-se da presa imediatamente; você sabe quão entusiasta ele é, em todos os assuntos relacionados com a História Natural. Ao mesmo tempo, sem notar o que fazia, eu devo ter colocado o pergaminho em meu próprio bolso.

Você se lembra de que, quando fui à mesa para o fim de fazer um esboço do escaravelho, não encontrei papel onde era ele habitualmente guardado. Procurei na gaveta e também nada achei. Revistei os bolsos, esperando encontrar uma velha carta quando minha mão caiu sobre o pergaminho. Pormenorizo assim o modo preciso pelo qual este caiu em meu poder, porque as circunstâncias me impressionaram com força especial.

Não duvido de que você me achará um sonhador... mas eu já estabelecera uma espécie de *relação*. A juntara dois elos de uma grande cadeia. Havia um bote jazendo sobre a costa marinha e não longe do bote, havia um pergaminho — *não um papel* — com um crânio pintado nele. Você naturalmente perguntará: “onde está a relação?” Replico que o crânio, ou caveira, é o muito conhecido emblema dos piratas. A bandeira da caveira é içada em todas as suas empresas.

Já disse que aquele pedaço era de pergaminho e não de papel. O pergaminho é durável, quase imperecível. Raramente se confiam ao pergaminho coisas de pequena importância, visto como, para os simples fins ordinários do desenho ou da escrita, ele não se presta tão bem como o papel. Essa reflexão sugeria alguma significação, algum propósito na caveira. Não deixei de observar, também, a *forma* do pergaminho. Embora um de seus cantos tivesse sido destruído por algum acidente, podia-se ver que a forma

primitiva era quadrangular. Era justamente um pedaço, de fato, tal como poderia ter sido escolhido para uma nota, para o registro de alguma coisa que devia ser prolongadamente lembrada e cuidadosamente preservada.

— Mas — interrompi — você disse que o crânio *não* estava no pergaminho quando fez o desenho do escaravelho. Como, então, traça alguma relação entre o bote e o crânio, desde que este último, de acordo como o que você mesmo admitiu, deve ter sido desenhado (só Deus sabe como e por quem) em algum período subsequente ao de seu esboço do *scarabaeus*?

— Ah! Aí é que todo o mistério se revolve! Embora, nesse ponto, eu tivesse relativamente pouca dificuldade em resolver o segredo. Meus passos eram certos e eu só podia atingir um resultado. Raciocinei, por exemplo, assim: Quando desenhei o *scarabaeus*, *não* aparecia crânio algum no pergaminho. Ao terminar o desenho, passei-o a você e observei-o acuradamente, até que você o devolveu. *Você*, portanto, não desenhou o crânio e não se achava presente mais ninguém para fazê-lo. Logo, não fora feito por meios humanos. E, não obstante, fora feito.

Nesse ponto de minhas reflexões, esforcei-me por lembrar, e *lembrei*, com inteira exatidão, todos os incidentes que ocorreram por volta do período em apreço. O tempo estava frio (oh! Raro e feliz acaso!) e o fogo ardia na lareira. Eu me achava aquecido pelo exercício e sentei-me perto da mesa. Você, porém, puxara uma cadeira para perto da chaminé. Logo que coloquei o pergaminho em suas mãos e que, você estava a ponto de examiná-lo “Lobo”, o terra-nova, entrou e pulou sobre seus ombros. Com a mão esquerda você lhe fez festas e conservou-o afastado, enquanto sua mão direita, que segurava o pergaminho, caiu descuidadamente entre seus joelhos, bem perto do fogo. Em um momento pensei que as chamas o atingissem e estava quase a avisá-lo quando, antes que tivesse podido falar, você o retirou e entregou-se a examiná-lo. Quando considere todos esses pormenores, não duvidei um só momento de que o *calor* fora o agente que trouxera à luz, no pergaminho, o crânio que eu vira desenhado nele. Você bem sabe que existem preparados químicos, e sempre existiram desde tempos imemoriais, por meio dos quais é possível escrever sobre papel ou velino, de modo que os caracteres só se

tornem visíveis quando submetidos à ação do fogo. O óxido impuro de cobalto, dissolvido em água-régia e diluído em quatro vezes o seu peso de água, e às vezes empregado; resulta uma tinta verde. O regulo de cobalto, dissolvido em espírito de nitro, dá uma tinta vermelha. Tais cores desaparecem em intervalos maiores ou menores, depois de efetuada a escrita, com o frio, mas reaparecem de novo, após a aplicação de calor.

Examinei então a caveira com cuidado. A borda exterior, a borda do desenho mais perto da ponta do velino, era bem mais *distinta* do que o resto. Claro estava que a ação do calórico fora imperfeita, ou desigual. Acendi fogo imediatamente e submeti todas as partes do pergaminho a um calor ardente. A princípio, o único efeito foi acentuar as linhas fracas do crânio; mas, perseverando na experiência, ficou visível, num canto da faixa, diagonalmente, em oposição ao lugar em que se delineara a caveira, a figura do que, a princípio, supus ser uma cabra. Um exame mais acurado, contudo, demonstrou-me de que se tratava de um cabrito.

— Ah! Ah! — disse eu. — Sem dúvida não tenho o direito de rir de você. Um milhão e meio em dinheiro é coisa muito séria para brincadeiras. Mas você não vai querer estabelecer um terceiro elo de sua cadeia. Você não vai achar uma relação especial entre seus piratas e uma cabra. Os piratas, como você sabe, não têm nada com as cabras; elas pertencem aos interesses dos fazendeiros.

— Mas eu acabo de dizer que a figura *não era* a de uma cabra...

— Bem, que seja a de um cabrito... É mais ou menos a mesma coisa.

— Mais ou menos, mas não inteiramente — disse Legrand. — Você deve ter ouvido falar num tal Capitão *Kidd*, isto é, *cabrito*. Considerei logo a figura do animal como espécie de assinatura figurada ou hieroglífica. Digo assinatura porque sua posição no velino me sugeriu essa ideia. A caveira no canto diagonalmente oposto tinha, do mesmo modo, o aspecto de um sinete, ou selo. Mas fiquei tristemente perturbado com a ausência de mais qualquer coisa, de um corpo para meu imaginado documento, do texto de meu contexto.

— Presumo que você esperava encontrar uma carta entre o sinete e a

assinatura...

— Algo dessa espécie. O fato é que me sentia irresistivelmente impressionado com um pressentimento de alguma vasta e boa fortuna pendente. Mal posso dizer porque talvez, afinal de contas, fosse antes um desejo que uma crença real. Mas sabe você que as tolas palavras de Júpiter acerca de ser o escaravelho feito de ouro maciço tiveram notável efeito sobre minha imaginação? E depois, a série de acasos e coincidências... eram todos *tão* extraordinários... Observe como, por simples acaso, esses acontecimentos ocorreram no *único* dia do ano que foi, ou podia ser, suficientemente frio para que acendêssemos fogo, e sem esse fogo, sem a intervenção do cão no momento preciso em que ele apareceu, eu nunca saberia da existência dessa caveira e, assim nunca seria o possuidor do tesouro.

— Mas, continue. Estou impaciente...

— Bem, você naturalmente já ouviu as muitas histórias que correm, esses mil boatos vagos que circulam acerca de dinheiro, enterrado, em algum ponto da costa atlântica, por Kidd e seus associados. Tais boatos devem ter tido alguma base na realidade. E o fato de que eles tenham existido tanto e tão continuamente só podia ter resultado, pareceu-me, da circunstância de que o tesouro enterrado ainda *permanecia* sepulto. Tivesse Kidd escondido sua pilhagem por algum tempo, retirando-a depois, tais boatos raramente poderiam ter-nos alcançado na sua forma presente e invariável. Observe que as histórias que se contam são, todas, sobre procuradores de dinheiro e não acerca de achadores de dinheiro. Se o pirata tivesse recuperado seu dinheiro, a questão estaria encerrada. Parece-me que algum acidente — digamos a perda de uma nota indicando o local — o privou dos meios de recuperar o tesouro e que esse acidente se tornou conhecido de seus comparsas, que de outro modo nunca poderiam ter ouvido falar, em absoluto, que o tesouro tivesse sido escondido, e que, empregando-se em tentativas inúteis, porque sem guia, para reavê-lo, deram origem, primeiramente, e depois divulgação universal, aos relatos que agora são tão comuns. Você já ouviu falar que algum tesouro importante tenha sido desenterrado ao longo da costa?

— Nunca.

— Mas é hem sabido que a fortuna acumulada por Kidd era imensa. Tomei como certo, portanto, que a terra ainda a conservava escondida. E você mal se surpreenderá se lhe disser que senti uma esperança, quase chegando à certeza, de que o pergaminho tão estranhamente encontrado encerrasse o registro perdido do lugar do depósito.

— Mas como você continuou?

— Levei de novo o velino ao fogo, depois de aumentar o calor, mas nada apareceu, julguei então possível que a cobertura de sujo podia ter alguma relação com o fracasso; assim, limpei cuidadosamente o pergaminho, derramando água quente sobre ele, e, tendo feito isso, coloquei-o numa caçarola de lata, com o crânio para baixo, e pus a caçarola sobre um fogão com carvão em brasa. Em poucos minutos a caçarola ficou inteiramente aquecida e removi a folha, que, com indizível alegria, encontrei salpicada, em diversos lugares, com o que me pareceu serem figuras arrumadas em linhas. Coloquei-a de novo na caçarola e deixei que lá ficasse outro minuto. Depois de tirá-la, tudo estava tal como você agora vê.

E aí Legrand, aquecendo de novo o pergaminho, entregou-o a meu exame. Entre a caveira e a cabra estavam toscamente traçados, em tinta vermelha, os seguintes sinais:

5 3 x^x x^x x 3 0 5)) 6 ÷ ; 4 8 2 6) 4 x^x .) 4 x^x) ; 8 0 6 ÷ ; 4 8 x 8 & 6 0
)) 8 5 ; 1 x^x (; : x^x ÷ 8 x 8 3 (8 8) 5 ÷ x ; 4 6 (; ÷ x (; 4 8 5) ; 5 ÷ 8^x 8 ÷ 9 6
÷ ? ; 8) x 2 : ÷ x^x (; 4 9 5 6 ÷ 2 (5 ÷ — 4) 8 & 8 ÷ ; 4 0 6 9 2 8 5) ;) 6 x 8)
4 x^x x^x ; 1 (x^x 9 ; 4 8 0 8 1 ; 8 : 8 x^x 1 ; 4 8 x 8 5 ; 4) 4 8 5 x 5 2 8 8 0 6 ÷ 8 1
(x^x 9 ; 4 8 ; (8 8 ; 4 (x^x ? 3 4 ; 4 8) 4 x^x ; 1 6 1 ; : 1 8 8 ; x^x ? ;

— Mas — disse eu, entregando-lhe a folha — estou no escuro como antes. Esperassem-me todas as joias de Golconda^[5] em troca da solução desse enigma, e tenho plena certeza de que seria incapaz de ganhá-las.

— E contudo — falou Legrand — a solução de modo algum é tão difícil como você poderia ser levado a imaginar, após o primeiro exame

apressado dos caracteres. Esses caracteres, como qualquer pessoa pode prontamente verificar, formam uma cifra, isto é, encerram um significado; mas segundo o que se conhece de Kidd, eu não podia supô-lo capaz de compor qualquer espécie de cifra muito complicada. Achei, imediatamente, que esta era duma espécie simples, tal, entretanto que, para a inteligência rude do marinheiro, devesse parecer absolutamente insolúvel, sem a chave.

— E você realmente a decifrou?

— Com toda a facilidade. Já decifrei outras, dez mil vezes mais complicadas. Certas circunstâncias e certas tendências do espírito levaram-me a interessar-me por semelhantes enigmas e pode-se bem duvidar de que a engenhosidade humana consiga compor um enigma dessa espécie, que a engenhosidade humana não possa decifrar, graças a uma aplicação adequada. De fato, uma vez que eu tenha arranjado caracteres unidos e legíveis, mal ligo importância à simples dificuldade de descobrir-lhe a significação.

No caso presente — e na verdade em todos os casos de escrita secreta — a primeira questão diz respeito à *língua* da cifra, pois os princípios de solução, particularmente quando se trata das cifras mais simples, dependem do gênio de cada idioma e podem por isso variar. Em geral não há outra alternativa, para quem tenta a decifração, senão experimentar (dirigido pelas probabilidades) cada língua conhecida, até que a verdadeira seja encontrada. Mas nesta cifra que temos aqui diante de nós, toda a dificuldade foi removida, graças à assinatura. O trocadilho com a palavra “Kidd” (cabrito) só é perceptível na língua inglesa. Sem esta consideração, teria eu começado minhas tentativas com o espanhol e o francês, como línguas em que um segredo desta espécie deveria ter sido naturalmente escrito, por um pirata dos mares espanhóis. Mas no caso presente, presumi que a cifra estivesse em inglês.

Você há de notar que não existem divisões entre as palavras. Se as houvesse, a tarefa teria sido relativamente fácil. Em tal caso, teria eu começado por fazer uma comparação e análise das palavras mais curtas e, se tivesse encontrado, como é sempre provável, uma palavra duma só letra *a* (um) ou *I* (eu), por exemplo, haveria considerado a solução, como garantida.

Mas, não havendo divisões, meu primeiro passo foi averiguar quais as letras dominantes, bem como as menos frequentes. Contando todas, construí a seguinte tábua:

O	8	ocorre	33	vezes.
algarismo				
O sinal	;	ocorre	26	vezes.
O	4	ocorre	19	vezes.
algarismo				
Os sinais	$\times$	ocorrem	16	vezes.
O sinal	$\div$	ocorre	13	vezes.
O	5	ocorre	12	vezes.
algarismo				
O	6	ocorre	11	vezes.
algarismo				
O	1	ocorre	8	vezes.
algarismo				
A letra	x	ocorre	8	vezes.
O	0	ocorre	5	vezes.
algarismo				
O	9	ocorre	5	vezes.
algarismo				
O	2	ocorre	5	vezes.
algarismo				
O sinal	:	ocorre	4	vezes.
O	3	ocorre	4	vezes.
algarismo				
O sinal	?	ocorre	3	vezes.
O sinal	&	ocorre	2	vezes.
O sinal	—	ocorre	1	vez.
O sinal	.	ocorre	1	vez.

Ora, em inglês a letra que mais frequentemente se encontra é o *e*. As demais ocorrem na seguinte ordem: *a o i d h n r s t u y c f g l m w b k p q x z*.

O *E* é tão singularmente predominante, que raras são as frases de certo tamanho, em que não seja ele a letra principal.

Temos, pois, aqui, logo no começo, uma base para algo mais do que uma simples conjectura. É evidente o uso geral que se pode fazer dessa tábua, mas, para esta cifra particular, só muito reduzidamente nos utilizaremos de seu concurso. Como o algarismo predominante é o 8, começaremos por atribuir-lhe o valor de *e*, do alfabeto natural. Para verificar essa suposição, observemos se o 8 aparece muitas vezes aos pares, pois o *e* se duplica, com grande frequência, em inglês, como, por exemplo, nas palavras *meet*, *fleet*, *speed*, *seen*, *been*, *agrec*, etc. No caso presente, vemo-lo duplicado não menos de cinco vezes, embora o criptograma seja curto.

Admitamos, pois, que o 8 seja o *c*. Ora, de todas as *palavras* da língua, *the* (*o*) é a mais usual. Vejamos, portanto, se não há repetições de três caracteres, na mesma ordem de colocação sendo o 8 o último dos três. Se descobrirmos repetições de tais letras, arranjadas dessa forma, elas representarão, muito provavelmente, a palavra *the*. Examinando-se, encontramos não menos de sete dessas combinações, sendo os caracteres; 48. Podemos, portanto, supor que; representa *t*, 4 representa *h* e 8 representa *e*, estando este último agora bem confirmado. De modo que um grande passo já foi dado.

Mas, tendo determinado uma única palavra, estamos capacitados a determinar um ponto vastamente importante, isto é, muitos começos e fins de outras palavras. Vejamos, por exemplo, o penúltimo caso, em que a combinação; 48 ocorre quase no fim da cifra. Sabemos que o; que vem logo depois, é o começo de uma palavra, e dos seis caracteres que seguem este *the*, conhecemos não menos de cinco. Substituamos, pois, estes caracteres pelas letras que já sabemos que eles representam, deixando um espaço para o que não conhecermos:

t eeth.

Aqui já estamos habilitados a descartar-nos do *th*, como não formando parte da palavra que começa pelo primeiro *t*, pois que vemos, experimentando sucessivamente todas as letras do alfabeto, para preencher a

lacuna, que nenhuma palavra pode ser formada em que apareça este *th*. Estamos assim limitados a

t ee,

e, percorrendo todo o alfabeto, se necessário, como antes, chegamos à palavra *tree* (árvore), como a única possivelmente certa. Ganhamos assim outra letra, *r*, representada por (e mais duas palavras *the tree* a (árvore), justapostas.

Um pouco além destas palavras, a curta distância, vemos de novo a combinação ;48 e dela nos utilizamos como *terminação* da que imediatamente a precede. E assim temos este arranjo:

“the tree ; 4(x^x ? 3 4 the”

ou, substituindo pelas letras reais os sinais conhecidos, lê-se assim:

“the tree thrx^x?3h the”.

Ora, se, em vez dos caracteres desconhecidos, deixarmos espaços em branco, ou pontos que os substituam, leremos isto:

“the tree thr...h the”

Aí a palavra “through” se torna imediatamente evidente. Mas esta descoberta dá-nos três novas letras, *o*, *u* e *g*, representadas por x^x, ? e 3.

Procurando agora, cuidadosamente, na cifra, combinações de caracteres conhecidos, descobrimos, não muito longe do princípio, esta disposição:

“83(88”, ou “egree”

Isto é claramente, a conclusão da palavra “degree” e dá-nos outra letra *d*, representado por X. Quatro letras além da palavra “degree” notamos a combinação:

“;46(;88÷”

Traduzindo os caracteres conhecidos e representando os desconhecidos por pontos, como antes, vemos o seguinte:

“th.rtee.”

Tal combinação imediatamente sugere a palavra “thirteen” é de novo

nos fornece dois novos caracteres, e n , representados, respectivamente, por 6 e $\div$.

Voltando agora ao princípio do criptograma, observamos a combinação

“53 x^x x^x ”

Traduzindo-a como antes, obtemos

“.good”.

Isso nos certifica de que a primeira letra é A e as primeiras duas palavras são “A good”. É tempo, então, de organizar nossa chave, com o já descoberto, em forma de uma tábua, para evitar confusões. Tê-la-emos assim:

5	representa	A
x	representa	D
8	representa	E
3	representa	G
4	representa	H
6	representa	I
$\div$	representa	N
x^x	representa	O
(	representa	R
;	representa	T
?	representa	U

Temos, portanto, nada menos de onze das mais importantes letras representadas e será desnecessário continuar com os detalhes desta solução. Já lhe disse o bastante para convencê-lo de que as cifras desta natureza são facilmente solúveis e para dar-lhe alguma ideia da análise racional que serve para desenvolvê-las. Mas fique certo de que o espécime presente pertence às mais simples espécies de criptogramas. Agora só resta dar-lhe a tradução completa dos caracteres do pergaminho, depois de decifrados. Aqui está ela:

“A good glass in the bishop’s hostel in the devil’s seat forty one degrees and thirteen minutes northeast and by north main branch seventh

limb east side shoot from the left eye of the death's-head a bee line from the tree through the shot fifty feet out."

(Um bom vidro no hotel do bispo na cadeira do diabo quarenta e um graus e treze minutos nordeste quadrante norte tronco principal sétimo galho lado leste atirai do olho esquerdo da caveira uma linha de abelha da árvore através o tiro cinquenta pés distante).

— Mas — disse eu — o enigma parece ainda em tão má situação, como antes. Como é possível extrair um significado dessa trapalhada toda de “cadeiras do diabo”, “caveiras” e “hotéis do bispo”?

— Confesso — replicou Legrand —, que a questão ainda apresenta um aspecto sério, quando encarada de modo superficial. Minha primeira tentativa foi dividir a sentença nas divisões naturais, pretendidas pelo autor da cifra.

— Pontuá-la, quer dizer?

— Mais ou menos isso.

— Mas como era possível fazê-lo?

— Refleti que o autor fizera questão de amontoar as palavras sem separá-las, para aumentar a dificuldade da tradução. Ora, um homem demasiado experto, ao objetivar tal resultado, quase certamente iria além do devido. Quando, no decorrer de sua escrita, chegasse a uma parada do assunto, que naturalmente requereria uma pausa, ou um ponto, ele seria mais do que capaz de amontoar as letras nesse lugar, mais do que nas junções anteriores. Se você observar o manuscrito aqui presente, facilmente observará cinco casos de ajuntamento incomum. Partindo dessa sugestão, fiz a divisão seguinte:

“Um bom vidro no hotel do bispo na cadeira do diabo — quarenta e um graus e treze minutos nordeste quadrante norte — tronco principal sétimo galho lado leste — atirai do olho esquerdo da caveira — uma linha de abelha da árvore através o tiro cinquenta pés distante.”

— Mesmo esta divisão — disse — ainda me deixa no escuro.

— Também me deixou no escuro — replicou Legrand — por poucos dias, durante os quais fiz diligentes pesquisas nas vizinhanças da ilha de

Sullivan, procurando algum edifício, que tivesse o nome de “hotel do bispo”, pois, naturalmente, não me inquietei com a palavra arcaica “hostel”. Não obtendo qualquer informação a respeito, estava a ponto de estender meu campo de pesquisa e proceder de modo mais sistematizado, quando, certa manhã, tive a ideia, bem súbita, de que esse “hotel do bispo” podia referir-se a uma antiga família Bessop, que, desde tempos remotíssimos, possuía uma mansão antiga, a cerca de quatro milhas a nordeste da ilha. Em consequência, fui até a fazenda e renovei minhas pesquisas, entre os mais velhos negros do lugar. Afinal, uma das mulheres mais idosas disse que ouvira falar de um lugar tal como *Castelo de Bessop*, e achou que me podia levar ao lugar, mas que não se tratava de um castelo, nem de uma taverna, mas de um rochedo elevado.

Ofereci-lhe boa paga pelo trabalho e, depois de alguma hesitação, ela consentiu em acompanhar-me ao local. Encontrando-o sem grande dificuldade, mandei-a de volta e passei a examinar o lugar. O “castelo” consistia num conjunto irregular de penhascos e rochedos, sendo um destes últimos muito digno de nota, por sua altura, bem como por sua aparência isolada e artificial. Subi a seu cume e então fiquei sem saber o que devia fazer em seguida.

Enquanto me ocupava em tal reflexão, caíram meus olhos sobre uma saliência estreita, na face ocidental do rochedo, uma jarda talvez por baixo do cimo em que me achava. Essa saliência projetava-se cerca de dezoito polegadas e não tinha mais de um pé de largura; um nicho no penhasco dava-lhe tasca semelhança com uma das cadeiras de encosto côncavo, usadas por nossos antepassados. Não duvidei de que ali se achava a “cadeira do diabo”, a que aludia o documento e pareceu-me então apreender todo o segredo do enigma.

O “bom vidro”, sabia eu, apenas podia referir-se a um binóculo; pois a palavra “glass” (vidro) é raramente empregada em outro sentido pelos marinheiros. Logo vi, então, que se devia usar um binóculo, de um ponto de visão definido, *não admitindo variação*. Não hesitei em acreditar que as frases “quarenta e um graus e treze minutos” e “nordeste quadrante norte”

deveriam ser direções para a colocação do binóculo. Grandemente excitado por essas descobertas apressei-me em voltar à casa, apanhei um binóculo e regressei ao rochedo.

Coloquei-me na saliência e verifiquei que era impossível ficar ali sentado a não ser numa posição especial. Esse fato confirmou minha ideia preconcebida. Passei a usar o binóculo. Naturalmente, os “quarenta e um graus e treze minutos” só podiam aludir à elevação acima do horizonte visual, pois a direção horizontal estava claramente indicada pelas palavras “nordeste quadrante norte”. Estabeleci imediatamente esta última direção, por meio de uma bússola de bolso; depois, apontando o binóculo a um ângulo de cerca de quarenta e um graus de elevação, como podia calcular por experiência, movi-o cautelosamente para cima e para baixo, até que minha atenção foi detida por uma fenda circular, ou abertura, na folhagem de uma grande árvore que à distância, dominava suas companheiras. No centro dessa abertura percebi um ponto branco, mas a princípio não pude distinguir de que se tratava. Ajustando o foco do binóculo, olhei de novo e verifiquei então que era um crânio humano.

Depois desta descoberta, eu estava confiante em considerar o enigma resolvido, pois a frase “tronco principal, sétimo galho, lado leste” só se podia referir a posição do crânio na árvore, enquanto que “atirai do olho esquerdo da caveira” também apenas admitia uma interpretação em relação à busca do tesouro enterrado. Percebi que a intenção era de lançar uma bala, através do olho esquerdo do crânio e que uma linha de abelha, ou, em outras palavras, uma linha reta, tirada do ponto mais próximo da árvore até o *tiro*, ou o lugar onde a bala caísse, e daí estendida a uma distância de cinquenta pés, indicaria um ponto definido. E por baixo desse ponto considerei como pelo menos *possível* que estivesse oculto um depósito de valor.

— Tudo isso — disse — e excessivamente claro e, embora engenhoso, simples e explícito. Que fez você depois de deixar o “hotel do bispo”?

— Ora, tendo cuidadosamente tomado nota da aparência da árvore, voltei para casa. Logo, porém, que deixei a “cadeira do diabo”, a abertura circular desapareceu. Não pude vê-la mais depois, embora me virasse para

trás. O que pareceu a principal perícia, em todo esse negócio, foi o fato (pois repetidas experiências me convenceram de que era *um fato*) de que a abertura circular em questão não é visível de qualquer ponto de visão que se possa alcançar, a não ser o que permite a estreita saliência na face do rochedo.

Nessa expedição ao “hotel do bispo”, eu fora auxiliado por Júpiter que, sem dúvida, observara, nas semanas anteriores, minha atitude de abstração, tomando especial cuidado em não me deixar só. Mas, no dia seguinte, levantando-me muito cedo, escapuli dele e fui às colinas, à procura da árvore. Depois de muito pesquisar, encontrei-a. Quando voltei para casa, à noite, meu criado estava resolvido a dar-me uma surra. Do resto das aventuras creio que você sabe tanto como eu.

— Suponho — disse — que você errou o lugar, na primeira tentativa de cavar, por causa da estupidez de Júpiter, deixando o escaravelho cair pelo olho direito, em vez de pelo olho esquerdo do crânio.

— Perfeitamente. Esse engano produziu uma diferença de cerca de duas polegadas e meia no “tiro”, isto é, na posição da cavilha mais próxima da árvore; e se o tesouro estivesse por baixo do “tiro”, o erro teria sido de pouca importância; mas o “tiro”, bem como o ponto mais próximo da árvore, eram simplesmente dois pontos para o estabelecimento de uma linha de direção; naturalmente, o erro, embora trivial no começo, aumentava à medida que continuava com a linha e, ao completarmos os cinquenta pés, ficamos inteiramente fora da direção. Não fossem minhas impressões solidificadas, de que o tesouro estava ali realmente enterrado, em alguma parte, poderíamos ter perdido em vão todo o nosso trabalho.

— Mas sua grandiloquência, sua conduta ao balançar o escaravelho... estavam enormemente extravagantes! Eu ficara certo de que você enlouquecera. E por que você insistiu em deixar cair o escaravelho em vez de uma bala, pelo crânio?

— Ora, para ser franco, eu me sentia algo aborrecido com suas evidentes suspeitas, relativamente à minha sanidade mental e assim resolvi castigá-los calmamente ao meu próprio jeito, com um pouquinho de calculada mistificação. Por esse motivo balancei o escaravelho e por essa

razão fiz com que fosse atirado da árvore. Uma observação sua sobre o grande peso dele sugeriu-me essa última ideia.

— Sim, percebo; e agora só há um ponto que me embaraça. Que significam os esqueletos encontrados no buraco?

— Essa é uma-pergunta a que não sou mais capaz de responder do que você. Parece, contudo, haver apenas um meio plausível de explicar o caso; e, entretanto, é terrível acreditar em atrocidade tal como a implicada em minha hipótese. É claro que Kidd —, se na verdade Kidd escondeu esse tesouro, coisa de que não duvido — é claro que ele deve ter sido auxiliado nesse trabalho. Concluído, porém, o serviço, pode ele ter considerado prudente fazer desaparecer todos os que participavam de seu segredo. Talvez um par de golpes, com uma picareta, fosse suficiente, enquanto seus ajudantes se ocupavam em cavar; talvez fossem necessários doze. Quem sabe?

A Balela do Balão

“Espantosas Notícias por Expresso, via Norfolk! Atravessado o Atlântico em Três Dias! Assinalado Triunfo da Máquina Voadora do Sr. Monck Mason! Chegada à Ilha de Sullivan, perto de Charleston, C.S., dos Srs. Mason, Robert Holland, Henson, Harrison Ainsworth e quatro outros no Balão Dirigível “Vitória”, depois de uma Travessia de Setenta e Cinco Horas de um Continente a Outro! Pormenores completos da viagem!”

(O *jeu d’esprit*^[6] junto, com o título acima, em majestosas maiúsculas, bem salpicado de pontos de exclamação, foi publicado originalmente, como fato real, no “New York Sun”, jornal diário, e serviu perfeitamente para os fins de criar um alimento indigerível, para os bisbilhoteiros, durante as poucas horas que medeiam entre dois correios de Charleston. A procura do “único jornal que trazia as notícias” foi algo além de prodigioso; e, de fato, se como alguns asseveram o *Vitória* em absoluto *não realizou* a viagem em apreço, seria difícil apontar um motivo pelo qual ele *não poderia* tê-la realizado).

O grande problema está afinal resolvido! O ar, assim como a terra e o oceano, foi dominado pela ciência e tornou-se uma comum e conveniente estrada para a humanidade! *O Atlântico foi realmente atravessado num Balão!* E isto, aliás, sem dificuldade... sem qualquer maior perigo aparente... com inteiro controle do aparelho... e no período inconcebivelmente curto de setenta e cinco horas de um lado a outro! Pela operosidade de um correspondente em Charleston, Carolina do Sul, estamos habilitados a ser os primeiros a fornecer ao público uma narrativa pormenorizada dessa extraordinária viagem, que foi realizada entre sábado, 6 do corrente, às 11 horas da manhã e terça-feira, 9 do corrente, às 2 horas da tarde, por Sir

Everard Bringhurst; Sr. Osborne, sobrinho de Lord Bentinck; os Srs. Monck Mason e Robert Holland, célebres aeronautas; o Sr. Harrison Ainsworth, autor de *Jack Sheppard* etc.; e o Sr. Henson, que projetou a última e malograda máquina voadora; além de dois marinheiros de Woolwich; ao todo, oito pessoas. Os detalhes fornecidos abaixo podem ser cridos como autênticos e exatos em todos os pontos, pois, com leve exceção, são copiados, ao pé da letra, dos diários reunidos dos Srs. Monck Mason e Harrison Ainsworth, a cuja delicadeza nosso correspondente se sente penhorado por muitas informações verbais, relativas ao próprio balão, sua construção e outros assuntos de interesse. A única alteração no manuscrito recebido foi feita com o fim de dar ao apressado relato de nosso correspondente, Sr. Forsyth, uma forma concatenada e inteligível.

O BALÃO

“Dois recentes e bem notórios fracassos, os do Sr. Henson e de Sir George Cayley, haviam enfraquecido muito o interesse popular, em tôrno da navegação aérea. O projeto do Sr. Henson, (que a princípio era considerado muito praticável, mesmo por cientistas) baseava-se no princípio de um plano inclinado, lançado de uma elevação por uma força extrínseca, aplicada e continuada pela revolução de cata-ventos fixos, semelhantes em forma e número aos de um moinho de vento. Mas, em todas as experiências feitas, com modelos, na Galeria Adelaide, verificou-se que a ação dessas asas, não só não impelia a máquina, como lhe impedia realmente o voo. A única força de impulsão, que ela chegou a mostrar, foi o simples ímpeto adquirido pela descida no plano inclinado; e esse ímpeto levava o aparelho mais longe, quando as asas estavam em repouso, do que quando elas se achavam em movimento, fato que demonstrou suficientemente, sua inutilidade. E, na ausência de uma força propulsora, que era também *sustentadora*, todo o mecanismo necessariamente desceria. Essa consideração levou Sir George Cayley a pensar em só adaptar um propulsor a uma máquina, que tivesse em si mesma um poder de sustentação independente: em uma palavra, a um balão; tal ideia de Sir George só era nova, ou original, porém, no que

concerne ao modo de sua aplicação prática. Ele exibiu um modelo de sua invenção, no Instituto Politécnico. A força, ou princípio de propulsão era, ainda aí, aplicada a superfícies descontínuas, ou cata-ventos, postos em rotação. Essas asas eram em número de quatro, mas verificou-se serem inteiramente ineficientes para mover o balão ou ajudá-lo em sua força ascensional. O projeto inteiro tornou-se então um malogro completo.

“Foi nessa conjuntura que o Sr. Monck Mason (cuja viagem de Dover a Weilburg, no balão “Nassau” tanta sensação causou em 1837), teve a ideia de aplicar o princípio do parafuso de Arquimedes, para os fins da propulsão, através do ar, atribuindo com razão o fracasso do projeto do Sr. Henson e do de Sir George Cayley à interrupção da superfície nas asas independentes. Fez sua primeira experiência pública, no Salão Willis, mas logo removeu seu modelo para a Galeria Adelaide.

“Como o de Sir George Cayley, o seu balão era de forma elipsoidal. Tinha o comprimento de treze pés e seis polegadas e a altura de seis pés e oito polegadas. Continha cerca de trezentos e vinte pés cúbicos de gás, que, se hidrogênio puro, sustentaria vinte e uma libras, em sua primeira inflação, antes que o gás tivesse tempo de deteriorar-se ou escapar. O peso de todo o aparelho e maquinismo era de dezessete libras, deixando cerca de quatro libras de economia. Por baixo do centro do balão havia uma armação de madeira leve, de cerca de nove pés de comprimento, e adaptada ao próprio balão por uma rede, da forma habitual. Dessa armação suspendia-se um cesto de vime, ou barquinha.

“O parafuso consiste num eixo, feito de um tubo oco de bronze, de dezoito polegadas de comprimento, através do qual, sobre uma semiespiral inclinada a 15 graus, passa uma série de raios de fios de aço, de dois pés de extensão, projetando-se assim um pé para cada lado. Esses raios são ligados, nas extremidades externas, por duas folhas de fio achatado, formando tudo, dessa forma, a armação do parafuso, que se completa com uma cobertura de seda oleada, cortada em triângulos e esticada de modo a apresentar uma superfície toleravelmente uniforme. Em cada ponta de seu eixo, esse parafuso é sustentado por pilares de canos ocos de bronze, descendo do arco. Na

extremidade inferior desses canos há buracos em que os piões do eixo giram. Da ponta do eixo, que está perto da barquinha, sai uma haste de metal, ligando o parafuso com a roda dentada de uma peça de maquinismo de mola, fixado na barquinha. Pela ação desta mola o parafuso é movimentado com grande rapidez, comunicando progressivo movimento ao todo. Por meio do leme, a máquina era prontamente voltada em qualquer direção. A mola era de grande força, comparada com suas dimensões, sendo capaz de erguer quarenta e cinco libras, sobre um cilindro de quatro polegadas de diâmetro, depois da primeira volta, e gradualmente aumentando, à medida que funcionava. Pesava ao todo oito libras e seis onças. O leme era uma leve armação de cana, coberta de seda, tendo o formato semelhante ao duma raqueta, e tinha cerca de três pés de comprimento e um de largura. Pesava cerca de duas libras. Podia girar sobre si, dirigir-se de alto a baixo, tanto para a direita, como para a esquerda, capacitando assim o aeronauta a transferir a resistência do ar, que numa posição inclinada devia provocar à sua passagem, para qualquer lado, sobre que desejasse agir e determinando uma direção oposta para o balão.

“Este modelo (que, por falta de tempo, descrevemos forçosamente de maneira incompleta) foi posto em andamento, na Galeria Adelaide, onde realizou uma velocidade de cinco milhas por hora, embora, e é estranho dizê-lo, provocasse pouquíssimo interesse, em comparação com a complicada máquina anterior do Sr. Henson, tão decidido vive o mundo a desprezar qualquer coisa que traz consigo um ar de simplicidade. Para perfazer o grande desiderato da navegação aérea, supunha-se, geralmente, que se deveria fazer a aplicação, excessivamente complicada, de algum princípio insolitamente profundo de dinâmica.

“De tal modo satisfeito, porém, estava o Sr. Mason com o recente êxito de sua invenção, que decidiu construir imediatamente, se possível, um balão de suficiente capacidade, para pôr à prova o problema, por meio de uma viagem de certa extensão, sendo seu objetivo primitivo atravessar o canal da Mancha, como antes fizera, no balão “Nassau”. Para levar a cabo suas intenções, solicitou e obteve o patrocínio de Sir Everard Brighthurst e do Sr.

Osborne, dois cavalheiros bem conhecidos por suas luzes científicas e especialmente pelo interesse que demonstraram pelo progresso da aviação. O projeto, de acordo com o desejo do Sr. Osborne, foi conservado em profundo segredo para o público, sendo as únicas pessoas cientes do mesmo as realmente engajadas na construção da máquina, que foi realizada (sob a direção do Sr. Mason, do Sr. Holland, de Sir Everard Brighthurst e do Sr. Osborne) na habitação deste último cavalheiro, perto de Penstruthal, no país de Gales. O Sr. Henson, acompanhado de seu amigo, o Sr. Ainsworth, teve permissão de examinar previamente o balão, no último sábado, quando os dois cavalheiros fizeram os preparativos finais para serem incluídos na aventura. Não sabemos por que razão os dois marinheiros fizeram também parte da expedição, mas no correr dum dia ou dois, poremos nossos leitores ao corrente das mais pormenorizadas particularidades relativas a esta extraordinária viagem.

“O balão está confeccionado de seda, envernizada de borracha. É de vastas dimensões, contendo mais de 40.000 pés cúbicos de gás. Como, porém, o gás de carvão foi empregado em lugar do hidrogênio, mais caro e mais inconveniente, a potência do aparelho, quando plenamente cheio, e imediatamente depois da inflação, não passa de cerca de 2.500 libras. O gás de carvão não é apenas muito menos caro, mas é facilmente encontrado e manobrado.

“Quanto à introdução desse gás, no uso comum, para fins de aerostação, devemos-la ao Sr. Charles Green. Antes de sua descoberta, o processo de inflação era não só excessivamente caro, mas incerto. Perderam-se frequentes vezes dois ou três dias em fúteis tentativas de arranjar o hidrogênio suficiente para encher um balão, do qual têm ele grande tendência a escapar-se, em razão da sua extrema sutileza e sua afinidade com a atmosfera ambiente. Num balão suficientemente perfeito para reter seu conteúdo de carvão inalterado, em qualidade e quantidade, durante seis meses, igual quantidade de hidrogênio não se poderia manter com igual pureza durante seis semanas.

“Sendo estimada em 2.500 libras a força ascensional, e os pesos

reunidos dos cinco indivíduos somando somente cerca de 1.200, restava um excedente de 1.300, das quais também 1.200 eram tomadas pelo lastro, arranjado em fardos de diferentes tamanhos, levando a marca dos respectivos pesos, pelo cordame, barômetros, telescópios, barris contendo provisões para uma quinzena, pipas d'água, capas, sacos de lona, e várias outras coisas indispensáveis, inclusive uma cafeteira para ferver café por meio de cal caldeada, de modo a dispensar completamente o fogo, se fosse considerado prudente fazê-lo. Todos esses artigos, com exceção do lastro e de outras poucas bagatelas, pendiam do arco ao alto. A barquinha era muito menor e menos pesada, em proporção, do que a ligada ao modelo. Era feita de vime mais leve e maravilhosamente sólida para um aparelho de aparência tão frágil. Tem cerca de quatro pés de altura. O leme é também muito maior, em proporção, do que o do modelo, e o parafuso é consideravelmente menor. O balão além disso, dispõe de uma ancorazinha e de uma “corda-guia”, sendo esta última da mais indispensável importância. Algumas palavras de explicação serão aqui necessárias, para aqueles de nossos leitores não versados nos pormenores da aerostática.

“Logo que um balão deixa a terra, é ele sujeito à influência de muitas circunstâncias tendentes a criar uma diferença em seu peso, aumentando-lhe ou diminuindo-lhe a força ascensional. Pode haver, por exemplo, um depósito de orvalho sobre a seda, que chegue mesmo a várias centenas de libras; então, o lastro tem que ser atirado fora, para que a máquina não desça. Descarregado esse lastro e evaporando-se o orvalho pela ação da clara luz solar, ao mesmo tempo que o gás que a seda envolve se expande em consequência do calor, o balão, de novo subirá rapidamente. Para moderar essa ascensão, o único recurso é (ou *ora*, antes, até a invenção da corda-guia pelo Sr. Green) fazer com que o gás se escape pela válvula; a perda do gás, porém, redundando em proporcional e geral perda da força ascensional; de modo que, em período comparativamente breve, os balões melhor construídos devem, necessariamente, esgotar todos os seus recursos e descer à terra. Esse era o grande obstáculo às viagens extensas.

“A corda-guia remedeia a dificuldade da maneira mais simples de se

conceber. Consiste, meramente, numa corda muito grande, que se deixa arrastar da barquinha e cujo efeito está em impedir que o balão mude de nível, em qualquer grau sensível. Se, por exemplo, houver um depósito de umidade sobre o invólucro de seda e a máquina começar a descer em consequência, não haverá necessidade de descarregar lastro para remediar o acréscimo de peso, pois este é remediado, ou contrabalançado, em proporção bem exata, por deixar cair no solo tanta quantidade da extremidade da corda quanto necessário. Se, de outro lado, qualquer circunstância causar uma leveza indevida e a consequente ascensão, essa leveza é imediatamente neutralizada pelo peso adicional da corda erguida do chão. Assim, o balão não pode subir ou descer, a não ser dentro de estreitos limites, e seus recursos, tanto em gás quanto em lastro, permanecem comparativamente intatos. Quando se atravessa uma extensão de água, torna-se mister empregar barriletes de cobre ou madeira, cheios de um lastro líquido, de natureza mais leve do que a água files flutuam e preenchem todos os fins de uma simples corda na terra. Outra importantíssima finalidade da corda-guia é *apontar a direção* do balão. A corda *arrasta-se*, seja sobre a terra ou sobre o mar, enquanto o balão permanece livre; este último, em consequência, vai sempre à frente, quando qualquer avanço é feito; portanto, uma comparação, por meio da bússola, da posição relativa dos dois objetos, indicará sempre seu *rumo*. Da mesma forma, o ângulo formado pela cor “a com o eixo vertical da máquina indica a *velocidade*. Quando *não há* ângulo ou, em outras palavras, quando a corda pende perpendicularmente, todo o aparelho está estacionário; mas, quanto maior for o ângulo, isto é, quanto mais o balão se afastar da extremidade da corda, tanto maior será a velocidade; e vice-versa.

“Como o projeto original era atravessar o Canal da Mancha e descer tão perto de Paris quanto possível, os viajantes tomaram a precaução de munir-se de passaportes dirigidos a todas as partes do continente, especificando a natureza da expedição, como no caso da viagem do “Nassau”, e habilitando os aventureiros a se eximirem das formalidades usuais da burocracia; acontecimentos inesperados, porém, tornaram tais passaportes supérfluos.

“O balão começou a encher-se muito calmamente, ao alvorecer da manhã de sábado, 6 do fluente, no grande pátio da Mansão Wheal-Vor, residência do Sr. Osborne, a cerca de uma milha de Penstruthal, Gales do Norte; e, às onze horas e sete minutos, tudo estando pronto para a partida, foi a aeronave solta e ergueu-se, suave, mas firmemente, em direção aproximada do sul. Durante a primeira meia hora, nenhum uso foi feito do parafuso ou do leme. Continuamos, agora, com o diário, tal como o transcreveu o Sr. Forsyth dos apontamentos conjuntos dos Srs. Monck Mason e Ainsworth. A parte principal é escrita pelo Sr. Mason, sendo um pós-escrito diariamente acrescentado pelo Sr. Ainsworth, que prepara, e brevemente dará à publicidade, um relato mais minucioso e, sem dúvida, excitantemente interessante, da viagem.”

O DIÁRIO

Sábado, 6 de abril — Terminados, esta noite, todos os preparativos que nos poderiam embaraçar, começamos a encher o balão, no alvorecer desta manhã; mas, devido a uma densa névoa que acumulava umidade nas dobras do invólucro de seda e o tornava pouco flexível, só o conseguimos encher por volta das onze horas. Soltamos as amarras, então, bem-humorados, e erguemo-nos, leve, mas firmemente, tendo pelo norte leve brisa, que nos levou na direção do Canal da Mancha. Verificamos que a força ascensional era maior do que havíamos esperado e, como nos eleváramos bastante alto para dominar os penhascos, estando ainda sob a ação dos raios solares, nossa ascensão tornou-se muito rápida. Não quisemos, contudo, perder gás em tão curto período da aventura e, assim, resolvemos continuar subindo. Logo puxamos do chão a corda-guia, mas mesmo quando ela se ergueu por inteiro da terra continuamos a subir, com muita rapidez. O balão estava incomumente firme e tinha bela aparência. Cerca de dez minutos depois da partida, o barômetro acusava uma altitude de 15.000 pés. O tempo era notavelmente bom e a vista das regiões circunjacentes — das mais românticas ainda que avistada de qualquer ponto — era então especialmente sublime. As gargantas numerosas e profundas apresentavam a aparência de

lagos, em virtude dos densos vapores que as enchiam, e os cimos e rochedos para o lado do Sudoeste, amontoados em emaranhada confusão, a nada se pareciam tanto quanto às cidades gigantescas das lendas orientais. Rapidamente nos aproximávamos das montanhas do Sul, mas nossa elevação era mais do que suficiente para habilitar-nos a transpô-las a salvo. Em poucos minutos pairamos sobre elas em belo estilo; e o Sr. Ainsworth, com os marinheiros, ficaram surpreendidos com sua aparente falta de altitude, quando avistadas da barquinha, pois a tendência da grande elevação de um balão é reduzir as desigualdades da superfície lá em baixo, até quase ao mesmo nível. Às sete e meia, continuando ainda em direção quase sul, tivemos a primeira vista do Canal da Mancha; e quinze minutos depois a linha de recifes da costa apareceu, precisamente abaixo de nós, e nos fizemos magnificamente sobre o mar. Resolvemos então lançar fora gás bastante para levar a corda-guia, com as boias anexas, à água. Isso foi feito de imediato e começamos pouco a pouco a descer. Em cerca de vinte minutos, nossa primeira boia atingiu a água e, ao toque da segunda, logo depois, ficamos estacionários, quanto à elevação. Estávamos, então, todos ansiosos por experimentar a eficiência do leme e do parafuso, e logo os colocamos em funcionamento, com o fim de alterar nossa direção mais para leste, no rumo de Paris. Por meio do leme, efetuamos, instantaneamente, a necessária mudança de direção, e nosso rumo foi colocado quase em ângulo reto com o do vento; então, colocamos em movimento a mola do parafuso e regozijamos por verificar que ela nos impelia facilmente, como almejávamos. De todo coração saudamos o fato com uns nove vivas e atiramos ao mar uma garrafa, contendo um pedaço de pergaminho, com um breve relato do princípio da invenção. Mal, porém, havíamos terminado nossas manifestações de regozijo, quando ocorreu um imprevisto acidente, que nos desencorajou em grau não pequeno. A viga de aço que ligava a mola com o propulsor foi subitamente atirada fora de seu lugar, no fundo da barquinha (por um balanço da barquinha, em consequência de movimentos de um dos dois marinheiros que havíamos trazido a bordo) e num instante pendeu a balouçar-se, fora de nosso alcance, do pino do eixo do parafuso. Enquanto tentávamos apanhá-la de novo, com a atenção completamente absorvida nisso, vimo-nos envolvidos

numa forte corrente de vento vinda de leste, a qual nos arrastou, com força rapidamente aumentada, para o Atlântico. Vimo-nos logo empurrados para o mar, a uma velocidade de, por certo, nada menos de cinquenta ou sessenta milhas por hora, de modo que deixamos o cabo Clear a quarenta milhas para o nosso norte, antes que tivéssemos apanhado a viga e nos sobrasse tempo para pensar no que acontecia. Foi então que o Sr. Ainsworth fez uma proposta extraordinária, mas, a meu ver, de modo algum desarrazoada ou quimérica, na qual foi imediatamente apoiado pelo Sr. Holland: a saber, a de que poderíamos tirar vantagem da forte tempestade que nos carregava e, em vez de lutar para voltar a Paris, tentar chegar à costa da América do Norte. Depois de leve reflexão, dei prazeroso assentimento a essa ousada proposta que (é estranho dizer) só encontrou oposição da parte dos dois marinheiros. Contudo, como a parte mais forte, sobrepujamos seus temores e conservamos resolutamente nosso rumo. Firmamo-nos em direção a oeste; mas, como o arrastar das boias materialmente impedia nosso avanço, e como dominávamos completamente o balão para descer ou para subir, atiramos fora, primeiramente, cinquenta libras de lastro e, depois, içamos (por meio de manivela) um pedaço da corda, o bastante para deixá-la toda fora do mar. Verificamos o efeito dessa manobra, de imediato, na velocidade de avanço, rapidamente aumentada; e, como se intensificasse a rajada, voamos com uma rapidez quase inconcebível. A corda-guia voejava atrás da barquinha como a esteira de um navio. É desnecessário dizer que bastou curtíssimo tempo para que perdêssemos o litoral de vista. Passamos sobre inúmeras embarcações de todas as espécies, poucas das quais tentavam lutar com o vento, estando a maioria com as velas ferradas. Causamos a bordo de todas a maior agitação, uma agitação grandemente saboreada e especialmente pelos dois marinheiros que, agora sob a influência de uns copos de genebra, pareciam resolvidos a mandar às urtigas todos os temores e escrúpulos. Muitos dos navios deram tiros de sinal; em todos fomos saudados com altos vivas (que ouvimos com surpreendente nitidez) e com o ondular de chapéus e de lenços. Conservamos o rumo desse modo, por todo o dia, sem qualquer incidente material e, ao se fecharem, em tórno de nós, as sombras da noite, fizemos um tosco cálculo da distância percorrida. Não podia ter sido de menos de quinhentas milhas e

provavelmente seria de muito mais. O propulsor continuava, em constante funcionamento, e, sem dúvida, auxiliava nosso avanço eficientemente. Ao pôr do sol, a borrasca intensificou-se um verdadeiro furacão e o oceano, abaixo de nós, tornou-se claramente visível, por causa de sua fosforescência. Durante toda a noite, o vento vinha do Leste e dava-nos os mais brilhantes prenúncios de vitória. Sofremos bastante com o frio e a umidade da atmosfera era das mais desagradáveis, mas o amplo espaço da barquinha permitia-nos ficar deitados e, graças a capotes e a algumas cobertas, passamos suficientemente bem.

P.S. (Pelo Sr. Ainsworth). As últimas nove horas foram inquestionavelmente as mais excitantes de minha vida. Nada posso conceber de mais sublime do que o estranho perigo e a novidade de uma aventura como esta. Permita Deus que sejamos bem-sucedidos! Não peço o triunfo somente para salvação de minha insignificante pessoa, mas por causa do conhecimento humano e pela amplitude da vitória. E este fato é, contudo, tão evidentemente viável, que só admira tivessem os homens hesitado em tentá-lo antes. Uma simples borrasca, como a que agora nos favorece, uma tempestade semelhante impila para diante um balão, por quatro ou cinco dias (tais tormentas duram às vezes mais tempo) e o viajante será facilmente conduzido, nesse período, de um continente a outro. Perante tal tempestade, o amplo Atlântico tornou-se um simples lago. Espanta-me mais, neste momento, o silêncio supremo, que reina no mar, abaixo de nós, apesar de sua agitação, do que qualquer outro fenômeno que se apresente. As águas não alteiam a voz aos céus. O imenso oceano flameja retorce-se e é torturado sem uma queixa. As ondas montanhosas sugerem a ideia de inúmeros demônios, gigantescos e mudos, a lutarem numa agonia impotente. Numa noite, tal como esta é para mim, o homem vive, vive um século inteiro de vida comum; e eu não trocaria este prazer enlevante pelo de um século inteiro de existência vulgar.

Domingo, 7 — (Pelo Sr. Mason) — Esta manhã, a tempestade, por volta das dez horas, abrandara numa brisa de oito ou nove nós (para um navio no mar) e levava-nos, talvez, a trinta milhas por hora, ou mais. Virou-se,

contudo, muito para o norte; e agora, ao sol-posto, mantemos nosso rumo para oeste, graças principalmente ao parafuso e ao leme, que cumprem de modo admirável suas tarefas. Encaro o projeto como inteiramente vitorioso e a fácil navegação do ar, em qualquer direção (não, de fato, contra uma tempestade), já não é mais problemática. Não poderíamos ter enfrentado o forte vento de ontem; mas, subindo, poderíamos ter saído fora de sua influência, se fosse necessário. Contra uma boa brisa forte, estou convencido, poderíamos abrir caminho, graças ao propulsor. Ao meio-dia de hoje, subimos a uma altitude de cerca de 25.000 pés, descarregando lastro. Fizemo-lo para procurar uma corrente de ar mais direta, mas nenhuma encontramos tão favorável, como a que agora nos leva. Temos abundância de gás para atravessar esse pequeno lago, ainda que a viagem dure três semanas. Não tenho o menor receio pelo resultado. As dificuldades têm sido estranhamente exageradas e mal compreendidas. Posso escolher minha corrente de ar e se achasse *todas* contra mim, poderia abrir caminho regularmente contra elas, graças ao propulsor. Não tivemos incidentes dignos de menção. A noite promete ser bela.

P.S. (Pelo Sr. Ainsworth) — Tenho pouco a relatar, a não ser o fato (para mim inteiramente surpreendente) de que, numa elevação igual à de Cotopaxi, não experimentei frio muito intenso, nem dor de cabeça, nem dificuldade de respirar. Nem eu, nem, creio, o Sr. Mason, ou o Sr. Holland, ou Sir Everard. O Sr. Osborne queixou-se de contração do peito, mas isso logo passou. Voamos a grande velocidade, durante o dia, e devemos ter atravessado mais de metade do Atlântico. Passamos sobre vinte ou trinta navios, de várias espécies, e todos pareciam estar agradavelmente admirados. Afinal de contas atravessar o oceano, num balão, não é façanha tão difícil. *Omne ignotum pro magnifico*^[7], nota: à altitude de 25.000 pés o céu aparece quase preto e as estrelas são nitidamente visíveis; ao passo que o mar não parece convexo, (como alguém poderia supor), mas completa e bem inequivocamente *côncavo*.

Segunda-feira, 8 — (Pelo Sr. Mason) — Esta manhã tivemos de novo algumas dificuldades com a viga do propulsor, que deve ser inteiramente

remodelada, para evitar sérios acidentes. Refiro-me à viga de aço, não aos cata-ventos. Estes últimos não podiam ser mais perfeitos. O vento esteve soprando, constante e forte do Nordeste, o dia inteiro; e a fortuna parece amplamente inclinada a favorecer-nos. Logo antes de amanhecer, estivemos todos um tanto alarmados com alguns ruídos estranhos e golpes no balão, acompanhados de aparente e rápida paralisação de todo o aparelho. Tais fenômenos eram ocasionados pela expansão do gás, em razão do acréscimo de calor na atmosfera e pelo consequente fracionamento das miúdas partículas de gelo, que na rede se incrustaram, durante a noite. Atiramos diversas garrafas para os navios lá em baixo. Vimos uma delas recolhida por um grande barco, possivelmente um dos paquetes da linha de Nova York. Tentamos verificar-lhe o nome, mas não podemos ter certeza dele. O binóculo do Sr. Osborne possibilitou ler algo como “Atalanta”. São agora doze horas da noite e prosseguimos ainda mais ou menos para oeste, em marcha veloz. O mar está particularmente fosforescente.

P.S. — (Pelo Sr. Ainsworth) — São agora duas horas da madrugada e há quase calma, tanto quanto posso julgar, mas é muito difícil averiguar essa questão, dado que nos movemos tão perfeitamente, *como o ar*. Não dormi, desde que deixamos Wheal-Vor, mas não posso aguentar mais tempo e devo tirar uma soneca. Não podemos estar longe da costa americana.

Terça-feira, 9 — (Pelo Sr. Ainsworth) — *Uma hora da tarde. Estamos à plena vista da costa baixa da Carolina do Sul!* Resolveu-se o grande problema! Atravessamos o Atlântico... atravessamo-lo, esplêndida e *facilmente*, num balão! Deus seja louvado! Quem poderá dizer que doravante qualquer coisa será impossível?

O Diário encerra-se aí. Alguns pormenores da descida foram comunicados pelo Sr. Ainsworth ao Sr. Forsyth. Fazia calma quase completa, quando os viajantes chegaram logo à vista da costa, que foi de pronto reconhecida pelos dois marinheiros e pelo Sr. Osborne. Tendo este último cavalheiro conhecidos em Fort Moultrie, decidiu-se imediatamente descer nas suas vizinhanças. O balão foi levado para a praia (sendo maré baixa e a areia compacta, plana, e admiravelmente adaptada para uma

descida) e soltou-se à ancorazinha, que logo se prendeu com firmeza. Os habitantes da ilha e os do forte precipitaram-se, sem dúvida, para ver o balão; mas era com a maior dificuldade que alguém podia ser levado a crer na viagem real: *a travessia do Atlântico*. A ancorazinha prendeu-se, às duas horas da tarde, precisamente e, assim, a viagem inteira foi efetuada em setenta e cinco horas ou antes, em menos, contando de continente a continente. Nenhum acidente sério ocorreu. Nenhum perigo real foi temido a qualquer tempo. O balão foi esvaziado e amarrado, sem dificuldade; e quando o manuscrito, do qual esta narrativa é compilada, foi enviado de Charleston, os viajantes ainda se achavam em Fort Moultrie. Suas intenções futuras não são conhecidas; mas podemos com segurança prometer a nossos leitores alguma informação adicional, seja na segunda-feira, ou no decorrer do dia seguinte, o mais tardar.

Este é, inquestionavelmente, o mais estupendo, o mais interessante e o mais importante empreendimento jamais realizado ou mesmo tentado pelo homem. Seria inútil pensar agora em precisar que magníficos acontecimentos se poderão seguir daí.

O Caso do Sr. Valdemar

Não pretenderei, por certo, considerar como motivo de espanto que o extraordinário caso do Sr. Valdemar tenha provocado discussão. Milagre seria se tal não acontecesse, especialmente em tais circunstâncias. O desejo de todas as partes interessadas em evitar a publicidade ao caso, pelo menos no presente, ou até que tenhamos ulteriores oportunidades de investigação, e nossos esforços para realizar isto, deram lugar a uma narrativa truncada ou exagerada, que logo se propalou na sociedade, e vieram a ser fonte de muitas notícias falsas e desagradáveis e, bem naturalmente, de grande cópia de incredulidade.

Torna-se, agora, necessário que eu exponha os *factos* — até onde alcança minha compreensão dos mesmos. São, em resumo, os seguintes:

Nos últimos três anos, minha atenção vinha sendo atraída, repetidamente, pelos assuntos referentes ao magnetismo, e, há coisa de nove meses atrás, ocorreu-me, bastante inesperadamente, que nas séries de experiências feitas até então, houvera uma lacuna assinalável e inexplicável: — ninguém fora, ainda, magnetizado *in articulo mortis*^[8]. Restava ver, primeiro, se, em tais condições, havia no paciente qualquer suscetibilidade à influência; segundo, no caso de haver alguma, se era atenuada ou aumentada por esta circunstância e, em terceiro lugar, até que ponto, ou por quanto tempo, a invasão da Morte poderia ser impedida pelo processo magnético. Havia outros pontos a serem verificados, mas estes excitavam mais minha curiosidade, o último, de modo especial, pelo carácter imensamente importante de suas consequências.

Procurando, em tórno de mim, algum paciente por cujo intermédio pudesse ou certificar-me daquelas particularidades, vim a pensar no meu

amigo, o Sr. Ernesto Valdemar, o conhecido compilador da Biblioteca Forense, e, autor (sob o pseudônimo de Issachar Marx) das traduções polonesas de Wallenstein e Gargantua. O Sr. Valdemar, que residia geralmente em Harlem, Nova York, desde o ano de 1839, é (ou era) especialmente notável pela extrema magreza corporal, parecendo-se muito suas pernas com as de John Randolph; e, também, pela brancura de suas suíças, em violento contraste com o negro do cabelo, que, em consequência, era geralmente tomado como um chinó. Seu temperamento era assinaladamente nervoso e tornava-o um bom instrumento para experiências mesméricas^[9]. Em duas ou três ocasiões eu o fizera dormir com pouco esforço, mas ficara desapontado quanto aos outros resultados, que sua particular constituição me levava a prever. Em período algum sua vontade ficava inteira ou positivamente submetida à minha influência e, no que toca à *clarividência*, nada eu podia realizar com ele, que me servisse de base. Atribuí sempre meu insucesso nesse ponto ao seu precário estado de saúde. Certos meses, antes de conhecê-lo, seus médicos o haviam declarado tísico, sem qualquer dúvida. E, na verdade, tinha ele o hábito de falar sobre a aproximação de seu fim, como de uma questão que não devia ser lastimada, nem se podia evitar.

Quando me ocorreram, pela primeira vez, as ideias a que aludi, foi sem dúvida muito natural que eu pensasse no Sr. Valdemar. Eu conhecia muito bem sua sólida filosofia, para temer qualquer escrúpulo de sua parte e ele não tinha parentes na América, que pudessem interferir, plausivelmente. Falei-lhe com franqueza sobre o assunto; e, com surpresa minha, seu interesse pareceu vivamente excitado. Digo com surpresa, pois, embora ele sempre entregasse livremente sua pessoa para meus experimentos, nunca antes manifestara qualquer sinal de predileção pelo que eu fazia. Sua enfermidade ora de um tal caráter, que admitia exato cálculo da época em que seu desenvolvimento conduzia à morte; e, finalmente, combinamos entre nós que ele me mandaria chamar vinte e quatro horas, antes do prazo marcado pelos médicos, como o de seu falecimento.

Faz agora mais ou menos sete meses que recebi, do próprio Sr.

Valdemar, o bilhete seguinte:

“Meu caro P...

Você pode bem vir *agora*. D... e F... concordam em que não posso durar além da meia-noite de amanhã, e penso que eles acertaram no cálculo com grande aproximação.

Valdemar.”

Recebi esse bilhete meia hora depois que fora escrito e, quinze minutos após, estava eu no quarto do moribundo. Não o via, há dez dias, e espantou-me a terrível alteração que lhe trouxera tão breve intervalo. Sua face tinha uma coloração plúmbea, os olhos, completamente sem brilho; e sua magreza era tão extrema que os ossos da face quase rompiam a pele. Sua expectoração era excessiva. O pulso mal podia ser percebido. Não obstante, ele conservava, de modo bem digno de nota, toda a lucidez da mente e um certo grau de força física. Falava distintamente, tomava sem auxílio alheio alguns remédios paliativos, e, quando entrei no quarto, ocupava-se em escrever notas, num caderno de bolso. Estava apoiado na cama por travesseiros. Cuidavam dele os doutores D... e F...

Depois de apertar a mão de Valdemar, chamei aqueles senhores de parte e obtive deles relato minucioso das condições do paciente. O pulmão esquerdo estivera, durante dezoito meses, num estado semiósseo ou cartilaginoso e se tornara, sem dúvida, inteiramente inútil a qualquer função vital. O direito, na sua parte superior, estava também parcialmente, senão de todo, ossificado, enquanto a região inferior era simplesmente uma massa de tubérculos purulentos, interpenetrando-se. Havia muitas cavernas extensas e, em um ponto, se operara uma adesão permanente às costelas. Esses aspectos do lobo direito eram de data relativamente recente. A ossificação prosseguira com uma rapidez bastante incomum; nenhum sinal dela fora descoberto um mês antes e a adesão apenas fora observada durante os três dias antecedentes. Independentemente da tísica, suspeitava-se que o paciente sofresse de aneurisma da aorta, mas, nesse ponto, os sintomas ósseos tornavam

impossível um diagnóstico exato. Era opinião de ambos os médicos que o Sr. Valdemar morreria, mais ou menos, à meia-noite do dia seguinte, domingo. Estávamos, então, às sete horas da noite de sábado.

Deixando a cabeceira da cama do inválido, para travar conversa comigo, os drs. D... e F... tinham-lhe dado um definitivo adeus. Não tencionavam voltar, mas, a pedido meu, concordaram em visitar o doente, mais ou menos às dez horas da noite seguinte.

Quando eles se foram, falei francamente com o Sr. Valdemar sobre o assunto de sua morte vindoura, bem como, mais particularmente, sobre a experiência proposta. Ele mostrou-se ainda completamente de acordo e mesmo ansioso por sua realização, e insistiu comigo para que a comesse imediatamente. Dois enfermeiros, um homem e uma mulher cuidavam dele; mas eu não me sentia totalmente em liberdade de empreender uma tarefa dessa natureza sem mais testemunhas dignas de confiança, do que aqueles dois, que pudessem depor em caso de súbito acidente. Consequentemente, adiei as operações até cerca das oito horas da noite seguinte, quando a chegada de um estudante de medicina, com quem eu estava um tanto relacionado (o Sr. Teodoro L...) libertou-me de qualquer embaraço ulterior. Fora minha intenção, a princípio, esperar os médicos, mas fui levado a agir, primeiro, em virtude dos rogos prementes do Sr. Valdemar e, em segundo lugar, pela minha convicção de que não tinha um momento a perder, diante da evidente aproximação rápida de seu fim.

O Sr. L... teve a bondade de satisfazer meu desejo de tomar notas de tudo quanto ocorresse, e é dessas suas notas que, o que vou agora narrar, foi, na maior parte, condensado ou copiado literalmente.

Faltavam cerca de cinco minutos para as oito, quando, tomando a mão do paciente, eu lhe pedi que afirmasse, o mais distintamente possível, ao Sr. L..., se ele (o Sr. Valdemar) estava inteiramente de acordo em que eu fizesse a experiência de magnetizá-lo, no seu estado presente.

Ele respondeu, com fraca voz, porém completamente audível: “Sim, desejo ser magnetizado — acrescentando imediatamente depois — receio que você tenha demorado muito.”

Enquanto ele assim falava, comecei os passes, que eu já descobrira terem mais efeito em dominá-lo. Ele ficou evidentemente influenciado, com o primeiro toque lateral de minha mão pela sua fronte. Mas, embora utilizasse eu todos os meus poderes, nenhum efeito ulterior perceptível se verificou, até alguns minutos depois das dez horas, quando os Drs. D... e F... chegaram, de acordo com o combinado. Expliquei-lhes, em poucas palavras, o que pretendia e como eles não opusessem objeção, dizendo que o paciente já estava em agonia mortal, continuei, sem hesitação, mudando, porém, os passes laterais por outros descendentes e dirigindo meu olhar inteiramente sobre o olho direito do moribundo. A este tempo, já seu pulso era imperceptível e sua respiração estertorosa, a intervalos de meio minuto.

Tal estado conservou-se quase inalterado, durante um quarto de hora. No expirar esse período, porém, um suspiro natural embora muito profundo, escapou do peito do homem moribundo e cessou a respiração estertorosa, isto é, seus estertores não mais apareciam; os intervalos não diminuíram. As extremidades do paciente tinham uma frialdade de gelo.

Aos cinco minutos antes das onze, percebi sinais inequívocos da influência magnética. O movimento vítreo do olho mudara-se naquela expressão de inquietante exame *interior*, que só se vê em casos de sonambulismo e diante da qual é completamente impossível haver-, engano. Com alguns rápidos passes laterais fiz as pálpebras estremecerem, como em sono incipiente, e, com alguns mais, consegui fechá-las de todo. Não estava, porém, satisfeito com isso e continuei vigorosamente as manipulações, com o mais completo esforço da vontade, até paralisar, por completo, os membros do dormiente, depois de colocá-los em posição aparentemente cômoda. As pernas estavam inteiramente espichadas; os braços, quase a mesma coisa, e repousavam sobre o leito, a uma distância moderada das nádegas. A cabeça achava-se levemente elevada.

Quando terminei isso, era já meia-noite em ponto, e pedi aos cavalheiros presentes que examinassem o estado do Sr. Valdemar.

Depois de alguns exames, admitiram eles que se achava num estado perfeitamente extraordinário de sono mesmérico. A curiosidade dos dois

médicos achava-se altamente excitada. O Dr. D... resolveu logo ficar ao lado do paciente a noite inteira, enquanto o Dr. F... se despedia, com promessa de voltar ao amanhecer. O Sr. L... e os enfermeiros ficaram.

Deixamos o Sr. Valdemar inteiramente tranquilo, até às três horas da madrugada, quando me aproximei dele e vi que se encontrava, precisamente, no mesmo estado em que o deixara o Dr. F... ao retirar-se, isto é, jazia na mesma posição; o pulso era imperceptível; a respiração, ligeira, (mal distinguível, a não ser por meio da aplicação de um espelho aos lábios); os olhos fechavam-se naturalmente e os membros estavam tão rígidos e frios como o mármore. Contudo, a aparência geral não era certamente a da morte.

Quando me aproximei do Sr. Valdemar, fiz uma espécie de leve esforço, para influenciar seu braço direito a acompanhar o meu, que passava levemente, para lá e para cá, por cima de sua pessoa. Em tais experiências com esse paciente, nunca eu conseguira antes êxito completo e de certo tinha pouca esperança de ser bem-sucedido agora; mas, para espanto meu, seu braço prontamente, embora com fraqueza, acompanhou todos os movimentos que o meu fazia. Decidi arriscar algumas palavras de conversa.

— Sr. Valdemar — disse eu —, está adormecido?

Ele não deu resposta, mas percebi um tremor em torno dos lábios e por isso fui levado a repetir a pergunta várias vezes. À terceira repetição, todo seu corpo se agitou em um leve calafrio; as pestanas abriram-se, permitindo que se visse a faixa branca do olho; os lábios moveram-se lentamente e dentre eles, num sussurro mal audível, brotaram as palavras:

— Sim... estou adormecido agora. Não me desperte... Deixe-me morrer assim.

Apalpei-lhe então os membros e achei-os tão rijos como dantes; o braço direito obedecia ainda à direção de minha mão. Interroguei de novo o magnetizado:

— Sente ainda dor no peito, Sr. Valdemar?

A resposta agora foi imediata, mas ainda menos audível do que antes:

— Dor nenhuma... Estou morrendo.

Não achei prudente perturbá-lo mais então e nada mais foi dito ou feito até a chegada do Dr. F..., que veio um pouco antes do amanhecer e demonstrou seu ilimitado espanto, ao encontrar o paciente ainda vivo. Depois de tomar-lhe o pulso e aplicar-lhe um espelho aos lábios, pediu-me que me dirigisse de novo ao magnetizado. Acedi, perguntando:

— Sr. Valdemar, ainda está dormindo? Como anteriormente, alguns minutos decorreram até que fosse dada uma resposta e, durante o intervalo, parecia que o moribundo reunia suas energias para falar. À minha quarta repetição da pergunta, disse ele, com voz muito fraca, quase imperceptível:

— Sim... durmo ainda... estou morrendo.

Era agora opinião, ou antes, desejo dos médicos que o Sr. Valdemar deveria ser deixado tranquilo, na sua presente situação de aparente repouso, até sobreviver a morte. E isto, todos concordavam, deveria realizar-se, dentro de poucos minutos. Resolvi, porém, falar-lhe uma vez mais e repeti simplesmente minha pergunta anterior.

Enquanto eu falava, ocorreu sensível mudança na fisionomia do magnetizado. Os olhos se abriram devagar, desaparecendo as pupilas para cima; toda a pele tomou uma cor cadavérica, assemelhando-se mais ao papel branco que ao pergaminho; e as manchas circulares héticas, que até então se assinalavam fortemente, no centro de cada face, apagaram-se imediatamente. Uso esta expressão porque a surpresa de sua desapareição trouxe-me à mente nada menos que a ideia do apagar de uma vela com um sopro. Ao mesmo tempo, o lábio superior retraiu-se, acima dos dentes, que até então cobria por completo, enquanto o maxilar inferior caía com movimento audível, deixando a boca escancarada e mostrando a língua inchada e enegrecida. Suponho que ninguém do grupo ali presente estava desacostumado aos horrores dos leitos mortuários; mas tão inconcebivelmente horrenda era a aparência do Sr. Valdemar, naquele instante, que houve um geral recuo de todos das proximidades da cama.

Sinto agora ter chegado a um ponto desta narrativa, diante do qual todo leitor passará a não dar crédito algum. É, contudo, minha obrigação simplesmente continuar.

Já não havia mais o menor sinal de vida no Sr. Valdemar; e, comprovando sua morte, íamos entregá-lo aos cuidados dos enfermeiros, quando um forte movimento vibratório observou-se-lhe na língua, o qual continuou durante um minuto talvez. Terminado este, irrompeu dos queixos distendidos e imóveis uma voz; uma voz tal que seria loucura minha tentar descrever. Há, é certo, dois ou três epítetos, que poderiam ser considerados aplicáveis a ela, em parte; podia dizer, por exemplo, que o som era áspero, entrecortado, cavernoso; mas o horrendo conjunto é indescritível, pela simples razão de que nenhum som igual jamais vibrou em ouvidos humanos. Havia duas particularidades, não obstante, que, então pensei e ainda penso, podiam francamente ser comprovadas, como características da entonação, bem como adequadas a dar alguma ideia da sua peculiaridade sobrenatural. Em primeiro lugar, a voz parecia alcançar nossos ouvidos — pelo menos os meus — de uma vasta distância, ou de alguma profunda caverna, dentro da Terra. Em segundo lugar, dava-me a impressão (receio na verdade ser impossível fazer-me compreender) que as coisas gelatinosas e pegajosas dão ao sentido do tato.

Falei, ao mesmo tempo, em “som” e “voz”. Quero dizer que o som era de uma dição distinta... maravilhosamente distinta, mesmo, e arrepiante. O Sr. Valdemar *falava*, evidentemente respondendo à pergunta que eu lhe havia feito poucos minutos antes. Perguntara-lhe, como se lembram, se ele estava adormecido. Ele agora respondia:

— Sim... Não... *Estava* adormecido... E agora... agora... *estou morto*.

Nenhuma das pessoas presentes nem mesmo afetou negar, ou tentou reprimir, o indizível e calafriante horror, que essas poucas palavras assim pronunciadas, bem naturalmente provocavam. O Sr. L..., o estudante, desmaiou. Os enfermeiros abandonaram imediatamente o quarto e negaram-se a voltar. Não pretenderei tornar inteligíveis ao leitor as minhas próprias impressões. Durante quase uma hora ocupamo-nos, calados, sem dizer uma só palavra, em procurar fazer o Sr. L... voltar a si. E, quando isto se deu, dirigimo-nos de novo a examinar o estado do Sr. Valdemar. Continuava, a todos os respeitos, como o descrevera antes, com exceção de que o espelho

não mais revelava respiração. Uma tentativa de tirar sangue do braço fracassou. Devo mencionar também que este membro não mais se mostrou obediente à minha vontade. Tentei em vão fazê-lo acompanhar a direção de minha mão. A única e real demonstração da influência magnética achava-se, então, de fato, no movimento vibratório da língua, quando eu dirigia uma pergunta ao Sr. Valdemar. Ele parecia estar fazendo um esforço para responder, mas não possuía mais a volição suficiente. Às perguntas que lhe eram feitas, por qualquer outra pessoa além de mim, parecia totalmente insensível, embora eu tentasse colocar cada membro do grupo em *relação* magnética com ele. Creio que relatei agora tudo quanto é necessário, para uma compreensão do estado do magnetizado naquele momento. Foram procurados outros enfermeiros e, às dez horas, deixei a casa, em companhia dos dois médicos e do L....

À tarde, fomos todos chamados de novo para ver o paciente. Seu estado permanecia precisamente o mesmo. Tivemos então uma discussão, a respeito da oportunidade e possibilidade de despertá-lo, mas pouca dificuldade tivemos em concordar, em que não havia nenhuma utilidade em fazê-lo. Era evidente que, até ali, a morte (ou o que se chama usualmente morte), tinha sido detida pela ação magnética. Parecia claro a nós todos que despertar o Sr. Valdemar seria simplesmente assegurar sua morte atual ou, pelo menos, apressar-lhe a decomposição.

Desde aquele dia, até o fim da última semana — *intervalo de quase sete meses* — continuamos a fazer visitas diárias à casa do Sr. Valdemar, acompanhados, de vez em quando, por médicos e outros amigos. Durante este tempo, o magnetizado permanecia *exatamente*, como já deixei descrito. Os cuidados dos enfermeiros eram contínuos.

Foi na sexta-feira passada que resolvemos, finalmente, fazer a experiência de despertá-lo, ou de tentar despertá-lo; e foi talvez o infeliz resultado desta última experiência que deu origem a tantas discussões em círculos privados, e a muito daquilo que não posso deixar de julgar uma credulidade popular injustificável.

Com o fim de libertar o Sr. Valdemar da ação magnética, fiz uso dos

passes habituais. Durante algum tempo foram eles ineficazes. A primeira indicação de revivescência foi revelada por uma descida parcial da íris. Observou-se, como especialmente notável, que este abaixamento da pupila era acompanhado pela profusa ejaculação de um licor amarelento (de sob as pálpebras), com um odor acre e altamente repugnante.

Sugeriu-se então que eu deveria tentar influenciar o braço do paciente, como fizera antes. Tentei, mas inutilmente. O Dr. F... expressou então o desejo de que eu fizesse uma pergunta. Assim fiz, como segue:

— Sr. Valdemar, pode explicar-me quais são seus sentimentos ou desejos agora?

Houve imediata volta dos círculos héticos sobre as faces: a língua vibrou, ou antes, rolou violentamente na boca (embora os maxilares e os lábios permanecessem rijos, como antes) e por fim a mesma voz horrenda, que eu já descrevi, ejaculou:

— Pelo amor de Deus! ... Depressa, depressa... Faça-me dormir... ou então, depressa... acorde-me... Depressa... *Afirmo que estou morto!*

Eu estava completamente enervado e por um instante fiquei indeciso sobre o que fazer. A princípio fiz uma tentativa de acalmar o paciente; mas fracassando, pela total suspensão da vontade, fiz o contrário e lutei energicamente para despertá-lo. Nessa tentativa, vi logo que teria êxito, ou, pelo menos, logo imaginei que meu êxito seria completo. E estou certo de que todos no quarto se achavam preparados para ver o paciente despertar.

Para o que realmente ocorreu, porém, é completamente impossível que qualquer ser humano pudesse estar preparado.

Enquanto eu fazia rapidamente os passes magnéticos, entre ejaculações de “Morto!”, “Morto!”, *irrompendo* inteiramente da língua e não dos lábios do paciente, todo seu corpo, de pronto, no espaço de um único minuto, ou mesmo menos, contraiu-se... fracionou-se, absolutamente *podre*, sob minhas mãos. Sobre a cama, diante de toda aquela gente, jazia uma quase líquida massa de nojenta e detestável putrescência.

Revelação Magnética

Embora ainda se possa cercar de dúvida a *análise racional* do magnetismo, seus espantosos *resultados* são agora quase universalmente admitidos. E os que, dentre todos, duvidam, são simples descrentes profissionais, casta inútil e desacreditada. Não pode haver mais completa perda de tempo que a tentativa de *provar*, nos dias atuais, que o homem, pelo mero exercício da vontade, pode impressionar seu semelhante, a ponto de conduzi-lo a uma condição anormal, cujos fenômenos muito estreitamente se assemelham aos da *morte*, ou, pelo menos, se assemelham mais a eles, do que os fenômenos de qualquer outra condição normal, de que tenhamos conhecimento; provar que, enquanto em tal estado, a pessoa, assim impressionada, só emprega com esforço, e mesmo assim fracamente, os órgãos externos dos sentidos, embora perceba, com percepção agudamente refinada e através de canais supostamente desconhecidos, questões além do alcance dos órgãos físicos, provar que, além disso, suas faculdades intelectuais são maravilhosamente intensificadas e revigoradas; provar que suas simpatias, para com a pessoa que assim age sobre ela são profundas; e, finalmente, provar que sua suscetibilidade à ação magnética aumenta com a frequência desta, ao mesmo tempo que, em idêntica proporção, os fenômenos característicos obtidos se tornam mais extensos e mais *pronunciados*.

Digo que seria superfluidade demonstrar tais coisas — que são as leis do magnetismo em seu aspecto geral. E não irei infligir hoje a meus leitores tão desnecessária demonstração. Sou impelido, arrostando mesmo todo um mundo de preconceitos, a pormenorizar, sem comentários, a notabilíssima essência de um colóquio, ocorrido entre mim e um magnetizado.

Por muito tempo eu me acostumara a magnetizar a pessoa em apreço

(o Sr. Vankirk) e sobreviera a suscetibilidade aguda e a intensidade da percepção magnética, como de hábito. Durante numerosos meses viera sofrendo de tísica bem caracterizada, de cujos efeitos mais angustiantes fora aliviado, graças às minhas manipulações; e, na noite de quarta-feira, quinze do corrente, fui chamado à sua cabeceira. O enfermo sofria aguda dor, na região do coração e respirava com grande dificuldade, tendo todos os sintomas comuns da asma. Em espasmos semelhantes achara sempre alívio com a aplicação de mostarda, nos centros nervosos, mas naquela noite isso tinha sido tentado em vão.

Ao entrar em seu quarto, o doente saudou-me com carinhoso sorriso e, embora evidentemente sofresse grandes dores corporais, parecia estar mentalmente sem qualquer perturbação.

— Mandeí chamá-lo hoje — disse-me; — não tanto para dar-me um alívio ao corpo, como para satisfazer-me, relativamente a certas impressões psíquicas que, nos últimos tempos, causaram-me grande ansiedade e surpresa. Não preciso dizer-lhe quanto sou céptico a respeito da imortalidade da alma. Não posso negar que sempre existiu nessa própria alma, que andei negando, um como que vago sentimento de sua realidade. Mas esse indeciso sentimento em tempo algum se ampliou à convicção. Nada havia de comum entre minha razão e ele. Todas as tentativas de uma análise lógica resultaram, na verdade, em deixar-me mais céptico do que antes. Aconselharam-me a estudar Cousin; estudei-o em suas próprias obras, bem como nas de seus ecos europeus e americanos. Esteve em minhas mãos, por exemplo: o *Charles Elwood*, do Sr. Browson. Li-o com profunda atenção. Achei-o inteiramente lógico; apenas, as partes que não eram *simplesmente* lógicas eram, infelizmente, os argumentos iniciais do incrédulo herói do livro. Em seu resumo, pareceu-me evidente que o raciocinador não tivera êxito sequer em convencer-se a si mesmo. Seu fim claramente esquecera o início, como o governo de Trínculo. Em suma, não tardei em perceber que se um homem deve ser intelectualmente convencido da própria imortalidade, nunca será convencido pela mera abstração, que por tanto tempo foi moda, entre os moralistas da Inglaterra, da França e da Alemanha. As abstrações podem

divertir a mente e exercitá-la, mas não tomam posse dela. Neste mundo terreno, pelo menos, a filosofia estou persuadido, apelará sempre, em vão, para que contemplemos as qualidades como coisas. A vontade pode concordar; a alma, o intelecto, nunca. Repito, pois, que só senti um tanto, e nunca acreditei intelectualmente. Mas, há pouco, houve certo aguçamento dessa sensação, até ao ponto de quase parecer a aquiescência da razão, tanto que eu achava difícil distinguir entre ambos. Creio-me, pois, capaz de atribuir esse efeito à influência magnética. Não posso explicar melhor o que penso senão pela hipótese de que a intensificação magnética me capacita a perceber um encadeamento de raciocínios que, em minha existência anormal, me convence, mas que, em plena concordância com o fenômeno magnético, não se estende, a não ser por meio de seu *efeito*, à minha condição normal. Estando magnetizado, o raciocínio e sua conclusão, a causa e seu efeito, estão juntamente presentes. No meu estado natural, desaparecendo a causa, só o efeito permanece, e talvez só parcialmente. Tais considerações levaram-me a pensar que certos bons resultados podem ser a consequência de uma série de bem orientadas perguntas, a mim propostas enquanto magnetizado. Muitas vezes você observou o profundo autoconhecimento, demonstrado pelo magnetizado, a extensa consciência que ele tem de todos os pontos relativos à condição magnética em si; ora, desse autoconhecimento podem ser deduzidas ideias suficientes, para a organização adequada de um catecismo.

Consenti, naturalmente, em fazer tal experiência. Poucos passes levaram o Sr. Vankirk ao sono mesmérico. Sua respiração tornou-se imediatamente mais fácil e ele pareceu não sofrer qualquer incômodo físico. Seguiu-se, então, a conversação abaixo. V., no diálogo, representa o paciente e P. representa minha pessoa.

P. — Está dormindo?

V. — Sim... não; preferiria dormir mais profundamente.

P. — (*Depois de poucos passes mais*) — Está dormindo agora?

V. — Sim.

P. — Como pensa que terminará sua enfermidade atual?

V. — (*Depois de longa hesitação e falando como que com esforço*) —

Vou morrer.

P. — A ideia de morte o aflige?

V. — (*Muito rapidamente*) — Não.

P. — Agrada-lhe essa perspectiva?

V. — Se eu estivesse acordado, gostaria de morrer, mas agora isso não importa. A condição magnética está bastante perto da morte para me satisfazer.

P. — Desejaria que se explicasse, Sr. Vankirk.

V. — Desejo fazê-lo, mas isso requer esforço maior do que aquele de que sou capaz. O senhor não interrogou adequadamente.

P. — Que perguntarei então?

V. — Deve começar pelo começo.

P. — O começo? Mas onde é o começo?

V. — O começo, como sabe, é DEUS (*Isto foi dito num tom de voz baixo, flutuante e com todos os sinais da mais profunda veneração*).

P. — Que é Deus, então?

V. — (*Hesitando durante alguns minutos*) — Não posso dizer.

P. — Não é Deus espírito?

V. — Enquanto estava desperto, sabia o que queria dizer você com a palavra “espírito”, mas agora, parece-me apenas uma palavra, tal, por exemplo, como verdade, beleza, quero dizer, uma qualidade.

P. — Não é Deus imaterial?

V. — Não há imaterialidade; é uma simples palavra. O que não é matéria não é absolutamente — a menos que as qualidades sejam coisas.

P. — Deus, então, é material?

V. — Não. (*Esta resposta me espantou bastante*).

P. — Então que é ele?

V. — (*Depois de longa pausa, murmurando*) — Vejo — mas é uma coisa difícil de dizer. (*Outra pausa longa*). Ele não é espírito, porque existe. Nem é matéria, *tal como você entende*. Mas há *gradações* da matéria de que

o homem não conhece nada, a mais densa impelindo a mais sutil, a mais sutil invadindo a mais densa. A atmosfera, por exemplo, movimenta o princípio elétrico, ao passo que o princípio elétrico penetra a atmosfera. Estas gradações da matéria aumentam em raridade ou sutileza, até chegarmos a uma matéria *imparticulada* — sem partículas, indivisível — *una*; e aqui a lei de impulsão e de penetração é modificada. A matéria suprema, ou não particulada, não somente penetra todas as coisas, mas movimenta todas as coisas; e assim é todas as coisas em si mesma. Esta matéria é Deus. Aquilo que os homens tentam personificar na palavra “pensamento” é esta matéria em movimento.

P. — Os metafísicos sustentam que toda ação é redutível a movimento e pensamento e que este é a origem daquele.

V. — Sim. E agora vejo a confusão de ideias. O movimento é a ação do *espírito* e não do *pensamento*. A matéria imparticulada, ou Deus, em estado de repouso (tanto quanto podemos concebê-lo) o que os homens chamam espírito. E o poder do automovimento (equivalente com efeito à volição humana) é, na matéria imparticulada, o resultado de sua unidade e de sua onipotência; *como*, não sei, e agora vejo claramente que jamais o saberei. Mas a matéria imparticulada, posta em movimento por uma lei, ou qualidade existente dentro de si mesma, é pensamento.

P. — Poderá dar-me ideia mais precisa do que chama você matéria imparticulada?

V. — As matérias de que o homem tem conhecimento escapam aos sentidos gradativamente. Temos, por exemplo, um metal, um pedaço de madeira, uma gota d’água, a atmosfera, um gás, o calórico, a eletricidade, o éter luminoso. Ora, chamamos todas essas coisas matéria e abrangemos toda a matéria numa definição geral: mas a despeito disto, não pode haver duas ideias mais essencialmente distintas do que a que ligamos a um metal e a que ligamos ao éter luminoso. Quando alcançamos este último, sentimos uma inclinação quase irresistível a classificá-lo como espírito, ou como o nada. A única consideração que nos retém é nossa concepção de sua constituição atômica; e aqui mesmo temos necessidade de buscar auxílio na nossa noção

de um átomo, como algo que possui, com pequenez infinita, solidez, palpabilidade, peso. Suprimamos a ideia do éter como uma entidade, ou pelo menos como matéria. À falta de melhor palavra, podemos denominá-lo espírito. Dê agora um passo para além do éter luminoso. Conceba uma matéria, como muito mais rarefeita do que o éter, assim como o éter é muito mais rarefeito do que o metal e chegaremos imediatamente (a despeito de todos os dogmas da escola) a uma única massa — uma matéria imparticulada. Pois, embora possamos admitir infinita pequenez nos próprios átomos, a infinitude da pequenez nos espaços entre eles é um absurdo. Haverá um ponto, haverá um grau de rarefação no qual, se os átomos são suficientemente numerosos, os interespaços devem desaparecer e a massa unificar-se de todo. Mas, sendo agora posta de lado a consideração da constituição atômica, a natureza da massa resvala inevitavelmente para aquilo que concebemos como espírito. É claro, porém, que ela é tão matéria ainda, quanto antes. A verdade é que não se pode conceber o espírito, sem que seja possível imaginar o que não é. Quando nos lisonjeamos por haver formado essa concepção, apenas iludimos a nossa inteligência com a consideração da matéria infinitamente rarefeita.

P. — Parece-me haver uma insuperável objeção à ideia de unidade absoluta: que é a da bem pouca resistência sofrida pelos corpos celestes nas suas revoluções pelo espaço — resistência agora verificada, é verdade, como existente em *certo* grau, mas que é, não obstante, tão leve, a ponto de ter sido completamente desdenhada pela sagacidade do próprio Newton. Sabemos que a resistência dos corpos está principalmente em proporção com a sua densidade. A absoluta unificação é a absoluta densidade. Onde não há interespaços, não pode haver passagem. Um éter absolutamente denso oporia um obstáculo infinitamente mais eficaz à marcha de um astro, do que o faria um éter de diamante ou de ferro.

V. — Sua objeção é respondida com uma facilidade, que está quase na razão da sua aparente irresponsabilidade. Quanto à marcha de um astro, não faz diferença se o astro passa através do éter, ou se o éter *através dele*. Não há erro astronômico mais inexplicável do que o que relaciona o conhecido

retardamento dos cometas com a ideia de sua passagem, através de um éter. Porque, por mais rarefeito que se suponha esse éter, oporia ele obstáculo a qualquer revolução sideral, em um período bem mais breve do que tem sido admitido por aqueles astrônomos, que têm tentado tratar pela rama um ponto que eles acham impossível compreender. O retardamento realmente experimentado é, por outro lado, quase igual àquele que pode resultar da fricção do éter, na sua passagem instantânea, através do orbe. No primeiro caso, a força retardadora é momentânea e completa dentro de si mesma; no outro, é infinitamente crescente.

P. — Mas, em tudo isso — nesta identificação da simples matéria como Deus — não haverá algo de irreverência? (*Fui obrigado a repetir esta pergunta, antes que o magnetizado compreendesse plenamente o que eu queria dizer*).

V. — Pode dizer *por que* a matéria seria menos respeitada do que o pensamento? Mas você esquece que a matéria de que falo é, a todos os respeitos, o verdadeiro “pensamento”, ou “espírito” das escolas, no que se refere às suas altas capacidades, e é, além disso, a “matéria” dessas escolas ao mesmo tempo. Deus com todos os poderes atribuídos ao espírito, não é senão a perfeição da matéria.

P. — Você afirma então que a matéria imparticulada em movimento é pensamento?

V. — Em geral, esse movimento é o pensamento universal da mente universal. Esse pensamento cria. Todas as coisas criadas são apenas os pensamentos de Deus.

P. — Você diz “em geral”.

V. — Sim. A mente universal é Deus. Para as novas individualidades, a *matéria* é necessária.

P. — Mas você agora fala de espírito e matéria, como fazem os metafísicos.

V. — Sim, para evitar confusão. Quando eu digo *espírito*, significo a matéria imparticulada ou suprema; por *matéria*, entendo todas as outras espécies.

P. — Você diz que, “para novas individualidades, a matéria é necessária”...

V. — Sim; pois o espírito, existindo incorporeamente, é simplesmente Deus. Para criar seres individuais pensantes foi necessário encarnar porções do espírito divino. Por isso o homem é individualizado. Desvestido do invólucro corpóreo, seria Deus. Ora, o movimento particular das porções encarnadas da matéria imparticulada é o pensamento do homem, assim como o movimento do todo é o Deus.

P. — Diz você que, desvestido do corpo, o homem seria Deus?

V. — (*Depois de muita hesitação*) — Eu não podia ter dito isto. É um absurdo.

P. — (*Consultando minhas notas*) — Você disse que “desvestido do invólucro corpóreo o homem seria Deus”.

V. — Isto é verdade. O homem, assim despojado, *seria* Deus. Seria desindividualizado. Mas ele nunca pode ser assim despojado — pelo menos *nunca será*. A menos que devêssemos imaginar uma ação de Deus, voltando sobre si mesma — uma ação fútil e sem objetivo. O homem é uma criatura. As criaturas são pensamentos de Deus. E é da natureza do pensamento ser irrevogável.

P. — Não compreendo. Você diz que o homem nunca se despojará do corpo?

V. — Digo que ele nunca estará sem corpo.

P. — Explique-se.

V. — Há dois corpos: o rudimentar e o completo, correspondendo às duas condições da lagarta e da borboleta. O que chamamos “morte” é apenas a dolorosa metamorfose. Nossa atual encarnação é progressiva, preparatória, temporária. A futura é perfeita, final, imortal. A vida derradeira é o fim supremo.

P. — Mas nós temos conhecimento palpável da metamorfose da lagarta.

V. — Nós certamente; mas não a lagarta. A matéria de que nosso corpo

rudimentar é composta está ao alcance dos órgãos rudimentares que estão adaptados à matéria de que é formado o corpo rudimentar, mas não à de que é composto o corpo derradeiro. O corpo derradeiro escapa assim aos nossos sentidos rudimentares e percebemos apenas o casulo que abandona ao morrer, a forma interior, e não essa própria forma interior; mas esta forma interior, bem como o casulo, é apreciável por aqueles que já adquiriram a vida derradeira.

P. — Você disse muitas vezes que o estado magnético se assemelha muito de perto à morte. Como é isso?

V. — Quando digo que ele se assemelha à morte, quero dizer que se parece com a vida derradeira; pois, quando estou no sono magnético, os sentidos de minha vida rudimentar ficam suspensos e percebo as coisas externas diretamente, sem órgãos, por um meio que empregarei na vida derradeira e inorgânica.

P. — Inorgânica?

V. — Sim. Os órgãos são aparelhos pelos quais o indivíduo é posto em relação sensível com certas categorias e formas da matéria, com exclusão de outras categorias e formas. Os órgãos do homem estão adaptados à sua condição rudimentar e a ela somente; sua condição última, sendo inorgânica, é de compreensão ilimitada em todos os pontos, exceto um: a natureza da vontade de Deus, isto é, o movimento da matéria imparticulada. Você pode ter uma ideia distinta do corpo derradeiro, concebendo-o como sendo totalmente cérebro. Ele *não* é isso; mas uma concepção dessa natureza aproximará você de uma compreensão do que ele é. Um corpo luminoso comunica vibração ao éter luminoso. As vibrações geram outras semelhantes na retina; estas, por sua vez, comunicam outras semelhantes ao nervo ótico; o nervo leva outras semelhantes ao cérebro; o cérebro, também, outras iguais à matéria imparticulada que o penetra. O movimento desta última é pensamento, do qual a percepção é a primeira vibração. Este é o modo pelo qual o pensamento da vida rudimentar se comunica com o mundo exterior e este mundo exterior é limitado para a vida rudimentar, pelas reações de seus órgãos. Mas, na vida derradeira e inorgânica, o mundo exterior comunica-se

com o corpo inteiro (que é de uma substância afim da do cérebro, como já disse), sem nenhuma outra intervenção que não a de um éter infinitamente mais rarefeito, do que mesmo o éter luminoso; e com esse éter, em uníssono com ele, todo o corpo vibra, pondo em movimento a matéria imparticulada que o penetra. É à ausência de órgãos reativos, contudo, que devemos atribuir a quase ilimitada percepção da vida derradeira. Para os seres rudimentares, os órgãos são as gaiolas necessárias, para encerrá-los até que estejam emplumados.

P. — Você fala de seres rudimentares. Há outros seres rudimentares e pensantes além do homem?

V. — A conglomeração numerosa de matéria dispersa em nebulosas, planetas, sóis e outros corpos que nem são nebulosas, sóis, nem planetas, tem como único fim suprir o *pabulum*^[10] para a reação dos órgãos de uma infinidade de seres rudimentares. Sem a necessidade do rudimentar, anterior à vida derradeira, não teria havido corpos tais como esses. Cada um deles é ocupado por uma distinta variedade de criaturas orgânicas, rudimentares e pensantes. Em todas, os órgãos variam com os característicos do habitáculo. Na morte, ou metamorfose, estas criaturas, gozando da vida derradeira, da imortalidade, e conhecedoras de todos os segredos, menos o *único*, operam todas as coisas e se movem por toda a parte, por simples ato de vontade. Habitam — não as estrelas, que para nós parecem as únicas coisas tangíveis e para conveniência das quais nós cegamente cremos que o espaço foi criado — mas o próprio espaço — esse infinito, cuja imensidão verdadeiramente substantiva absorve as sombras estelares, apagando-as como não entidades, da visão dos anjos.

P. — Você diz que “sem a *necessidade* da vida rudimentar, não teria havido estrelas”. Mas qual a razão dessa necessidade?

V. — Na vida inorgânica, bem como geralmente na matéria inorgânica, nada há que impeça a ação de uma lei simples e *única*: a Divina Vontade. Com o fim de criar um empecilho, a vida orgânica e a matéria (complexas, substanciais, e oneradas por leis) foram criadas.

P. — Mais ainda — que necessidade havia de criar esse empecilho?

V. — O resultado da lei inviolada é perfeição, justiça, felicidade negativa. O resultado da lei violada é imperfeição, injustiça, dor positiva. Por meio dos empecilhos produzidos pelo número, complexidade e substancialidade das leis da vida orgânica e da matéria, a violação da lei se torna, até certo ponto, praticável. Esta dor, que na vida inorgânica é impossível, torna-se possível na orgânica.

P. — Mas em vista de que resultado bom se torna possível a dor?

V. — Todas as coisas são boas ou más por comparação. Uma análise suficiente mostrará que o prazer, em todos os casos, é apenas o contraste da dor. Prazer *positivo* é mera ideia. Para ser feliz, até certo ponto, devemos ter sofrido na mesma proporção. Jamais sofrer, equivaleria a não ter jamais sido feliz. Mas está demonstrado que, na vida inorgânica, a dor não pode existir; daí a necessidade da dor para a vida orgânica. A dor da vida primitiva da Terra é a única base da felicidade da derradeira vida no Céu.

P. — Contudo, ainda há uma de suas expressões que não acho possibilidade de compreender: “a imensidão verdadeiramente *substantiva* do infinito”.

V. — É, provavelmente, porque não tem a concepção suficientemente genérica do próprio termo “*substância*”. Não devemos olhá-la como uma qualidade, mas como um sentimento: é a percepção, nos seres pensantes, da adaptação da matéria à organização deles. Há muitas coisas sobre a Terra que seriam nada para os habitantes de Vênus; muitas coisas visíveis e tangíveis em Vênus, que não poderíamos ser levados a apreciar como absolutamente existentes. Mas para os seres inorgânicos — para os anjos — o todo da matéria imparticulada é substância; isto é, o todo do que chamamos “espaço” é para eles a mais verdadeira substancialidade; — os astros, entretanto, do ponto de vista de sua materialidade, escapam ao sentido angélico, justamente na mesma proporção em que a matéria imparticulada, do ponto de vista de sua imaterialidade, escapa ao sentido orgânico.

Ao pronunciar o magnetizado estas últimas palavras, em voz fraca, notei-lhe na fisionomia singular expressão, que me alarmou um tanto e induziu-me a despertá-lo imediatamente. Logo que fiz isto, com um brilhante

sorriso a iluminar todas as suas feições, caiu para trás no travesseiro e expirou. Notei que, menos de um minuto depois, seu cadáver tinha toda a rígida imobilidade da pedra. Sua fronte estava fria como gelo. Assim, geralmente, só se mostraria, depois de longa pressão da mão de Azrael. Ter-se-ia, realmente, o magnetizado, na última parte de sua dissertação, dirigido a mim, lá do fundo das regiões das sombras?

O Poço e o Pêndulo

Eu estava extenuado — extenuado até à morte, por aquela longa agonia. E quando eles, afinal, me desacorrentaram e me foi permitido sentar, senti que ia perdendo os sentidos. A sentença — a terrível sentença de morte — foi a última frase distintamente acentuada que me chegou aos ouvidos. Depois disto, o som das vozes dos inquisidores pareceu mergulhar num zumbido fantástico e vago. Trazia-me à alma a ideia de *rotação*, talvez por se associar, na imaginação, com mó de uma roda de moinho. Mas isto durou apenas pouco tempo, pois logo nada mais ouvi. Contudo, durante algum tempo, eu via — porém com que terrível exagero! — eu via os lábios dos juízes vestidos de preto. Pareciam-me brancos, mais brancos do que as folhas de papel sobre as quais estou traçando estas palavras, e grotescamente delgados; mais adelgaçados ainda pela intensidade de sua expressão de firmeza, de imutável resolução, de rigoroso desprezo pela dor humana. Eu via os decretos do que, para mim, representava o Destino, saírem ainda daqueles lábios. Via-os torceram-se, com uma frase letal. Via-os articularem as sílabas do meu nome. E estremecia, por não ouvir nenhum som em seguida. Via, também, durante alguns minutos de delirante horror, a ondulação leve e quase imperceptível dos panos negros que cobriam as paredes da sala. E, depois, meu olhar caiu sobre as sete grandes tochas em cima da mesa. A princípio, elas tomaram o aspecto da Caridade e pareciam anjos brancos e esbeltos, que me deviam salvar; mas depois, repentinamente, inundou-me o espírito uma náusea mais mortal e senti todas as fibras de meu corpo vibrarem, como se eu tivesse tocado o fio de uma pilha galvânica, enquanto os vultos angélicos se tornavam espectros insignificantes, com cabeças de chama, e via bem que deles não teria socorro. E, então, introduziu-se na minha imaginação, como

rica nota musical, a ideia do tranquilo repouso, que deveria haver na sepultura. Essa ideia chegou doce e furtivamente, e parece ter-se passado muito tempo até que pudesse ser completamente percebida. Mas, no momento mesmo em que o meu espírito começava, enfim, a sentir propriamente e a acarinhar essa ideia, os vultos dos juízes desapareceram, como por mágica, de minha frente; as altas tochas se foram reduzindo a nada; suas chamas se extinguíram por completo; o negror das trevas sobreveio. Todas as sensações pareceram dar um louco e precipitado mergulho, como se a alma se afundasse no Hades. E o universo não foi mais do que noite, silêncio e imobilidade.

Eu tinha desmaiado; no entanto, não direi, que havia perdido por completo a consciência. Não tentarei definir o que dela ainda permanecia, nem mesmo procurarei descrevê-lo. Todavia, nem tudo estava perdido. No sono mais profundo — não! No delírio — não! No desmaio — não! Na morte — não! Nem mesmo no túbulo tudo está perdido. De outra forma, não haveria imortalidade para o homem. Ao despertar do mais profundo sono, quebramos a teia delgada de *algum* sonho. Entretanto, um segundo depois, por mais fraca que tenha sido essa teia, não nos lembramos de ter sonhado. No voltar de um desmaio à vida, há duas fases: a primeira, é o sentimento da existência mental ou espiritual, a segunda o sentimento da existência física. Parece provável que se, ao atingir a segunda fase, pudéssemos evocar as impressões da primeira, poderíamos encontrá-las ricas em recordações do abismo transposto. E esse abismo — que é? Como, pelo menos, distinguiremos suas sombras das sombras do túbulo? Mas se as impressões daquilo que denominei a primeira fase não são reevocadas à vontade, todavia, depois de longo intervalo, não aparecem elas espontaneamente, enquanto indagamos, maravilhados, donde poderiam ter vindo? Aquele que nunca desmaiou é quem não descobre palácios estranhos e rostos esquisitamente familiares em brasas ardentes, é quem não percebe a flutuar, no meio do espaço, as tristes visões que a maioria não pode distinguir; é quem não medita sobre o perfume de alguma flor desconhecida: é quem não tem o cérebro perturbado pelo mistério de alguma melodia que, até então, jamais lhe detivera a atenção.

Entre as frequentes e intensas tentativas de recordar, entre as lutas encarniçadas para recolher alguns vestígios daquele estado de aparente aniquilamento, no qual a minha alma havia mergulhado, momentos houve em que eu sonhava ser bem-sucedido; houve períodos breves, bastante breves, em que evoquei as altas figuras que, arrebatando e carregando, em silêncio, recordações, a lúcida razão de uma época posterior me assegura se relacionarem, apenas, àquela condição de aparente inconsciência. Essas sombras de memória falam, indistintamente, para baixo... para baixo, cada vez mais baixo, até que uma horrível vertigem me oprimiu, a simples ideia daquela descida sem fim. Falam-me, também, de um vago horror no coração, por causa mesma daquele sossego desnatural do coração. Depois, sobrevêm uma sensação de súbita imobilidade em todas as coisas; como se aqueles que me transportavam (cortejo espectral) houvessem ultrapassado, na sua descida, os limites do ilimitado e se houvessem detido, vencidos pelo extremo cansaço da tarefa. Depois disso, reevoco a monotonia e a umidade; e, depois, tudo é *loucura*; a loucura de uma memória que se agita entre coisas repelentes.

Bem de súbito, voltaram à minha alma o movimento e o som — o tumultuoso movimento do coração e, aos meus ouvidos, o rumor de suas pancadas. Depois, uma pausa em que tudo desaparece. Depois, novamente o som, o movimento e o tato — uma sensação formigante invadindo-me o corpo. Depois, a simples consciência da existência, sem pensamento, situação que durou muito tempo. Depois, bem de repente, o *pensamento*, e um terror arrepiante, e um esforço ardente de compreender meu verdadeiro estado. Depois, um forte desejo de recair na insensibilidade. Depois, uma precipitada revivescência da alma, e um esforço bem-sucedido de mover-me. E, agora, a plena lembrança do processo, dos juízes, dos panos negros, da sentença, do mal-estar, do desmaio. Por fim, inteiro esquecimento de tudo que se seguiu; de tudo que um dia mais tarde acurados esforços me habilitaram a vagamente recordar.

Até aqui não tinha aberto os olhos. Sentia que estava deitado de costas, desamarrado. Estendi a mão e ela caiu, pesadamente, sobre algo de úmido e duro. Deixei que ela ficasse alguns minutos, enquanto me esforçava por

adivinhar onde poderia estar e o que me acontecera. Desejava ardentemente, mas não o ousava, servir-me dos olhos. Receava o primeiro olhar para os objetos que me cercavam; não que eu temesse olhar para coisas horríveis, mas porque empalidecia, temendo que *nada* houvesse para ver. Por fim, com selvagem desespero no coração, abri rapidamente os olhos. Meus piores pensamentos foram, então, confirmados. Cercava-me o negror da noite eterna. Fiz um esforço para respirar. A espessa escuridão parecia oprimir-me e sufocar-me. A atmosfera estava extraordinariamente confinada. Conservei-me ainda tranquilamente deitado, fazendo esforços para exercitar minha razão. Recordei os processos inquisitoriais e tentei, a partir deste ponto, deduzir minha verdadeira posição. A sentença fora pronunciada e me parecia que bem longo intervalo de tempo havia, desde então, decorrido. Contudo, nem por um instante supus que estivesse realmente morto. Tal suposição, a despeito do que lemos em romances, é completamente incompatível com a existência real. Mas, onde estava eu e em que situação me encontrava? Sabia que os condenados à morte pereciam, ordinariamente, em autos de fé e se realizara um destes, na mesma noite do dia do meu julgamento. Tinha eu sido reenviado para o meu calabouço à espera da próxima execução, que só se realizaria daí a muitos meses? Vi logo que não podia ser isto. As vítimas haviam sido requisitadas imediatamente. Além disso, meu cárcere, como todas as celas dos condenados em Toledo, tinha soalhos de pedra, e a luz não era inteiramente excluída.

Uma terrível ideia lançou-me, de súbito, o sangue em torrentes, ao coração e, durante breve tempo, mais uma vez recaí no meu estado de insensibilidade. Voltando a mim, pus-me de pé, dum salto, tremendo convulsivamente em todas as fibras. Estendi desordenadamente os braços acima e em torno de mim, em todas as direções. Não sentia nada. No entanto, temia dar um passo, no receio de embater-me com as paredes de um *túmulo*. Transpirava por todos os poros e o suor se detinha, em grossas bagas, na minha fronte. A agonia da incerteza tornou-se, afinal, intolerável e, com cautela, movi-me para diante, com os braços estendidos. Meus olhos como que saltavam das órbitas, na esperança de apanhar algum débil raio de luz. Dei vários passos, mas tudo era ainda escuridão e vácuo. Respirei mais

livremente. Parecia evidente que minha sorte não era, pelo menos, a mais horrenda.

E então, como continuasse ainda a caminhar, cautelosamente, para diante, vieram-me, em tropel, à memória, mil vagos boatos a respeito dos horrores de Toledo. Narravam-se estranhas coisas dos calabouços, que eu sempre considerara como fábulas, coisas, no entanto, estranhas e demasiado espantosas para serem repetidas, a não ser num sussurro. Ter-me-iam deixado para morrer de fome no mundo subterrâneo das trevas? Ou que sorte, talvez mesmo mais terrível, me esperava? Conhecia muito bem o caráter de meus juízes para duvidar de que o resultado seria a morte, e morte de insólita acritude. O modo e a hora era tudo o que me preocupava e perturbava.

Minhas mãos estendidas encontraram, afinal, um sólido obstáculo. Era uma parede, que parecia construída de pedras, muito lisa, viscosa e fria. Fui acompanhando-a, caminhando com toda a cuidadosa desconfiança que certas narrativas antigas me haviam inspirado. Este processo, porém, não me proporcionava meios de verificar as dimensões de minha prisão, pois eu podia fazer-lhe o percurso e voltar ao ponto donde partira, sem dar por isso, tão perfeitamente uniforme parecia a parede. Por isso é que procurei a faca, que estava em meu bolso quando me levaram à sala inquisitorial, mas não a encontrei. Haviam trocado minhas roupas por uma camisola de sarja grosseira. Pensara em enfiar a lâmina em alguma pequena fenda da parede, de modo a identificar meu ponto de partida. A dificuldade, não obstante, era apenas vulgar, embora, na desordem de minha mente parecesse a princípio insuperável. Rasguei uma parte do debrum da roupa e coloquei o fragmento bem estendido em um ângulo reto com a parede. Tateando meu caminho em torno da prisão, não podia deixar de encontrar aquele trapo, ao completar o circuito. Assim, pelo menos, pensava eu, mas não tinha contado com a extensão da masmorra ou com minha própria fraqueza. O chão estava úmido e escorregadio. Caminhava cambaleando para a frente, durante algum tempo, quando tropecei e caí. Minha excessiva fadiga induziu-me a permanecer deitado e logo o sono se apoderou de mim naquele estado.

Ao despertar e estender um braço achei, a meu lado, um pão e uma

bilha d'água. Estava demasiado exausto para refletir naquela circunstância, mas comi e bebi com avidez. Logo depois, recomecei minha volta em torno da prisão e, com bastante trabalho, cheguei, afinal, ao pedaço de sarja. Até o momento em que caí, havia contado cinquenta e dois passos e, ao retomar meu caminho, contara quarenta e oito mais, até chegar ao trapo. Havia, pois ao todo, uns cem passos. E, admitindo dois passos para uma jarda, presumi que o calabouço teria umas cinquenta jardas de circuito. Encontrara, porém, muitos ângulos na parede e, desse modo, não me era possível conjecturar qual fosse a forma do sepulcro, pois sepulcro não podia deixar eu de supor que era.

Não tinha grande interesse — nem certamente esperança — naquelas pesquisas, mas uma vaga curiosidade me impelia a continuá-las. Deixando a parede, resolvi atravessar a área do recinto. A princípio, procedi com extrema cautela, pois o chão, embora parecesse de material sólido, era traiçoeiro e lodoso. Afinal, porém, tomei coragem e não hesitei em caminhar com firmeza, tentando atravessar em linha tão reta quanto possível. Havia avançado uns dez a doze passos desta maneira, quando o resto do debrum rasgado de minha roupa se enroscou em minhas pernas. Pisei nele e caí violentamente de bruços.

Na confusão que se seguiu à minha queda não apreendi uma circunstância um tanto surpreendente, que, contudo, poucos segundos depois, e enquanto jazia ainda prostrado, reteve minha atenção. Era o seguinte: meu queixo pousava sobre o chão da prisão, mas meus lábios e a parte superior de minha cabeça, embora parecendo a menor elevação que o queixo, nada tocavam. Ao mesmo tempo, minha testa parecia banhada dum vapor viscoso e o cheiro característico de fungos podres subiu-me às narinas. Estendi o braço e estremei, ao descobrir que havia caído à beira dum poço circular, cuja extensão, sem dúvida, não tinha meios de medir no momento. Tateando a alvenaria, justamente abaixo da borda, consegui deslocar um pequeno fragmento e deixei-o cair dentro do abismo. Durante muitos segundos prestei ouvidos a suas repercussões, ao bater de encontro aos lados da abertura, em sua queda. Por fim, ouvi um lúgubre mergulho n'água, seguido de ruidosos

ecos. No mesmo instante ouviu-se um som semelhante ao duma porta, tão depressa aberta quão rapidamente fechada, acima de minha cabeça, enquanto um fraco clarão luzia, de repente, em meio da escuridão e com a mesma rapidez desaparecia.

Vi, claramente, o destino que me fora preparado e congratulei-me com o acidente oportuno que me salvara. Um passo a mais e o mundo não mais me veria. E a morte, justamente evitada, era daquela mesma natureza que olhara como fabulosa e absurda nas histórias a respeito da Inquisição. Para as vítimas de sua tirania, havia a escolha da morte com suas mais cruéis agonias físicas, ou da morte com suas mais abomináveis torturas morais. Tinham reservado para mim esta última. O longo sofrimento havia relaxado meus nervos, a ponto de fazer-me tremer ao som de minha própria voz e me tornara, a todos os aspectos, material excelente para as espécies de tortura que me aguardavam. Com os membros todos a tremer, arrepiei caminho, tateante, até a parede, resolvido a perecer antes que arriscar-me aos terrores dos poços, que minha imaginação agora admitia que fossem muitos, espalhados em todas as direções, no calabouço. Em outras condições de pensamento, poderia ter tido a coragem de dar fim imediato às minhas desgraças, deixando-me cair dentro de um daqueles abismos. Mas, então, era eu o mais completo dos covardes. Nem podia, tão pouco, esquecer o que lera a respeito daqueles poços: que a *súbita* extinção da vida não estava incluída nos mais horrendos planos dos inquisidores.

A agitação do espírito conservou-me desperto por muitas horas, mas, afinal, mergulhei de novo no sono. Ao despertar, encontrei a meu lado, como antes, um pão e uma bilha d'água. Sede ardente me devorava e esvaziei a vasilha dum trago. Deveria estar com alguma droga, porque, logo depois de beber, fui tomado dum torpor irresistível. Um sono profundo se apoderou de mim — sono semelhante ao da morte. Quanto tempo durou isso, não me é possível dizê-lo, mas quando, mais uma vez, descerrei os olhos, os objetos que me cercavam estavam visíveis. Graças a uma luz viva e sulfúrea, cuja origem não pude a princípio determinar, consegui verificar a extensão e o aspecto da prisão.

Tinha-me enganado grandemente a respeito de seu tamanho. Todo o circuito de suas paredes não excedia de vinte e cinco jardas. Durante alguns minutos, este fato causou-me um mundo de inútil perturbação; inútil, de fato, porquanto que coisas havia de menor importância, nas terríveis circunstâncias que me cercavam, que as simples dimensões de minha masmorra? Mas minha alma interessava-se, com ardor, por bagatelas, e ocupei-me em tentar explicar o erro que havia cometido nas minhas medidas. A verdade, afinal jorrou, luminosa. Na minha primeira tentativa de exploração, havia eu contado cinquenta e dois passos, até o momento em que caí. Deveria achar-me, então, à distância dum passo, ou dois, do pedaço da sarja. De fato, havia quase realizado o circuito da cava. Foi então que adormeci e, ao acordar, devo ter feito o mesmo caminho, supondo, assim, que a volta da prisão era quase o duplo do que é na realidade. Minha confusão de espírito impediu-me de observar que começara minha volta com a parede à esquerda e a acabara com a parede à direita.

Enganara-me, também, a respeito da forma do recinto. Ao tatear meu caminho, descobrira muitos ângulos e daí deduzi a ideia de grande irregularidade, tão poderoso é o efeito da escuridão absoluta sobre alguém que desperta do letargo ou do sono. Os ângulos eram apenas os de umas poucas e ligeiras depressões, ou nichos, a intervalos desiguais. A prisão era, em geral, quadrada. O que eu tinha tomado por alvenaria parecia, agora, ser ferro, ou algum outro metal, em imensas chapas, cujas suturas, ou juntas, causavam aquelas depressões. Toda a superfície daquele recinto metálico estava grosseiramente brochada com os horríveis e repulsivos emblemas a que a superstição sepulcral dos monges tem dado origem. Figuras de demônios, em atitudes ameaçadoras, com formas de esqueletos, e outras imagens mais realisticamente apavorantes, se espalhavam por todas as paredes, manchando-as. Observei que os contornos daqueles monstros eram bem recortados, mas que as cores pareciam desbotadas e borradas, por efeito, talvez, da atmosfera úmida. Notei, então, o chão, que era de pedra. No centro, escancarava-se o poço circular, de cujas fauces havia eu escapado, mas era o único que se achava no calabouço.

Vi tudo isto indistintamente e com bastante esforço, pois minha condição física tinha grandemente mudado, durante meu sono. Encontrava-me agora de costas e bem espichado, numa espécie de armação de madeira, muito baixa. Estava firmemente amarrado a ela por uma comprida correia dupla. Enrolava-se em várias voltas em torno de meus membros e de meu corpo, deixando livre apenas a cabeça e o braço esquerdo, até o ponto apenas de poder, com excessivo esforço, suprir-me de comida em um prato de barro, que jazia a meu lado no chão. Vi, com grande horror, que a bilha d'água tinha sido retirada. Digo com grande horror, porque intolerável sede me abrasava. Parecia ser intenção de meus perseguidores exacerbar essa sede, pois a comida do prato era uma carne fortemente temperada.

Olhando para cima, examinei o forro de minha prisão. Tinha uns trinta ou quarenta pés de altura e era do mesmo material das paredes laterais. Em um de seus painéis, uma figura bastante estranha absorveu-me toda a atenção. Era um retrato do Tempo, tal como e comumente representado, exceto que, em lugar duma foice, segurava ele aquilo que, ao primeiro olhar, supus ser o desenho dum imenso pêndulo, dos que vemos nos relógios antigos. Havia algo, porém, na aparência daquela máquina, que me fez olhá-la mais atentamente. Enquanto olhava diretamente para ela, lá em cima (pois se achava bem por cima de mim), pareceu-me que se movia. Um instante depois vi isso confirmado. Seu balanço era curto e sem dúvida vagaroso. Estive a observá-lo alguns minutos, mais maravilhado que mesmo amedrontado. Cansado afinal de examinar-lhe o monótono movimento, voltei os olhos para os outros objetos que se achavam na cela.

Leve rumor atraíu-me a atenção e, olhando para o chão, vi vários ratos enormes, que por ali andavam. Haviam saído do poço, que se achava bem à vista, à minha direita. No mesmo instante, enquanto os observava, subiram aos bandos, apressados, com olhos vorazes, atraídos pelo cheiro da carne. Era-me preciso muito esforço e atenção para afugentá-los.

Talvez se houvesse passado uma meia hora, ou mesmo uma hora (pois só podia medir o tempo imperfeitamente), quando ergui de novo os olhos para o forro. O que vi, então, encheu-me de confusão e de espanto. O

(balanço do pêndulo tinha aumentado de quase uma jarda de extensão. Como consequência natural, sua velocidade era, também, muito maior. Mas o que sobretudo me perturbou foi a ideia de que ele havia imperceptivelmente descido. Observava agora — com que horror é desnecessário dizer — que sua extremidade inferior era formada por um crescente de aço, cintilante, tendo cerca de um pé de comprimento, de ponta a ponta; as pontas voltavam-se para cima e a borda de baixo era evidentemente afiada como a folha de uma navalha. Como uma navalha, também, parecia pesado e maciço, estendendo-se para cima, a partir do corte, numa sólida e larga configuração. Estava ajustado a uma pesada haste de bronze, e o conjunto *assoviava* ao balançar-se no ar.

Não pude duvidar, por mais tempo, da sorte para mim preparada pela habilidade monacal em torturas. Minha descoberta do poço fora conhecida dos agentes da Inquisição —, o *poço* cujos horrores tinham sido destinados para um rebelde tão audacioso como eu; — o *poço*, figura do inferno, e, considerado pela opinião pública, como a *Última Thule*^[11] de todos os seus castigos! Pelo mais fortuito dos incidentes, tinha eu evitado a queda dentro do poço e sabia que a surpresa ou armadilha da tortura formava parte importante de todo o fantástico daquelas mortes em masmorras. Não tendo caído, deixava de fazer parte do plano demoníaco atirar-me no abismo e dessa forma, não havendo alternativa, uma execução mais benigna e diferente me aguardava. Mais benigna! Quase sorri na minha angústia quando pensei no uso de tal termo.

De que serve falar das longas, das infindáveis horas de horror mais que mortal, durante as quais contei as precipitadas oscilações da lâmina? Polegada a polegada, linha a linha, com uma descida somente apreciável a intervalos que pareciam séculos, descia sempre, cada vez mais baixo, cada vez mais baixo! Dias se passaram — pode ser que se tenham passado muitos dias — até que ele se balançasse tão perto de mim que me abanasse com seu sopro acre. O odor da lâmina afiada entrava-me pelas narinas. Roguei aos céus, fatiguei-os com as minhas preces, para que mais rápida a lâmina descesse. Tornei-me freneticamente louco e forcejei por erguer-me contra o

balanço da terrível cimitarra. Mas depois acalmei-me de repente e fiquei a sorrir para aquela morte cintilante, como uma criança diante de algum brinquedo raro.

Houve outro intervalo de completa insensibilidade. Foi curto, pois voltando, de novo à vida, não notei descida perceptível no pêndulo. Mas pode ter sido longo, pois eu sabia que havia demônios que tomavam nota de meu desmaio e que podiam, à vontade, ter detido a oscilação. Voltando a mim, sentia-me também bastante doente e fraco — oh, de maneira inexprimível! — como em consequência de longa inanição. Mesmo em meio das angústias daquele período, a natureza humana implorava alimento. Com penoso esforço, estendi o braço esquerdo, o mais longe que os laços permitiam, e apoderei-me do pequeno resto que me tinha sido deixado pelos ratos. Ao colocar um pedaço de alimento na boca, atravessou-me o espírito uma imprecisa ideia de alegria... de esperança. Todavia, que havia de comum entre mim e a esperança? Era, como eu disse, uma ideia imprecisa, dessas muitas que todos têm e que nunca se completam. Senti que eia de alegria... de esperança, essa ideia; mas também senti que perecera ao formar-se. Em vão eu lutava para aperfeiçoá-la, para recuperá-la. O prolongado sofrimento quase aniquilara todas as minhas faculdades comuns do pensamento. Eu era um imbecil... um idiota.

A oscilação do pêndulo fazia-se em ângulos retos com meu comprimento. Vi que o crescente estava disposto para cruzar a região de meu coração. Desgastaria a sarja de minha roupa... voltaria e repetiria suas operações, de novo... ainda outra vez. Não obstante sua oscilação, terrivelmente larga (de trinta pés ou mais), e a força sibilante de sua descida, suficiente para cortar até mesmo aquelas paredes de ferro, o corte de minha roupa seria, não obstante, tudo quanto durante alguns minutos ele faria. Ao pensar nisto, fiz uma pausa. Não ousava passar além dessa reflexão. Demorei-me nela com uma atenção pertinaz como se, assim fazendo, pudesse deter ali a descida da lâmina. Obriguei-me a meditar sobre o som que o crescente produziria, ao passar através de minha roupa... na característica e arrepiante sensação que a fricção do nano produz sobre os nervos. Meditava

em todas estas bagatelas, até me doerem os dentes. Mais baixo... cada vez mais baixo, ele descia. Sentia um frenético prazer em comparar sua velocidade, de alto a baixo, com sua velocidade lateral. Para a direita... para a esquerda, para lá e para cá, com o guincho de um espírito danado! Para o meu coração, com o passo furtivo do tigre! Eu ora ria, ora urrava, à medida que uma ou outra ideia se tornava predominante. Para baixo... seguramente, inexoravelmente para baixo! Oscilava a três polegadas de meu peito! Debatia-me violentamente, furiosamente, para libertar meu braço esquerdo, que só estava livre do cotovelo até a mão. Podia apenas levar a mão à boca, desde o prato que estava ao meu lado, com grande esforço, e nada mais. Se tivesse podido quebrar os liames, acima do cotovelo, teria agarrado e tentado deter o pêndulo. Seria o mesmo que tentar deter uma avalanche!

Para baixo, incessantemente para baixo, inevitavelmente para baixo! Eu ofegava e debatia-me a cada oscilação. Encolhia-me convulsivamente a cada balanço. Meus olhos acompanhavam seus vaivéns, para cima e para baixo, com a avidez do mais insensato desespero; fechavam-se os meus olhos espasmodicamente, no momento da descida, embora a morte viesse a ser para mim um alívio, e oh, que inexprimível alívio! Entretanto, todos os meus nervos tremiam ao pensar que bastava uma simples descaída da máquina para precipitar aquele machado agudo e cintilante sobre meu peito. Era a *esperança* que fazia assim tremerem os meus nervos, que assim me dava calafrios ao corpo. Era a *esperança*... a esperança que triunfa, mesmo sobre o cavalete de tortura, a esperança que sussurra aos ouvidos do condenado à morte, até mesmo nas masmorras da Inquisição!

Vi que cerca de dez ou doze oscilações poriam a lâmina em contato com minhas roupas, e a essa observação, subitamente, me veio ao espírito toda a aguda e condensada calma do desespero. Pela primeira vez, durante muitas horas — ou mesmo dias — *pensei*. Ocorreu-me então que a correia que me cingia era *uma só*. Não estava amarrado por cordas separadas. O primeiro atrito do crescente navalhante, com qualquer porção da correia, a cortaria, de modo que eu poderia depois desamarrar-me com a mão esquerda. Mas quão terrível era, nesse caso, a proximidade da lâmina. Quão mortal

seria o resultado do mais leve movimento! Seria verossímil, aliás, que os esbirros do inquisidor não tivessem previsto e prevenido essa possibilidade? Seria provável que a correia cruzasse o meu peito no percurso do pêndulo? Receando ver frustrada minha fraca e, ao que parece, última esperança, elevei a cabeça o bastante, para conseguir ver distintamente o meu peito. A correia envolvia meus membros e meu corpo, em todas as direções, *exceto no cantinho do crescente assassino*.

Mal deixara cair a cabeça na sua posição primitiva, reluziu em meu espírito algo que eu não saberia melhor definir, senão como a metade informe daquela ideia de libertação, a que já aludi, anteriormente, e da qual apenas uma metade flutuava, de modo vago, em meu cérebro ao levar a comida aos meus lábios abrasados. A ideia inteira estava agora presente — fraca, apenas razoável, apenas definida, mas mesmo assim inteira. Pus-me imediatamente a tentar executá-la, com a nervosa energia do desespero.

Durante muitas horas, a vizinhança imediata da baixa armação de madeira, sobre a qual eu jazia, estivera literalmente fervilhando de ratos. Eram ferozes, audaciosos, vorazes. Seus olhos vermelhos chispavam sobre mim, como se esperassem apenas uma parada de movimentos de minha parte para fazerem de mim sua presa. “A que espécie de alimento — pensei eu — estão eles acostumados neste poço?”

A despeito de todos os meus esforços para impedi-los, tinham devorado tudo, exceto um restinho do conteúdo do prato. Minha mão contraíra um hábito de vaivém ou de balança, em torno do prato e, afinal, a uniformidade inconsciente do movimento privou-o de seu efeito. Na sua voracidade, a bicharia frequentemente ferrava as agudas presas nos meus dedos. Com as migalhas da carne gordurosa e temperada, que ainda restavam, esfreguei toda a correia, até onde podia alcançar. Depois erguendo a mão do chão, fiquei imóvel, sem respirar.

A princípio, os vorazes animais se espantaram, terrificados com a mudança, com a cessação do movimento. Fugiram, alarmados; muitos regressaram ao poço. Mas isso foi só por um momento. Eu não contara em vão com sua voracidade. Observando que eu ficava sem mover-me, um ou

dois dos mais audazes pularam sobre o cavalete e farejaram a correia. Parece que isto foi o sinal para uma corrida geral. Do poço precipitaram-se tropas frescas. Subiram pela madeira, correram sobre ela e saltaram, às centenas, por cima de meu corpo. Absolutamente não os perturbou o movimento cronométrico do pêndulo. Evitando-lhe a passagem, trabalhavam sobre a correia besuntada de gordura. Precipitavam-se, formigavam sobre mim, em pilhas sempre crescentes. Torciam-se sobre minha garganta; seus lábios frios tocavam os meus; eu estava semissufocado pelo peso dessa multidão. Um nojo, para que o mundo não tem nome, arfava-me o peito e me enregelava o coração com pesada viscosidade. Mais um minuto, porém, e compreendi que estaria terminada a operação. Claramente percebi o afrouxamento da correia. Sabia que em mais de um lugar ela ia deveria estar cortada. Com resolução sobre-humana, permaneci *imóvel*.

Nem errara em meus cálculos, nem havia suportado tudo aquilo em vão. Afinal, senti que estava *livre*. A correia pendia de meu corpo, em pedaços. Mas o movimento do pêndulo já me comprimia o peito. Dividira a sarja de minha roupa. Cortara a camisa por baixo. Duas vezes, de novo, oscilou e uma aguda sensação de dor atravessou todos os meus nervos. Mas chegara o momento de escapar-lhe. A um gesto de minha mão, meus libertadores precipitaram-se, tumultuosamente, em fuga. Com um movimento firme — prudente, oblíquo, encolhendo-me, abaixando-me — deslizei para fora dos laços da correia e do alcance da cimitarra. Por enquanto, ao menos, eu *estava livre*.

Livre! E nas garras da Inquisição! Mal descera de meu cavalete de horror, para o chão de pedra da prisão, o movimento da máquina infernal cessou e vi que alguma força invisível a arrastava, suspendendo-a através do forro. O conhecimento desse fato me abateu desesperadamente. Cada movimento meu era sem dúvida vigiado. Livre! Eu apenas escapara de morrer numa forma de agonia, para ser entregue a qualquer outra forma pior do que a morte. Com tal pensamento, girei os olhos nervosamente, em volta, sobre as paredes de aço que me circundavam. Qualquer coisa incomum, certa mudança que, a princípio, não pude perceber distintamente, era óbvio, se

produzira no aposento. Durante vários minutos de sonhadora e tremente abstração, entreguei-me a vãs e desconexas conjecturas. Nesse período certifiquei-me, pela primeira vez, da origem da luz sulfurosa, que iluminava a cela. Procedia de uma fenda, de cerca de meia polegada de largura, que se estendia completamente em volta da prisão, na base das paredes, as quais assim pareciam que, de fato, eram inteiramente afastadas do solo. Tentei, mas sem dúvida inutilmente, olhar por essa abertura.

Ao erguer-me da tentativa, o mistério da alteração do aposento revelou-se logo à minha inteligência. Eu observara que, embora os contornos das figuras nas paredes fossem suficientemente distintos, suas cores, contudo, pareciam manchadas e indecisas. Tais cores passaram a tomar, e a cada momento tomavam, um brilho apavorante e mais intenso, que dava às espectrais e diabólicas imagens um aspecto capaz de fazer tremerem nervos, mesmo mais firmes que os meus. Olhos de demônio, de vivacidade selvagem e sinistra, contemplavam-me, vindos de mil direções, onde antes nada fora visível, e cintilavam com o lívido clarão de um fogo, que eu não podia forçar a imaginação a considerar como irreal.

Irreal! Mesmo quando respirei, veio-me às narinas o bafo do vapor de ferro aquecido! Um odor sufocante espalhou-se pela prisão! Um fulgor mais profundo se fixava a cada instante nos olhos que contemplavam minhas agonias! Uma coloração, sempre mais intensamente carmesim, difundia-se sobre as horrendas pinturas de sangue! Ofeguei! Esforcei-me para respirar! Não podia haver dúvidas sobre os desígnios de meus atormentadores, oh!, os mais implacáveis, os mais demoníacos dos homens! Fugi do metal ardente, para o centro da cela. Entre as ideias da destruição pelo fogo, que impendia sobre mim, o pensamento do frescor do poço caiu em minha alma como um bálsamo. Atirei-me para suas hordas mortais. Lancei para o fundo os olhares ansiosos. O brilho do teto inflamado iluminava seus mais recônditos recessos. Contudo, por um momento desordenado, o espírito recusou-se a compreender a significação do que eu via. Afinal, obriguei-o a compreender — lutei para que isso penetrasse em minha alma — e isso se gravou em brasa na minha mente trêmula. Oh! Ter uma voz para falar! Oh! Horror! Oh! Qualquer

horror, menos esse! Com um grito, fugi da margem e sepultei a face nas mãos, chorando amargamente.

O calor aumentava com rapidez e ainda uma vez olhei para cima, a tiritar, como num acesso de febre. Segunda alteração se verificara na cela... e agora a mudança era, evidentemente, na *forma*. Como antes, foi em vão que tentei, a princípio, perceber ou compreender o que ocorria. Mas não fui deixado em dúvida muito tempo. A vingança inquisitorial fora apressada pela minha dupla fuga a ela, e não havia mais meio de perder tempo com o Rei dos Terrores. O quarto fora quadrado. Eu notava que dois de seus ângulos de ferro eram agora agudos e dois, em consequência, obtusos. A terrível diferença velozmente aumentava, com um grave rugido, ou um gemido surdo. Em um instante o aposento trocara sua forma pela de um losango. Mas a alteração não parou aí nem eu esperei ou desejei que ela parasse. Eu poderia ter aplicado as paredes rubras ao meu peito, como um vestuário de eterna paz. “A morte!” — disse eu — “Qualquer morte, porém não a do poço!”

Louco! Não havia compreendido que o objetivo dos ferros ardentes era impelir-me *para dentro do poço*? Poderia eu resistir a seu fulgor? Ou, mesmo que o conseguisse, poderia suportar sua pressão? E então, mais e mais se achatou o losango, com uma rapidez que não me dava tempo para refletir. Seu centro e, naturalmente, sua maior largura, ficaram mesmo sobre o abismo escancarado. Fugi... mas as paredes, a apertar-se, impeliavam-me irresistivelmente para diante. Afinal, para meu corpo queimado e torcido, não havia mais de uma polegada de solo firme, no soalho da prisão. Não lutei mais, a agonia de minha alma, porém, se exalou num grito alto, longo e final de desespero. Senti que oscilava sobre a borda... Desviei os olhos...

Houve um ruído discordante de vozes humanas! Houve um elevado toque, como o de muitas trombetas! Houve um rugido áspero, como o de mil trovões! Precipitadamente, recuaram as paredes em brasa. Um braço estendido agarrou o meu, quando eu caía, desfalecido, no abismo. Era o do General Lasalle. O exército francês entrara em Toledo. A Inquisição caíra nas mãos de seus inimigos.

A Aventura Inigualável de um Certo Hans Pfaall

Segundo as últimas notícias de Roterdã, aquela cidade parece achar-se em elevado estado de agitação filosófica. Na verdade, ocorreram ali fenômenos de natureza tão completamente inesperada, tão inteiramente novos, tão extremamente contraditórios com as opiniões preconcebidas, que não me deixam na mente dúvida de que, antes de muito pouco tempo, toda esta Europa estará em tumulto, toda a física em fermentação e toda a lógica e a astronomia arrependendo-se mutuamente.

Parece que no dia... de... (não tenho certeza da data) enorme multidão, com finalidades não especificamente mencionadas, reunia-se no grande largo da Bolsa da confortável cidade de Roterdã. O dia era quente, insolitamente quente para a estação, e um zéfiro mal perpassava. E a multidão não se sentia de mau humor, ao ser, de vez em quando, aspergida por amigáveis aguaceiros de efêmera duração, que caíam de grandes massas brancas de nuvens, profusamente distribuídas pela abóbada azul do firmamento. Não obstante, por volta do meio-dia, leve, porém perceptível agitação surgiu na assembleia! Sucedeu-se o barulhar de dez mil línguas; e, um instante depois, dez mil faces viraram-se para os céus, dez mil cachimbos desceram simultaneamente dos cantos de dez mil bocas e um grito, que a nada mais se poderia comparar além da catarata do Niágara, ressoou longa, alta e furiosamente por toda a cidade e por todas as cercanias de Roterdã.

A origem dessa barulheira logo se tornou suficientemente evidente. De trás da massa enorme de um daqueles já mencionados e nitidamente delineados volumes de nuvens, viu-se emergir, vagarosamente, para dentro de uma clareira do espaço azul, um corpo estranho, heterogêneo, porém de

aparência sólida, tão extravagante na forma, tão fantasticamente construído que de modo algum poderia ser definido e jamais seria o bastante admirado pela legião de burgueses corpulentos, que se boquiabria por baixo dele. Que poderia ser? Em nome de todos os diabos de Roterdã, que poderia aquilo prognosticar? Ninguém sabia; ninguém podia imaginar; ninguém... nem mesmo o burgomestre Mynheer Superbus von Underduk... tinha a mais ligeira chave com a qual pudesse decifrar o mistério. Assim, como nada mais de lógico se podia fazer, todos os homens recolocaram o cachimbo, cuidadosamente, no canto da boca e, mantendo um olho fito no fenômeno, tiravam uma baforada, pausavam, bambolevam-se, grunhiam significativamente; depois de novo se bambolevam, grunhiam, pausavam e, finalmente, lançavam outra baforada.

Entrementes, porém, descia cada vez mais baixo, para a aprazível cidade, o objeto de tanta curiosidade e a causa de tanta fumaça. Em poucos minutos, chegou suficientemente perto para poder ser distinguido. Parece ser... sim! *Era* indubitavelmente uma espécie de balão; mas, de certo, jamais balão *semelhante* fora antes visto em Roterdã. Pois quem, permitam-me perguntar, já ouviu falar de um balão construído inteiramente de jornais sujos? Ninguém na Holanda, por certo; e contudo, ali, sob os próprios narizes do povo, ou antes, a alguma distância *acima* de seus narizes, aparecia a coisa em questão e composta — afirmo-o, baseado nas melhores autoridades — daquele mesmo material, que ninguém jamais antes conhecera, como utilizável para aquele fim. Era um egrégio insulto ao bom-senso dos burgueses de Roterdã. Quanto à forma do fenômeno, era até mesmo mais repreensível, sendo nada mais, nada menos, que um boné de doido, virado para baixo. E essa semelhança de modo algum diminuiu quando, a um exame mais atento, a multidão viu uma grande borla pendente do seu tope e, em torno da borda superior ou base do cone, um círculo de pequenos instrumentos, semelhantes a cincerros de carneiros, tintinabulando, sem parar, a toada de Betty Martin. Mas havia coisa pior ainda. Suspensa por fitas azuis, na extremidade daquela máquina fantástica, pendia, à maneira de barquinha, um enorme chapéu castanho de castor, com abas superlativamente largas, e uma copa hemisférica, com uma fita preta e uma fivela de prata.

Coisa um tanto notável, todavia, era jurarem muitos cidadãos de Roterdã terem visto o mesmo chapéu, repetidas vezes antes. E de fato, a multidão inteira parecia olhá-lo, como coisa familiar, enquanto que *frau* Grettel Pfaall, à vista dele, lançou uma exclamação de alegre surpresa e declarou ser o mesmo chapéu de seu próprio querido marido. Ora, era uma circunstância tanto mais importante de notar quanto Pfaall, com três companheiros, tinha de fato desaparecido de Roterdã, havia cerca de cinco anos antes, duma maneira verdadeiramente súbita e inexplicável e, até a data desta narrativa, todas as tentativas de obter informações a respeito deles haviam fracassado. É certo que, alguns ossos, que se supunham humanos, misturados a um acervo de escombros de estranha aparência, tinham sido recentemente descobertos, num sitio retirado, na parte leste da cidade. E pessoas houve que foram ao ponto de imaginar que, naquele lugar, fora cometido um hediondo crime e que as vítimas eram, com toda a probabilidade, Hans Pfaall e seus companheiros. Mas voltemos à narrativa.

O balão (pois era de certo um) tinha agora baixado a cem pés da terra, permitindo à multidão, em baixo, uma vista suficientemente distinta da pessoa do seu ocupante. Este era, na verdade, um indivíduo bem singular. Não teria mais do que dois pés de altura. Mas esta estatura, pequena como era, teria bastado para destruir seu *equilibrium* e fazê-lo tombar por cima da borda de sua pequenina barquinha, não fosse a interposição duma orla circular, que atingia a altura do peito e se ligava às cordas do balão. O corpo do homenzinho era dum volume desproporcionado, dando-lhe a toda a figura uma rotundidade altamente absurda. Seus pés, de certo, não podiam ser vistos, de modo algum. Suas mãos eram enormemente grandes. Seus cabelos, cinzentos e reunidos atrás, numa espécie de cauda. Seu nariz salientava-se prodigiosamente comprido, curvo e intumescido; seus olhos, rasgados, brilhantes e agudos: seu queixo e faces, embora enrugados pela idade, eram largos, inchados e duplos. Mas não se encontrava coisa alguma que semelhasse orelhas, em qualquer parte de sua cabeça. Esse estranho homenzinho trajava um sobretudo folgado de cetim azul-celeste, com apertados calções da mesma cor, amarrados aos joelhos, com fivelas de prata. Seu colete era dum pano amarelo e brilhante; um boné de tafetá branco

pousava, airoso, a um lado de sua cabeça e, para completar esse vestuário, um lenço de seda cor de sangue envolvia-lhe o pescoço e caía, duma maneira elegante, sobre seu peito, num fantástico laço corrediço de dimensões supereminentes.

Tendo descido, como disse antes, a cerca de cem pés da superfície da Terra, o velhote foi, subitamente, tomado dum acesso de trepidação e pareceu pouco inclinado a aproximar-se da *terra firme*. Despejando, em consequência, certa quantidade de areia, dum saco de lona, que levantou com grande dificuldade, fez o balão ficar estacionado num instante. Começou depois, de maneira agitada e apressada, a retirar, dum bolso lateral de seu sobretudo, uma grande carteira de marroquim. Sopesou-a suspeitosamente na mão, depois mirou-a com ar de extrema surpresa, mostrando-se evidentemente espantado com seu peso. Por fim abriu-a e, retirando dela uma enorme carta fechada com lacre vermelho e cuidadosamente atada com fita vermelha, deixou-a cair, precisamente, aos pés do burgomestre Superbus van Underduk. Sua Excelência curvou-se para apanhá-la. Mas o aeronauta, ainda bastante agitado e parecendo nenhum negócio ter em Roterdã que o detivesse, começou, no mesmo instante, a fazer afanosos preparativos de partida e, sendo necessário descarregar certa porção de lastro, para possibilitar sua reascensão, uma meia dúzia de sacos, que ele lançou fora, um após outro, sem tomar o cuidado de esvaziar-lhes o conteúdo, caíram, um a um, da maneira mais desastrada, sobre as costas do burgomestre, fazendo-o rolar no chão, precisamente meia dúzia de vezes, à vista de todos os cidadãos de Roterdã. Não se deve supor, porém, que o grande Underduk tivesse deixado passar impune essa impertinência, da parte do velhote. Conta-se, pelo contrário, que durante cada uma de sua meia dúzia de circunvoluções soprou ele nada menos de meia dúzia de distintas e furiosas baforadas de seu cachimbo, que mantivera firmemente e com toda a força, durante todo o tempo, e que pretendia manter assim (se Deus quisesse) até o dia de sua morte.

Entretanto, o balão subia como uma cotovia e, plainando bem distante, acima da cidade, por fim desapareceu tranquilamente, por trás duma nuvem

igual àquela donde havia de modo tão estranho emergido e assim se perdeu para sempre da vista maravilhosa dos bons cidadãos de Roterdã. Toda a atenção estava agora dirigida para a carta, cuja descida, e consequências por ela ocasionadas tinham-se mostrado tão fatalmente subversivas quer à pessoa, quer à dignidade pessoal de Sua Excelência, von Underduk. Este funcionário, porém, não deixara, durante seus movimentos circungiratórios, de pensar no importante objetivo de garantir a segurança da carta, que, como se viu, ao ser examinada, tinha caído nas mãos mais apropriadas, pois estava realmente endereçada a ele mesmo e ao Prof. Rubadub, nas suas qualidades respectivas de Presidente e Vice-Presidente do Colégio Astronômico de Roterdã. Foi, pois, aberta imediatamente por aqueles dignitários e verificou-se que continha a seguinte extraordinária comunicação, na realidade bastante séria.

*“A Suas Excelências von Underduk e Rubadub,
Presidente e Vice-Presidente do Colégio Nacional
de Astrônomos, da cidade de Roterdã.”*

Vossas Excelências talvez possam recordar-se dum humilde operário, chamado Hans Pfaall, de ofício consertador de foles, que, com três outros, desapareceu de Roterdã, há cerca de cinco anos, de maneira que deve ter sido considerada inexplicável. Se apraz a Vossas Excelências, sou eu, autor desta comunicação, o próprio Hans Pfaall. É bem conhecido da maior parte de meus concidadãos, que, durante o período de quarenta anos, ocupei continuamente a pequena casa de tijolos quadrada, à entrada do beco chamado Chucruto, e na qual residia, ao tempo do meu desaparecimento. Meus antepassados residiram também ali, desde tempos imemoriais e eles, bem como eu mesmo, exerceram a respeitável e realmente lucrativa profissão de consertadores de foles, pois, para falar a verdade, até os últimos anos, em que todas as cabeças da população se alvoroçaram com a política, nenhum negócio melhor do que o meu podia desejar, ou merecer, qualquer honesto cidadão de Roterdã. O crédito era bom, ocupação nunca faltava e não havia carência nem de dinheiro, nem de boa vontade. Mas, como estava dizendo,

em breve começamos a sentir os efeitos da liberdade e dos discursos compridos, do radicalismo e de toda a casta de coisas. As pessoas, que até então tinham sido os melhores fregueses do mundo, agora não pensavam um momento sequer em nós. Todo o tempo de que dispunham, empregavam-no na leitura de coisas de revoluções e em manter-se a par da marcha da inteligência e das ideias da época. Se precisavam abanar um fogo, faziam-no prontamente com um jornal à medida que o governo se tornava mais fraco, não tinha eu dúvida de que o couro e o ferro adquiririam maior durabilidade, pois, dentro de pouco tempo, não havia um par de foles em toda (Roterdã que tivesse necessidade de um remendo, ou requeresse a assistência de um martelo. Era esse um estado de coisas insuportável. Logo fiquei pobre como um rato e, tendo mulher e filhos para tratar, minhas aflições afinal se tornaram intoleráveis e levei horas e horas a refletir sobre o meio mais conveniente de dar fim à minha vida. Os credores, entretanto, pouco lazer me deixavam para a meditação. Minha casa era literalmente assediada, da manhã à noite. Havia três sujeitos, especialmente, que me aborreciam, além do suportável, ficando continuamente de sentinela à minha porta e ameaçando-me com a lei. Jurei tirar desses três a mais amarga vingança, se algum dia fosse feliz, a ponto de tê-los em minhas garras; e creio que nada no mundo, além do prazer dessa previsão, me impediu de pôr em execução meu plano de suicídio imediatamente, fazendo o cérebro saltar com um tiro de bacamarte. Julguei melhor, porém, dissimular minha ira e tratá-los com promessas e belas palavras, até que, por alguma boa viravolta do destino, me fosse concedida uma oportunidade de desforra.

“Um dia, tendo escapulado deles e sentindo-me mais desanimado do que de costume, continuei por longo tempo a vaguear, entre as ruas mais obscuras, sem objetivo, até que por fim aconteceu-me tropeçar numa loja de livreiro. Vendo uma cadeira junto, para uso dos fregueses, atirei-me nervosamente nela e, mal sabendo por que, abri as páginas do primeiro volume, que me caiu nas mãos. Era ele uma pequena monografia sobre a Astronomia Especulativa, escrita pelo Professor Encke, de Berlim, ou por um francês de nome um tanto parecido. Tenho algumas tinturas de conhecimento sobre assuntos dessa natureza e logo fiquei cada vez mais absorvido pelo

conteúdo do livro, lendo-o realmente todo duas vezes, antes que despertasse para a lembrança do que se passava em meu redor. A essa hora, começava a escurecer e dirigi-me para casa. Mas o tratado (em conjunção com uma descoberta pneumática, que me foi ultimamente comunicada como um importante segredo, por um primo de Nantes) produziu indelével impressão em meu espírito e, enquanto vagueava pelas ruas crepusculares, revolia cuidadosamente na memória os fantásticos e, às vezes, ininteligíveis raciocínios do autor. Certas passagens especiais afetaram-me a imaginação de modo extraordinário. Quanto mais eu meditava sobre eles, mais intenso era o interesse que em mim se excitava. A natureza limitada de minha educação, em geral, e mais especialmente minha ignorância dos assuntos ligados à filosofia natural, longe de me fazerem desconfiar de minha própria capacidade, para compreender o que lera, ou de me levarem a duvidar das muitas e vagas noções, que se haviam erguido em consequência, só serviram como maior estímulo para a imaginação; e eu era bastante tolo, ou talvez bastante ajuizado, para suspeitar de que essas ideias indigestas, que se erguem nos cérebros desregulados, muitas vezes não têm efetivamente, como aparentam ter, a força, a realidade e outras propriedades inerentes ao instinto ou à intuição.

“Era tarde quando cheguei a casa e fui imediatamente deitar-me; A mente, contudo, estava demasiado ocupada para poder dormir e passei a noite inteira sepultado em meditações. Levantando de manhã cedo, corri ansiosamente à loja do livreiro e despendi, à vista, todo o pouco dinheiro que possuía, na aquisição de alguns volumes de Mecânica e de Astronomia Prática. Chegando a casa, a salvo com eles, dediquei cada momento de folga a examiná-los e logo me tornei tão proficiente em estudos dessa ordem, quanto achei suficiente para a execução de certo projeto, que me inspirara o Diabo, ou o melhor dos meus Gênios. Nos intervalos desse período, fiz todas as tentativas para apaziguar os três credores que me haviam causado tanto incômodo. Finalmente, triunfei... Em parte, porque vendi peças da mobília da casa, para satisfazer a metade do que cobravam, e, em parte, pela promessa de pagar o restante, logo após a realização de um pequeno projeto, que lhes falei ter em vista e para auxiliar o qual solicitei-lhes os serviços. Por esses

meios (pois eram homens ignorantes) pequena dificuldade encontrei em atraí-los para a minha intenção.

“Estando tudo assim arranjado, consegui, com ajuda de minha mulher e com o maior segredo e precaução, dispor de todos os bens, que ainda me restavam e obter empréstimos de pequenas somas, sob vários pretextos, sem dar atenção alguma (envergonha-me confessá-lo) a meus futuros meios de pagamento, juntando não desprezível quantidade de dinheiro de contado. Com as possibilidades assim acrescidas, continuei, a intervalos, a adquirir finíssima cambraia musselinada, em peças de doze jardas cada uma; barbantes; uma porção de verniz de borracha; um cesto grande e profundo de vime, feito de encomenda; e diversos outros artigos, necessários para a construção e equipamento de um balão de extraordinárias dimensões. Ordenei a minha mulher que o confeccionasse o mais depressa possível e dei-lhe todas as explicações necessárias, acerca do método especial de o fazer. Entrementes, eu fabricara, com o barbante, urna rede de tamanho suficiente, adaptei-lhe um arco e as necessárias cordas; e adquiri numerosos instrumentos e materiais, para experiências nas mais altas regiões da mais alta atmosfera. Depois, levei, às escondidas, à noite, para um local retirado, a leste de Roterdã, cinco barris, cintados de ferro, cada um comportando cinquenta galões e um de tamanho maior; seis tubos de lata, de três polegadas de diâmetro, de formato conveniente, e de dez pés de comprimento; certa quantidade de *uma substância metálica especial*, ou *semimetal*, que não nomearei, e uma dúzia de garrações de *um ácido muito comum*. O gás formado destes últimos materiais é um gás jamais produzido ainda, por qualquer outra pessoa, a não ser eu... pelo menos, nunca foi aplicado a propósito semelhante. Só me posso aventurar aqui a dizer que se trata de um *integrante do azoto* durante tanto tempo considerado irreduzível, e que sua densidade é 37, 4 vezes *menor do que a do hidrogênio*. É insípido, porém não inodoro; arde, quando puro, com uma chama esverdeada; e é instantaneamente fatal para a vida animal. Eu não teria dificuldade em revelar seu segredo completo, mas ele pertence de direito (como já antes disse) a um cidadão de Nantes, na França, que me comunicou sob reserva. A mesma pessoa submeteu à minha apreciação, sem absolutamente saber das minhas

intenções, um processo de construir balões, com a membrana de certo animal, substância através da qual é inteiramente impossível qualquer gás escapar. Achei, contudo, que isso era excessivamente dispendioso e, além do mais, não podia dizer que a cambraia musselinada, com uma capa de goma de borracha não fosse igualmente boa. Menciono esta circunstância porque creio provável que, qualquer dia, o indivíduo em questão tente uma ascensão aeronáutica com o novo gás e o material de que falei e não quero privá-lo da honra de tão singular invento.

“Em cada um dos lugares que eu desejava fossem ocupados pelos barris menores, enquanto o balão estivesse a encher-se, cavei, escondido, pequenos buracos, tais buracos formavam, dessa maneira, um círculo de vinte e cinco pés de diâmetro. No centro desse círculo, onde estava o ponto marcado para o barril grande, cavei também um buraco de maior profundidade. Em cada um dos cinco buracos menores depusitei uma lata, contendo cinquenta libras de pólvora de canhão e no maior, um barrilote^[12] contendo cento e cinquenta libras. Liguei-os, o barrilote e as latas, de maneira apropriada, com rastilhos, e, tendo deixado dentro de uma das latas, a ponta, de cerca de quatro pés, de pavio, cobri o buraco e coloquei o barril grande sobre ele, deixando a outra ponta do pavio projetar-se, cerca de uma polegada para fora, de modo mal visível. Enchi, então, os buracos que restavam e coloquei os barris sobre eles, no lugar designado.

“Além dos artigos acima enumerados, levei para o depósito, onde o escondi, um dos aparelhos aperfeiçoados, do Sr. Grimm, para condensação do ar atmosférico. Achei, porém, que essa máquina necessitava de considerável alteração, antes de poder ser adaptada aos fins a que tencionava eu aplicá-la. Mas graças a um trabalho afincado e a uma perseverança incansável, consegui obter resultados completos, em todos os meus preparativos. Meu balão estava dentro em pouco pronto. Poderia conter mais de quarenta mil pés cúbicos de gás. Podia facilmente transportar-me, calculei eu, com todos os meus utensílios e, se o dirigisse direito, com cento e setenta e cinco libras de lastro de quebra. Recebera três camadas de verniz e verifiquei que a cambraia substituía perfeitamente a própria seda, sendo tão

forte quanto ela e muito mais barata.

“Estando agora tudo pronto, exigi de minha mulher um juramento de segredo, em relação a todas as minhas ações, desde o dia de minha primeira visita à casa do livreiro e prometendo, de minha parte, voltar tão logo as circunstâncias o permitissem, dei-lhe o pouco de dinheiro que ainda me restava e despedi-me dela. Na verdade, não tinha preocupações a seu respeito. Ela era o que o povo chama uma mulher notável e podia muito bem tratar de seus negócios, sem minha assistência. Acredito, para falar a verdade, que ela sempre me considerou um sujeito preguiçoso, um simples contrapeso, que não prestava para outra coisa, senão construir castelos no ar, e se sentia um tanto alegre por se ver livre de mim. Era uma noite escura aquela, em que lhe disse adeus e levando comigo, como ajudantes-de-campo, os três credores, que tanta preocupação me haviam causado, transportamos o balão, com a barquinha e todos os acessórios, por caminho travesso, até o local, onde se achavam depositados os outros apetrechos. Encontramo-los ali, todos intatos, e me pus imediatamente a trabalhar.

“Era o dia 1.º de abril. A noite, como disse antes, estava escura. Não se via uma estrela no céu, e uma chuvinha miúda, que caía a intervalos, nos incomodava bastante. Mas minha principal ansiedade concernia ao balão que, a despeito do verniz, com que estava defendido, começou a tornar-se um tanto pesado com a umidade; a pólvora também estava sujeita a estragar-se. Em consequência, mantive meus três credores em trabalho ativo e diligente, reduzindo gelo a pó, em tórno da barrica central e agitando o ácido nas outras. Eles não cessavam, porém, de importunar-me com perguntas, para saber o que eu tencionava fazer com todo aquele maquinismo e manifestavam-se bastante malsatisfeitos, com o tremendo trabalho a que eu os submetia. Não podiam perceber (assim diziam) o que de bom poderia resultar de ficarem molhados até os ossos, para simplesmente tomar parte em tão horríveis encantamentos. Comecei a ficar inquieto e trabalhava com todas as minhas forças, pois, na verdade, acreditava que aqueles idiotas supunham ter eu feito um pacto com o Diabo e que, em suma, o que eu estava agora fazendo não era nada tranquilizador. Estava, portanto, com grande receio de

que eles me abandonassem inteiramente. Esforcei-me todavia, por tranquilizá-los, com promessas de pagamento integral, tão logo levasse a termo o atual negócio. Estas belas palavras interpretavam-nas eles, por certo, a seu modo, imaginando, sem dúvida, que, de qualquer forma, entraria eu na posse de copiosa quantidade de dinheiro de contado; e contanto que lhes pagasse tudo quanto lhes devia e um pouco mais, em consideração de seus serviços, ousou dizer que muito pouco lhes importava o que viesse a acontecer à minha alma, ou à minha carcaça.

“Ao fim de quatro horas e meia, achei que o balão estava suficientemente cheio. Amarrei a barquinha, portanto, e pus dentro dela todas as minhas bagagens: um telescópio, um barômetro, com algumas modificações importantes; um termômetro, um eletrômetro, um compasso, uma agulha magnética, um relógio de segundos; um sino, um porta-voz, etc., etc., etc., e também um globo de vidro, do qual fora extraído o ar e estava cuidadosamente fechado com uma rolha, não tendo esquecido o aparelho de condensação, um pouco de cal viva, um pau de lacre, copiosa provisão de água e grande quantidade de mantimentos, tais como bolo de carne, no qual muita matéria nutritiva está contida, em volume relativamente pequeno. Prendi também na barquinha um casal de pombos e uma gata.

“Estava prestes a amanhecer e pensei que já era tempo de partir. Deixando cair no chão um cigarro aceso, como por acaso, aproveitei a oportunidade, ao curvar-me para apanhá-lo, de acender sorrateiramente a mecha, cuja ponta, como disse antes, salientava-se um pouco da borda inferior de um dos barris menores. Esta manobra passou totalmente despercebida aos olhos dos três credores e, pulando para dentro da barquinha, imediatamente cortei a única corda que me prendia à terra e fiquei satisfeito ao descobrir que era arrebatado para o alto, com inconcebível rapidez, carregando com toda a facilidade cento e setenta e cinco libras de lastro de chumbo e capaz de carregar ainda muito mais. Quando deixei a terra, o barômetro marcava trinta polegadas e o termômetro centígrado 19 graus.

“Mal, porém, tinha eu atingido a altura de cinquenta jardas, quando, rugindo e roncando atrás de mim, da maneira mais tumultuosa e mais terrível,

sobreveio tão denso furacão de fogo e de cascalho, de madeira inflamada, de metal abrasado, de mistura com membros humanos, que meu coração desfaleceu e eu caí no fundo da barquinha, tremendo de terror. De fato, eu agora percebia que havia inteiramente exagerado a coisa e tinha ainda de sofrer as principais consequências do abalo. Com efeito, em menos dum segundo, senti todo o sangue de meu corpo correr-me para as têmporas e, imediatamente depois, uma comoção violenta, que jamais me esquecerei, explodiu, abruptamente, através das trevas e pareceu rasgar todo o firmamento em pedaços. Quando depois tive tempo de refletir, não deixei de atribuir a extrema violência da explosão, no que dizia respeito a mim, à sua verdadeira causa, minha posição diretamente acima dela e na linha de sua maior potência. Mas na ocasião, pensei somente em preservar minha vida. O balão a princípio descaiu, depois dilatou-se espantosamente, depois pôs-se a girar como doido, com uma velocidade vertiginosa, e afinal, cambaleando e vacilando, como um homem bêbedo, lançou-me por cima da borda da barquinha e me deixou pendente, a uma altura aterrorizadora, de cabeça para baixo e rosto para fora, preso a um pedaço de corda fina, de cerca de três pés de comprimento, que estava por acaso dependurada, através de uma fenda, perto do fundo do cesto de vime, e na qual, quando eu caí, meu pé esquerdo se enganchou providencialmente. É impossível formar qualquer ideia adequada do horror de minha situação. Abria convulsivamente a boca na ânsia de respirar, um tremor semelhante a um acesso de febre intermitente sacudia todos os nervos e músculos de meu corpo, sentia os olhos pular-me das órbitas, uma horrível náusea me invadiu e por fim perdi toda a consciência, desmaiando.

“Não posso dizer quanto tempo permaneci nesse estado. Deve, porém, ter sido um tempo bem considerável, pois quando recuperei em parte os sentidos, encontrei o dia raiando, o balão, a prodigiosa altura, sobre a imensidão do oceano, e nem um sinal de terra se avistava, em qualquer parte, dentro dos limites do vasto horizonte.

“Minhas sensações, porém, depois que assim recobrei os sentidos, não eram de modo algum tão repletas de angústia, como se pudera imaginar

anteriormente. De fato, havia muito de loucura no calmo exame que comecei a fazer de minha situação. Ergui minhas duas mãos à altura de meus olhos, uma após a outra e perguntei a mim mesmo, com espanto, que fato poderia ter dado origem à inchação das veias e à horrível pretidão de minhas unhas. Em seguida, examinei cuidadosamente minha cabeça, mexendo-a repetidas vezes, e palpando-a com minudente atenção, até lograr a certeza satisfatória de que ela não era, assim como havia um tanto suspeitado, maior do que meu balão. Depois com o hábito do homem que sabe onde tem suas coisas, procurei nos bolsos de meus calções e, percebendo que havia perdido uma série de tabuinhas e um estojo de palito de dentes, tentei dar-me conta de seu desaparecimento, e não sendo capaz de fazê-lo, senti-me inexprimivelmente pesaroso. Ocorreu-me então sentir uma viva dor na junta do tornozelo esquerdo e uma vaga consciência de minha situação começou a luzir-me no pensamento. Mas, é estranho dizê-lo! Eu não estava nem atônito, nem horrorizado. Se alguma emoção sentia afinal, era uma espécie de acariciante satisfação, diante da habilidade, que me seria preciso desdobrar, para me tirar daquele dilema. E nunca, nem por um instante, pus em dúvida a possibilidade de minha salvação final. Durante poucos minutos permaneci mergulhado na mais profunda reflexão. Lembro-me distintamente de ter comprimido frequentes vezes os lábios, de ter aplicado meu dedo indicador ao lado de meu nariz e feito uso de outros gestos e caretas comuns aos homens que, à vontade em suas poltronas, meditam em assuntos intrincados ou de importância. Tendo, como pensava, suficientemente coligido minhas ideias, botei, com grande cautela e decisão, minhas mãos atrás das costas e desatei a grande fivela de ferro, que pertencia aos cós de minhas calças. Essa fivela tinha três dentes que, estando um tanto enferrujados, giravam com grande dificuldade nos seus eixos. Consegui, porém, depois de algum esforço, colocá-los em ângulo neto com o corpo da fivela, e fiquei satisfeito ao verificar que eles se mantinham firmes nessa posição. Conservando entre os dentes o instrumento assim obtido, comecei então a desatar o nó de minha gravata. Vi-me forçado a descansar muitas vezes, antes que pudesse levar a feito essa manobra, mas afinal consegui-o. A uma extremidade da gravata, amarrei então a fivela, e a outra ponta ateia-a, para maior segurança,

fortemente, em torno de meu punho. Erguendo em seguida o corpo, com prodigioso gasto de força muscular, consegui, logo à primeira tentativa, lançar a fivela por cima da barquinha e enganchá-la, como previra, no rebordo circular do traçado de vime.

“Meu corpo formava agora com o lado da barquinha um ângulo de cerca de quarenta e cinco graus, mas não se deve entender que eu estivesse por isso apenas a quarenta e cinco graus, abaixo da perpendicular. Longe disso, jazia eu ainda quase ao nível do plano do horizonte, pois a mudança de posição que eu operara, forçara de modo considerável o fundo da barquinha, pondo-me em consequência numa posição eminentemente perigosa. Em primeiro lugar deve ser lembrado, porém, que, quando eu caí, da barquinha, se o houvesse feito com o rosto voltado na direção do balão, em vez de voltado em sentido contrário ao dele, como se dava no momento, ou se, em segundo lugar, a corda, pela qual estava eu suspenso, tivesse pendido por acaso, sobre o rebordo superior em vez de através duma fenda, perto do fundo da barquinha —, pode-se facilmente conceber que, em qualquer desses dois supostos casos, teria eu sido incapaz de realizar o que acabo de realizar, e as presentes revelações estariam inteiramente perdidas para a posteridade. Tinha, pois, todos os motivos de abençoar o acaso embora, na realidade, me sentisse ainda de tal modo estupefato, que nada atinava fazer, e fiquei pendurado, talvez um quarto de hora, daquela extraordinária maneira, sem fazer o mais leve esforço de novo, e num estado singularmente tranquilo de beatitude idiota. Mas esta sensação não tardou a extinguir-se, sucedendo-lhe o horror, a consternação e o sentimento da extrema desesperança e da ruína. De fato, o sangue tão longamente acumulado, nos vasos de minha cabeça e de minha garganta e que até então fazia meu espírito boiar numa espécie de delírio, tinha agora começado a retirar-se, para dentro de seus próprios canais, e a clarividência, que assim se acrescentava à minha percepção do perigo, servia simplesmente para privar-me do sangue frio e da coragem necessários para enfrentá-lo. Mas esta fraqueza, felizmente para mim, foi de pouca duração. Muito a tempo, veio em meu socorro o espírito do desespero e, com frenéticos gritos e esforços, joguei-me convulsivamente para cima, até que por fim, agarrando-me como um tórno ao rebordo tão cobiçado, retorci o

corpo por cima dele e caí, de cabeça para baixo e tremendo, dentro da barquinha.

“Somente algum tempo depois é que recuperei suficientemente os sentidos, para me ocupar com o balão. Então examinei-o com atenção e, com grande alívio, verifiquei que não apresentava dano algum. Todos os meus instrumentos estavam intactos e, felizmente, não tinha perdido nem lastro, nem provisões. De fato, eu os havia tão bem ligado a seus lugares que tal acidente era coisa totalmente improvável. Olhando o relógio, vi que eram seis horas. Estava subindo ainda com rapidez, e o barômetro dava, no momento, a altitude de três milhas e três quartos. Logo abaixo de mim, no oceano, via-se um pequeno objeto negro, de forma ligeiramente oblonga, parecendo ter quase o tamanho de um dominó e se assemelhando, sob todos os aspectos, a um desses brinquedos. Assestando meu telescópio, na direção dele, vi claramente que se tratava dum navio inglês, de noventa e quatro peças de fogo, andando à bolina e rasgando pesadamente o mar, de proa para a direção oeste-sul-oeste. A não ser esse navio, nada via senão o oceano e o firmamento, e o sol que de há muito se erguera.

“Já é agora tempo de explicar a Vossas Excelências o objetivo de minha viagem. Vossas Excelências hão de lembrar-se que circunstâncias lamentáveis, em Roterdã, me tinham por fim arrastado à resolução de suicidar-me. Não que eu estivesse, porém, propriamente desgostoso da minha vida, mas é que me sentia fatigado, além de qualquer medida, pelas misérias adventícias relativas à minha situação. Nesse estado de espírito, desejando viver, embora cansado da vida, o tratado que li na loja do livreiro, apoiado pela oportuna descoberta de meu primo de Nantes, desvendou um recurso à minha imaginação. Tomei então por fim uma resolução. Decidi partir, embora vivo — abandonar o mundo, embora continuasse a existir — em resumo, para deixar de enigmas, resolvi, sem cogitar do que se seguiria, abrir caminho, se pudesse, *até a lua*. Ora, para que não me julguem mais louco do que realmente sou, exporei o mais meteticulosamente que me for possível, as considerações, que me levaram a acreditar, que uma realização dessa natureza, embora sem dúvida difícil, e cheia de perigo, não estava

absolutamente fora dos limites do possível, para um espírito ousado.

“A real distância da terra à lua era a primeira coisa a considerar. Ora, a distância média ou aproximada, entre os *centros* desses dois planetas é de 59,9643 do raio equatorial da terra, ou apenas cerca de 237.000 milhas. Digo a média ou distância aproximada, mas deve-se ter em mente que sendo a forma da órbita da lua uma elipse de excentricidade, que monta a nada menos que 0,05454 do semieixo maior da própria elipse e estando o centro da terra situado no seu foco, se eu pudesse, de qualquer maneira, conseguir encontrar a lua no seu perigeu, a distância acima mencionada estaria sensivelmente diminuída. Mas, deixando de parte essa possibilidade, era bem certo que, em todo o caso, das 237.000 milhas, teria eu de deduzir o *raio* da terra, isto é, 4.000, e o raio da lua, isto é, 1.080, ao todo 5.080, deixando a ser atravessada uma distância real, em média, de 231.920 milhas. Ora isto, refleti eu, não era uma distância muito extraordinária. Em terra, tem-se repetidamente viajado a uma velocidade de sessenta milhas por hora e, na verdade, pode prever-se uma velocidade muito maior no futuro. Mas mesmo a esta velocidade, ser-me-iam precisos nada menos de 161 dias, para atingir a superfície da lua. Havia, no entanto, muitas particularidades que me induziam a acreditar que minha velocidade média de viagem poderia exceder de muito a de sessenta milhas por hora e, como essas considerações não deixassem de causar profunda impressão na minha mente, explicá-las-ei mais amplamente para diante.

“O ponto seguinte a ser examinado era da mais alta importância. Pelas indicações que o barômetro fornece, verificamos que nas ascensões da superfície da terra, à altura de mil pés, já deixamos sob nós, cerca de um trigésimo da massa total de ar atmosférico; a 10.600, subimos através de cerca de um terço; e a 18.000, que não está longe da altura de Cotopaxi^[13], achamo-nos sobre a metade do material ou, de qualquer modo, a metade do *ponderável* corpo de ar, que pesa sobre nosso globo. Também se calcula que, a uma altura não superior à centésima parte do diâmetro da terra, isto é, não superior a oitenta milhas, a rarefação será tão excessiva, que a vida animal de maneira alguma poderá ser mantida e, além disso, que os mais delicados

meios que possuímos de verificar a presença da atmosfera são inadequados para assegurar-nos de sua existência. Mas eu não deixei de perceber que esses últimos cálculos são baseados completamente em nossos conhecimentos experimentais das propriedades do ar e das leis mecânicas, que lhe regulam a dilatação e compressão, naquilo que pode ser chamado, comparativamente falando, a *vizinhança imediata* da terra; e, ao mesmo tempo, toma-se como certo que a vida animal é e deve ser essencialmente *incapaz de modificação*, em qualquer distância inatingível da superfície. Ora, todas essas razões e todos esses dados devem sem dúvida, ser simplesmente analógicos. A maior altura já alcançada pelo homem foi a de 25.000 pés, atingida na expedição aeronáutica dos Srs. Gay-Lussac e Biot. Isso é uma altitude moderada, em comparação com as oitenta milhas em apreço; e eu não podia deixar de pensar que o assunto admitia espaço para a dúvida e dava ampla margem à especulação.

“Mas, de fato, sendo a ascensão feita a uma altitude dada, e quantidade ponderável de ar ultrapassada, em qualquer ascensão *ulterior*, de modo algum está em proporção com o peso adicional atravessado (como claramente se vê do que aqui já foi estabelecido), mas de forma constantemente decrescente. Em consequência, é evidente que, subindo tão alto quanto possamos, não podemos, literalmente falando, chegar a um limite além do qual *não* se encontre qualquer atmosfera. Ela *deve existir*, concluía eu; embora *possa* existir num estado de infinita rarefação.

“De outro lado, eu bem sabia que não se necessitam argumentos para provar a existência de um limite real e definido para a atmosfera, além do qual absolutamente não há ar, em parte alguma. Mas uma circunstância, que foi posta de parte por aqueles que opinam por tais limites, me parecia, embora não uma refutação positiva de seu credo, pelo menos um ponto digno de muito séria investigação. Comparando os intervalos, entre as sucessivas entradas do cometa de Enche, no seu periélio, depois de calcular, do modo mais exato, todas as perturbações, devidas à atração dos planetas, verifica-se que tais períodos gradualmente diminuem; isto é, o eixo maior da elipse do cometa se torna cada vez mais curto, num decréscimo pequeno, porém,

perfeitamente regular. Ora, deveria suceder precisamente assim, se supuséssemos que o cometa experimentasse a resistência de um meio *extremamente etéreo e rarefeito*, invadindo as regiões de sua órbita. Pois é evidente que tal meio deve, retardando a velocidade do cometa, aumentar-lhe a força centrípeta, enfraquecendo a centrífuga. Em outras palavras, a atração do sol constantemente atingiria maior poder e o cometa seria arrastado cada vez mais para perto, a cada rotação. Na verdade, não há outro meio de explicar a variação em apreço. Mas, vejamos ainda: observa-se que o diâmetro real da nebulosidade do mesmo cometa se contrai, rapidamente, ao se aproximar ele do sol e se dilata, com igual rapidez, quando parte para seu afélio. Não tinha eu razão de supor, com o Sr. Valz, que essa condensação aparente de volume tem sua origem na compressão do mesmo meio etéreo de que falei e que se adensa, na proporção de sua vizinhança do sol? O fenômeno da forma lenticular, e que também se chama a luz zodiacal, era assunto digno de atenção. Esse brilho, que tanto se vê nos trópicos e que não pode ser tomado por qualquer clarão meteórico, estende-se do horizonte, obliquamente, para cima, e segue em geral a direção do equador do sol. Parece-me isso provir, evidentemente, de uma atmosfera rarefeita, que se estende para além do sol, pelo menos para além da órbita de Vênus, e, creio, indefinidamente mais longe. Na verdade, não posso supor que esse meio se confine ao caminho da elipse do cometa, ou às cercanias imediatas do sol. É fácil, ao contrário, imaginá-lo penetrando todas as regiões de nosso sistema planetário, condensado, nos próprios planetas, naquilo que chamamos atmosfera, e talvez, em alguns deles, modificado por circunstâncias puramente geológicas; isto é, modificado ou alterado em suas proporções (ou natureza absoluta), por matérias volatilizadas pelos respectivos orbes.

“Tendo adotado essa opinião a respeito, pouca hesitação me restou. Dado que, em minha passagem, eu pudesse encontrar uma atmosfera *essencialmente* a mesma da superfície da terra, imaginei que, por meio do muito engenhoso aparelho do Sr. Grimm, facilmente seria capaz de condensá-la, em quantidade suficiente para a respiração. Isso removeria o principal obstáculo, numa viagem à lua. Eu de fato gastara muito dinheiro e grande trabalho no adaptar o aparelho à finalidade projetada e confiantemente

esperava em sua aplicação vitoriosa, se pudesse chegar a concluir a viagem, dentro de algum período razoável. Isso me trouxe à *velocidade*, com que seria possível viajar.

“É verdade que os balões, na primeira etapa de sua ascensão da terra elevam-se, como se sabe, com velocidade comparativamente moderada. Ora, o poder de elevação reside completamente na gravidade superior da atmosfera, comparada com o gás do balão; e, à primeira vista, não parece provável que, ao adquirir o balão altitude, e ao chegar, conseqüentemente, ao nível de densidades, que rapidamente diminuem, não parece, digo, absolutamente razoável que, neste seu caminho para o alto, a velocidade original possa ser acelerada. De outro lado, eu não estava certo de que, em qualquer ascensão lembrada, fosse certo aparecer uma *diminuição* na velocidade absoluta da subida; embora isso pudesse suceder, se nada mais interviesse, por causa da fuga de gás, através de balões mal construídos e envernizados com matéria não melhor do que o verniz ordinário. Parecia, contudo, que o efeito dessa fuga era só suficiente para contrabalançar o efeito da aceleração atingida pelo decréscimo da distância do balão do centro de gravitação. Considerei então, que, contanto que, em minha passagem, eu encontrasse o *meio* que imaginara, contanto que ele fosse *essencialmente* o que chamamos atmosfera, pequena diferença podia fazer, comparativamente, qualquer estado extremo de rarefação, em que eu o pudesse encontrar, isto é, em relação a meu poder ascensional, pois o gás no balão não somente seria submetido à rarefação semelhante (relativamente ao fato de que eu podia experimentar uma fuga de tanto quanto necessitasse, para evitar a explosão), como, *sendo o que era*, continuaria, em qualquer caso, especificamente mais leve do que qualquer composto de simples azoto e oxigênio. Assim havia uma probabilidade — havia de fato uma forte probabilidade — de que *em época alguma de minha ascensão eu alcançasse um ponto, em que o peso unido de meu balão imenso, do gás inconcebivelmente rarefeito que ele continha, da barquinha e de seu conteúdo, fosse igual ao peso da massa deslocada da atmosfera circundante*; e isto será facilmente compreendido, como a única condição, baseado na qual meu voo ascendente seria detido. Mas, se este ponto fosse mesmo atingido, eu podia dispensar, com o lastro e

outros pesos, do montante de quase trezentas libras. Entrementes, a força de gravitação iria constantemente diminuindo, na proporção dos quadrados das distâncias e assim, com uma velocidade prodigiosamente acelerada, chegaria por fim àquelas distantes regiões, em que a força de atração da terra seria superada pela da lua.

“Havia outra dificuldade, porém, que me causou um pouco de inquietação. Tem sido observado que em ascensões de balões à considerável altura, além da respiração dolorosa, experimenta-se grande incômodo na cabeça e no corpo, acompanhado muitas vezes de sangria de nariz e outros sintomas de espécie alarmante, tornando-se cada vez mais inconveniente, na proporção da altitude atingida. Era essa uma reflexão de natureza um tanto inquietante. Não seria provável que esses sintomas fossem aumentando, até terminar pela própria morte? Pensei por fim quenão. Sua origem devia ser encarada como a remoção progressiva da pressão atmosférica *habitual*, sobre a superfície do corpo e a consequente distensão dos vasos sanguíneos superficiais e não como qualquer desorganização positiva do sistema animal, como no caso de dificuldade para respirar, em que a densidade atmosférica é *quimicamente* insuficiente, para a devida renovação do sangue em um ventrículo do coração. A não ser que houvesse falta dessa renovação, não podia eu ver motivo, em consequência, por que não pudesse a vida ser mantida mesmo em um *vácuo*, pois a expansão e compressão do peito, comumente chamada respiração, é ação puramente muscular e a *causa* e não o *afeito* da respiração. Em uma palavra, eu concebia que, como o corpo se tornaria habituado à falta de pressão atmosférica, as sensações de dor iriam gradualmente diminuindo, e para suportá-las, enquanto continuassem, confiava eu na têmpera de ferro de minha constituição.

“Creio que Vossas Excelências poderão convir em que acabo de expor minuciosamente, embora não de todo, as considerações que me levaram a formar o projeto de uma viagem lunar. Continuarei agora a expor a Vossas Excelências o resultado de uma tentativa de concepção, aparentemente tão audaciosa e em todo caso tão extremamente inigualada, nos anais da humanidade.

“Tendo atingido a altitude antes mencionada, isto é, de três milhas e três quartos, joguei fora da barquinha certa quantidade de penas e verifiquei que ainda subia, com suficiente rapidez. Não havia, portanto, necessidade de descarregar qualquer lastro. Isto me alegrou, pois eu desejava reter comigo tanto peso quanto pudesse carregar, pela razão óbvia de que não tinha informações positivas da gravidade ou da densidade atmosférica da lua. Eu não sofria até então de mal-estar físico, respirando com grande liberdade e sem sentir dor alguma na cabeça. A gata jazia, séria sobre meu paletó, que eu tinha tirado, e olhava para os pombos, com um ar de indiferença. Estes últimos, amarrados pela perna para não fugirem, ocupavam-se em bicar alguns grãos de arroz, espalhados para eles, no fundo da barquinha.

“Às seis e vinte, o barômetro acusou uma elevação de 26.400 pés, ou cinco milhas justas. A perspectiva parecia ilimitada. De fato, calcula-se facilmente, por meio da geometria, quão grande extensão da área terrestre eu avistava. A superfície convexa de qualquer segundo da esfera está para a superfície total da própria esfera, como o seno reverso do segmento para o diâmetro da esfera. Ora, no meu caso, o seno reverso, isto é, a *espessura* do segmento abaixo de mim, era quase igual à minha elevação, ou à elevação do ponto de vista, acima da superfície. A área da terra, vista por mim, podia ser expressa pela proporção de cinco milhas para oito mil. Em outras palavras, eu avistava um total de $1/1600$ da superfície da terra. O mar aparecia liso como um espelho, embora, por meio do telescópio, eu pudesse avistá-lo em estado de violenta agitação. O navio não era mais visível, tendo desaparecido, aparentemente, na direção de leste. Começava agora a experimentar, a intervalos, severa dor de cabeça, especialmente em torno dos ouvidos. Continuava, porém, a respirar com sofrível liberdade. A gata e os pombos não davam demonstração alguma de sofrer algum mal-estar.

“Faltando vinte minutos para as sete, o balão penetrou numa longa série de nuvens densas, que me causaram grande perturbação, pois danificaram meu aparelho de condensação e me umedeceram até os ossos. Este era, sem dúvida, um encontro singular, pois não tinha acreditado ser possível que uma nuvem dessa natureza se sustentasse a tão grande altura.

Achei melhor, porém, jogar fora dois fardos de cinco libras de lastro, reservando ainda um peso de 165 libras. Logo que assim fiz, superei a dificuldade e percebi, imediatamente, que havia obtido grande aumento na minha escala de ascensão. Poucos segundos depois de ter deixado a nuvem, um clarão de luz vivíssima irrompeu de uma extremidade dela a outra, e fez que ela se incendiasse, em toda a sua vasta extensão, como uma massa de carvão inflamável. Não se deve esquecer que isso se deu em plena luz do dia. Nenhuma imaginação pode descrever a sublimidade do espetáculo de semelhante fenômeno, caso se realizasse entre as trevas da noite. Só a imagem do inferno seria adequada. Mesmo assim, meus cabelos se eriçaram, enquanto eu contemplava, lá em baixo, o abismo hiante, deixando a imaginação descer e vagar pelos estranhos salões abobadados e pelos vórtices vermelhos, pelas rubras fendas espantosas do fogo horrendo e insondável. Na verdade, escapara por um triz. Tivesse o balão permanecido um pouco mais dentro da nuvem, isto é, não me tivesse o inconveniente de umedecer-me, decidido a descarregar o lastro, a consequência poderia ter sido, e provavelmente seria, a minha destruição. Tais perigos, embora pouco levados em consideração, talvez sejam os maiores que se encontrem em balões. A esse tempo já havia eu, porém, atingido uma altura demasiado grande, para me preocupar ainda com isso.

“Erguia-me agora rapidamente e, às sete horas, o barômetro indicava uma altitude de nada menos de nove milhas e meia. Comecei a encontrar grande dificuldade em respirar. Minha cabeça, também, estava excessivamente dolorida, e, tendo sentido, durante algum tempo, certa umidade nas faces, descobri por fim que era sangue, que exsudava bem depressa dos tímpanos de meus ouvidos. Meus olhos, também, me davam grande motivo de inquietação. Ao passar a mão sobre eles, pareciam ter saltado das órbitas a um grau bastante considerável, e todos os objetos da barquinha e até mesmo do próprio balão se apresentavam deformados à minha visão. Esses sintomas excediam a minha expectativa e me causavam algum alarme. Nesta conjuntura, bastante imprudentemente e sem nenhuma ponderação, atirei fora da barquinha três fardos de cinco libras de lastro. A velocidade acelerada da ascensão assim obtida, carregou-me demasiado

rapidamente e sem suficiente gradação, até uma camada atmosférica, altamente rarefeita, e o resultado quase foi fatal à minha expedição e a mim mesmo. Fui, de súbito, tomado dum espasmo, que durou mais de cinco minutos e mesmo quando este, de certo modo, cessou, só conseguia respirar, a longos intervalos e resfolegando, enquanto sangrava copiosamente pelo nariz e pelos ouvidos e até mesmo um pouco pelos olhos. Os pombos pareciam presa de extrema angústia e forcejavam por escapar, ao passo que a gata miava lastimosamente, e, com a língua pendente da boca, andava cambaleando para lá e para cá, na barquinha, como se estivesse sob a ação de algum veneno. Só agora demasiado tarde descobria eu a grande leviandade, de que me tornara culpado, descarregando o lastro e minha agitação tornou-se excessiva. Previa nada menos que a morte e a morte dentro de poucos minutos. O sofrimento físico, que me atormentava, contribuía também para tornar-me quase incapaz de fazer qualquer esforço, a fim de preservar minha vida. Restava-me, na verdade, pouca força de reflexão e a violência da dor de cabeça parecia ir aumentando enormemente. Verifiquei, então, que meus sentidos em breve se extinguiriam por completo e já havia agarrado uma das cordas de escape, tendo em vista tentar uma descida, quando a lembrança da peça, que eu havia pregado aos três credores e as possíveis consequências que disso me adviriam, caso eu regressasse, forçaram-me a deter-me, no momento. Deixei-me cair no fundo da barquinha e procurei dominar-me. Consegui-o de tal modo, que me veio a ideia de tentar uma sangria. Não tendo, porém, lanceta, vi-me obrigado a executar a operação da melhor maneira que me era possível e, finalmente, logrei abrir uma veia, no meu braço esquerdo, com a lâmina do meu canivete. Mal começara o sangue a manar, senti sensível alívio e quando já havia perdido, cerca de meia tigelinha, a maior parte dos piores sintomas havia desaparecido de todo. Não obstante, não achei conveniente tentar levantar-me imediatamente, mas, tendo atado o braço, o melhor que pude, conservei-me deitado, cerca dum quarto de hora. Ao fim deste tempo, ergui-me e achei-me mais livre de dores de qualquer natureza, do que estivera durante o último quarto de hora de minha ascensão. A dificuldade de respirar, porém, diminuía somente um pouquinho e achei que seria em breve necessário fazer uso do meu

condensador. Entretanto, olhando para a gata, que estava, de novo, comodamente instalada em cima de meu paletó, descobri, com infinita surpresa, que ela aproveitara a oportunidade de minha indisposição, para dar à luz uma ninhada de três gatinhos. Isso era um aumento do número de passageiros, totalmente inesperado, de minha parte; mas a ocorrência me divertiu. Proporcionou-me a oportunidade de submeter a uma espécie de experiência a verdade de uma hipótese que, mais do que qualquer outra, tinha influído em mim ao tentar aquela ascensão. Tinha imaginado que a tolerância *habituada* da pressão atmosférica, na superfície da terra, era a causa, ou quase isso, da dor que atingia a existência animal a uma certa distância acima da superfície. Se os gatinhos mostrassem mal-estar *no mesmo grau que sua mãe*, devia eu considerar minha teoria falsa, mas se tal não se desse, consideraria o caso como uma forte confirmação de minha ideia.

“Pelas oito horas, tinha eu já atingido uma altitude de dezessete milhas, acima da superfície da terra. Assim, pareceu-me evidente que minha velocidade ascensional, não só estava em aumento, como que a progressão teria sido notada em leve grau, mesmo que eu não tivesse descarregado lastro como fiz. As dores de cabeça e dos ouvidos voltaram a intervalos, com violência, e continuei ainda a sangrar, de vez em quando, pelo nariz; mas em conjunto, sofria muito menos do que poderia esperar. Respirava, porém, a cada momento, com maior dificuldade e cada inalação era acompanhada de uma perturbadora ação espasmódica do peito. Desembrulhei então o aparelho de condensação e mantive-o pronto para uso imediato.

“O espetáculo da terra, neste período de minha ascensão, era realmente belo. Para oeste, para o norte e para o sul, tão longe quanto eu podia alcançar, estendia-se um lençol ilimitado de oceano, aparentemente liso, o qual a cada instante apresentava uma tonalidade azul, cada vez mais escura. À grande distância para leste, embora perfeitamente discernível, estendiam-se as ilhas da Grã-Bretanha, todas as costas atlânticas da França e da Espanha, com uma pequena porção da parte norte do continente africano. Nem um sinal se podia descobrir de edifícios e as mais orgulhosas metrópoles da humanidade tinham desaparecido por completo da face da terra.

“O que mais me espantava no aspecto das coisas, lá em baixo, era a aparente concavidade da superfície do globo. Esperara, bastante impensadamente, ver sua real *convexidade* evidenciar-se, à proporção que eu subisse. Mas uma pequeníssima reflexão bastou para explicar a discrepância. Uma linha baixada da minha posição, perpendicularmente à terra, teria formado a perpendicular de um triângulo retângulo, cuja base se estendia do ângulo reto até o horizonte, e a hipotenusa do horizonte até minha posição. Mas minha altura era pouca, ou nenhuma, em comparação com a perspectiva que eu desvendava. Por outras palavras, a base e a hipotenusa do suposto triângulo teriam sido, no meu caso, tão longas, quando comparadas com a perpendicular, que ambas poderiam parecer quase paralelas. Desta maneira, o horizonte do aeronauta aparenta estar sempre no mesmo nível da barquinha. Mas como o ponto imediatamente abaixo dele parece, e está, à grande distância em baixo, sem dúvida, também, parece à grande distância, abaixo do horizonte. Daí a impressão de concavidade. E esta impressão deve permanecer, até que a altitude aumente de tal modo a proporção para a perspectiva, que o aparente paralelismo da base e da hipotenusa desapareça.

“Por este tempo, como mostrassem os pombos estar sofrendo demais, resolvi pô-los em liberdade. Primeiramente desamarrei um deles, um lindo pombo pintalgado de cinzento, e coloquei-o sobre o rebordo do entrançado de vime. Ele pareceu extremamente inquieto, olhando ansioso em torno de si, batendo as asas e arrulhando alto, mas não dava mostras de confiança em saltar da barquinha. Agarrei-o por fim e lancei-o a quase meia dúzia de jardas do balão. Ele, porém, não fez tentativas de descer, como eu tinha esperado, mas lutou com grande veemência para voltar, lançando ao mesmo tempo gritos muito agudos e penetrantes. Por fim, conseguiu voltar à sua antiga posição sobre a borda, porém, mal assim fizera, quando sua cabeça pendeu sobre o peito e caiu morto dentro da barquinha. O outro não se mostrou tão infeliz. Para evitar que ele seguisse o exemplo do seu companheiro e realizasse um regresso, joguei-o para baixo, com toda a minha força e fiquei satisfeito por ver que ele continuava sua descida, com grande velocidade, fazendo uso de suas asas à vontade e de maneira perfeitamente natural. Em tempo bem curto perdi-o de vista e não tenho dúvida de que ele tivesse

voltado ao pombal, a salvo. Puss, que dava mostras de ter melhorado bastante de sua doença, regalava-se agora com o pássaro morto e depois foi dormir, com satisfação bem visível. Seus gatinhos estavam bem vivos e até então não demonstravam o menor sinal de qualquer mal-estar.

“Às oito e um quarto, não me sendo mais possível respirar, sem sofrer a mais intolerável dor, pus-me imediatamente a ajustar, em torno da barquinha, a máquina pertencente ao condensador. Esta máquina merece uma pequena explicação e Vossas Excelências terão a bondade de recordar que meu objetivo, em primeiro lugar, era cercar a mim mesmo e à barquinha, inteiramente, com uma barricada, contra a atmosfera altamente rarefeita, na qual estava vivendo, na intenção de introduzir dentro desta barricada, por meio de meu condensador, uma quantidade desta mesma atmosfera, suficientemente condensada, para os fins da respiração. Com este objetivo em vista, tinha eu preparado um saco de borracha muito forte, perfeitamente impermeável ao ar, mas flexível. Neste saco, que era de dimensões suficientes, toda a barquinha estava de certa maneira colocada. Isto é, o saco estendia-se sobre todo o fundo da barquinha, subia pelas paredes laterais e assim por diante, ao longo das cordas, até o rebordo superior, ou arco, onde está presa a rede. Tendo levantado o saco desta maneira, e fechado completamente todos os lados, inclusive o fundo, era agora necessário amarrar seu tope, ou boca, passando-o sobre o arco da rede. Por outras palavras, entre a rede e o arco. Mas se a rede estivesse separada do arco, para permitir esta passagem, que haveria de sustentar a barquinha durante esse tempo? Ora, a rede não estava permanentemente amarrada ao arco, mas ligada por uma série de alças corrediças, ou nós. Em consequência, desatei apenas algumas dessas alças de uma vez, deixando a barquinha suspensa pelas restantes. Tendo assim inserido certa porção da parte superior do saco, tornei a amarrar as alças, não ao arco, porque isto teria sido impossível, dado o obstáculo do envoltório, mas a uma série de grandes botões, fixados ao próprio envoltório, cerca de três pés abaixo da boca do saco; os intervalos entre os botões eram correspondentes aos intervalos entre as alças. Feito isto, mais algumas alças foram desamarradas da borda, uma outra porção do envoltório foi introduzida e as alças soltas depois ligadas a seus próprios

botões. Desta forma foi possível inserir toda a parte superior do saco, entre a rede e o arco. É evidente que o arco então caía dentro da barquinha, enquanto todo o peso da própria barquinha e seu conteúdo se achava completamente sustentado pela força dos botões. Isto, à primeira vista, parecia de garantia insuficiente, mas tal, de modo algum, se dava, pois os botões eram, não somente bastante fortes, mas tão próximos uns dos outros, que uma mínima porção de todo o peso era suportada por qualquer um deles. De fato, fossem a barquinha e seu conteúdo três vezes mais pesados do que eram, de modo algum isso me inquietaria. Levantei, em seguida, o arco dentro da cobertura de borracha e impeli-o até quase sua primitiva altura, por meio de três leves estacas, preparadas para isso. Isto foi feito, sem dúvida, para conservar o saco distendido no alto e manter a parte mais baixa da rede, na sua devida posição. O que agora restava a fazer era amarrar a boca do envoltório. Isso foi prontamente realizado, juntando as dobras da borracha e torcendo-as no alto, bem apertadamente, na parte interna, por meio de uma espécie de torniquete fixo.

“Aos lados da cobertura, assim ajustada, em torno da barquinha, tinham sido adaptadas três janelinhas circulares de vidro espesso, porém claro, através das quais, eu podia ver, sem dificuldade, em torno de mim, em qualquer direção horizontal. Naquela porção do envoltório, formando o fundo, havia igualmente uma quarta janela da mesma espécie, correspondendo a uma pequena abertura no soalho da própria barquinha. Isso me facultava olhar perpendicularmente para baixo, mas não tendo achado possível colocar um semelhante dispositivo, acima de minha cabeça, por causa da maneira característica de fechar a abertura ali, e das consequentes pregas no envoltório, não podia eu ter esperanças, de ver objetos situados diretamente no meu zênite. Isto, sem dúvida, era uma questão de pequena consequência, pois mesmo que eu tivesse podido colocar uma janela no alto, o próprio balão ter-me-ia impedido de fazer uso dela.

“Cerca de um pé abaixo de uma das janelas laterais havia uma abertura circular, de três polegadas de diâmetro, provida de uma orla de bronze, adaptada, na parte interna, às voltas de um parafuso. Neste rebordo estava

parafusado o grande tubo do condensador, achando-se por certo o corpo da máquina dentro da câmara de borracha. Através desse tubo, uma quantidade da rarefeita atmosfera circunjacente era atraída por meio de um vácuo, criado no corpo da máquina e dali descarregada, em estado de condensação, para misturar-se com o ar rarefeito, já existente dentro do compartimento. Sendo repetida várias vezes essa operação, afinal o aposento se enchia de atmosfera própria, para todos os fins da respiração; mas, em tão limitado espaço, ela necessariamente se tornaria viciada, em curto tempo, e imprópria para o uso, pelo frequente contato com os pulmões. Era depois expelida por uma pequena válvula, para o fundo da barquinha, mergulhando prontamente o ar denso na atmosfera mais rala, em baixo. Para evitar o inconveniente de fazer um vácuo total, a qualquer instante, dentro do compartimento, essa purificação nunca era realizada de uma vez, mas gradativamente, sendo a válvula aberta apenas durante alguns segundos, depois fechada de novo, até que um ou dois puxões da bomba do condensador tivessem suprido o lugar da atmosfera expelida. Para fins de experiência, eu tinha colocado a gata e os gatinhos, em um pequeno cesto, e suspendi-o, por fora da barquinha, a um botão do soalho, perto da válvula, através da qual eu podia alimentá-los, a qualquer momento, quando preciso. Fiz isso, correndo algum pequeno risco e antes de fechar a boca do compartimento, alcançando a barquinha por baixo, com uma das estacas já mencionadas, a que tinha sido adaptado um gancho. Logo que o ar denso foi introduzido no compartimento, o arco e as estacas se tornaram desnecessários; a expansão do ar encerrado distendia fortemente a borracha.

“Ao tempo em que eu tinha completado todos esses preparativos e enchido o compartimento, como expliquei, faltavam apenas dez minutos para as nove horas. Durante todo o período, em que estivera assim ocupado, sofri o mais terrível incômodo, com a dificuldade de respiração, e amargamente me arrependia da negligência, ou antes, da loucura de que me tornara culpado, ao deixar, para o último instante, uma questão de tamanha importância. Mas tendo afinal completado tudo, logo comecei a colher o benefício de minha invenção. Respirei de novo com perfeita liberdade e facilidade — e de fato, por que não o faria? Fiquei também agradavelmente

surpreendido, ao achar-me, em grande parte, aliviado das violentas dores, que até então me tinham atormentado. Uma leve dor de cabeça, acompanhada duma sensação de plenitude, ou distensão nos punhos, nos tornozelos e na garganta, era quase tudo de que me podia agora queixar. De modo que parecia indubitável que uma grande parte do mal-estar, proveniente da desaparecimento da pressão atmosférica, tinha no momento *desaparecido*, como eu esperava, e que muitas das dores, que eu suportara nas últimas duas horas, deveriam ser atribuídas de todo aos efeitos duma respiração deficiente.

“Faltando vinte minutos para as nove horas, isto é, pouco tempo antes de haver eu fechado a boca do compartimento, o mercúrio atingira seu limite, ou caíra, no barômetro, que, como mencionei antes, era de construção avantajada. Acusava então uma altitude de 132.000 pés, ou vinte e cinco milhas e, em consequência, abrangia meu olhar, naquele momento, uma extensão da área da terra, que atingia nada menos que a tricentésima vigésima parte da superfície total do globo. Às nove horas, tinha eu perdido de novo, de vista a terra, para leste, mas não antes de haver percebido que o balão estava voando, rapidamente, para norte-norte-oeste. Abaixo de mim, o oceano mantinha ainda sua aparente concavidade, embora minha visão fosse muitas vezes interrompida por massas de nuvens, que flutuavam para cá e para lá.

“Às nove e meia, tentei a experiência de lançar um punhado de penas pela válvula. Não flutuaram, como eu esperava, mas caíram perpendicularmente, em massa, como uma bala e com a maior velocidade, ficando fora de vista, em muito poucos segundos. A princípio não sabia o que pensar desse extraordinário fenômeno, não sendo capaz de acreditar que minha velocidade ascensional tivesse, de súbito, tido tão prodigiosa aceleração. Mas logo me ocorreu que a atmosfera era agora por demais rarefeita, para sustentar até mesmo as penas, que estas caíam agora, como me havia parecido, com grande rapidez e que ficara surpreendido pelas velocidades unidas da descida delas e de minha própria elevação.

“Às dez horas, achei que havia muito pouca coisa a ocupar minha imediata atenção. As coisas corriam bem e eu acreditava que o balão subia,

com uma ligeireza incessantemente crescente, embora não tivesse mais nenhum meio de verificar a progressão do aumento. Não sofria dores ou mal-estar de qualquer natureza e gozava de melhores energias, do que em qualquer outro período, desde minha partida de Roterdã, ocupando-me, ora em examinar o estado de meus vários aparelhos e ora em renovar a atmosfera dentro do compartimento. Decidi atender a isto, a intervalos regulares de quarenta minutos, mais por causa da preservação de minha saúde do que se fosse absolutamente necessária uma frequente renovação. Entrementes, não podia deixar de fazer previsões. Minha fantasia divertia-se nas regiões estranhas e oníricas da lua. A imaginação, sentindo-se uma vez solta, vagava à vontade, entre as maravilhas sempre mutáveis duma terra sombria e mutável. Ora eram florestas anciãs e veneráveis, e precipícios rochosos e cachoeiras, tombando com enorme estrondo, em abismos sem fundo. Ora, eu chegava de súbito às solidões ainda antes do meio-dia, onde jamais se introduzia vento do céu, e onde vastas campinas de papoulas e flores delicadas e parecidas com lírios espalhavam-se a uma incômoda distância, todas silenciosas e imóveis para sempre. Depois, de novo viajei bastante para outro país, que era todo um lago sombrio e vago, com uma linha fronteira de nuvens. Mas fantasias como essas não eram as únicas a dominarem-me o cérebro. Horrores de natureza mais severa e mais espantosa frequentes vezes se introduziam em minha mente e abalavam as profundezas mais íntimas de minha alma, com a simples hipótese de sua possibilidade. Contudo, não podia eu permitir a meu pensamento que, por muito tempo, demorasse sobre essas últimas especulações, julgando retamente os perigos reais e palpáveis da viagem, suficientes para reter toda minha atenção indivisa.

“Às cinco horas da tarde, estando ocupado em renovar a atmosfera do compartimento, aproveitei a oportunidade para observar a gata e os gatinhos, através da válvula. A gata parecia sofrer, de novo, bastante, e não hesitei em atribuir seu mal-estar, principalmente, à dificuldade em respirar; mas minha experiência com os gatinhos tivera um resultado bastante estranho. Esperava, decerto, vê-los manifestar uma sensação de dor, embora em menor grau que sua mãe e isto teria sido suficiente para confirmar minha opinião, a respeito da tolerância habitual da pressão atmosférica. Mas não estava preparado para

encontrá-los, em exame atento, gozando evidentemente alto grau de saúde, respirando com a maior facilidade e perfeita regularidade, sem demonstrar o mais leve sinal de mal-estar. Só podia dar-me conta de tudo isso, alargando minha teoria e supondo que a atmosfera, altamente rarefeita de em tórno, pudesse talvez não ser, como eu supusera antes, quimicamente insuficiente para as funções vitais, e que uma pessoa, nascida em tal meio, podia, provavelmente, não se aperceber de qualquer incômodo, relativo à sua respiração, ao passo que, removida para as camadas mais densas, perto da terra, poderia suportar torturas de natureza igual àquelas que eu havia ainda há pouco experimentado. Tem sido desde então para mim motivo de profundo pesar que um desgraçado acidente ocasionasse a perda de minha pequena família de gatos e me privasse do conhecimento profundo dessa questão, que uma experiência continuada me poderia ter proporcionado. Passando minha mão pela válvula, com uma tigela d'água para a velha bichana, a manga de minha camisa se enganchou na alça que sustentava o cesto e, dessa forma, num instante, desprende-o do fundo. Ainda mesmo que tudo realmente se houvesse evaporado no ar, não poderia ter desaparecido de minha vista, de maneira mais abrupta e instantânea. Positivamente, não podia ter-se passado a décima parte dum segundo, entre o momento em que o cesto se despregou e seu completo desaparecimento com tudo quanto continha. Meus melhores votos acompanharam-no até a terra, mas sem dúvida não tinha esperança de que nem a gata, nem os gatinhos, jamais vivessem para contar a história de seu infortúnio.

“Às seis horas, avistei grande porção da área visível da terra, para leste, envolta em espessa sombra, que continuou a avançar com grande rapidez, até que, aos cinco minutos antes da sete toda a superfície em vista estava mergulhada na escuridão da noite. Não foi, todavia, senão muitos instantes mais tarde, que os raios do sol poente cessaram de iluminar o balão e esta circunstância, embora sem dúvida por mim aguardada, não deixou de causar-me infinita quantidade de prazer. Era evidente que, pela manhã, contemplaria o astro ascendente, muitas horas antes, pelo menos, que os cidadãos de Roterdã, a despeito de sua posição muito mais para leste e assim, dia a dia, na proporção da altura atingida, gozaria eu da luz do dia, durante

um período cada vez maior. Resolvi então redigir um diário de minha viagem, contando os dias de vinte e quatro horas consecutivas, sem levar em consideração os intervalos de escuridão.

“Às dez horas, sentindo-me com sono, resolvi deitar-me para o descanso noturno. Mas aqui se apresentou uma dificuldade, que, evidente como parecia ser, escapara à minha atenção até o momento de que agora estou falando. Se fosse dormir como tencionava, como poderia nesse intercalo, ser renovada a atmosfera do compartimento? Respirá-la por mais de uma hora, no máximo, seria coisa absolutamente impossível, ou mesmo se esse prazo pudesse prolongar-se a uma hora e um quarto, poderiam seguir-se as mais desastrosas consequências. A consideração deste dilema não me causou grande inquietação e mal se acreditará que, depois dos perigos pelos quais tinha passado, tomasse as coisas tão a sério, que abandonara qualquer esperança de realizar meu desígnio e que finalmente me resignasse à necessidade duma descida. Mas essa hesitação foi apenas momentânea. Refleti que o homem é o mais autêntico escravo do hábito, e que muitos pontos na rotina de sua existência são considerados *essencialmente* importantes e que só assim o são *exclusivamente*, por se terem tornado habituais. Era bem certo que eu não podia deixar de dormir, mas podia facilmente acostumar-me a não sentir inconveniência em acordar, a intervalos de uma hora, durante todo o período de meu repouso. Bastavam apenas cinco minutos, no máximo, para renovar a atmosfera por completo, e a única e real dificuldade era inventar um meio de despertar a mim mesmo, no momento devido de fazê-lo. Mas esta era uma questão que quero confessá-lo, não deixava de me causar certo embaraço. Para falar a verdade, sabia do caso do estudante que, para impedir-se de cair a dormir sobre seus livros, segurava numa mão uma bola de cobre, cuja queda retinindo, numa bacia do mesmo metal, colocada no chão, ao lado da sua cadeira, servia efetivamente para conservá-lo esperto, se, a qualquer instante, se deixasse dominar pelo entorpecimento. Meu próprio caso, porém, era bastante diferente, por certo, e não dava lugar para uma ideia similar, pois eu não desejava conservar-me acordado, mas ser despertado do sono a intervalos. Por fim, encontrei o seguinte expediente que por mais simples que possa ser, foi aclamado por

mim, no momento da descoberta, como uma invenção plenamente igual à do telescópio, da máquina a vapor ou da própria arte de imprimir.

“É preciso explicar que o balão, na altitude agora atingida, continuava seu curso, numa ascensão persistente e indesejável, e a barquinha, conseqüentemente, o seguia com uma estabilidade tão completa que teria sido impossível perceber nela a mais leve oscilação. Esta circunstância favoreceu-me grandemente no projeto que resolvera então adotar. Minha provisão de água fora colocada a bordo em barris, contendo cinco galões cada um, e enfileirados, bem seguros, em torno do interior da barquinha. Desamarrei um deles e, pegando duas cordas, amarrei-as firmemente no rebordo do trançado de vime, dum lado para outro, colocando-as cerca de um pé de distância e paralelas, de modo a formar uma espécie de estante, sobre a qual coloquei o barril, e liguei-o, em posição horizontal. Cerca de oito polegadas, imediatamente abaixo daquelas cordas, e a quatro pés do fundo da barquinha, amarrei outra estante, mas feita de uma tábua fina, única peça de madeira dessa espécie que eu tinha. Sobre esta última estante, e exatamente por baixo duma das bordas do barril, um pequeno jarro de barro foi depositado. Furei então um buraco no fundo do barril, sobre o jarro, e aí fixei uma rolha de madeira leve, talhada em ponta, ou em forma cônica. Enfiei e retirei essa rolha, mais ou menos, até que, depois de algumas experiências, chegou àquele exato grau de impermeabilidade, em que a água, filtrando-se do buraco e caindo dentro do jarro em baixo, encheria este último até a borda, no período de sessenta minutos. Isto foi, sem dúvida, coisa breve e facilmente verificada com o observar até que ponto se enchia o jarro, em um tempo dado. Tudo isso devidamente arranjado, o resto do plano se torna bem claro. Minha cama estava disposta de tal maneira, sobre o fundo da barquinha, que minha cabeça, quando eu estava deitado, ficava imediatamente por baixo da boca do jarro. Era evidente que, passada uma hora, enchendo-se o jarro, forçosamente transbordaria e transbordaria pelo gargalo que estava um tanto mais baixo do que o rebordo. Era também evidente que a água, caindo assim, de uma altura de mais de quatro pés, não deixaria de bater-me no rosto e as conseqüências infalíveis disso seriam despertar-me instantaneamente, mesmo do mais profundo sono.

“Eram onze horas em ponto, quando completei esses preparativos e logo tratei de meter-me na cama, com plena confiança na eficiência de minha invenção. E nem nisto vi desfeitas minhas esperanças. Pontualmente, a cada sessenta minutos, era eu despertado pelo meu seguro cronômetro; esvaziava o jarro dentro do batoque do barril e tendo feito funcionar o condensador, voltava de novo para a cama. Essas interrupções regulares de meu sono causaram-me mesmo menos incômodo do que esperava e, quando finalmente, despertei pela manhã, já eram sete horas e o sol havia atingido muitos graus acima da linha do meu horizonte.

“3 de abril — Descobri que o balão se acha realmente a uma imensa altura e a convexidade da terra se havia tornado agora notavelmente evidente. Abaixo de mim, no oceano, se mostrava um grupo de manchas negras, que eram sem dúvida ilhas. Por cima de minha cabeça, o firmamento era dum negro de azeviche e as estrelas brilhantes e visíveis; na realidade, me tinham aparecido constantemente assim, desde o primeiro dia da ascensão. Bem distante para o norte, avistei uma linha ou raia delgada, branca e excessivamente brilhante, na úmbria do horizonte, e não hesitei em supor que fosse o disco meridional dos gelos do Mar Polar. Excitou-se grandemente minha curiosidade, pois eu tinha esperança de avançar muito mais para o norte, podendo, provavelmente, em determinado instante, achar-me colocado bem sobre o próprio polo. Lamentei então que a grande altitude, em que me encontrava, no momento, não me permitisse examinar cuidadosamente tudo, como era meu desejo. Todavia, muita coisa poderia ser averiguada.

“Aliás, nada de extraordinário me ocorreu durante o dia. Meu aparelho funcionava continuamente em boa ordem, e o balão subia ainda, sem nenhuma oscilação aparente. O frio era intenso e obrigou-me a enrolar-me bem num sobretudo. Quando a escuridão baixou sobre a terra, meti-me no leito, embora devesse estar durante várias horas ainda, em plena luz do dia. O relógio d’água cumpriu pontualmente suas funções e dormi num sono profundo até o dia seguinte, com exceção das interrupções periódicas.

“4 de abril — Levantei-me de boa saúde e bom humor e fiquei atônito, diante da singular mudança que se operara no aspecto do mar. Havia perdido,

em grande parte, a profunda tonalidade azul, que apresentava até então, mostrando-se agora dum branco acinzentado e dum brilho ofuscante à vista. A convexidade do oceano se tornara tão patente, que a inteira massa da água distante parecia despenhar-se no abismo do horizonte e surpreendi-me escutando os ecos da poderosa catarata. As ilhas não estavam mais à vista, não sei dizer se por terem elas passado para trás do horizonte, na direção de sudeste, ou por havê-las minha elevação crescente colocado fora do alcance de meus olhos. Inclinei-me, porém, por esta última hipótese. A orla de gelo para o norte estava-se tornando cada vez mais visível. O frio já não era mais tão intenso. Nada de importante ocorreu e passei o dia lendo, pois havia tido o cuidado de suprir-me de alguns livros.

“5 de abril — Contemplei o singular fenômeno do sol levante, enquanto quase toda a superfície visível da terra continuava envolta em trevas. A tempo, porém, a luz difundiu-se sobre tudo, e de novo avistei a linha de gelo para o norte. Percebia-se agora distintamente e mostrava-se numa tonalidade muito mais negra, do que as águas do oceano. Aproximava-me evidentemente dela e a grande velocidade. Imaginei distinguir uma faixa de terra para leste e outra para oeste, mas não podia certificar-me. Temperatura moderada. Nada de importância aconteceu durante o dia. Fui cedo para a cama.

“6 de abril — Fiquei surpreso ao descobrir a orla de gelo a uma distância bem curta e um imenso campo de gelo estendendo-se até o horizonte, para o norte. Era evidente que se o balão mantivesse sua carreira atual, em breve estaria por cima do Oceano Glacial, e agora tinha eu muita esperança de avistar o povo. Durante o dia inteiro, continuei a aproximar-me dos gelos. Lá para a noite, os limites de meu horizonte foram súbita e sensivelmente aumentados, devido, sem dúvida, ao fato de ser a forma da terra dum esferoide achatado e de ter eu chegado acima das regiões aplainadas, nas vizinhanças do círculo ártico. Quando a escuridão por fim me envolveu, fui para a cama, cheio de ansiedade, receando passar por cima do objeto de tanta curiosidade quando não tivesse oportunidade de observá-lo.

“7 de abril — Levantei-me cedo, e com grande alegria avistei por fim

aquilo que não poderia hesitar em supor que fosse o próprio polo norte. Ali estava ele, sem dúvida alguma, logo abaixo de meus pés; mas, ai! Havia eu subido agora a tamanha altitude, que nada podia ser distinguido com nitidez. De fato, a julgar pela progressão dos números, que indicavam minhas várias altitudes, respectivamente, em diferentes períodos, entre às seis horas da manhã de 2 de abril e às nove horas menos vinte minutos da mesma manhã (momento em que o barômetro caiu), poder-se-ia facilmente inferir que o balão tinha agora, às quatro da manhã de 7 de abril, atingido uma altura de *não menos*, certamente, de 7.524 milhas, acima da superfície do mar. Esta elevação pode parecer imensa, mas a estimativa sobre que se baseava dava, com toda a probabilidade, um resultado bastante inferior à verdade. Em todo o caso, abrangia eu sem dúvida a totalidade do maior diâmetro da terra; todo o hemisfério setentrional jazia abaixo de mim, como um mapa em projeção ortográfica: o grande círculo do próprio equador formava a linha limítrofe do meu horizonte. Podem Vossas Excelências, todavia, facilmente conceber que as regiões até agora inexploradas e confinadas, dentro dos limites do círculo ártico, embora situadas diretamente abaixo de mim e conseqüentemente vistas sem nenhum aspecto de encurtamento, eram, ainda assim, relativamente bem diminutas e se achavam a distância demasiado longa do ponto de observação, para permitir exame mais acurado. Não obstante, o que se podia ver era por natureza singular e excitante. Ao norte daquela imensa orla antes mencionada, e que, com pequena restrição, pode ser chamada o limite das descobertas humanas, naquelas regiões, um lençol de gelo continua a estender-se sem interrupção, ou quase sem interrupção. Desde seu começo, a superfície desses gelos é bem sensivelmente achatada, mais adiante deprime-se até mostrar-se plena e finalmente tornando-se *acentuadamente côncava* termina, no próprio polo, num centro circular, fortemente recortado, cujo diâmetro aparente subentendia, relativamente ao balão, um ângulo de cerca de 65" e cuja tonalidade sombria, variando de intensidade, era sempre mais escura do que qualquer outra mancha sobre o hemisfério visível e algumas vezes se intensificava, na mais absoluta negridão. Além disso, pouca coisa podia ser verificada. Lá para as doze horas, o centro circular havia evidentemente diminuído de circunferência e às sete horas da noite perdi-o de

todo de vista, passando o balão por cima da úmbria ocidental do gelo e flutuando rapidamente na direção do equador.

“8 de abril — Encontrei sensível diminuição do diâmetro aparente da terra, além de patente alteração na sua cor geral e aspecto. Toda a área visível apresentava, em diferentes graus, uma tonalidade amarelo-pálida e, em algumas partes, havia adquirido um brilho, que até doía nos olhos. A vista lá de baixo fora também consideravelmente impedida, por estar a densa atmosfera, na vizinhança da superfície, carregada de nuvens, entre cujas massas eu podia apenas, de vez em quando, lograr um relance da própria terra. Esta dificuldade de visão direta perturbara-me, mais ou menos, durante as últimas 48 horas, mas minha elevação, presentemente enorme, amontoava ainda mais as massas flutuantes de valor e este inconveniente se tornou por certo cada vez mais palpável, à medida de minha ascensão. Não obstante, eu podia facilmente notar que o balão pairava acima da fila de grandes lagos, no continente norte-americano e estava tomando um curso, rumo ao sul, que dentro em breve me levaria aos trópicos. Esta circunstância não deixou de causar-me a mais cordial satisfação e aclamei-a como um feliz prenúncio de êxito definitivo. De fato, a direção, que até então tinha tomado, enchera-me de inquietação, pois era evidente que, se houvesse continuado nela por mais tempo, não teria havido possibilidade alguma de minha chegada à lua, cuja órbita está inclinada para a eclíptica, apenas num pequeno ângulo de 5° 8' 48". Por mais estranho que possa parecer, foi somente neste último período que eu comecei a compreender o grande erro, que tinha cometido, em não partir da terra, com algum *ponto do plano da elipse lunar*.

“9 de abril — Hoje, o diâmetro da Terra estava grandemente diminuído e a cor da superfície mostrava, a cada hora, uma tonalidade amarela mais intensa. O balão mantinha-se firmemente no seu rumo para o sul e chegou, às nove horas da noite, sobre a extremidade norte do golfo do México.

“10 de abril — Fui subitamente despertado de meu sono cerca das cinco horas desta manhã, por um rumor alto, estrale jante e terrífico, que eu não podia de modo algum explicar. Foi de brevíssima duração; porém,

enquanto durou, em nada se assemelhava a qualquer coisa que eu já conhecesse. É inútil dizer que fiquei excessivamente alarmado, tendo, em primeiro lugar, atribuído o barulho ao incêndio do balão. Examinei todos os meus aparelhos, mas, com grande satisfação, nada pude encontrar fora de ordem. Gastei grande parte do dia meditando em ocorrência tão extraordinária, mas não pude encontrar meio algum de explicá-la. Fui para a cama descontente e em estado de grande ansiedade e agitação.

“11 de abril — Descobri impressionante diminuição no diâmetro aparente da terra e considerável aumento, agora observável, pela primeira vez, no da própria lua que daí a poucos dias seria cheia. Exigia agora excessivo e continuado labor condensar dentro do compartimento o suficiente ar atmosférico, para a manutenção da vida.

“12 de abril — Singular alteração efetuou-se no que concerne à direção do balão e, embora plenamente esperada, causou-me o mais inequívoco prazer. Tendo atingido, em seu curso primitivo, quase o vigésimo paralelo de latitude sul, virou subitamente, em ângulo agudo, para leste, e assim continuou durante o dia conservando-se quase, senão inteiramente, *no plano exato da elipse lunar*. E, o que era digno de nota, uma bem perceptível oscilação da barquinha foi consequência dessa mudança de rota, oscilação que prevaleceu, em grau maior ou menor, durante um período de muitas horas.

“12 de abril — Fiquei de novo bastante alarmado, com a repetição do barulho forte e estralejante, que me aterrorizou no dia 10. Meditei longamente sobre o assunto, mas fui incapaz de chegar a qualquer conclusão satisfatória. Grande diminuição no diâmetro aparente da terra, que agora subtendia, relativamente ao balão, um ângulo de pouco mais de 25 graus. A lua não podia ser vista de modo algum, estando quase no meu zênite. Continuava ainda no plano da elipse, mas progredi pouco para leste.

“14 de abril — Diminuição extremamente rápida do diâmetro da terra. Hoje, fiquei bastante impressionado com a ideia de que o balão estava agora correndo sobre a linha absidal, a subir para o ponto do perigeu; em outras palavras, mantendo o rumo direto, que o conduziria à lua imediatamente,

naquela parte de sua órbita, mais próxima da terra. A própria lua achava-se diretamente sobre minha cabeça e, conseqüentemente, oculta à minha vista. Grande e persistente trabalho necessário para a condensação da atmosfera.

“15 de abril — Nem mesmo os contornos de continentes e mares podiam ser agora seguidos sobre a terra, com nitidez. Cerca das doze horas, percebi, pela terceira vez, aquele apavorante rumor, que me havia espantado tanto antes. Agora, porém, continuou durante alguns momentos e aumentou de intensidade, à medida que continuava. Por fim, enquanto, estupefato e apavorado, permanecia eu na expectativa de não sabia que horrível destruição, a barquinha vibrou com excessiva violência e uma massa gigantesca e flamejante de uma matéria, que eu não podia distinguir, passou perto do balão, ribombando e estrondando, com um rumor de mil trovões. Quando se acalmaram um pouco meus temores e meu espanto, pouca dificuldade tive em supor tratar-se de algum enorme fragmento vulcânico, expelido daquele mundo do qual eu tão rapidamente me aproximava e com toda a probabilidade, uma daquelas espécies singulares de substâncias, ocasionalmente recolhidas, sobre a terra e chamadas pedras meteóricas, por falta de melhor denominação.

“16 de abril — Hoje, olhando para cima o melhor que podia, através de cada uma das janelas laterais, alternativamente, avistei, com grande prazer, diminuta porção do disco lunar, que se adiantava, por assim dizer, por todos os lados, além da imensa circunferência do balão. Minha agitação foi extrema, pois não tinha agora dúvida alguma de alcançar, em breve, o fim de minha perigosa viagem. De fato, o trabalho agora exigido pelo condensador tinha aumentado a um grau por demais opressivo e me permitia pouco tempo de folga. Dormir era coisa quase fora de questão. Adoeci por completo e meu corpo tremia de exaustão. Era impossível poder a natureza humana suportar aquele estado de intenso sofrimento por mais tempo. Durante o agora breve intervalo de escuridão, uma pedra meteórica de novo passou na minha vizinhança e a frequência destes fenômenos começou a causar-me bastante apreensão.

“17 de abril — Esta manhã assinalou-se especialmente na minha

viagem. Lembrarei que, no dia 13, a terra subtendia uma abertura angular de 25 graus; no dia 14, tinha ela grandemente diminuído; no dia 15, uma diminuição ainda mais notável foi observada e, ao deitar-me, na noite do dia 16, verificara um ângulo de apenas cerca de sete graus e quinze minutos. Qual, portanto, não deve ter sido o meu espanto, ao despertar de um curto e perturbado sono, na manhã deste dia 17, e descobrir a superfície abaixo de mim, tão súbita e impressionantemente *aumentada* de volume, que subtendia não menos de 39 graus, no diâmetro angular aparente. Fiquei siderado! Palavra alguma pode dar uma ideia adequada do extremo e absoluto horror e espanto, que de mim se apoderou e totalmente me acabrunhou. Meus joelhos tremiam, meus dentes matraqueavam, meus cabelos se eriçaram. ‘O balão então realmente se queimou!’ Foram estas as primeiras ideias tumultuosas que me irromperam no cérebro: ‘O balão tinha-se positivamente queimado! Eu estava caindo, caindo na mais impetuosa e na mais inigualada velocidade! A julgar pela imensa distância já tão velozmente percorrida, bastariam apenas uns dez minutos, no máximo, para que eu alcançasse a superfície da terra e ficasse reduzido a nada.’ Mas, por fim, a reflexão veio aliviar-me. Fiquei quieto; meditei e comecei a duvidar. O caso era impossível. Não podia eu, de modo algum, ter tão rapidamente descido. Além disso, embora eu me estivesse aproximando evidentemente da superfície abaixo de mim, fazia-o com uma velocidade de modo algum comparável à velocidade que eu a princípio imaginara. Esta consideração serviu para acalmar a perturbação de meu espírito e por fim consegui encarar o fenômeno, no seu próprio ponto de vista. De fato, o espanto deve ter-me francamente privado dos sentidos, para que eu não pudesse ver a enorme diferença, existente entre a superfície, abaixo de mim, e a superfície de minha mãe-terra. Esta se achava, na realidade, por cima de minha cabeça e completamente oculta pelo balão, ao passo que a lua, a própria lua, em todo o seu esplendor, jazia abaixo de mim, a meus pés.

“O estupor e a surpresa produzidos em meu espírito por esta extraordinária mudança, na posição das coisas, eram, talvez, afinal de contas, aquela parte da aventura menos suscetível de explicação, pois a perturbação em si mesma não era apenas natural e inevitável, mas tinha sido, desde muito,

realmente prevista, como uma circunstância esperada, em qualquer tempo, em que eu chegasse àquele ponto exato de minha viagem, em que a atração do planeta fosse sobrepujada pela atração do satélite — ou, mais precisamente, em que a gravidade do balão, em relação à terra, fosse menos poderosa do que sua gravidade em relação à lua. Para falar a verdade, despertei de um profundo sono, com todos os meus sentidos em confusão, para contemplar um fenômeno verdadeiramente extraordinário, fenômeno que, embora esperado, ocorria inesperadamente. A própria revolução deve, sem dúvida, ter-se operado de maneira mais fácil e mais gradual, e de modo algum se evidencia que, mesmo que eu estivesse acordado, ao tempo da ocorrência, a tivesse percebido por qualquer prova *interna* de uma inversão, isto é, por qualquer inconveniência ou desarranjo, quer em minha pessoa, quer nos meus aparelhos.

“É quase desnecessário dizer que, ao ter a devida noção de minha situação e ao emergir do terror, que tinha absorvido todas as faculdades de minha alma, minha atenção foi, em primeiro lugar, inteiramente atraída para a contemplação do aspecto geral físico da lua. Ela se estendia abaixo de mim, como um mapa e embora julgasse ainda a uma distância bastante considerável, as rugosidades de sua superfície recortavam-se à minha vista com a mais impressionante e completamente inexplicável nitidez. A inteira ausência de oceano ou mar e, por certo, de qualquer lago ou rio, ou qualquer massa d’água, causou-me espanto à primeira vista, como a mais extraordinária feição da sua condição geológica. Contudo, é estranho dizê-lo, avistei imensas regiões planas de caráter decididamente aluvial, embora, em alto grau, a maior parte do hemisfério em vista estivesse coberta de inumeráveis montanhas vulcânicas, de forma cônica e tendo mais o aspecto de protuberância artificial do que natural. As mais altas dentre elas não excediam de três milhas e três quartos, em elevação perpendicular; um mapa, porém, dos distritos vulcânicos dos Campos Flégreos^[14] proporcionaria a Vossas Excelências melhor ideia de sua superfície geral, do que qualquer descrição insuficiente, que eu achasse conveniente tentar. A maior parte delas achava-se em estado de evidente erupção e dava-me terrivelmente a

compreender sua fúria e sua potência, com as repetidas explosões das erroneamente chamadas pedras meteóricas, que agora passavam per cima do balão, com uma frequência cada vez mais apavorante.

“18 de abril — Hoje, achei enorme aumento do vulto visível da lua e a velocidade patentemente acelerada de minha descida começou a alarmar-me. É de lembrar-se que, no primitivo período de minhas reflexões, sobre a possibilidade de uma passagem para a lua, a existência, em sua vizinhança, de uma atmosfera de densidade proporcional ao vulto do planeta, entrara largamente nos meus cálculos; isto também, a despeito de muitas teorias contrárias e, pode-se acrescentar, a despeito da descrença geral na existência de qualquer atmosfera lunar. Mas, em acréscimo ao que já aduzi, a respeito do cometa de Encke e da luz zodiacal, tinha sido revigorado em minha opinião por certas observações do Sr. Schroeter, de Lilienthal. Ele observara a lua, no segundo dia e meio do quarto crescente, à noite, logo depois do pôr do sol, antes que a parte escura fosse visível, e continuou a observá-la até tornar-se visível. As duas pontas pareciam adelgaçar-se, num prolongamento fraco e muito agudo, exibindo cada uma sua extremidade debilmente iluminada pelos raios solares, antes que qualquer parte do hemisfério escuro fosse visível. Logo depois, todo o limbo negro tornou-se iluminado. Este prolongamento das pontas além do semicírculo, pensava eu, devia ter sido originado da refração dos raios do sol, pela atmosfera da lua. Calculei também a altura da atmosfera (que podia refratar luz bastante, no seu negro hemisfério, para produzir um crepúsculo mais luminoso, que a luz refletida da terra, quando a lua está cerca de 32 graus de sua conjugação com o sol) como sendo de 1.356 pés franceses. Diante disto, suponho que a maior altura, capaz de refratar o raio solar, é a de 5.376 pés. Minhas ideias a este respeito tinham também recebido confirmação, numa passagem do 82.º volume dos Anais Filosóficos, no qual se estabelece que, por ocasião de um eclipse dos satélites de Júpiter, o terceiro desapareceu depois de ter estado indistinto, durante um ou dois segundos, e o quarto tornou-se indistinguível perto do limbo.

“Da resistência, ou, mais propriamente, apoio de uma atmosfera, que

existisse no estado de densidade imaginado, eu, sem dúvida, dependia inteiramente, para realizar a salvo a descida final. Verifica-se então, depois de tudo, que estava enganado, e nada melhor podia esperar, como um termo à minha aventura, do que despedaçar-me em átomos, contra a áspera superfície do satélite. E, de fato, tinha eu agora toda a razão de estar aterrorizado. A distância, a que me achava da lua, era relativamente insignificante, ao passo que o trabalho exigido pelo condensador não havia diminuído de modo algum, e não podia eu descobrir qualquer sinal de decrescente rarefação do ar.

“19 de abril — Esta manhã, com grande alegria, cerca das nove horas, estando a superfície da lua, terrivelmente perto, e minhas apreensões excitadas ao extremo, a bomba de meu condensador deu afinal evidentes sinais de alteração na atmosfera. Às dez, tive razão de acreditar que a sua densidade aumentara consideravelmente. Às onze horas, pouco trabalho exigia o aparelho e às doze, com alguma hesitação, aventurei-me a desaparafusar o torniquete e, não achando inconveniência em assim fazer, finalmente abri o compartimento de borracha e desamarrei-o da barquinha. Como era de esperar, espasmos e violenta der de cabeça foram as imediatas consequências de uma experiência tão precipitada e cheia de perigos. Mas não sendo estas e outras dificuldades, referentes à respiração, de medo algum tão grandes a ponto de pôr em perigo minha vida, resolvi suportá-las o melhor que pudesse, ao considerar que iria deixá-las para trás, momentaneamente, ao aproximar-me das camadas mais densas, perto da lua. Essa aproximação, contudo, era ainda em extremo impetuosa; e logo se tornou alarmantemente certo que, embora eu talvez não me houvesse enganado, na expectativa de uma atmosfera densa, na proporção da massa do satélite, contudo enganara-me em supor esta densidade, mesmo na superfície, de todo adequada a suportar o grande peso contido na barquinha de meu balão. Todavia, este *deveria* ter sido o caso e, em grau idêntico ao da superfície da terra, supondo-se estar a real gravidade dos corpos em qualquer dos planetas, na razão da condensação atmosférica. Que não *era* esse o caso, porém, testemunhava-o bastante a minha precipitada queda; *por que* não o era, só pode ser explicado tendo-se em conta aquelas possíveis perturbações

geológicas, a que aludi anteriormente. Em todo caso, achava-me agora bem perto do planeta e caindo com a mais terrível impetuosidade. Em consequência, não perdi um momento, em atirar fora, primeiramente meu lastro, depois as barricas d'água, em seguida o aparelho de condensação e o envoltório de borracha, e, por fim, todas as coisas que se achavam na barquinha. Mas tudo isso de nada valeu. Como último recurso, entretanto, depois de me haver livrado do paletó, do chapéu e das botinas, desprendi do balão, cortando-a, a própria barquinha que era de peso não desprezível e assim, agarrando-me com ambas as mãos à rede, mal tive tempo para observar que toda a região, tão longe quanto o olhar podia atingir, era densamente crivada de diminutas habitações, antes de cair de cabeça, no próprio coração de uma cidade, de aparência fantástica e no meio de uma enorme multidão de gente, pequenina e disforme. Nenhum deles pronunciou a menor sílaba, nem se deu o mínimo trabalho para prestar-me socorro, mas ficaram todos, como um bando de idiotas, careteando de modo ridículo e olhando-me e ao meu balão, de soslaio, com as mãos nos quadris. Afastei-me deles com desdém e, ao olhar para o alto, para a terra deixada havia tão pouco tempo e talvez deixada para sempre, avistei-a como um vasto e opaco escudo de cobre, de cerca de dois graus de diâmetro, fixo e imóvel no alto do céu, ornado, numa de suas margens, com uma borda em forma de crescente, do mais cintilante ouro. Nenhum traço de terra ou de água podia ser descoberto, e tudo se matizava de manchas variadas, cingido pelas zonas tropicais e equatoriais.

“Assim, se a Vossas Excelências apraz, depois de uma série de grandes aflições, perigos inauditos e salvando-me por um triz de modo inigualado, eu, afinal, no décimo nono dia de minha partida de Roterdã, cheguei a salvo ao termo de uma viagem, sem dúvida, a mais extraordinária e a mais importante já realizada, empreendida ou concebida, por qualquer cidadão da terra. Mas minhas aventuras ainda não estão relatadas. E na verdade Vossas Excelências podem bem imaginar que, depois de uma residência de cinco anos, num planeta, não só profundamente interessante por seu próprio e particular caráter, mas também, e duplamente, por sua íntima conexão, na qualidade de satélite, com o mundo habitado pelos homens, eu possa trocar

correspondência, secretamente, com o Colégio de Astrônomos do Estado, correspondência de bem maior importância do que os pormenores, embora maravilhosos, da simples viagem, que tão felizmente concluí. Assim, de fato, acontece. Tenho muito, muitíssimo, que para mim seria grande prazer comunicar. Tenho muita coisa a dizer sobre o clima desse planeta; sobre suas maravilhosas alternativas de calor e de frio; sobre o ardor implacável da luz do sol, durante uma quinzena e a frigidez mais do que polar, durante a outra; sobre uma constante transferência da umidade, por meio de uma destilação, como no vácuo, do ponto abaixo do sol, para o mais distante dele; sobre uma zona variável de água corrente; sobre os próprios habitantes; seus usos, costumes e instituições políticas; sua particular constituição física; sua disformidade; sua falta de ouvidos, apêndices esses inúteis, numa atmosfera tão singularmente modificada; sua ignorância consequente do uso e das propriedades da elocução; a substituição desta, por um método peculiar de intercomunicação; a incompreensível conexão entre cada indivíduo isolado na lua, com algum indivíduo isolado na terra, relação análoga à das orbes do planeta e do satélite e dependente dela, graças à qual as vidas e destinos dos habitantes de um, são entrelaçados com as vidas e destinos dos habitantes do outro; e, acima de tudo, se aprouver a Vossas Excelências, acima de tudo, sobre os tenebrosos e horrendos mistérios, que jazem nas regiões do outro lado da lua, regiões que, devido à quase miraculosa sincronia da rotação do satélite, sobre seu próprio eixo, com sua revolução sideral em volta da terra, nunca se voltaram e, por bondade de Deus, jamais se voltarão para serem examinadas pelos telescópios humanos. Tudo isso e ainda mais, muito mais, eu de boa vontade pormenorizaria. Mas, para ser breve, devo ter minha recompensa. Anseio por voltar à minha família e a meu lar; e, como preço de qualquer ulterior comunicação de minha parte, em consideração à luz que posso lançar sobre muitos e importantíssimos ramos das ciências físicas e metafísicas, solicito, por intermédio de vossa honrável pessoa, um perdão para o crime, de que sou culpado, da morte dos credores, em minha partida de Roterdã. Tal é, pois, o objetivo da mensagem presente. Seu portador, um habitante da lua, que persuadi a ser meu mensageiro, instruindo-o convenientemente, aguardará até aí, ao bel-prazer de Vossas Excelências e

voltará a mim com o perdão em apreço, se ele puder de algum modo ser obtido.

“Tenho a honra de ser, etc., de Vossas Excelências, muito humilde servo,

HANS PFAALL.”

Depois de acabar de percorrer tão extraordinário documento, o Prof. Rubadub, como se conta, na extremidade de sua surpresa, deixou o canhenho cair ao chão e Mynheer Superbus von Underduk, tendo tirado os óculos, que enxugou e depositou no bolso, tanto esqueceu a si mesmo e à sua dignidade, que rodou três vezes sobre os calcanhares, na quintessência do assombro e da admiração. Não havia dúvida, acerca do assunto: o perdão devia ser obtido. Jurou-o, pelo menos, com uma praga completa, o Prof. Rubadub, e assim por fim pensou o ilustríssimo von Underduk, ao tomar o braço de seu irmão de ciência; e sem dizer uma palavra, começaram a seguir diretos para casa, a fim de deliberar sobre as medidas que seriam adotadas. Tendo, porém, chegado à porta da residência do burgomestre, o professor aventurou-se a sugerir que, havendo o mensageiro achado melhor desaparecer — sem dúvida aterrorizado mortalmente ante a aparência selvagem dos burgueses de Roterdã — o perdão seria de pouca utilidade, pois ninguém, a não ser um homem da lua, empreenderia uma viagem a tão enorme distância. O burgomestre concordou com a verdade dessa observação e o assunto foi assim encerrado. Não se encerraram, porém, os boatos e mexericos. A carta, publicada, deu origem a várias opiniões e murmúrios. Alguns dos ultrassábios, até se tornaram ridículos ao descreverem o negócio todo, como nada mais que uma balela. Mas, balela, para tal espécie de gente, é, creio, um termo geral, aplicável e todas as questões, acima de sua compreensão. De minha parte, não posso conceber sobre que dados baseavam eles tal acusação. Vejamos o que diziam.

In primis. — Que certos farsistas de Roterdã têm certa antipatia especial, contra certos astrônomos e burgomestres.

Em segundo. — Que um anãozinho esquisito, ajudante de escamoteador, cujas duas orelhas, por algum malfeito, tinham sido cortadas, junto à cabeça, desaparecera, desde alguns dias, da cidade vizinha de Bugres.

Em terceiro. — Que os jornais, que estavam colados, sobre todo o balãozinho, eram jornais da Holanda e, portanto, não podiam ter sido feitos na lua. Eram jornais sujos, muito sujos, e Gluck, o impressor, juraria pela sua Bíblia, que haviam sido impressos em Roterdã.

Em quarto. — Que o próprio Hans Pfaall, o bêbedo vilão, e os três malandríssimos cavalheiros, citados como seus credores, haviam sido vistos, não fazia mais do que dois ou três dias, numa taverna dos subúrbios, quando acabavam de voltar, com dinheiro nos bolsos, de uma viagem ao ultramar.

E por fim. — Que é uma opinião muito geralmente aceita, ou que devia ser geralmente aceita, que o Colégio de Astrônomos da Cidade de Roterdã, assim como todos os outros colégios, em todas as outras partes do mundo — para não mencionar os colégios e os astrônomos em geral — não são, para dizer o mínimo, nem um pinga melhores, maiores, ou mais sábios do que deviam ser.

NOTA DO AUTOR

Estritamente falando, há apenas pouca semelhança entre a ninharia esboçada acima e a célebre *História Lunar* do Sr. Locke; mas como ambas têm o caráter de *balelas* (embora uma em tom de farsa e a outra no da sinceridade séria) e como ambas as balelas têm o mesmo objeto, a lua; e, mais ainda, como ambas tentam oferecer plausibilidade, por meio de pormenores científicos, o autor de *Hans Pfaall* julga necessário dizer, em autodefesa, que seu próprio *jeu d'esprit* foi publicado no *Southern Literary Messenger*, cerca de três semanas antes que começasse o do Sr. Locke, no

New York Sun. Imaginando uma semelhança que, talvez não exista, alguns dos jornais de Nova York copiaram *Hans Pfaall* e compararam-no com a *Balela Lunar*, a fim de descobrir o autor de uma, no autor de outra.

Como muitas pessoas foram realmente iludidas pela *Balela lunar* mais do que o fato permitiria reconhecer, torna-se possível ministrar aqui alguns pequenos passatempos, para mostrar por que ninguém deveria ter-se enganado; para apontar aquelas peculiaridades da história que seriam suficientes para estabelecer seu caráter real. Na verdade, embora seja rica a imaginação dispendida nessa engenhosa ficção, falta-lhe muito da força, que lhe poderia ter sido dada, por mais escrupulosa atenção aos fatos e à analogia em geral. Que o público tenha sido enganado, mesmo por um instante, isso só demonstra a grande ignorância, normalmente tão predominante, em assuntos de natureza astronômica.

A distância da lua à Terra é, em números redondos, 240.000 milhas. Se desejarmos verificar quão perto, na aparência, uma lente fará aproximar-se o satélite (ou qualquer objeto distante) nós, sem dúvida, temos apenas que dividir a distância pela ampliação, ou, mais estritamente, pelo poder da lente de penetrar o espaço. O Sr. Locke dá à sua lente um poder de 42.000 vezes. Dividamos por isso 240.000 (a distância real da lua) e teremos cinco milhas e cinco sétimos, como a distância aparente. Nenhum animal, absolutamente, pode, de tão longe, ser visto: muito menos as coisas miúdas, particularizadas na história. O Sr. Locke fala acerca de Sir John Herschel, percebendo flores (a *papaver rheas*, etc.) e mesmo descobrindo a cor e a forma dos olhos dos pequenos pássaros. Pouco antes, aliás, ele mesmo observara que a lente não tornava perceptíveis objetos de menos de dezoito polegadas de diâmetro; mas mesmo isso, como eu disse, seria dar à lente, em todos os respeitos, um poder excessivamente grande. Observe-se, de passagem, que se diz haver sido essa prodigiosa lente construída na casa de vidros dos Srs. Hartley & Grant, de Dumbarton; mas o estabelecimento dos Srs. Hartley & Grant cessou os negócios muitos anos antes da publicação da balela.

À página 13, da edição em folheto, falando dum “véu de cabelos”, sobre os olhos duma espécie de bisonte, diz o autor: “Ao atilado espírito do

Dr. Herschel, logo ocorreu que isto era uma maneira providencial de proteger os olhos do animal do grande excesso de luz e de escuridão, a que todos os habitantes do nosso lado da lua estão periodicamente sujeitos.” Mas isto não pode ser tido como uma observação bem “atilada” do doutor. Os habitantes do nosso lado da lua não têm, evidentemente, escuridão alguma, de modo que não se pode admitir aqueles “excessos” citados. Na ausência do sol têm eles uma luz da terra, igual à de treze luas cheias, sem nuvens.

A topografia inteira, mesmo quando ensinada, de acordo com a Carta Lunar de Blunt, está totalmente em desacordo com essa ou qualquer outra carta lunar, e mesmo em grosseira discordância consigo mesma. Também os pontos de circunferência estão em inextricável confusão, parecendo ignorar o escritor que, num mapa lunar, aqueles não estão em concordância com os pontos terrestres, ficando o Leste à esquerda, etc.

Enganado, talvez, pelos vagos títulos, *Mare Nubium*, *Mare Tranquillitatis*, *Mare Foecunditatis*, etc., dados às manchas negras pelos antigos astrônomos, o Sr. Locke entrou em pormenores concernentes aos oceanos e outras grandes massas d’água da lua: quando de fato não há ponto astronômico mais positivamente verificado do que o da não existência de tais massas líquidas ali. Examinando-se os limites entre luz e treva (na lua crescente ou convexa), onde os mesmos cruzam qualquer dos lugares escuros, a linha de divisão se apresenta toda rugosa e irregular: mas se fossem líquidas, essas regiões escuras mostrar-se-iam evidentemente lisas.

A descrição das asas do homem-morcego, à página 21, é apenas uma cópia literal da descrição de Peter Wilkins das asas de seus insulares voadores. É de supor-se que este simples fato deveria suscitar suspeitas.

Na página 23, temos o seguinte: “Que prodigiosa influência deve ter nosso globo, treze vezes maior, exercido sobre esse satélite, quando em embrião no ventre do tempo, o passivo vassalo da afinidade química!” Isto é muito bonito, mas observar-se-ia que nenhum astrônomo teria feito semelhante reparo, especialmente para qualquer Jornal Científico, pois a terra, no sentido ali expresso, não é tão somente treze, mas quarenta e nove vezes *maior* do que a lua. Objeção da mesma natureza se aplica ao total das

páginas derradeiras, onde, à guisa de introdução a algumas descobertas feitas em Saturno, o correspondente filósofo mergulha numa minuciosa narrativa de menino de escola, a respeito daquele planeta. E isto para o *Jornal de Ciência de Edimburgo!*

Mas há um ponto em particular, que deveria ter denunciado a ficção. Imaginemos a possibilidade atual de avistarem-se animais, na superfície da lua. Que, em *primeiro lugar*, prenderia a atenção de um observador aqui da terra? Certamente, nem a forma deles, nem o tamanho, nem qualquer outra peculiaridade semelhante, mas imediatamente a sua *posição* extraordinária. Pareceriam estar andando com os calcanhares para cima e a cabeça para baixo, à maneira das moscas, num forro de telhado. O observador *real* lançaria instantânea exclamação de surpresa (embora preparado por conhecimento prévio), diante da singularidade da posição deles; o observador *fictício*, nem mesmo mencionou o fato, mas afirma ter visto os corpos inteiros de tais criaturas, quando se prova que ele podia ter visto apenas o diâmetro de suas cabeças!

Poderia também ser observado, em conclusão, que o tamanho e, particularmente, a força dos homens-morcegos (por exemplo, sua habilidade em voar, numa atmosfera tão rarefeita — se realmente a lua tem uma), como a maior parte das outras fantasias, concernentes à vida animal e vegetal, estão em desacordo, geralmente, com todos os raciocínios analógicos sobre estes temas; e esta analogia aqui muitas vezes avultará, como demonstração conclusiva. Talvez não seja muito necessário acrescentar que todas as sugestões, atribuídas a Brewster e Herschel, no começo do artigo, a respeito de “uma transfusão de luz artificial, através do objeto focal da visão” etc., etc., pertencem àquela espécie de escritos simbólicos, que caem mais propriamente sob a denominação de algaravia. Há um limite real e bem definido à descoberta óptica, entre as estrelas, limite cuja natureza necessita apenas ser exposta, para ser compreendida. Se, de fato, o alcance de grossas lentes fosse tudo a exigir, a habilidade humana mostrar-se-ia por fim à altura da tarefa e nós poderíamos tê-las de qualquer tamanho desejado. Mas, infelizmente, em proporção ao aumento de tamanho das lentes e,

consequentemente, do poder de penetrar os espaços, está a diminuição da luz do objeto, pela difusão de seus raios. E para este inconveniente, não há remédios, dentro da engenhosidade humana, pois um objeto só é visto, por meio daquela luz que procede de si mesmo, quer direta, quer refletida. Por isso, a única luz *artificial*, que o Sr. Locke poderia utilizar, seria alguma luz artificial que ele pudesse lançar — não sobre o “objeto *focal* da visão”, mas sobre o objeto *real* a ser visto — a saber, *sobre a lua*. Tem sido facilmente calculado que, quando a luz proveniente de uma estrela, se torna tão difusa, a ponto de ficar tão fraca, como a luz natural, proveniente do conjunto das estrelas, em uma noite clara e sem lua, então a estrela não é mais visível para quaisquer fins práticos.

O telescópio do Conde de Rosse, ultimamente construído na Inglaterra, tem um *speculum*^[15] com a superfície de reflexão de 0,4071 polegadas quadradas, tendo o telescópio de Herschel um, de apenas 0,1811. O metal do telescópio do Conde de Rosse tem seis pés de diâmetro, com 5,5 polegadas de espessura nas extremidades e 5 no centro. O peso é de três toneladas. A extensão focal é de cinquenta pés.

Depois de algumas aventuras sem importância, muito na maneira de Gil Blas, e que ocupam as trinta primeiras páginas, o autor relata que, estando doente, durante uma viagem marítima, a tripulação abandonou-o, juntamente com um criado negro, na ilha de Santa Helena. Para aumentar as possibilidades de obter comida, os dois se separaram e viveram tão distantes como possível. Isto ocasionou o treinamento de pássaros, que servissem como pombos correios entre eles. Pouco a pouco, foram ensinados a carregar pacotes de certo peso, peso esse gradualmente aumentado. Por fim é forjada a ideia de unir a força de grande número de aves, com o objetivo de carregar o próprio autor. Um aparelho é planejado com esse fim e temos dele minuciosa descrição, ilustrada por uma gravura em aço. E ali vemos o Signor Gonzales, com punhos bordados e urna imensa cabeleira postiça, escarranchado em cima de algo muito semelhante a um cabo de vassoura e levado pelos ares, por uma multidão de cisnes selvagens (*ganzas*), com as caudas amarradas à máquina, por meio de barbantes.

O principal acontecimento relatado na narrativa do Signor baseia-se sobre um fato importantíssimo, mantido oculto ao leitor, até quase o fim do livro. Os *ganzas* com que ele se familiarizara tanto, não eram realmente habitantes de Santa Helena, mas da lua. Habitaram-se, desde tempos imemoriais, a emigrar de lá anualmente, para alguma parte da terra. Na estação própria, sem dúvida deveriam voltar à lua; e aconteceu que um dia, tendo o autor utilizado o serviço deles para uma curta viagem, foi inesperadamente carregado para cima e, dentro de curto prazo, chega ao satélite. Ali descobre entre outras coisas estranhas que o povo goza de extrema felicidade, que não há *leis*, que se morre sem dor, que seus habitantes têm de dez a trinta pés de altura, que vivem cinco mil anos, que têm um imperador chamado Irdonozur, e que podem pular até sessenta pés de altura e então, estando fora da influência da gravidade, voam de um lado para outro, por meio de leques.

Não posso deixar de dar uma amostra da *filosofia* geral do volume.

“Devo agora explicar-lhes — diz o Signor Gonzalez — a natureza do lugar, em que me encontrei. Todas as nuvens estavam sob meus pés, ou, se vos apraz, espalhadas entre mim e a terra. *Quanto às estrelas, desde que não havia noite, onde eu estava, tinham elas sempre o mesmo aspecto; não brilhantes como de costume, mas pálidas e quase iguais à lua de manhã.* Poucas, porém, eram visíveis e dez vezes maiores (pelo que eu podia avaliar) do que parecem aos habitantes da terra. A lua, a que faltavam dois dias para ficar cheia, era de uma grandeza terrível.”

“Não devo esquecer aqui que as estrelas apareciam somente, naquele lado do globo, voltado para a lua, e quanto mais perto estavam dela, tanto maiores pareciam. Devo também informar-vos que, quer fizesse tempo calmo ou tempestuoso, encontrei-me *sempre imediatamente entre a lua e a terra.* Fiquei convencido disto por duas razões: porque minhas aves sempre voavam em linha reta e porque, quando nós tentávamos descansar, *éramos arrastados, insensivelmente, em tórno do globo terrestre.* Porque eu admito a opinião de Copérnico, que sustenta que a terra nunca deixa de girar do *leste para oeste*, não sobre os polos da Equinocial, comumente chamados os polos

da terra, mas sobre os do Zodíaco, questão a respeito da qual me proponho a falar mais adiante, quando tiver lazeres para reavivar a memória, a respeito da astrologia, que aprendi era Salamanca, quando jovem e de que desde então me esqueci.”

Não obstante os disparates em itálico, o livro não deixa de chamar a atenção, pois proporciona uma amostra ingênua das correntes noções astronômicas daquele tempo. Uma destas afirma que a “força de gravidade” se estende apenas a curta distância da superfície da terra e, em consequência, vemos nosso viajante “arrastado insensivelmente em tórno do globo”, etc.

Tem havido outras *viagens à lua*, mas nenhuma de mais elevado mérito do que a que acabamos de mencionar. A de Bergerac é extremamente insignificante. No terceiro volume da *American Quarterly Review* poderá encontrar-se uma crítica primorosa de certa *Viagem*, da espécie em questão, crítica na qual é difícil dizer se o crítico expõe mais a estupidez do livro, ou sua própria e absurda ignorância de astronomia. Não me lembro do título da obra, mas os *meios* de viagem são muito mais deploravelmente mal concebidos, do que mesmo os *ganzas* do nosso amigo o Signor Gonzales. Cavando a terra, aconteceu que o aventureiro descobriu um metal especial, pelo qual a lua tem forte atração e, sem perda de tempo, construiu com ele uma caixa que, quando desprendida de suas amarras terrestres, voa com ele imediatamente ao satélite. O *Voo de Thomas O’Rourke* é um *jeu d’esprit*, não de todo desprezível e foi traduzido para o alemão. Thomas, o herói, era de fato o couteiro de um par da Irlanda, cujas excentricidades deram origem à história. O “voo” é feito nas costas de uma águia, de Hungry Hill, alta montanha no fundo da Baía de Bentry.

Nestas variadas brochuras, o objetivo é sempre satírico, sendo o tema uma descrição dos costumes seleníticos, em comparação com os nossos. Em nenhuma existe qualquer esforço de plausibilidade dos pormenores da própria viagem. Os escritores parecem, a cada momento, extremamente desconhecedores do que se relaciona com a astronomia. Em *Hans Pfaall*, o plano é original, no que concerne a uma tentativa de *verossimilhança*, na aplicação de princípios científicos (tanto quanto a natureza fantástica do

assunto o permitia), à real travessia entre a terra e a lua.

A Casa de Campo de Landor

Durante uma viagem a pé, no último verão, através de uma ou duas das comarcas ribeirinhas de Nova York, achei-me, ao declinar do dia, um tanto embaraçado a respeito da estrada por onde seguia. A região mostrava-se notavelmente ondulada e meu caminho, durante a última hora, serpeava tão confusamente, no seu esforço de conservar-se nos vales, que não mais fiquei sabendo em que direção se encontrava a amena vila de B..., onde tinha decidido pernoitar. O sol brilhara, a bem dizer, escassamente, durante o dia que, não obstante, tinha sido desagradavelmente quente. Um nevoeiro fumegante, semelhante ao do verão hindu, envolvia todas as coisas e sem dúvida concorria para aumentar minha incerteza. Não que o caso me preocupasse. Se eu não alcançasse a aldeia antes do pôr do sol, ou mesmo antes do anoitecer, era mais que possível que uma pequena fazenda holandesa, ou algo semelhante, em breve apareceria, embora de fato a vizinhança (talvez por causa de ser mais pitoresca que fértil) fosse escassamente habitada. Em todo o caso, com a minha mochila como travesseiro, e meu cão de caça como sentinela, um bivaque ao ar livre era justamente coisa que me teria divertido bastante. Vagueava, pois, completamente à vontade, com Ponto encarregado de minha arma, até que afinal, quando estava a considerar se as numerosas pequenas clareiras, que conduziam para uma parte e outra, deviam ser de qualquer modo tidas como caminhos, achei-me levado por uma delas para uma iniludível vereda de carros. Não podia haver engano. Eram evidentes as marcas de leves rodas e, embora os altos arbustos e a vegetação exuberante se encontrassem por cima da cabeça, não havia por baixo obstrução de espécie alguma, mesmo para a passagem dum carroção de montanha da Virgínia, o mais ambicioso veículo,

acho eu, de sua espécie. A estrada, porém, além do fato de ser aberta através da mata — se não é um nome demasiado pesado para semelhante reunião de leves árvores —, e exceto a particularidade dos evidentes sulcos de rodas, não se assemelhava à estrada alguma que tivesse visto antes. Os sulcos de que falo eram apenas fracamente perceptíveis, tendo sido impressos sobre a firme, ainda que deliciosamente úmida superfície daquilo que mais se assemelhava a veludo verde genovês que a qualquer outra coisa. Era grama, claramente, mas grama tal como raras vezes vemos, fora da Inglaterra, tão curta, tão espessa, tão igual e de cor tão intensa. Nem um só obstáculo na estrada de rodagem, nem mesmo um cavaco ou um graveto. As pedras que outrora obstruíam o caminho tinham sido cuidadosamente *colocadas* e não lançadas, ao longo dos lados da vereda, como a definir seus limites até o extremo, com uma espécie de precisão, semidefinida, seminegligente, e totalmente pitoresca. Touceiras de flores silvestres cresciam por toda a parte, luxuriantemente, nos interespaços.

O que fazer de tudo isso, não sabia eu sem dúvida. Ali havia *arte*, indubitavelmente, o que não me surpreendia, pois todas as estradas, no sentido comum, são obras de arte, nem posso eu afirmar que havia muito que admirar no mero *excesso* de arte manifestado; parecia que tudo aquilo tinha sido feito, poderia ter sido feito *ali* — com tão naturais “possibilidades” (como ocorre nos livros de Jardinagem Paisagística) com muito pouco trabalho e despesa. Não, não era a quantidade mas o *caráter* da arte que me fez tomar assento numa das pedras floridas e mirar abaixo e acima, durante meia hora ou mais, aquela avenida feérica, na mais perplexa admiração. Uma coisa se tornava cada vez mais evidente, à medida que se prolongava minha contemplação: um artista, e um artista com a mais escrupulosa visão da forma, tinha dirigido todos aqueles arranjos. Fora tomado o maior cuidado para conservar um devido meio termo entre o bonito e o gracioso, de um lado, e o *pitresco*, no verdadeiro sentido do vocábulo italiano, do outro. Havia poucas retas e nenhuma linha comprida ininterrupta. O mesmo efeito de curvatura e de cor aparecia duas vezes, geralmente, mas não com frequência, de qualquer ponto de vista. Por toda a parte havia variedade na uniformidade. Era uma peça de “composição”, na qual o gosto mais

exigentemente crítico dificilmente encontraria uma emenda a sugerir.

Dobrei para a direita, ao entrar naquela estrada, e agora, subindo, continuei na mesma direção. A vereda era tão serpentina, que em nenhum momento podia eu reconstruir-lhe o curso, por mais de dois ou três passos à frente. Seu caráter não tolerava nenhuma mudança material.

Chegava-me, no mesmo instante, aos ouvidos, o murmúrio suave da água cadente e, poucos momentos depois, ao dobrar uma curva, um tanto mais abrupta do que as outras, avistei um edifício de certa classe, que se erguia ao pé duma suave ladeira, justamente diante de mim. Nada podia distinguir com precisão, por causa do nevoeiro que enchia todo o valezinho lá em baixo. Uma leve brisa, porém, ergueu-se então, ao estar o sol prestes a desaparecer e, enquanto eu permanecia de pé no alto da escarpa, a névoa gradualmente se dissipou em espirais, flutuando assim sobre o cenário.

Ao se tornar este plenamente visível — *gradativamente*, como descrevi —, peça a peça, aqui uma árvore, ali um brilho d'água, acolá o alto duma chaminé, a custo não deixei de imaginar que tudo aquilo fosse uma das engenhosas ilusões muitas vezes exibidas sob o nome de “pinturas evanescentes”.

Logo, porém, que o nevoeiro desapareceu por completo, já o sol havia baixado por trás das suaves colinas, e dali, como se impellido por um leve movimento para o sul, surgira de novo totalmente à vista, cintilando com um lustre purpurino, através duma fenda que se abria pelo vale, da banda de oeste. De súbito, porém, como que pela mão dum mágico, todo aquele vale e tudo quanto nele se achava tornou-se brilhantemente visível.

O primeiro vislumbre, quando o sol deslizou na posição descrita, causou-me impressão igual à que eu experimentava quando menino, ao terminar uma cena de algum bem arranjado espetáculo teatral, ou melodrama. Nem mesmo a monstruosidade da cor faltava, pois o clarão do sol irrompera pela fenda, tingindo tudo de laranja e púrpura, enquanto o verde vivo da grama no vale refletia-se, mais ou menos, sobre todos os objetos da cortina de vapor, que ainda plainava no alto, como se pesarosa de despedir-se totalmente de cena tão encantadoramente bela.

O valezinho onde assim desci, sob aquele dossel de névoa, talvez não tivesse mais de quatrocentas jardas de comprimento, variando, na largura, de cinquenta e cento e cinquenta ou talvez duzentas. Era mais estreito na sua extremidade norte, alargando-se ao aproximar-se do Sul, mas com não muito precisa regularidade. A porção mais larga achava-se a oitenta jardas da extremidade meridional. As rampas que circundavam o vale não podiam ser chamadas, com exatidão, de colinas pelo menos na sua face norte. Aqui um escarpado rochedo de granito se erguia a uma altura duns noventa pés e, como mencionei, o vale, naquele ponto, não tinha mais de cinquenta pés de largura; mas à proporção que o visitante andasse para o sul, descendo do penhasco, encontraria à direita e à esquerda, declividades pelo menos não tão altas, nem tão escarpadas e rochosas. Tudo, numa palavra, declinava e abrandava para o sul e, contudo, todo o vale estava enguirlandado de eminências, mais ou menos elevadas, exceto em dois pontos. De um destes já falei. Achava-se bastante para o noroeste, e era por ali que o sol se punha, como antes descrevi, dentro do anfiteatro, através dum perfeito corte natural, cavado na represa de granito; essa fenda podia ter umas dez jardas de largura, no seu ponto mais amplo, até onde alcançava a vista. Parecia levar para o alto, como uma calçada natural, para o recesso de montanhas e florestas inexploradas. A outra abertura achava-se diretamente na extremidade meridional do vale. Aqui, em geral, as escarpas não eram senão suaves pendentes, estendendo-se de leste para oeste, cerca de cento e cinquenta jardas. No meio havia uma depressão, ao nível do chão comum do vale. Quanto à vegetação, bem como a respeito de tudo mais, a cena *abrandava e declinava* para o sul. Para o norte, no escarpado precipício, a poucos passos da borda, erguiam-se os magníficos troncos de numerosas nogueiras, brancas e negras, e castanheiros, entremeados dum ou outro carvalho; e os fortes galhos laterais, lançados especialmente pelas nogueiras negras, estendiam-se bem distantes, sobre a borda do penhasco. Continuando para o sul, via o explorador, a princípio, a mesma espécie de árvores, mas cada vez menos elevadas e dum aspecto salvatoriano; depois avistava o mais delicado olmo, seguido pelos sassafrases e alfarrobeiras, e estes pelas flexíveis tílias, figueiras, catalpas e bordos, por sua vez seguidos de variedades ainda mais

graciosas e mais modestas. Toda a superfície da ladeira meridional estava coberta somente de arbustos silvestres, e um ou outro salgueiro prateado ou álamo branco. No fundo do próprio vale (pois deve ter-se em mente que a vegetação até aqui mencionada, crescia somente nos penhascos ou ladeiras), viam-se árvores isoladas. Uma era um olmo, de belo tamanho e forma esquisita: permanecia de guarda na entrada meridional do vale. A outra, uma nogueira, muito maior que o olmo e muito mais bonita, embora fossem ambas excessivamente belas, parecia ter a seu cargo a entrada de noroeste, elevando-se de um grupo de rochedos, nas próprias faces da ravina, e lançando seu gracioso corpo, a um ângulo de quase quarenta e cinco graus, bem dentro da luz solar do anfiteatro. Cerca de trinta jardas para leste dessa árvore erguia-se, porém, o orgulho do vale e, fora de qualquer dúvida, a árvore mais imponente que jamais vi, a não ser, talvez, os ciprestes do Itchiatuckanee. Era um tulipeiro de tronco tríplice, o *Liriodendron Tulipiferum*, da ordem natural das magnólias. Seus três troncos separados do principal, a cerca de três pés do solo, e divergindo bem lenta e gradualmente, não estavam apartados mais de quatro pés do ponto em que o mais grosso tronco se metia dentro da folhagem, e que ficava a uma altura de cerca de oitenta pés. Toda a altura da principal divisão era de cento e vinte pés. Nada pode sobrepujar em beleza a forma, ou o verde vivo e lustroso das folhas do tulipeiro. No exemplar em apreço, tinham elas plenamente umas oito polegadas de largura; mas seu esplendor era totalmente eclipsado pela magnificência brilhante das profusas flores. Imaginei, estreitamente unido, um milhão das maiores e das mais resplendentes tulipas! Só assim pode o leitor ter uma ideia do quadro, que eu desejaria descrever. E depois, a graça augusta dos troncos colunares, lustrosos e delicadamente granulados, o mais grosso com quatro pés de diâmetro e a vinte pés do solo. As flores inumeráveis, misturando-se com as de outras árvores, pouco menos belas, embora infinitamente menos majestáticas, enchiam o vale de perfumes melhores que os árabes.

Todo o chão do anfiteatro era *grama* da mesma qualidade da que eu encontrara na estrada; se alguma diferença havia era em ser mais deliciosamente macia, espessa, veludosa e miraculosamente verde. Difícil era

conceber como fora conseguida toda aquela beleza.

Falei de duas entradas para o vale. De uma, para o noroeste, saía um riacho, que vinha, suavemente murmurando e levemente espumando, pela ravina abaixo, até embater-se contra o grupo de rochedos, donde espontava a isolada nogueira. Aqui, depois de circundar a árvore, passava um pouco para o nordeste, deixando o tulipeiro a uns vinte pés para o sul e sem fazer definida alteração no seu curso, até chegar perto da metade do caminho, entre os limites leste e oeste do vale. Neste ponto depois duma série de curvas, dobrava em ângulos retos e prosseguia, numa direção geralmente para o sul, serpeando como ia, até perder-se num pequeno lago, de forma irregular (embora grosseiramente oval), que jazia a cintilar, perto da extremidade mais baixa do vale. Essa lagoa tinha, talvez, na sua parte mais larga, umas cem jardas de diâmetro. Nenhum cristal poderia ser mais claro do que suas águas. Seu fundo, que se podia perfeitamente distinguir, era formado por inteiro de seixos brilhantemente brancos. Suas margens, da grama esmeraldina já descrita, *cingiam* o claro céu em baixo refletido, mais do que sobre ele se inclinavam, e tão claro era esse céu, tão perfeitamente, por vezes, refletia todos os objetos acima de si, que onde a verdadeira margem terminava e onde o céu refletido começava era coisa que, com dificuldade não pequena, se podia determinar. As trutas e algumas outras variedades de peixe, de que aquele lago parecia estar quase que inconvenientemente repleto, tinham todas a aparência de verdadeiros peixes voadores. Era quase impossível acreditar que não estivessem elas totalmente suspensas no ar. Uma leve canoa de vidoeiro, que jazia placidamente sobre a água, refletia-se, nas suas mínimas fibras, com uma fidelidade impecável, no espelho mais primorosamente polido. Uma pequena ilha, rindo belamente, com flores em pleno viço, e permitindo pouco mais espaço do que o bastante para uma pitoresca construçãozinha parecida com uma casa de galinhas, erguia-se do lago, não longe de sua praia setentrional, à qual estava ligada, por meio duma inconcebivelmente brilhante e, contudo, primitivíssima ponte. Era formada duma única prancha, larga e espessa, de madeira de tulipeiro. Tinha quarenta pés de comprimento e alcançava o intervalo entre as duas praias, com um leve, mas bem perceptível arco, evitando qualquer oscilação. Da extremidade

sul do lago saia uma continuação do riacho que, depois de serpear talvez por umas trinta jardas, passava afinal através da “depressão” (já descrita), no meio da declividade meridional e, caindo num escarpado precipício de cem pés, abria seu caminho tortuoso e despercebido para o Hudson.

O lago era profundo — em alguns pontos com trinta pés — mas o riacho raramente excedia de três, enquanto sua maior largura era de cerca de oito. Seu leito e suas margens eram como as de um tanque; se algum defeito lhe podia ser atribuído, sob o ponto de vista pitoresco, era o de uma excessiva *limpeza*.

A extensão da gleba verde era atenuada, aqui e ali, por algum ocasional arbusto pomposo, tal como a hidrângea, ou a comum bola-de-neve, ou a aromática seringueira; ou mais frequentemente por um grupo de gerânios, florindo esplendidamente em grandes variedades. Estes cresciam em jarros, cuidadosamente enterrados no solo, como dando às plantas a aparência de serem nativas. Além de tudo isso, o veludo do relvado mostrava-se primorosamente manchado pelos carneiros, um considerável rebanho que vagava pelo vale, em companhia de três gamos domesticados e vasto número de patos de penas rebrilhantes. Um enorme mastim parecia estar em vigilante cuidado daqueles animais. Ao longo dos penhascos de leste e oeste, na direção da parte mais alta do anfiteatro, onde os limites eram mais ou menos escarpados, crescia hera em grande profusão, de modo que só aqui e ali se podia vislumbrar um trecho de rocha nua. O precipício do Norte, da mesma maneira, estava quase completamente revestido de vinhas de rara exuberância; algumas espontavam do solo, na base do penhasco e outras das saliências de sua superfície.

A elevaçãozinha, que formava o mais baixo limite daquela pequena propriedade, era coroada por uma muralha natural de pedra, de suficiente altura para evitar a fuga dos gamos. Nada que lembrasse cerca se via em qualquer outra parte, pois em nenhuma outra parte havia necessidade de tapume artificial: — qualquer carneiro tresmalhado, por exemplo, que tentasse passar para fora do vale, pela ravina, esbarraria, depois de umas poucas jardas de avanço, diante da escarpada borda do rochedo, sobre a qual

desabava a cascata que me detivera a atenção, quando me aproximei a princípio do domínio. Em resumo, a única entrada ou saída era através dum portão, que ocupava uma garganta rochosa, dando para a estrada, a poucos passos abaixo do ponto em que parara, para inspecionar o cenário.

Descrevi a ribeira como serpeando irregularmente por todo o seu curso. Suas duas direções *gerais*, como disse, eram, primeiro, de oeste para leste e depois, de Norte para Sul. Na *curva*, a corrente, refluindo, fazia uma volta quase circular, de modo a formar uma península, quase mesmo uma ilha, abrangendo cerca da décima sexta parte dum acre. Nessa península erguia-se uma casa de residência — e quando digo que essa casa, como o terraço infernal visto por Vathek, *était d'une architecture inconnue dans les annales de la terre*^[16], quero significar simplesmente que sua totalidade me abalou, pelo agudíssimo senso da harmonia entre o novo e o adequado — em uma palavra, da *poesia* — (pois, mais do que com as palavras há pouco empregadas, dificilmente poderei dar, da poesia em abstrato, mais rigorosa definição) —, e *não* quero significar que essa impressão fosse perceptível a qualquer respeito.

De fato, nada poderia ser bem mais simples, mais extremamente despretensioso, do que aquela casa de campo. Seu maravilhoso efeito repousava totalmente no seu artístico arranjo, *como um quadro*. Poderia ter imaginado, enquanto olhava para ela, que algum eminente pintor de paisagens a havia construído com o seu pincel.

O ponto donde vira a princípio o vale, não era *totalmente*, embora fosse quase, o melhor lugar donde se pudesse descortinar a casa. Descrevê-la-ei, portanto, como depois a vi, duma posição sobre a muralha de pedra, no extremo sul do anfiteatro.

O edifício principal tinha quase vinte e quatro pés de comprido e dezesseis de largura, certamente não mais do que isso. Sua altura total, do chão até a cumeeira, não excederia de dezoito pés. À extremidade oeste dessa construção estava ligada outra, quase um terço menor em todas as suas proporções: — a linha de sua fachada estava recuada cerca de duas janelas da linha da casa maior; a de seu telhado, era, naturalmente, bem mais baixa que

a do telhado vizinho. Em ângulo reto com essas construções e da mais recuada à principal, não exatamente no meio, estendia-se um terceiro compartimento, muito pequeno, no todo um terço menor do que a ala ocidental. Os telhados das duas maiores eram muito declivosos, descendo da viga da cumeeira, numa longa curva côncava, e estendendo-se pelo menos quatro pés além das paredes da frente, de modo a formar os telhados de dois alpendres. Estes últimos telhados não precisavam naturalmente de suportes, mas, como tinham o ar de precisar deles, pequenos pilares completamente lisos inseriam-se somente nas esquinas. O telhado da ala setentrional era apenas uma extensão de uma parte do telhado principal. Entre a construção maior e a ala ocidental elevava-se uma chaminé quadrada, alta e um tanto delgada, de fortes tijolos holandeses, alternadamente brancos e vermelhos, com uma pequena cornija de tijolos salientes no topo. Por sobre os torreões, os telhados também se projetavam bastante: no edifício principal, cerca de quatro pés para leste e dois para oeste. A porta principal não estava exatamente no edifício maior, mas um pouco para leste, enquanto as duas janelas davam para oeste. Estas não se estendiam para o chão, mas eram muito mais compridas e mais estreitas do que habitualmente. Tinham simples postigos como portas. Os vidros tinham a forma de losango, mas bastante largos. A própria porta tinha sua metade superior de vidro, também com vidraças, em forma de losango. Um postigo móvel a fechava durante a noite. A porta para a ala ocidental abria-se na própria empena e era bem simples; uma única janela deitava para o sul. Não havia porta externa para a ala setentrional e havia também uma janela para leste.

A parede vazia do torreão de leste era suavizada por degraus (com uma balaustrada), que corria diagonalmente através dela, sendo a subida do sul. Sob a cobertura das goteiras largamente salientes, davam aqueles degraus acesso a uma porta, que abria para o sótão, ou antes palheiro, pois era iluminado apenas por uma única janela, ao norte, e parecia ter sido feito para servir de paiol.

Os alpendres do edifício principal e da ala de oeste não tinham soalhos, como é de hábito; mas, nas portas e em cada janela, chatas e irregulares

chapas de granito se encravavam na relva macia, permitindo confortável passeio, com qualquer tempo. Excelentes caminhos do mesmo material, não *delicadamente* adaptado, mas com a grama aveludada, a encher os numerosos intervalos entre as pedras, levavam, serpeando, da casa a uma fonte de cristal, a cinco passos para cima, à estrada ou às duas casas externas, que ficavam ao norte, além do regato, e eram completamente escondidas por algumas alfarrobeiras e catalpas.

A não mais de seis passos do edifício principal da casa de campo ficava o tronco morto de uma (pereira fantástica, tão envolvido, da base ao cimo, pelas flores magníficas da bignônia, que não pequeno exame se requeria para determinar que espécie de coisa deliciosa seria. Em vários ramos dessa árvore pendiam gaiolas de várias formas. Numa, um grande cilindro de vime, com uma argola no tope, divertia-se um “poliglota”; em outra, um crioulo; numa terceira, o impudente papa arroz; enquanto três ou quatro mais delicadas prisões retiniam alto com canários.

Os pilares do alpendre achavam-se envolvidos em jasmins e suaves madressilvas; e do ângulo formado pelo edifício principal e sua ala ocidental, em frente, irrompia uma parreira de inaudita exuberância. Desprezando qualquer restrição, ela subia, primeiro, ao telhado mais baixo, depois ao mais alto; e ao longo da beira deste último continuava a enroscar-se atirando rebentos à direita e à esquerda, até afinal atingir, magnificamente, a empena de leste e cair rastejando sobre as escadas.

A casa inteira, com suas alas, fora construída de anacrônicas ripas holandesas, largas e com cantos não arredondados. É uma particularidade desse material dar às casas, com ele construídas, a aparência de serem mais largas em baixo que em cima, à maneira da arquitetura egípcia; e, no caso presente, esse efeito altamente pitoresco era auxiliado por numerosos vasos de vistosas flores, que quase circundavam a base do edifício.

As ripas eram pintadas de cinzento escuro; e a felicidade com que essa tinta neutra se misturava ao verde vivo das folhas de tulipeiras que parcialmente ensombreciam a casa de campo, pode ser facilmente concebida por um artista.

Do lugar junto ao muro de pedra, já descrito, os edifícios eram vestidos com grande vantagem, pois o ângulo de sudoeste se lançava para a frente, de modo que o olhar abrangia imediatamente o conjunto das duas fachadas, com a pitoresca empena de leste, e ao mesmo tempo obtinha uma visão suficiente da ala norte, com parte de um belo telhado, até a casa da fonte, e cerca de metade de uma leve ponte, que atravessava o regato, nas circunvizinhanças do edifício principal.

Não demorei muito tempo no cume da colina, embora ficasse o suficiente para fazer completa inspeção da cena a meus pés. Era claro que eu viera extraviado da estrada para a aldeia e tinha, assim, boas desculpas de viajante, para abrir o portão à minha frente e perguntar qual o caminho, sucedesse o que sucedesse; de modo que, sem mais preocupações, continuei.

A estrada, depois de passado o portão, parecia aberta sobre uma laje natural, em declive gradativo, ao longo da frente dos rochedos de nordeste. Conduziu-se à base do precipício do Norte e dali até a ponte, circundando a empena de leste para a porta da frente. Andando assim, observei que não se podia obter qualquer vista das casas externas.

Ao virar a esquina da empena, o mastim saltou à minha frente, em severo silêncio, mas com o olhar e a completa aparência de um tigre. Estendi-lhe, contudo, a mão, em sinal de amizade, e jamais conheci um cão que resistisse a tal apelo à sua cortesia. Ele não só fechou a boca e balançou a cauda, como realmente me ofereceu sua pata e estendeu, depois, suas gentilezas a Ponto.

Como não se notasse qualquer campainha, bati com a bengala na porta, que estava meio aberta. Imediatamente um vulto adiantou-se para o limiar, o de uma mulher jovem, de cerca de vinte e oito anos de idade, delgada, ou antes leve, e um tanto acima da altura média. Ao aproximar-se ela, com certa *modesta decisão* no passo, inteiramente indescritível, disse a mim mesmo: “Certamente achei aqui a perfeição do natural, em contraposição à *graça* artificial.” A segunda impressão que ela me causou, e que foi a mais viva das duas, foi a de *entusiasmo*. Tão intensa expressão de *romance*, talvez possa dizer assim, ou de sobrenaturalismo, como a que cintilava nos seus olhos

profundos, jamais me caíra antes no mais fundo do coração. Eu não sabia como, mas essa peculiar expressão do olhar, cingindo por vezes os lábios, é a mais poderosa, senão exclusivamente a *única* atração, que me desperta o interesse nas mulheres. *Romance* contanto que meus leitores plenamente compreendam o que aqui quero dizer com essa palavra, *romance* e *feminilidade* me parecem termos conversíveis; e, afinal de contas, o que o homem verdadeiramente ama na mulher é sua *condição feminina*. Os olhos de Anita (ouvi alguém, lá de dentro, chamá-la: “Anita, meu bem!”) eram “espiritualmente cinzentos”; seu cabelo, de um castanho leve; e isso foi tudo o que tive tempo de observar dela.

Atendendo a um seu cortesíssimo convite, entrei, passando, primeiro por um vestíbulo toleravelmente amplo. Como tinha ido principalmente para *observar*, verifiquei que, à minha direita, enquanto caminhava, estava uma janela igual às da frente da casa; à esquerda, uma porta conduzia ao aposento principal; e, em minha frente, uma porta *aberta* me deixava ver um pequeno quarto, do mesmo tamanho do vestíbulo, arranjado como escritório e com uma grande janela *arqueada* dando para o norte.

Passando para a sala de visitas, encontrei-me com o Sr. *Landor*, pois este, como depois verifiquei, era o seu nome. Ele era delicado, mesmo cordial em seus modos; mas, precisamente então, eu estava mais decidido a examinar os arranjos da habitação, que tanto me interessara, de que a observar a aparência pessoal do proprietário.

A ala norte, vi então, era um dormitório; sua porta se abria para a sala de visitas. A oeste desse dormitório havia apenas uma janela, que dava para o riacho. No lado ocidental da sala, havia uma lareira, e uma porta levava à ala de oeste, uma cozinha, provavelmente.

Nada podia ser mais rigorosamente simples do que a mobília da pequena sala de visitas. No chão havia um tapete tinto, em rama, de excelente tecido, campo branco com pequenos desenhos circulares verdes. Nas janelas pendiam cortinas de nívea cassa hindu; eram um tanto amplas, e caíam *decisivamente*, de modo um tanto solene talvez em pregas paralelas até o chão, *justamente* até o soalho. As paredes estavam cobertas de papel francês,

de grande delicadeza, campo de prata, com um leve cordão verde, atravessando-o em ziguezague. Toda a extensão da parede era amenizada apenas por três das primorosas litografias de Julien, *à trois crayons*^[17], pregadas à parede, sem molduras. Um desses desenhos era uma cena de luxo oriental, ou antes de voluptuosidade; o outro era um “trecho de carnaval”, incomparavelmente vivo; o terceiro era uma cabeça de mulher grega, um rosto tão divinamente belo e, contudo, duma expressão tão provocantemente indecisa, como nunca antes me detivera a atenção.

A principal mobília consistia em uma mesa redonda, algumas cadeiras (incluindo uma grande cadeira de balanço) e um sofá, ou antes “canapé”; o material era todo de bordo, pintado de creme, levemente entrelistado de verde; o assento era de palha. As cadeiras e a mesa eram “para combinar”, mas as *formas* de todas tinham sido evidentemente desabadas pelo mesmo céu rubro, que planejou os “campos”; é impossível conceber qualquer coisa de mais gracioso.

Sobre a mesa, viam-se alguns livros, uma grande e larga garrafa de cristal, de algum moderno perfume, uma singela lâmpada *astral* (e não solar) de vidro fosco, com um quebra-luz italiano, e um grande jarro de flores resplendentes. Flores, na verdade, de brilhantes cores e delicado odor formavam a única e simples decoração do aposento. A chaminé estava quase tomada por um vaso de flamantes gerânios. Sobre uma prateleira triangular, em cada ângulo da sala, erguia-se também um vaso idêntico, variando apenas na beleza do conteúdo. Um ou dois buquês menores adornavam a prateleira da chaminé e violetas recém-desabrochadas agrupavam-se em torno das janelas abertas.

Não é propósito deste trabalho fazer mais do que dar, pormenorizadamente, uma descrição da residência do Sr. Landor, *como eu a achei*.

Descida no Maelstrom

Tínhamos agora atingido o cume do mais alto rochedo. Durante alguns minutos, o velho pareceu desanimado, exausto, para poder falar.

— Não há muito — disse ele, afinal — teria eu podido guiá-lo nesta estrada, tão hem como o mais moço de meus filhos; mas, há cerca de três anos, aconteceu-me uma coisa tal como nunca acontecera antes a qualquer mortal, ou, pelo menos, tal que nenhum homem jamais a ela sobreviveu para contá-la; e as seis horas de mortal terror, que eu então senti, me abateram de corpo e alma. O senhor me considera um homem *muito* velho; mas não sou. Bastou menos de um dia para mudar estes cabelos dum negro brilhante em cabelos brancos, para enfraquecer minhas pernas e relaxar meus nervos, de modo que tremo ao menor esforço e tenho medo até de uma sombra. Sabe que mal posso olhar por sobre este pequeno penhasco, sem que logo sinta vertigens?

O “pequeno penhasco”, sobre cuja crista ele se lançara para descansar tão sem cuidado que a parte mais pesada de seu corpo pendia, somente não caindo por apoiar o cotovelo na sua borda extrema e escorregadia, esse “pequeno penhasco” erguia-se como escarpado e hiante precipício de negra rocha brilhante a cerca de mil e quinhentos ou mil e seiscentos pés acima do mundo de rochedos, lá em baixo. Nada me teria tentado a ficar a uma distância de meia dúzia de jardas de sua borda. Na verdade, tão profundamente excitado fiquei, ao ver a perigosa posição de meu companheiro, que me deixei cair ao comprido no chão, agarrando-me aos arbustos que me cercavam, não ousando nem mesmo levantar a vista para o céu, ao passo que lutava em vão para livrar-me da ideia de que a base da montanha corresse perigo, com a fúria dos ventos. Somente muito tempo

depois é que pude criar coragem para sentar-me e olhar para diante.

— O senhor deve dominar essas fantasias. — disse o guia —, pois eu o trouxe aqui para que pudesse ter a visão mais completa possível do cenário daquele acontecimento que mencionei e contar-lhe a história inteira, tendo à vista o próprio local.

— Achamo-nos agora — continuou ele naquela característica que o distinguia —, achamo-nos agora bem na costa norueguesa, a 68 graus de latitude, na grande província de Nordland, e no lúgubre distrito de Lofoten. A montanha, em cujo tope nos sentamos, é Helseggen, Monte das Nuvens. Agora, levante-se um pouquinho mais, agarre-se na grama se se sentir tonto... assim... e olhe para o mar, para além dessa cinta de vapor abaixo de nós.

Olhei estonteado e contemplei uma vasta extensão de oceano cujas águas tinham um matiz de tinta tão acentuado, que imediatamente me lembrou a descrição do geógrafo núbio, sobre o *Mare Tenebrarum*. Nenhuma imaginação humana pode conceber um panorama mais lastimavelmente desolador. Para a esquerda e para a direita, tão longe quanto a vista podia alcançar, se estendiam, como as muralhas do mundo, linhas de rochedos horripelantemente negros e salientes, cuja atmosfera de melancolia só podia ser mais fortemente acentuada pela ressaca, que atirava ao alto, de encontro a eles, sua crista branca e fantástica, trovejando em eternos clamores. Bem defronte ao promontório, sobre cujo cume estávamos então colocados e a uma distância de cerca de cinco ou seis milhas ao largo, era visível uma ilhota de aparência deserta; ou, mais propriamente, sua posição se calculava através da vastidão de ondas que a rodeavam. Cerca de duas milhas mais perto da terra erguia-se outra, de menor tamanho, terrivelmente pedregosa e estéril e circundada, a intervalos diversos, por um cinto de rochas negras.

A aparência do oceano no espaço entre a ilha mais distante e a praia, tinha algo de anormal em si. Embora, nesse momento, soprasse da terra uma rajada tão forte que um brigue, bem ao largo, estando à capa, com dois rizes na carangueja, constantemente mergulhava todo o casco fora da vista, contudo, nada havia de semelhante a um vagalhão permanente, mas somente ondas picadas, curtas, rápidas, vivas, estraçalhando-se em todas as direções,

tanto a favor como contra o vento. Pouco havia de espuma, exceto na vizinhança imediata das rochas.

— A ilha mais distante — continuou o velho — é chamada Vurrgh pelos noruegueses. A outra, a meio caminho é Moskot Aquela a uma milha para o norte, é Ambaaren. Lá adiante estão Islesen, Hotholm, Keildhelm, Suarven e Buckholm. Mais longe, entre Moskoe e Vurrgh, estão Otterholm, Flimen, Sandflesen e Stockholm. Tais são os verdadeiros nomes desses lugares, mas porque se julgou necessário, de qualquer modo, dar-lhes nomes, é coisa que nem eu nem o senhor podemos compreender. Ouve alguma coisa? Vê alguma alteração na água?

Tínhamos estado, até então, cerca de dez minutos no tope de Helseggen, a que subíramos do interior de Lofoten, de modo que não tivéramos um vislumbre do mar, até que ele irrompeu à nossa vista, chegados ao alto. Enquanto o velho falava, certifiquei-me da existência de um som alto e gradualmente crescente, como o do mugir de enorme manada de búfalos, numa planície americana; e, no mesmo momento, percebi que aquilo que o marinheiro denominara o aspecto *picado* do oceano, lá em baixo, rapidamente se mudava numa corrente, que se dirigia para leste. Mesmo enquanto eu a contemplava, essa corrente adquiria monstruosa velocidade. Cada momento aumentava sua rapidez, sua impetuosidade vertiginosa. Em cinco minutos todo o mar, até lá longe em Vurrgh, se estraçalhava, em desenfreada fúria; mas era entre Moskoe e a costa que se agitava o principal tumulto. Ali o vasto leito das águas se repartia e escalavrava em mil canais, em luta, e irrompia subitamente, em convulsões frenéticas, crescendo, fervendo, silvando, girando em vórtices gigantescos e numerosos, voluteando e atirando-se todo para leste, com uma rapidez que a água nunca tem, a não ser quando desce precipícios.

Em mais alguns minutos, sobreveio radical alteração ao panorama. A superfície geral do mar foi-se tornando algo mais unida e os redemoinhos, um a um, desapareceram, enquanto prodigiosas faixas de espuma surgiam onde antes nenhuma se vira. Essas faixas, afinal, espalhando-se a grande distância e misturando-se, tomaram o movimento giratório dos turbilhões dominados e

pareceram formar o núcleo de outro mais vasto. Subitamente — num ápice — este assumiu existência distinta e definida, num círculo de mais de uma milha de diâmetro. A borda do redemoinho era representada por um largo cinto de espuma luminosa; mas nenhuma partícula dela caía na boca do terrível vórtice, cujo interior, tão longe quanto a vista o podia sondar, era uma parede de água compacta, cintilante e negra como azeviche, inclinada para o horizonte, num ângulo de cerca de quarenta e cinco graus, girando em velocidade vertiginosa, cada vez mais, com um movimento ondulante e opressivo, e arremessando aos ventos uma voz terrificante, meio grito, meio rugido, tal como a poderosa catarata do Niágara jamais elevou aos céus, em sua agonia.

A montanha tremia até à base e a rocha vacilava. Atirei-me de face ao solo e agarrei-me à relva escassa, num excesso de agitação nervosa.

— Isso — disse por fim ao velho — isso *não pode* ser outra coisa que o grande turbilhão do Maelstrom.

— Assim é às vezes chamado — replicou ele. — Nós, noruegueses, chamamo-lo o “Moskoe-strom”, por causa da ilha de Moskoe, a meia distância.

As descrições comuns dessa voragem de modo algum me prepararam para o que vi. A de Jonas Ramus, que é talvez a mais circunstanciada de todas, não pode sugerir a mais fraca concepção, seja da magnificência, seja do horror da cena, ou da estranha e impressionante sensação *de novidade*, que confunde o observador. Não estou certo de que ponto de vista o escritor em questão o contemplou, nem em que ocasião; mas não pode ter sido do cume do Helseggen, nem durante uma tempestade. Há certas passagens dessa descrição, não obstante, que podem ser citadas por seus detalhes, embora seu efeito seja excessivamente fraco, para oferecer uma impressão do espetáculo.

“Entre Lofoten e Moskoe — diz ele — a profundidade da água varia de trinta e seis a quarenta braças; mas, do outro lado, para Ver (Vurrgh), essa profundidade diminui, de modo a não permitir passagem conveniente para um barco, sem o risco de quebrar-se nos rochedos, o que sucede, mesmo com o tempo mais calmo. Quando há maré, a corrente se precipita, na região entre

Lofoten e Moskoe, com tumultuosa rapidez; mas o rumor de seu impetuoso refluxo para o mar é mal igualado pelo da mais alta e mais terrível catarata; tal ruído é ouvido a muitas léguas de distância e os vórtices, ou abismos, são de tal extensão e profundidade que, se um navio cair no seu campo de atração, será inevitavelmente absorvido e carregado para o fundo, e ali se romperá em pedaços, de encontro às rochas; e quando a água se acalma, seus fragmentos são de novo lançados para o alto. Mas esses intervalos de tranquilidade só existem, entre a maré alta e a baixa, em tempo calmo, e só duram um quarto de hora, reiniciando-se a violência da corrente, gradualmente. Quando a corrente é mais tumultuosa e sua fúria é aumentada por uma tempestade, é perigoso aproximar-se dela a uma milha norueguesa. Botes, iates e navios têm sido arrastados, por não se precaverem contra ela, antes de terem caído dentro de seu alcance. Igualmente sucede com frequência que baleias chegam muito próximo da corrente e são dominadas por sua violência: e então é impossível descrever seus mugidos e bramidos, em sua luta infrutífera, para libertar-se. Uma vez um urso, tentando nadar, de Lofoten para Moskoe, foi acanhado pela correnteza e levado ao fundo, enquanto urrava terrivelmente, a ponto de ser ouvido na praia. Enormes toros ele abetos e pinheiros, depois de absorvidos pela corrente, elevam-se de novo, quebrados e dilacerados em tal grau, que se diria terem neles crescido pelos. Isso simplesmente mostra que o fundo consiste em rochas pontudas, entre as quais eles são rolados para lá e para cá. Essa corrente é regulada pelo fluxo e refluxo do mar, sendo a maré constantemente alta e baixa, em cada seis horas. No ano de 1645, na manhã bem cedo do Domingo da Sexagésima, ela se precipitou com tal rumor e impetuosidade, que as próprias pedras das casas, na costa, caíram ao chão.”

Em relação à profundidade da água, não podia eu ver como isso teria sido de qualquer modo verificado, na proximidade imediata do vórtice. As “quarenta braças” devem referir-se somente às partes do canal, bem junto à praia, quer de Moskoe, quer de Lofoten. A profundidade no centro do Moskoe-strom deve ser incomensuravelmente maior; e nenhuma prova melhor desse fato se necessita que a que se pode obter, mesmo de um olhar distante e oblíquo, no abismo do torvelinho, como o que se pode dar do mais

alto rochedo de Helseggen. Olhando, desse pináculo sobre o ululante Flegeton lá em baixo, eu não pedia deixar de sorrir da simplicidade com que o honesto Jonas Ramus relembra, como coisa difícil de acreditar, as anedotas das baleias e dos ursos, pois me parecia, de fato, uma coisa evidente por si mesma, que os maiores navios existentes em curso, caindo dentro da influência daquela mortal atração, podiam resistir-lhe tão pouco como uma pena a um furacão, e deviam desaparecer verdadeira e imediatamente.

As tentativas de explicar o fenômeno — algumas das quais, lembro-me, pareciam ser suficientemente plausíveis à leitura — agora assumiam aspecto bem diverso e insatisfatório. A ideia geralmente aceita era que este, bem como três menores vórtices entre as ilhas Faroé, “não têm outra coisa senão a colisão de ondas, que se levantam e que caem, em fluxo, e refluxo, contra um espinhaço de rochas e bancos de areia, que reprimem a água de tal modo, que ela se precipita como uma catarata; e assim, quanto mais alto a torrente se ergue, tanto mais profundamente cairá. E o resultado natural de tudo é um redemoinho, ou vórtice, cuja prodigiosa sucção é suficientemente conhecida por exemplos menos notáveis”. Assim se exprime a Enciclopédia Britânica. Kircher e outros imaginam que no centro do canal do Maelstrom há um abismo, que perfura o globo e desemboca em alguma parte bem remota, sendo certa vez o golfo de Bótnia um tanto decididamente nomeado. Essa opinião, frívola em si mesma, era a única com que, enquanto eu contemplava, minha imaginação podia concordar mais prontamente; e, mencionando-a a meu guia, fui surpreendido por ouvi-lo dizer que, embora fosse esta ideia quase universalmente entretida pelos noruegueses sobre o assunto, não era a dele, porém. Quanto à primeira noção, confessou sua incapacidade para compreendê-la; e aí estive de acordo com ele: pois embora definitiva no papel, ela se torna completam ente ininteligível e mesmo absurda, em meio ao trovejar do abismo.

— O senhor agora deu uma boa olhadela ao remoinho — disse o velho — e se o senhor quiser arrastar-se em volta do rochedo, até o lado de sotavento, para que o rugido da água se amorteaça, contar-lhe-ei uma história que o convencerá de que devo saber algo acerca do Moskoe-strom.

Coloquei-me como desejava, e ele prosseguiu:

— Eu e dois irmãos tivemos certa vez uma sumaca^[18], armada em escuna, de capacidade de cerca de setenta toneladas, com a qual tínhamos o costume de pescar, entre as ilhas além de Moskoe, perto de Vurrgh. Todos os remoinhos violentos do mar dão boa pescaria, nas ocasiões próprias, se alguém tiver apenas a coragem de tentá-la. Mas entre toda a gente da costa de Lofoten éramos nós três os únicos que fazíamos negócio habitual de ir até às ilhas, como lhe falei. Os pesqueiros normais são bastante mais em baixo, para o sul. Lá pode ser encontrado peixe a qualquer hora, sem muito risco, e por isso tais regiões são preferidas. Os lugares escolhidos lá para cima, entre os rochedos, porém, não só fornecem a melhor variedade, como a têm em abundância muito maior; de modo que apanhávamos, muitas vezes, num só dia, o que os mais tímidos no mister não podiam arrebanhar juntos numa semana. De fato, fazíamos disso um negócio de especulação desesperada, colocando o risco da vida em vez do trabalho, e a coragem substituindo o capital.

“Abriávamos a sumaca numa enseada, a cerca de cinco milhas mais para cima, na costa, do que esta; e era nosso costume, quando o tempo estava belo, tirar vantagem dos quinze minutos de parada da maré para atravessar o principal canal do Moskoe-strom, bem por cima do remoinho, e depois lançar âncoras em alguma parte, perto de Otterholm, ou Sandflesen, onde os torvelinhos não são violentos, como nos outros pontos. Ali costumávamos ficar, até que de novo viesse o tempo da maré parada, quando levantávamos âncora e rumávamos para casa. Nunca nos atiramos numa travessia dessas, sem um vento firme de lado para ir e voltar, um vento que nos deixasse a certeza de não nos falhar antes do regresso, e raramente nos enganamos sobre esse ponto. Duas vezes, durante seis anos, fomos forçados a permanecer toda a noite, sob âncora, por causa de uma calmaria, o que é coisa deveras rara, principalmente aqui por perto. E uma vez tivemos de ficar no pesqueiro, cerca de uma semana, morrendo de fome, devido a uma rajada que soprou pouco depois de nossa chegada e tornou o canal demasiado tumultuoso, para que se pensasse em atravessá-lo. Nessa ocasião teríamos sido arrastados mar

afora, a despeito de tudo (pois os remoinhos nos atiravam em giro tão violentamente que, afinal, enredamos a âncora e a arrancamos), se não tivesse sucedido que deslizássemos numa das inúmeras correntes cruzadas, hoje aqui e amanhã ali, que nos levou para sotavento de Flimen, onde, por boa sorte, fundeamos. Eu não poderia contar-lhe a vigésima parte das dificuldades que encontramos ‘no pesqueiro’, que é um mau lugar para nele se estar, mesmo com bom tempo, mas sempre encontramos meios de desafiar o próprio Moskoe-strom, sem acidente; embora às vezes o coração me saltasse à boca, quando acontecia estarmos uns minutos adiantados ou atrasados, sobre a parada da maré. O vento às vezes não era tão forte, como o havíamos julgado ao partir, e então íamos mais devagar do que podíamos desejar, enquanto a corrente tornava a sumaca ingovernável. Meu irmão mais velho tinha um filho de 18 anos e eu também tinha dois robustos rapazes. Eles nos teriam sido de grande auxílio em tais ocasiões, usando os remos ou pescando à popa, mas de fato, embora nós próprios corrêssemos o risco, não tínhamos ânimo de deixar que os moços se atirassem ao perigo, pois, tudo considerado, *era* um horrível perigo, esta é a verdade.

“Vai fazer três anos, dentro de poucos dias, que sucedeu o que lhe vou contar. Foi a dez de julho de 18..., dia que o povo desta parte do mundo nunca esquecerá, pois nele caiu o mais terrível furacão que jamais saiu dos céus. E, contudo, na manhã inteira, e mesmo até bem tarde, pelo dia, soprava uma brisa firme e leve do Sudoeste, enquanto o sol brilhava lucidamente, de modo que o mais velho marinheiro dentre nós não poderia ter previsto o que se ia seguir.

“Nós três, meus dois irmãos e eu, tínhamos atravessado para as ilhas, por volta das duas horas da tarde, e logo quase carregamos a sumaca de peixe de primeira, o qual, notamos todos, era mais abundante naquele dia do que jamais observáramos. Eram precisamente sete horas, *pelo meu relógio*, quando desancoramos e partimos de volta, de modo a atravessar a parte pior do Strom, com a maré parada, o que, como sabíamos, se daria às oito.

“Partimos com vento fresco, no quarto de estibordo, e por algum tempo corremos a grande velocidade, nem sonhando em perigo, pois de fato

não víamos a mais leve razão para temê-lo. Abruptamente fomos surpreendidos por uma brisa, que vinha de Helseggen. Isso era muito anormal, algo que antes nunca nos acontecera, e comecei a sentir-me um tanto incomodado, sem saber exatamente por quê. Colocamos o barco na direção do vento, mas não pudemos avançar absolutamente, por causa dos remoinhos, e eu estava a ponto de propor voltarmos para o ancoradouro, quando, olhando à popa, vimos que todo o horizonte se cobria de uma nuvem singular, cor de cobre, que se levantava com a mais espantosa velocidade.

“Entrementes, a brisa que nos dera pela frente caiu e ficamos em calmaria, flutuando em todas as direções. Esse estado de coisas, contudo, não demorou suficientemente para dar-nos tempo de pensar nele. Em menos de um minuto a tempestade estava sobre nós, em menos de dois o céu estava inteiramente coberto, e com isso e com as espumas que saltavam ficou subitamente tão escuro, que não podíamos ver-nos uns aos outros na sumaca.

“É loucura tentar descrever um furacão, tal como o que então se desencadeou. Os mais antigos marinheiros da Noruega jamais experimentaram coisa semelhante. Havíamos capado todas as velas, antes que ele nos atingisse inteiramente; mas, à primeira rajada, nossos dois mastros caíram ao mar, como se ceifados na base, e o mastro principal levou consigo meu irmão mais novo, que se amarrara a ele para salvar-se.

“Nosso barco parecia mais leve do que qualquer pena, que jamais tivesse pousado sobre a água. Tinha um tombadilho completamente corrido, com apenas uma pequena escotilha perto da proa, escotilha que sempre fora nosso costume fechar, quando atravessávamos o Strom, como meio de precaução contra os mares picados. A não ser por essa circunstância, teríamos afundado desde logo, pois durante alguns instantes ficamos inteiramente sepultados sob a água. Como meu irmão mais velho escapou à destruição é coisa que não posso dizer, pois nunca tive oportunidade de verificá-lo. Por minha parte, logo que capei a mezena, atirei-me de comprido no tombadilho, com os pés de encontro à estreita amurada da proa, agarrando com as mãos uma cavilha de arganêu, perto do pé do mastro dianteiro. Foi apenas o instinto que me induziu a fazer isso, que era, sem dúvida, a melhor coisa que

eu podia ter feito, pois estava demasiadamente perturbado para poder pensar.

“Durante alguns momentos estivemos completamente submersos, como disse, e todo esse tempo eu contive o fôlego e agarrei-me à cavilha. Quando já não podia sustentar-me mais, ergui-me sobre os joelhos, agarrando-me ainda com as mãos e assim consegui manter minha cabeça fora d’água. Nesse momento, nosso pequeno bote deu um estremeção, justamente como um cão que sai d’água, e dessa forma ergueu-se, de certo modo, acima do oceano. Tentei então dominar o melhor que podia o estupor que me empolgara, e recuperar minha presença de espírito de modo a ver o que deveria ser feito, quando senti alguém agarrar-me pelo braço. Era meu irmão mais velho e meu coração pulou de alegria, pois estava certo que ele havia caído no mar —, mas logo em seguida essa alegria se transformou em horror, pois ele colocou a boca bem perto do meu ouvido e vociferou a palavra *Moskoe-strom!*

“Ninguém jamais saberá quais foram minhas sensações naquele instante. Estremeci da cabeça aos pés, como se tomado do mais violento acesso febril. Sabia muito bem o que ele queria dizer com aquela única palavra, sabia o que é que ele queria fazer-me compreender. Com o vento que então nos impelia, estávamos presos ao turbilhão do Strom e nada poderia salvar-nos!

“— O senhor deve ter compreendido bem que, ao cruzar o canal do Strom, seguíamos sempre nosso caminho acima do remoinho, mesmo no tempo mais calmo e ainda assim tínhamos de esperar e observar cuidadosamente o remanso da maré. Mas agora estávamos correndo diretos para o próprio vórtice e ainda com semelhante furacão! Certamente, pensava eu, chegaremos ali no momento mesmo do remanso e há nisso ainda um pouco de esperança, mas logo depois amaldiçoava-me por ser tão louco a ponto de sonhar ainda com esperanças, quaisquer que fossem. Sabia muito bem que estávamos condenados, ainda que tivéssemos um navio com dez vezes noventa peças.

“A este tempo a primeira fúria da tempestade se extinguiu, ou talvez não a sentíssemos tanto, uma vez que fugíamos diante dela, mas em todo o

caso as ondas, que a princípio tinham sido conservadas baixas pelo vento, lisas e espumosas, erguiam-se agora como verdadeiras montanhas. Singular mudança se operara também no céu. Em tórno e em todas as direções estava ainda tão negro como pixe, mas quase por cima de nossas cabeças abrira-se, de repente, uma fenda circular de céu claro — tão claro como jamais o vira — e dum intenso azul brilhante, e através dela resplendia a lua cheia, com um lustro que eu jamais lhe vira na face. Iluminava tudo acima de nós com a mais perfeita nitidez, mas, oh! Deus, que cena iluminava ela!

“Fiz então uma ou duas tentativas de falar com meu irmão, mas, não sei como, o estrondo aumentara de tal forma, que eu não conseguia fazer que ele ouvisse uma só palavra, embora berrasse com todas as minhas forças ao seu ouvido. No mesmo instante ele agitou a cabeça, ficando pálido como a morte, e levantou um dos dedos, como se dissesse: *Escuta!*

“A princípio, não pude perceber o que ele queria dar a entender, mas logo um horrendo pensamento luziu na minha mente. Tirei o relógio da algibeira. Estava parado. Olhei o mostrador à luz da lua, e depois rebentei em lágrimas ao lançá-lo ao longe, dentro do oceano. *Tinha parado às sete horas! Tínhamos deixado passar o remanso da maré e o remoinho do Strom estava em plena fúria.*

“Quando um barco é bem construído, devidamente equipado, e não está muito carregado, as ondas com forte brisa, quando ele se acha ao largo, parecem sempre deslizar sob ele — o que parece estranho a um homem de terra — e na linguagem marítima é o que se chama *vogar*.

“Pois bem, até então tínhamos galgado os vagalhões com muita habilidade; mas, naquele instante, aconteceu que uma gigantesca vaga apanhou-nos justamente por trás e levou-nos consigo, enquanto subia cada vez mais alto, como se quisesse atirar-nos até o céu. Não teria acreditado que qualquer onda pudesse subir tão alto. E depois viemos descendo, precipitadamente, deslizando, num mergulho que me nauseou e entonteceu, como se estivesse, em sonhos, caindo de alguma alcantilada montanha. Mas enquanto nos achávamos no alto, lancei um rápido olhar em tórno de mim e esse único olhar foi mais que suficiente. Vi num instante, nossa exata

posição. O remoinho do Moskoe-strom estava a cerca de um quarto de milha, bem à nossa frente, mas se parecia tão pouco com o Moskoe-strom de todos os dias, quanto o turbilhão que o senhor vê agora, se parece com uma torrente de moinho. Se não soubesse onde estávamos, e o que nos esperava, não teria reconhecido de modo algum o local. Vendo-o, tal como o vi, fechei involuntariamente os olhos de horror. Minhas pálpebras se colaram, como num espasmo.

“Mal se haviam passado dois minutos, sentimos subitamente as ondas se acalmarem e fomos envolvidos pela espuma. O barco fez uma aguda meia volta para bombordo e depois disparou na sua nova direção, como um raio. No mesmo instante o rugir da água se perdeu completamente, numa espécie de clamor estridente, som que o senhor poderia conceber como dado pelas válvulas de muitos milhares de navios, deixando todos escapar ao mesmo tempo seu vapor. Achávamo-nos agora na cinta de ressaca, que cerca sempre o turbilhão e pensei, por certo, que, no momento seguinte, mergulharíamos no abismo, cujo fundo podíamos apenas ver indistintamente, por causa da vertiginosa velocidade com que estávamos sendo atraídos. O barco não parecia de modo algum mergulhar na água, mas resvalar por sobre ela, como uma bolha de ar à superfície da onda. Seu lado de estibordo estava junto do turbilhão e a bombordo se erguia o vasto oceano que havíamos deixado. Elevava-se como uma imensa parede, retorcendo-se entre nós e o horizonte.

“Pode parecer estranho, mas então, quando nos achávamos nas verdadeiras fauces do abismo, senti-me com mais sangue-frio do que quando nos estávamos apenas aproximando dele. Tendo desistido de qualquer esperança, consegui dominar grande parte daquele terror, que me acovardara a princípio. Suponho que era o desespero que me retesava os nervos.

“Pode parecer que me esteja gabando, mas o que lhe digo é verdade. Comecei a refletir que coisa magnificante era morrer de tal maneira, e que loucura era a minha de preocupar-me com uma coisa de tão vulgar interesse como era a minha própria vida diante de tão maravilhosa manifestação do poder de Deus. Acredito que corei de vergonha, quando esta ideia me cruzou o pensamento. Pouco depois fiquei possuído da mais aguçada curiosidade

pelo próprio turbilhão. Sentia positivamente um *desejo* de explorar-lhe as profundezas, mesmo ao preço do sacrifício que ia fazer; e meu principal pesar era que jamais poderia contar a meus amigos, na praia, os mistérios que iria conhecer. Por certo, eram estes pensamentos muito singulares para ocupar a mente dum homem numa conjuntura daquelas e tive muitas vezes a ideia, desde então, de que as evoluções do barco, em tórno do abismo, poderiam ter-me tornado um tanto entontecido. Havia outra circunstância que tendia a restaurar a posse de mim mesmo e era ter cessado o vento, que não podia alcançar-nos na nossa posição do momento, pois, como o senhor poderá ver por si mesmo, a cintura da ressaca é consideravelmente mais baixa do que o leito geral do oceano e este então alteava-se sobre nós, como um espinhaço negro e montanhoso. Se o senhor nunca esteve no mar, por ocasião de uma pesada tempestade, não pode formar ideia da confusão de espírito ocasionada pelo vento e pela espuma, juntamente. Cegam, ensurdecem e sufocam a gente, e arrebatam qualquer poder de ação e reflexão. Mas, então, estávamos em grande parte livres desses incômodos, justamente como aos miseráveis condenados à morte se concedem, na prisão, pequenos favores, que lhes eram proibidos, enquanto sua condenação era ainda incerta.

“Quantas vezes demos a volta daquela cinta é impossível dizer. Corremos em redor, durante talvez uma hora, mais voando do que flutuando, aproximando-nos gradualmente, cada vez mais, do meio do vórtice e ficando, então, sempre mais perto da sua horrível borda interior. Durante todo esse tempo não larguei de mão a cavilha do arganém. Meu irmão estava na popa, agarrado a uma pequena barreira de água, vazia, que tinha sido solidamente amarrada, sob um engradado, na curva da ré. E era a única coisa, no tombadilho, que não tinha sido jogada ao mar, quando a tempestade nos apanhou no começo. Ao aproximar-nos da borda do poço, ele desprende as mãos do barril e caminhou para a cavilha, da qual, na angústia de seu terror, tentou afastar minhas mãos, porque ela não era bastante larga para permitir que ambos a agarrássemos com segurança. Nunca senti pesar mais profundo do que quando o vi tentando praticar esse ato, embora soubesse que estava louco, quando assim agiu. Um louco delirante, por causa do completo terror. Não fiz, porém, questão do caso. Sabia que não podia haver diferença em que

fosse eu, ou ele, quem ali estivesse. Por isso deixei-lhe o arganêu e fui para a popa agarrar-me ao barril. Não houve grande dificuldade em assim fazer, pois a sumaca girava bastante firmemente e com a quilha ao nível, apenas oscilando para lá e para cá, aos imensos volteios e revolutes do turbilhão. Mal me havia eu agarrado à minha nova posição, demos um tremendo salto para estibordo e nos despenhamos, a prumo, no abismo. Murmurei uma apressada oração a Deus e pensei que tudo estava acabado.

“Ao sentir o vertiginoso mergulho da descida, instintivamente agarrei-me ainda mais ao barril e fechei os olhos. Durante alguns segundos não ousei abri-los, enquanto esperava rápida destruição e imaginava por que não estava ainda a lutar mortalmente com as águas. Mas os instantes se sucediam. Eu continuava vivo. A sensação de queda cessara e o movimento do navio parecia idêntico ao anterior, quando na cinta de espuma, com a diferença de se achar agora mais em linha reta. Tomei coragem e olhei mais uma vez aquele espetáculo.

“Nunca esquecerei a sensação de espanto, horror e admiração, com que olhei em torno de mim. O barco parecia estar pendurado, como por arte mágica, a meio do caminho para baixo, sobre a superfície interior de um funil de vasto diâmetro, de prodigiosa profundidade e cujos lados, perfeitamente lisos, podiam ter sido tomados por ébano, se não fosse a rapidez vertiginosa com que eles giravam e a cintilante e lívida irradiação que deles emanava, quando os raios da lua cheia, dentre aquela abertura circular, entre as nuvens, que já descrevi, espraíavam-se numa torrente de áureo esplendor, ao longo das negras paredes, penetrando até o recesso mais recôndito do abismo.

“A princípio, achava-me demasiadamente confuso para observar qualquer coisa com cuidado. A explosão geral da grandiosidade terrífica era tudo quanto eu podia vislumbrar. Quando consegui dominar-me um pouco, porém, meu olhar caiu instintivamente para baixo. Nessa direção podia eu lograr uma visão livre da maneira pela qual a sumaca se pendurava sobre a superfície inclinada do poço. Ela estava inteiramente a prumo, isto é, seu tombadilho jazia em plano paralelo com a água, mas esta última declinava a um ângulo de mais de quarenta e cinco graus, de modo que parecíamos estar

de lado. Não pude deixar de observar, porém, que eu tinha menos dificuldade em manter-me agarrado e de pé nesta posição, do que se estivéssemos sobre um plano horizontal; e isso, suponho, era devido à velocidade com que girávamos.

“Os raios da lua pareciam buscar o próprio fundo do cavado abismo; mas eu ainda nada podia perceber distintamente, por causa de um espesso nevoeiro que envolvia todas as coisas e no qual se arqueava um magnífico arco-íris, semelhante àquela estreita e oscilante ponte, que os muçulmanos dizem ser a única passagem entre o Tempo e a Eternidade. Esse nevoeiro, ou espuma, era, sem dúvida, ocasionado pelo choque das grandes paredes do funil, ao se juntarem todas lá no fundo, mas não tentarei descrever o bramido, que se erguia para os céus, de dentro daquele nevoeiro.

“Nossa primeira descida para o próprio abismo, vindo de cima da cintura de espuma, tinha-nos carregado a grande distância para baixo, no declive. Mas nossa descida posterior não foi de modo algum em proporção. Fomos descendo, a girar cada vez mais, não com um movimento uniforme, mas em volteios entontecedores e pulos que nos impeliam, às vezes, apenas a poucas centenas de jardas, e doutras quase faziam o circuito completo do turbilhão. Nosso progresso para baixo, a cada evolução, era vagaroso, mas bastante perceptível.

“Olhando em tórno de mim para a vasta imensidão de ébano líquido, sobre a qual éramos assim transportados, notei que nosso barco não era o único objeto envolvido no turbilhão. Acima e abaixo de nós viam-se fragmentos de navios, grandes massas de traves e troncos de árvores, com muitos objetos menores, tais como pedaços de mobílias de casas, caixotes quebrados, barris e aduelas. Já descrevi a curiosidade anormal que substituíra meus terrores primitivos. Parecia aumentar, à medida que me aproximava cada vez mais de meu terrível destino. Comecei então a observar, com estranho interesse, as numerosas coisas que flutuavam em nossa companhia. Devia estar delirante, pois buscava mesmo *diversão* em adivinhar as velocidades comparadas dos seus vários movimentos de descida, na direção da espuma, lá em baixo. ‘Aquele abeto — surpreendi-me uma vez a dizer —

será por certo a próxima coisa que dará o horrendo mergulho e desaparecerá.’ E depois fiquei desapontado ao verificar que os destroços de um navio mercante holandês ultrapassavam-no e caíam antes. Afinal, depois de fazer várias verificações desta natureza e de ter-me enganado em todas, este fato, o fato do meu invariável engano, colocou-me num curso de reflexões que fizeram minhas pernas tremerem de novo e meu coração bater pesadamente, ainda mais uma vez.

“Não era um terror novo que assim me afetava, mas o raiar de uma *esperança* mais excitante. Essa esperança brotou parcialmente da memória e parcialmente da observação do momento. Lembrei-me da grande variedade de coisas flutuantes, que juncavam a costa de Lofoten, tendo sido absorvidas e depois expelidas pelo Moskoe-strom. Em grande parte, os objetos mostravam-se esstraçalhados da maneira mais extraordinária, tão arranhados e escorchados que tinham a aparência de estarem eriçados de pontas; mas depois, distintamente, lembrei-me de que havia muitos deles que não se apresentavam de tal modo desfigurados. Ora, eu não podia explicar essa diferença, a não ser que supusesse que os fragmentos escorchados fossem os únicos que tinham sido *completamente* absorvidos e os outros tinham entrado no turbilhão, num período mais tardio da maré, ou, por alguma outra razão, tinham descido tão devagar, depois de entrar, que não alcançaram o fundo antes do fluxo, ou do refluxo, conforme o caso. Em qualquer deles imaginava fosse possível que os objetos pudessem, dessa forma, girar para cima de novo, até o nível do oceano, sem sofrer a sorte dos que tinham sido arrastados mais cedo ou absorvidos mais rapidamente. Fiz também três importantes observações. A primeira foi que, como regra geral, quanto maiores eram os corpos, mais rápida era a descida; a segunda, que entre duas massas de igual extensão, uma esférica e a outra de *qualquer outra forma*, a superioridade na velocidade da descida estava com a esférica; a terceira, que, entre duas massas de igual tamanho, uma cilíndrica e outra de qualquer outra forma, a cilíndrica era absorvida mais devagar. Desde minha fuga, tive várias conversas a este respeito com um velho professor do distrito e foi de sua boca que aprendi o uso das palavras ‘cilindro’ e ‘esfera’. Ele explicou-me, embora eu tivesse esquecido a explicação, como o que eu observara era, de fato, a

consequência natural das formas dos fragmentos flutuantes e mostrou-me como um cilindro, girando num vórtice, oferece mais resistência à sua sucção e é tragado com muito maior dificuldade do que um corpo igualmente volumoso, de qualquer outra forma.

“Havia outra circunstância impressionante, que concorreu bastante para reforçar essas observações e me tornou ansioso de conhecer-lhes a razão; e era a de que, a cada revolteio, passávamos por alguma coisa semelhante a um barril, ou mesmo uma viga ou um mastro de navio, enquanto muitas daquelas coisas, que tinham estado ao nosso nível, quando abri pela primeira vez os olhos, para ver as maravilhas do turbilhão, estavam agora mais altas, acima de nós, e pareciam ter-se movido apenas um pouco de sua primitiva posição.

“Não hesitei por mais tempo no que tinha a fazer. Resolvi amarrar-me fortemente ao barril de água, sobre o qual me agarrava, desprendê-lo da quilha e lançar-me com ele dentro d’água. Chamei a atenção de meu irmão, por sinais, apontei-lhe os barris flutuantes, que chegavam perto de nós e fiz tudo quanto estava em meu poder para dar-lhe a entender o que eu estava prestes a executar. Pensei, afinal, que ele compreendera minha intenção, mas, se foi este o caso ou não, ele agitou a cabeça, desesperadamente, e recusou-se a afastar-se de sua posição, junto à cavilha do arganêu. Era impossível alcançá-lo. A emergência não admitia delongas. E assim, com amarga luta, abandonei-o à sua sorte, amarrei-me ao barril, com as cordas que o seguravam à quilha e precipitei-me cora ele dentro do mar, sem nem mais um momento de hesitação.

“O resultado foi precisamente o que eu havia previsto. Como sou eu mesmo quem agora lhe está contando essa história, como vê que eu escapei, e como já está o senhor de posse da maneira pela qual minha salvação se efetuou e deve, portanto, antever tudo quanto eu tenho ainda para dizer, vou concluir rapidamente minha narrativa. Foi mais ou menos uma hora depois de haver eu abandonado a sumaca que, tendo descido a grande distância abaixo de mim, ela deu três ou quatro giros terríveis, em rápida sucessão, e, levando consigo meu irmão querido, mergulhou verticalmente, de uma vez e para

sempre, no caos espumante lá do fundo. O barril, a que eu estava preso, afundara muito pouco, além da metade da distância entre o fundo do abismo e o lugar em que eu tinha pulado fora do navio, quando uma grande mudança se operou no aspecto do turbilhão. O declive dos lados do vasto funil tornou-se, de repente, cada vez menos precipitoso. Os giros do vórtice ficaram gradativamente menos violentos. Pouco a pouco, a névoa e o arco-íris desapareceram, e o fundo do abismo pareceu ir-se erguendo vagarosamente. O firmamento estava claro, os ventos tinham amainado e a lua cheia estava-se pondo radiosamente a oeste, quando me achei na superfície do oceano, à plena vista das praias de Lofoten e acima do lugar onde *estivera*, o poço do Moskoe-strom. Era a hora do remanso. Mas o mar ainda se alteava em montanhosas ondas, em consequência dos efeitos do furacão. Fui levado violentamente para o canal do Strom e em poucos minutos vi-me precipitado na costa, dentro das pesqueiras dos pescadores. Um bote me recolheu, exausto de fadiga e (agora que o perigo estava passado) sem fala, à lembrança de seu horror. Os que me recolheram a bordo eram meus velhos camaradas e companheiros cotidianos, mas me conheceram menos do que se eu fosse um viajante do outro mundo. Meu cabelo, que fora negro como a asa do corvo, no dia anterior, estava tão branco como o senhor agora vê. Eles dizem também que toda a expressão de minha fisionomia tinha mudado. Contei-lhes minha história... Eles não acreditaram. Conto-a, agora, *ao senhor*. E mal posso esperar que o senhor lhe dê mais fé, do que o fizeram os alegres pescadores de Lofoten.”

A Máscara da Morte Rubra

Durante muito tempo devastara a “Morte Rubra” aquele país. Jamais se vira peste tão fatal e tão terrível. O sangue era a sua encarnação e o seu sinete: a vermelhidão e o horror do sangue. Aparecia com agudas dores e súbitas vertigens seguindo-se profusa sangria pelos poros e a decomposição. Manchas escarlates no corpo e sobretudo no rosto da vítima eram o anátema da peste, que a privava do auxílio e da simpatia de seus semelhantes. E toda a irrupção, progresso e término da doença não duravam mais de meia hora.

Mas o Príncipe Próspero era feliz, destemido e sagaz. Quando seus domínios se viram despovoados da metade de seus habitantes, mandou chamar à sua presença um milheiro de amigos sadios e joviais, dentre os cavalheiros e damas de sua Corte, retirando-se com eles, em total reclusão, para uma de suas abadias fortificadas. Era um edifício vasto e magnífico, criação de príncipes de gosto excêntrico, embora majestoso. Cercava-o forte e elevada muralha, com portas de ferro. Logo que entraram, os cortesãos trouxeram fornos e pesados martelos para rebitar os ferrolhos. Tinham resolvido não proporcionar meios de entrada ou saída aos súbitos impulsos de desespero dos de fora, ou ao frenesi dos de dentro. A abadia estava fartamente provida. Com tais precauções, podiam os cortesãos desafiar o contágio. Que o mundo exterior se arranjasse por si. Enquanto isso, de nada valia nele pensar, ou afligir-se por sua causa. Providenciara o príncipe para que não faltassem diversões. Havia jograis, improvisadores, bailarinos, músicos. Havia Beleza e havia vinho. Lá dentro, tudo isso e segurança. Lá fora, a “Morte Rubra”.

Foi quase ao término do quinto ou sexto mês de sua reclusão, enquanto

a peste raivava mais furiosamente lá fora, que o Príncipe Próspero ofereceu a seus mil amigos um baile de máscaras da mais extraordinária magnificência.

Que voluptuosa cena a daquela mascarada! Mas antes descrevamos os salões, em que ela se desenrolava. Era uma série imperial de sete salões. Em muitos palácios, contudo, tais sucessões de salas formam uma longa e reta perspectiva, quando as portas se abrem de par em par, não havendo quase obstáculo à perfeita visão de todo o conjunto. Aqui, o caso era bastante diverso, coisa aliás de esperar do amor do duque pelo *bizarro*. Os aposentos estavam tão irregularmente dispostos, que a visão abrangia pouco mais de um de cada vez. De vinte, ou de trinta em trinta jardas havia uma curva aguda e, a cada curva, uma nova impressão. À direita e à esquerda, no meio de cada parede, uma enorme e estreita janela gótica abria-se para um corredor fechado, que acompanhava as voltas do conjunto. Essas janelas eram providas de vitrais, cuja cor variava de acordo com o tom dominante das decorações do aposento para onde se abriam. O da extremidade oriental, por exemplo, era azul, e de azul vivo eram suas janelas. O segundo aposento tinha ornamentos e tapeçarias purpúreos e purpúreas eram as vidraças. O terceiro era todo verde e verdes eram também as armações das janelas. O quarto estava mobiliado e iluminado com cor alaranjada; o quinto, era branco; e o sexto, roxo. O sétimo aposento estava totalmente coberto de tapeçaria de veludo preto, que pendiam do teto e pelas paredes, caindo em pesadas dobras sobre um tapete do mesmo material e da mesma cor. Mas somente nesta sala a cor das janelas não correspondia à das decorações. As vidraças ali eram escarlates, da cor de sangue vivo. Ora, em nenhum daqueles sete salões havia qualquer lâmpada ou candelabro, em meio à profusão de ornamentos dourados que se espalhavam por todos os cantos, ou pendiam do forro. Luz de espécie alguma emanava de lâmpada ou vela, dentro da série de salas. Mas, nos corredores que acompanhavam a perspectiva, erguia-se, em frente de cada janela uma pesada trípode com um braseiro, que projetava seus raios pelos vitrais coloridos, e assim iluminava deslumbrantemente a sala, produzindo numerosos aspectos vistosos e fantásticos. Na sala negra, porém, o efeito do clarão que raiava sobre as negras cortinas, através das vidraças tintas de sangue, era extremamente lívido e dava uma aparência tão estranha

às fisionomias dos que entravam, que poucos eram os bastante ousados para nela penetrar.

Era também nesse salão que se erguia, encostado à parede que dava para oeste, um gigantesco relógio de ébano. O pêndulo oscilava para lá e para cá, com um tique-taque vagaroso, pesado, monótono. E quando o ponteiro dos minutos concluía o circuito do mostrador e a hora ia soar, emanava dos pulmões de bronze do relógio um som claro, elevado, agudo e excessivamente musical, mas tão enfático e característico, que, de hora em hora, os músicos da orquestra viam-se forçados a parar por instantes a execução da música, para ouvir-lhe som; e, dessa forma, obrigatoriamente, cessavam os dançarinos suas evoluções e toda a alegre companhia sentia-se, por instantes, perturbada. E enquanto os carrilhões do relógio ainda soavam, observava-se que os mais alegres tornavam-se pálidos e os mais idosos e serenos passavam as mãos pela fronte, como se em confuso devaneio ou meditação. Mas quando os ecos cessavam por completo, leves risadas imediatamente contagiavam a reunião; os músicos olhavam uns para os outros e sorriam de seu próprio nervoso e loucura, fazendo votos sussurrados, uns aos outros, para que o próximo carrilhonar do relógio não produzisse neles idêntica emoção. E, no entanto, passados os sessenta minutos (que abarcam três mil e seiscentos segundos do tempo que voa) ouvia-se de novo outro carrilhonar do relógio, e de novo se viam a mesma perturbação, o mesmo tremor, as mesmas atitudes meditativas. A despeito, porém, de tudo isso, que esplêndida e magnífica folia!

O duque tinha gostos característicos. Sabia escolher cores e efeitos. Desprezava os ornamentos apenas em moda. Seus desenhos eram muito audazes e vivos, e suas concepções esplendiam com um lustre bárbaro. Muita gente o julgava louco. Mas seus cortesãos achavam que não. Era preciso ouvi-lo, vê-lo e tocá-lo, para se estar certo de que ele não o era.

Por ocasião dessa grande festa, dirigira ele próprio, em grande parte, os mutáveis adornos dos sete salões e fora o seu próprio gosto orientador que escolhera as fantasias. Mas não havia dúvida de que eram grotescas. Havia muito brilho, muito esplendor, muita coisa berrante e fantástica, muito disso

que depois se viu no “Hernani”. Havia formas arabescas, com membros e adornos desproporcionados.

Havia concepções delirantes, como criações de louco; havia muito de belo e muito de atrevido, de bizarro, algo de terrível e não pouco do que poderia causar aversão. Na realidade, uma multidão de sonhos deslizava para lá e para cá nas sete salas. E estes sonhos giravam de um canto para outro, tomando a cor das salas, e fazendo a música extravagante da orquestra parecer o eco de seus passos. Mas logo soava o relógio de ébano, que se erguia na parede de veludo. E então, durante um instante, tudo parava e tudo silenciava, exceto a voz do relógio. Os sonhos paravam, como que gelados. Os ecos do carrilhão, porém, morriam. Haviam durado apenas um instante. E uma leve gargalhada mal contida acompanhava os ecos que morriam. E logo depois a música explodia, e os sonhos reviviam e rodopiavam mais alegremente do que antes, tingindo-se da cor das janelas multicoloridas, através das quais se filtravam os luminosos raios das trípodes. Mas então nenhum dos mascarados se aventurava até a sala que, entre as sete, mais ao ocidente se encontrava, porque a noite estava declinando e ali dimanava uma luz mais vermelha, através das vidraças sanguíneas, e o negror dos panos tenebrosos apavorava. E, para aqueles cujos pés pisavam o tapete negro, do relógio de ébano ali perto provinha um rumor abafado, mais solenemente enfático, do que o que alcançava ou ouvidos de quem se comprazia nas alegrias dos outros aposentos mais distantes.

Mas estes outros aposentos estavam densamente apinhados e neles palpitava febrilmente o coração da vida. E a folia continuou a rodopiar, até que afinal o relógio começou a soar a meia-noite. E então a música parou, como já disse; e aquietaram-se as evoluções dos dançarinos; e, como antes, houve uma perturbadora paralisação de tudo. Mas agora o carrilhão do relógio teria de bater doze pancadas. E por isso aconteceu talvez que maior número de pensamentos, e mais demoradamente, se inserisse nas meditações daqueles que, entre os que se divertiam, meditavam. E por isso talvez aconteceu também que, antes de silenciarem por completo os derradeiros ecos da última pancada, muitos foram os indivíduos, em meio à multidão, que

puderam certificar-se da presença de um vulto mascarado, que até então não havia chamado a atenção de ninguém. E, tendo-se espalhado, aos cochichos, a notícia dessa nova presença, elevou-se imediatamente dentre a turba um burburinho, ou murmúrio, que exprimia desaprovação e surpresa a princípio e, finalmente, terror, horror e náusea.

Numa assembleia de fantasmas, tal como a descrevi, bem se pode supor que tal agitação não podia ter sido causada por uma aparência vulgar. Na verdade, a licença carnavalesca da noite era quase ilimitada; mas o vulto em questão excedia o próprio Herodes em extravagância e ia além dos limites indecisos de decência, exigidos pelo próprio príncipe. Há no coração dos mais levianos, fibras que não podem ser tocadas sem emoção. Mesmo para os mais pervertidos, para quem a vida e a morte são idênticos brinquedos, há assuntos com os quais não se pode brincar. Todos os presentes, de fato, pareciam agora sentir profundamente que, nos trajes e atitudes do estranho, não havia finura nem conveniência. Era alto e lívido, e envolvia-se, da cabeça aos pés, em mortalhas tumulares. A máscara, que ocultava o rosto, era de modo tal que quase reproduzia a fisionomia de um cadáver enrijecido, que a observação mais acurada teria dificuldade em perceber o engano.

E, no entanto, tudo isso poderia tolerar-se, se não mesmo aprovar-se, pelos loucos foliões, não tivesse o mascarado ido ao ponto de figurar o tipo da “Morte Rubra”. Seu traje estava salpicado de *sangue*, e a ampla testa, assim como toda a face, borrifada de horrendas placas escarlates. Quando os olhos do Príncipe Próspero caíram sobre aquela imagem espectral (que, em movimentos lentos e solenes, como se quisesse representar mais completamente seu papel, rodopiava aqui e ali entre os dançarinos), viram-no ser tomado de convulsões, a princípio um forte tremor de pânico ou repugnância, para logo depois enrubescer-se de raiva.

— Quem ousa — perguntou ele, roucamente, aos cortesãos que o cercavam — quem ousa insultar-nos com tão blasfema pilhéria? Agarrem-no e desmascarem-no, para podermos conhecer quem teremos de enforcar, ao amanhecer, no alto das ameias!

Ao pronunciar estas palavras achava-se o Príncipe Próspero no salão

dourado e azul, do lado do poente. Elas atravessaram todas as sete salas, alta e claramente, pois o príncipe era um homem ousado e robusto e a música havia silenciado, a um gesto de sua mão.

Era no salão azul que se achava o príncipe, tendo ao lado um grupo de cortesãos pálidos. Logo que ele falou, houve um leve movimento de investida por parte daquele grupo, na direção do intruso, que, no momento, se encontrava quase ao alcance da mão, e agora, em passadas firmes e decididas, mais se aproximava do príncipe. Mas em virtude de um indefinível terror, que a todos os presentes causara o louco atrevimento do mascarado, não se achou ninguém que ousasse estender a mão para agarrá-lo. De modo que, sem empecilho, passou a uma jarda do príncipe; e enquanto toda a numerosa assembleia, como movida por um só impulso, recuava do centro das salas para as paredes, seguiu ele seu caminho sem deter-se, com os mesmos passos solenes e medidos que, desde o começo, o haviam distinguido, do salão azul ao salão purpúreo, do purpúreo ao verde, do verde ao alaranjado, deste ao branco e até mesmo ao roxo, sem que um movimento de decisão se fizesse para detê-lo. Foi então, porém, que o Príncipe Próspero, enlouquecido de raiva e de vergonha de sua própria e momentânea covardia, correu precipitadamente, através das seis salas, sem que ninguém o seguisse, pois um terror mortal de todos se apossara. Brandia um punhal desembainhado e se aproximara, com rápida impetuosidade, a poucos passos do vulto que se retirava, quando este último, tendo alcançado a extremidade do salão de veludo, voltou-se subitamente e arrostou seu perseguidor. Ouviu-se um grito agudo e o punhal caiu, cintilante, sobre o negro tapete, onde, logo, instantaneamente, tombou mortalmente prostrado o Príncipe Próspero. Então, recorrendo à coragem selvagem do desespero, numerosos foliões lançaram-se sem demora no lúgubre aposento, e, agarrando o mascarado, cujo alto vulto permanecia ereto e imóvel, dentro da sombra do relógio de ébano pararam, arfantes de indizível pavor, ao sentir que nenhuma forma tangível se encontrava, sob a mortalha e por trás da máscara cadavérica, quando as seguraram com violenta rudeza.

E foi então que reconheceram estar ali presente a “Morte Rubra”. Ali

penetrara, como um ladrão noturno. E um a um foram tombando os foliões, nos salões da orgia, orvalhados de sangue, morrendo na mesma posição desesperada de sua queda. E a vida do relógio de ébano se extinguiu, com a do último dos foliões. E as chamas das trípodes expiraram. E o ilimitado poder da Treva, da Ruína e da “Morte Rubra” dominou tudo.

[1] Folha de impressão dobrada ao meio, de que resultam cadernos com quatro páginas (no passado, páginas de 22 cm x 32 cm).

[2] Simum (do francês *simoun*) ou *samiel* é um vento quente que sopra do centro da África em direção ao norte.

[3] Teórico ovulista (ciência da pré-formação dos seres vivos, séc. XIX).

[4] O gênero dos *scarabaeus* (plural: *scarabaei*) consiste em várias espécies de besouros do Velho Mund.

[5] Cidade-fortaleza em ruínas da região central da Índia conhecida por seus tesouros.

[6] Chamada, comunicado.

[7] Aquilo que é desconhecido é tido por magnífico.

[8] Na hora da morte.

[9] Magnetismo animal ou mesmerismo foi o nome dado pelo médico alemão Franz Mesmer, no século XVIII, ao que ele acreditava ser uma força natural invisível possuída por todos os seres vivos.

[10] Alimento, sustento.

[11] A Última Thule foi o último refúgio pagão dos povos teutônicos, no extremo norte da Terra.

[12] Pequeno barril.

[13] O vulcão Cotopaxi localiza-se no Equador, e é um dos mais altos vulcões no mundo.

[14] Supervulcão localizado na região da Campânia, província de Nápoles, Itália

[15] Espelho.

[16] “Era de uma arquitetura desconhecida nos anais da Terra.”

[17] Com três lápis.

[18] Barco pequeno, de dois mastros, antigamente muito usado na América do Sul.